A mensagem do APOCALIPSE

DIGNO É O CORDEIRO

RAY SUMMERS

5.ª EDIÇÃO

775

JUERP

Dedicado
a
ãldped Douglas Head,
7)íeu *mesfoe,*
Meu colega,
Meu amigo.

Todos os direitos reservados. Copyright @ 1978 da JUERP para a linQua portuguesa.
Tradução autorizada do original em inglês: **Worthy is the Lamb**
(Míla Broadman Press, Nashville, Tennessee, U.S.Â.
CLASS! % 2 $.0^ AUTORi 5-U *(okcm*
rOMBO: ^^>>^ **I T B C**

228.07

Sum-me Summers, Ray
n

A mensagem do apocalipse; digno é o cordeiro. Tradução
do Rev. Waldemar W. Wey. 5' edição. Rio de Janeiro, Junta
de Educação Religiosa e Publicações, 1986.
203p.
Inclui bibliografia.
1. Novo Testamento — Comentários. 2. Apocalipse, Livro
de — Comentários. I. Titulo.
CDD - 228.07

Capa de:
Vagner Lucindo de Morais
3.000/1986
Número de código para pedidos: 21.629
Junta de Educação Religiosa e Publicações da
Convenção Batista Brasileira
Caixa Postal 320
20001 Rio de Janeiro, RJ, Brasil
Impresso em gráficas próprias

Prefácio

Os pregadores do evangelho são naturalmente dotados duma sadia curiosidade, quando não a adquirem mui cedo em seu ministério. Talvez esta qualidade em nenhum outro lugar se manifeste mais fortemente do que no decorrer dos estudos do seminário teológico. O autor deste livro deve a isso o fato de ter-se sentido atraído para um estudo como o que agora aqui apresenta nas páginas que seguem. Reconhece, em grande parte, o quanto ficou devendo às aulas que recebeu sobre o Novo Testamento no verão de 1941. Foram justamente aquelas oito semanas de estudo do Livro do Apocalipse. Nos anos que se seguiram, deram-se aulas mais espaçadas, e, dessa espécie de "laboratório", surgiu este livro. As idéias aqui aventadas tornaram-se então conhecidas e foram discutidas por centenas de estudantes, com bastante proveito e estímulo.

O nosso propósito, no presente estudo, é duplo. Primeiro, estudar a formação histórica do livro do Apocalipse. Pela inspiração do Espírito Santo, foi este livro dado por um homem a outros homens. Para estes e para aquele, o Apocalipse deve ter tido um significado, uma mensagem apropriada às circunstâncias de suas vidas. Para penetrarmos o significado dessa mensagem, urge compreender as circunstâncias ou condições da vida deles. O ponto de partida deste livro, para sua interpretação, é o povo cristão da Ásia Menor da última década do primeiro século de nossa era. Não creio que seja correta uma interpretação do Apocalipse que não tivesse para aqueles que primeiro o receberam, qualquer significado ou que não lhes trouxesse ajuda e conforto espiritual. Partir de qualquer outro ponto certamente é palmilhar a estrada que nos afasta da verdade contida no Livro, é'lunar o caminho que nos revela a maravilhosa mensagem

• In verdade aqui estendida a corações aflitos. O segundo propósito deste volume é aplicar o nosso conhecimento da formação do Apocalipse à interpretação do mesmo. Aplicaremos tal conhecimento para saber o que o Apocalipse significou para aqueles (jiie o leram_primeiro, e, a seguir, o que ele significa hoje paxá nós. A opinião do autor é de que em ambos os casos tem o mesmo significado.

No desenrolar de nossos estudos, surgiram muitas limitações, por ser, na verdade, imensamente volumosa a literatura apocalíptica. Para o propósito que temos em vista, foi necessário limitar nosso estudo à literatura apocalíptica que poderá ter influenciado o escritor do Apocalipse, isto é, a literatura apocalíptica judaica. Aparecem, então, inúmeras ocasiões em que se é tentado a parar, para discutir interpretações claramente falsas de certas passagens do Livro que são freqüentemente torcidas. Mas a escassez de espaço nos impede. Em sua maior parte, apresentamos aqui uma interpretação positiva, e não negativa. Também surgiu a necessidade de

fugir a prolongadas polêmicas, buscando apresentar o Apocalipse como na verdade devia ter sido compreendido por aqueles que primeiro o conheceram.

Durante os vários anos do estudo que empreendemos, tivemos que consultar grande número de obras. A todos os seus autores somos profundamente grato. No final aparece urna bibliografia, que indica quais os autores a quem mais recorremos. Os nomes daqueles de quem mais dependemos aparecem nas notas ao pé da página. Outros mais autores em que também nos estribamos, cujos nomes não aparecem, por certo serão descobertos por aqueles que hajam lido as centenas de volumes escritos sobre o Apocalipse. Se assim acontecer, somos o primeiro a lamentar esse nosso lapso. De fato, inconscientemente se absorve muita leitura de que depois se vale, sem mais se lembrar a quem creditar estes ou aqueles conhecimentos.

A expressão *Digno Ê o Cordeiro, que* integra o título desta obra,apresenta a idéia central do Apocalipse. É o redentor Cordeiro de Deus que governa a vida do seu povo e a movimentação deste livro. E Ele quem alcança a vitória completa e final sobre as forças que tentam destruir a obra e o povo de Deus. Quando desce o pano, na cena final desse maravilhoso drama, o leilor sente-se dominado por um sentimento que o leva a inclinar reverentemente a fronte diante de Deus e a juntar-se a Haendel, no seu coro arrebatador para Deus: "de receber riquezas, e honra, e glória, e poder."

Ray Summers Fort Worth, Texas, USA

SUMÁRIO

Página
Prefácio 7
Introdução 13
PARTE — A FORMAÇÃO HISTÓRICA
Capítulo I — A Natureza da Literatura Apocalíptica 19
I. A Literatura Apocalíptica Judaica..... 19
II. Características da Literatura Apocalíptica .. 30
Capítulo II — Métodos de Interpretação do Apocalipse 41
I. O Método Futurista..... 42
II. O Método da Continuidade Histórica 48
IH. O Método da Filosofia Histórica 53
IV. O Método Preterista 54
V. O Método da Formação Histórica..... 56
Capítulo III — A Formação Histórica do Apocalipse 63
I. O Autor do Apocalipse do Novo Testamento 63
H. A Data do Apocalipse..... 84
IH. Os Receptores do Apocalipse 90
IV. As Condições do Império Romano 93
PARTE — INTERPRETAÇÃO
Introdução 99
Capítulo IV — O Cordeiro (Apoc. 1:9-20) 105

..... I II. • ***{Ml***
III

\ li]«|.....In H! IMii i ! I.H ■'•) ... LIT
Murlíi ou Vlv i ■ (3 L-fl) 119
i llinli Iflíi A l);r«|.i .'(mi uinn *Vovín* Aborta
ii.ii) 121
H i ,H()(I!ı .i i A igreja com uma Porta Fecha-
ilti (M M ::::) 123
Capitulo 17 O *Cordeiro e o Livro Selado* (Apoc.
4:1 a 5:14) 127
I. O Deus Reinante (4:1-11) 128
II. O Cordeiro Redentor (5:1-14) 131
Capítulo VII — O Cordeiro Abre os Selos (Apoc.
6:1 a 11:19) 135
I. O Primeiro Selo — O Cavalo Branco: Conquista (6:1,2) 135
U. O Segundo Selo — O Cavalo Vermelho: Guerra (6:3, 4) 136
m. O Terceiro Selo — O Cavalo Preto: a Fome
(6:5, 6) 137
IV. O Quarto Selo — O Cavalo Amarelo: a Pesti-
lência (6:7, 8) 137
V. O Quinto Selo — Os Santos Martirízados:
Perseguição (6:9-11)..... 138
VI. O Sexto Selo — O Terremoto: o Juízo (6:
12-17) 138
VII. O Sétimo Selo — O Incenso: a Vitória (8 :l-5) 146
Capitulo VIII — O Cordeiro e o Conflito (Apoc.
12:1 a 20:10) 159
I. A Abertura: a Radiante Mulher e Seus Filhos (Israel, Cristo, os Cristãos) (12:1, 2, 5, 6,
14-17) 160
H. As Forças do Mal em Guerra..... 161
m. A Exultação dos Redimidos (15:1-8) 172
IV. A Mulher Escarlate: Roma (17:1-18) 178
..... 183
Capítulo IX — O Cordeiro e o Destino Eterno (
(Apoc. 20:11 a 22:5) 193
I. O Destino dos Não Redimidos (20:11-15; 21:
8, 27; 22:15) 194
H. O Destino dos Remidos (21:1 a 22:5) 195
Conclusão (Apoc. 22:6-21) 198
Bibliografia..... 201

.

Introdução

Negligenciado, mal interpretado e grosseiramente torcido, o Livro do Apocalipse permanece quase que isolado dentro do Novo Testamento. Muitos leitores da Bíblia contentam-se em passar por cima dele, como a dizer — "Não há quem o entenda." Já para muitos outros é um livro de extraordinária fascinação. Fascina e atrai a estes por motivo religioso; quando já a outros ele-triza pela esquisitice do seu conteúdo. As opiniões sobre o significado do Apocalipse são tão contrárias que não poucos se convencem de que jamais o interpretaremos de maneira segura e compreensiva. O Apocalipse tem sido citado por indivíduos, e mesmo por grupos, para provar quase tudo que é inventado acerca dos símbolos nele contidos. E, por esse motivo, centralizam sua atenção no Apocalipse, fazendo deste a base de seus esdrúxulos sistemas de interpretação. Agir-por essa forma bem revela condenável desprezo dum dos princípios básicos da Hermenêutica, o qual assim pontifica — "os trechos obscuros devem ser interpretados à luz que nos vem dos trechos claros." Seguir método contrário é fechar deliberadamente os olhos para uma interpretação real e eficiente.

Basta um exame dessa multidão de livros escritos sobre o Apocalipse para se ter uma idéia de como ele tem sido desapie-dadamente mal interpretado pelos que não se enfronharam de seu possível significado para aqueles a quem o Senhor o deu em primeiro lugar. E, mesmo entre os que se esforçaram por obter informes mais certos, lavra uma controvérsia tal que muitos pensadores sinceros desistiram de buscar a verdade contida no Apocalipse.

RAY SUMMERS

lilnearando a rigor este fato, vemo-nos diante de dois proble-III IM muito sérios. Deixaremos, então, no abandono um dos livros do cânon do Novo Testamento?! Muitos de nós cremos que o Es-plrlto Santo não só inspirou os livros da Bíblia, como também ou conservou para nosso uso. Assim crendo, achamos que pôr de lado qualquer livro inspirado não é atitude própria, nem defen-l&vel, para um cristão. De modo algum concordamos com o reformador Martiniio Lutero, que recusou lugar no cânon para o Livro do Apocalipse só por achar impossível entendê-lo. Já que o Espírito Santo o inspirou e por meios devidos no-lo conservou, deve certamente o Apocalipse ter algum significado para os homens de todos os séculos — tanto para os que primeiro o receberam, como para quantos o lerem noutras gerações. Ê certo que não devemos pô-lo de lado ou relegá-lo ao esquecimento.

O segundo problema refere-se ao nosso estudo do Apocalipse. Se não devemos pô-lo de lado, não é dever nosso, diante de Deus e dum mundo em caos, buscar sinceramente encontrar o verdadeiro significado deste Livro?! É verdade que para muitos cristãos o Apocalipse é um livro fechado. Acham alguma ajuda nas mensagens às Sete Igrejas da Ásia — no início do Livro. Em ocasiões de tristeza, encontram conforto nas palavras muito bonitas dos capítulos 21 e 22. Mas o trecho que vai do capítulo 4 ao capítulo 20 deixa-os como que no ar ou como dentro dum mui estranho labirinto. Já outros cristãos tomam o extremo oposto, e então interpretam de tal maneira todos os pormenores das admiráveis visões, que para eles não existe segredo nenhum nos acontecimentos futuros. Assim, de contínuo elaboram vastas cronologias que, para eles, chegam a precisar até o dia do fim do mundo. E as datas marcadas vieram, e se foram, e suas profecias em nada se cumpriram. Ê certo que o erro deles serve de aviso para nós, para que não nos aventuremos a tanto. Tal sistema de interpretação só tem conseguido iludir o leitor de medianos conhecimentos.

O objetivo deste nosso estudo é apresentar um método de tratamento que possibilite ao leitor conhecer um bocado melhor o problema da exegese do Apocalipse. Ê nosso propósito precisar as verdades fundamentais que subjazem a este Livro estranho. Vamos procurar esclarecer o significado do Apocalipse para aqueles cristãos que inicialmente o receberam, i.e., para os sofredores cristãos da Ásia Menor, e também o seu significado posterior, apli-cando-o às condições do século em que vivemos.

No estudo que então se segue, consideraremos a natureza da literatura apocalíptica. Visto que o Apocalipse pertence a esse distinto corpo ou tipo de literatura, não podemos ignorar a natureza geral de tais obras. Juntamente com as características de toda a literatura apocalíptica, estudaremos as condições que possibilitaram o aparecimento e o crescimento de tais obras.

O passo seguinte será o exame dos métodos de interpretação do Apocalipse. Pertencem a quatro classes gerais, contando-se o

í,

método apresentado na presente obra como, talvez, um quinto método. Este quinto método é aqui apresentado como o que mais se aproxima da verdade, anotando-se, não obstante, o oportuno aviso de Wishart,* que acha que cada nova apresentação do Apocalipse deve ter como prefácio alguma coisa semelhante a estas palavras — "E, aquele que não tiver sua interpretação favorita que atire a primeira pedra!"

Partindo deste ponto, a formação histórica será tratada de um modo um tanto intenso. Isso incluirá a discussão de todas as coisas que se relacionam com a autoria, a data, os receptores e a ocasião, no que se referem à interpretação do livro. O livro retrata uma atitude de fé em Deus e no seu propósito, que é coisa inigualável em o Novo Testamento. Tal retrato pode ser melhor compreendido quando conhecemos as condições dos primeiros leitores do livro. O objeto desta obra, portanto, é apresentar uma sólida interpretação do Apocalipse como um todo, tendo em mente que o objetivo principal é criar o espírito de confiança no Cordeiro vivo, vitorioso e redentor, que se movimenta em majestosos passos por toda esta ascendente revelação que nos vem de

Deus. Este Cristo — Cordeiro, que se revelou vitorioso sobre as caóticas condições mundiais do primeiro século, alcançará vitória igualmente sobre as condições similares de quaisquer outros séculos, até que "o reino do mundo se torne o reino de nosso Senhor, e do seu Cristo: e ele, então, reinará pelos séculos dos séculos".

[1]C. F. Wishart, em *The Book* o/ *Day* (New York Oxford Press, 1935), p. vn.

I PARTE

A FORMAÇÃO HISTÓRICA

CAPÍTULO I

A NATUREZA DA LITERATURA APOCALÍPTICA

O livro do Apocalipse pertence a uma classe especial de escritos conhecidos como apocalípticos. Há uma certa dose de obs-curidade acerca de tal literatura. Alguns leitores, por causa dessa obscuridade, preferem francamente ignorar o Apocalipse. É, porém, muito melhor admitir que em tal tipo de escritos temos o desvendar duma mensagem. Esse desvendamento só se dará quando buscarmos diligentemente descobrir o p^ropósito do escritor e o seu método de aclarar e tornar conhecido esse propósito. A palavra grega *àiroKáXvxjj^ (apocalipsis)* é uma palavra composta que significa "um desvendamento", uma revelação. O objetivo do escritor não é ocultar sua mensagem, e, sim, torná-la cada vez mais vivida, "desvendando-a" por meio de sinais e símbolos. Este tipo de literatura é um dos tipos mais familiares na esfera do pensamento religioso. Tendo outras religiões também o seu lado apocalíptico, é certo que em religião a literatura apocalíptica foi sempre nota predominante no judaísmo. Por esse motivo e por causa de sua ligação com a literatura cristã, a discussão da literatura apocalíptica aqui estará grandemente adstrita à realidade judaica.

I. A LITERATURA APOCALÍPTICA JUDAICA

Encerrado o longo período profético do Velho Testamento, os judeus encontraram tempos mui difíceis. "Foi um tempo tormentoso como esse que gerou a literatura apocalíptica." [x] Trata--se, então, duma série de obras apócrifas que surgiram no período

1) C. H. Allen, *The Message of the Book of Revelation* (Abingdon-Co-kesbury Press, 1939), p, 15.

-

II AY 8UMMERS

| i., UM, 210 .-mies de Cristo ao ano 200 da Era Cristã. Tais

11! - i.....iniiln coisa em comum, sendo a mais proeminente o

Hi|ui i-ii tin "visão" como expediente literário pelo qual se apre-lil ivuni diversos conceitos.

I A l'i>i inação da Literatura Apocalíptica

Vıılıando os judeus do cativeiro da Babilônia, e agora firma-iltm n:i. Palestina, viram-se cercados por pagaos dos mais variados ■ nulos; mas, não obstante isso, mostravam-se radicalmente mo-noteístas. Poucas foram as tentativas de molestá-los, uma vez que se fazia notar a forte influência persa com o seu quase mo-nol.eístico Zoroástrianismo. Com a eclosão do poderio grego, porém, a situação se modificou bastante. O frio desdém da cultura grega influenciou todo o povo e a muitos seduziu, levando-os a faltar com a fidelidade devida à religião de seus pais. Conquanto muitos dos círculos políticos se deixassem arrastar pelas seduções da idolatria, é fato que uma grande classe nunca foi atrás da cultura grega. E uma boa porção dos dessa classe passou mesmo a verberar f anaticamente qualquer intromissão em sua religião e a apostasia de seus irmãos judeus. Com o avançar dos anos, esse sentimento se aprofundou e intensificou. Assim, pouco a pouco, todos quantos eram dessa idéia e sentimento se foram reunindo. Natural era, portanto, que desse movimento surgisse aqui e ali o desejo de se verem livres daquela condição assaz indesejável. Pertenciam a esse grupo muitos místicos que sentiam o poder pessoal da Divindade. E, como sói acontecer com os místicos, tais desejos de libertação levavam-nos a ter visões e sonhos. Tais sonhos e visões diziam respeito sempre a um glorioso dia em que seriam libertados das tristes condições do seu indesejável presente.

Os acontecimentos políticos sempre vinham em auxílio dessas tendências. Isto se pode ver perfeitamente mesmo nos dias de Daniel, quando tiveram visões que lhes garantiam a vitória final do povo de Deus e o estabelecimento dum reino eterno governado por Deus. Quando, sob o jugo

de (Antíocàj Epifânio (175--164 antes de Cristo), experimentaram os~*juctíms os piores dias, que, certo, lhes lembravam os dias do exílio babilônico. Antíoco percebeu que o único meio de destruir a vida nacional dos judeus era acabar com a religião deles. Assim, castigaria com a morte aqueles judeus que continuassem a observar os seus ritos religiosos, e mandou colocar um ídolo pagão no templo deles. Tais perseguições, levadas a cabo por Antíoco Epifânio, não só fizeram eclodir a revolta dos Macabeus, mas também deram lugar a uma nova série de visões e esperanças apocalípticas por parte dos místicos daquela época.

O outro acontecimento político seguinte, que daria ocasião ao aparecimento de nova literatura apocalíptica, seria o férreo punho dos romanos, notadamente sob Nero e Domiciano. Disto tra-taremos mais adiante.

2. As Condições Que Provocaram o Crescimento dessa Literatura

Pode-se ver claramente que épocas de tribulação geram literatura apocalíptica. Provações, sofrimentos, tristezas e o quase--desespero são o terreno fértil em que cresce tal espécie de literatura. Escrita em dias de adversidade, tal forma de expressão sempre apresenta o presente como tempo de grandes perseguições e sofrimentos, mas, em glorioso contraste, também apresenta o futuro como época de libertação e triunfo. Esperava-se, então, que esta viria com a intervenção de Deus nos negócios humanos, trazendo o juízo sobre os poderes da iniqüidade e estabelecendo o Seu próprio governo. Nos dias de tão grandes dificuldades como as aqui descritas os homens acham até bonito duvidar e firmar novas aliançasde infidelidade e, nalguns casos, até apostatar. Assim, ofijbjetEol de tais escritos era salientar a virtude da lealdade e incentivar a fé, em revelando com cores fortes a derrocada certa e infalível das forças do mal e a vitória final da justa causa de Deus. Os escritores dos livros apocalípticos realizaram um serviço inestimável em incentivando a fé e a fidelidade em tão tristes circunstâncias.

Não poucas vezes se pergunta por que razão tal literatura apresenta as coisas assim dum modo tão enigmático ou misterioso. A resposta está no fato de que ela foi escrita em tempos de muito perigo e apreensões. Corria perigo, então, não só a pessoa do escritor, mas também as dos leitores, caso os perseguidores viessem a compreender o verdadeiro significado do livro. Por esse motivo a mensagem do Apocalipse foi escrita tanto para esconder como para revelar — esconder o significado da mensagem ao não cristão, mas aclará-la aos iniciados. [2] Assim, achamos esta qualidade de escritos em o Velho Testamento, depois de Israel haver experimentado a desdita da dominação estrangeira. Encontramo-la também em o Novo Testamento nos dias maia que perigosos que a cristandade suportou no primeiro século de nossa era.

O Apocalipse está muito bem colocado nesta classe de literatura. Em muitos aspectos, ele difere dos livros apocalípticos do Velho Testamento e da apócrifa, mas não pode ser compreendido sem levarmos em conta esses modos de pensamento e de expressão. A compreensão desse tipo de literatura é coisa essencial para uma justa compreensão do Apocalipse. Convém adicionar que, colocando-se o Apocalipse nessa classe de literatura, cuja maioria não faz parte do cânon das Escrituras Sagradas, em nada queremos diminuir o seu valor prático e o seu caráter canônico. A superioridade do Apocalipse, encarado do ponto de vista teológico, não o coloca numa categoria literária diferente das idênticas obras não canônicas.

2) Veja Allon, Dana, Wlshart, Bcckwith, *in loco.*

Llil.....vela, tia verdade, que a literatura apocalíptica
II i. (11UM |M'iÍ|;oiH)íí, difíceis e de provação. Isto já nos facul-
l iltti um piifiMii largo para a compreensão da obra. Não obstante,
M|"-iiiui um na longa série de passos necessários à compre-
.....i" ili - -1 f #- lipo de literatura

f

Comparação de Profecia com o Apocalíptico

Já notamos atrás que o apocalíptico seguiu-se à profecia. É erro, porém, pensar que os .dois sejam um e a mesma coisa. São iguais em muitas coisas referentes *"ã* sua esfera em geral, mas são bem diferentes quando se trata da aplicação específica do método-à esfera de cada um. Diferem tanto na matéria como na forma. 1) Diferenças da profecia no *conteúdo.* O elemento de predição está presente nos apocalípticos, como também na profecia, mas é mais pronunciado e se

relaciona com períodos mais vastos e tem um alcance maior das condições gerais do mundo. Semelhantemente, na profecia e no apocalipse há referências à vinda do Messias, conquanto nos escritos apocalípticos tais referências sejam em maior número e mais definida seja a esperança messiânica. Nas profecias e nos salmos, o Messias está mais relacionado com Israel. Ele salvará o Seu povo. Morrerá por ele. Todo o Seu povo se tornará reto e justo. Tudo isto se aplica a Israel. Não há referências quase, e mui poucas, ao Seu poder dominante. Já nos apocalípticos é notável a referência ao domínio imperial. Começando em Daniel, encontramos menção clara ao estabelecimento dum reino mundial, do qual não haverá fim.[3] Essa idéia atinge o auge apocalíptico no livro do Apocalipse quando vemos que "os reinos do mundo vêm a ser o reino de nosso Senhor e do seu Cristo" (Apocalipse 11:15).

O profeta, era primariamente aquele que falava "em nome de Deus" ÜÜ. por Deus; era o pregador da justiça que empregava a predição, ora como garantia ou prova de sua missão divina, ora como exibição do resultado natural da rebelião contra as justas leis divinas, sendo a predição apocalíptica a coisa principal. Já nos apocalípticos típicos há muito pouco lugar para a exortação.

O escopo dos apocalípticos é incomensuravelmente maior que o da profecia. Esta dizia respeito ao passado de maneira inciden-tal, e se devotava mais ao presente -e ao futuro, dado que estes dois últimos provêm do passado. Por outro lado, os apocalípticos tinham dentro de seu escopo coisas passadas e presentes, ainda que seu maior interesse fosse sempre o futuro. Enquanto o homem comum olhava para a superfície, o escritor dos apocalípticos tentava aprofundar a superfície, esgravatar até o fundo a essência das coisas e achar o seu real significado. Com esse objetivo, os apocalípticos freqüentemente esboçavam todo o curso dos ne-

3) Ver Daniel 2:44.

gócios mundiais no propósito de apresentar o triunfo completo e final do bem sobre o mal.[4] Os apocalípticos foram o primeiro tipo de literatura a abranger a grande idéia de que toda a história é uma unidade — uma unidade que se segue como corolário natural da unidade de Deus.

A profecia e os apocalípticos diferem essencialmente quanto aos seus conceitos sobre a escatologia. A escatologia dos profetas trata quase que exclusivamente do destino de Israel *como uma nação,* e do destino das *nações* gentílicas, mas contém mui poucas mensagens de luz e conforto para o indivíduo no além-túmulo. No dizer de Charles, [5] devemos aos escritores apocalípticos todo o avanço para além desse conceito. Essa grande autoridade apresenta as seguintes contribuições permanentes dos apocalípticos: (1) a doutrina duma feliz vida futura nos veio do apocalíptico, e não do profético; (2) a doutrina dum novo céu e duma nova terra também se deriva dos apocalípticos; (3) a doutrina do catastrófico fim do mundo vem igualmente dos apocalípticos.

Resulta desse estudo observar prontamente que a profecia e os apocalípticos são parentes, ainda que no seu conteúdo mostrem pertencer a diferentes tipos de pensamento e de literatura. 2) Diferença da profecia *na forma.* Na forma literária empregada notamos diferenças bem fortes entre a profecia e os apocalípticos. Ê fato que ambos empregam a visão; mas na profecia, no mais restrito significado do termo, tais visões, em regra, são mais implícitas ou subentendidas do que descritas. Ainda que Isaias chame de "visões" muitas das suas profecias, é fato que só uma vez ele descreve o que viu. E no capítulo 6 que ele descreve o que viu, e vemos que aí não há matéria profética, de predição; o objetivo aí é a exortação. No caso dos apocalípticos, a visão é o veículo pelo qual se transmite a predição. Em Eze-quiel há visões, mas apenas uma delas — a do "vale dos ossos secos" (cap. 37) é de predição. Na profecia são sempre naturais os símbolos usados; no apocalíptico, são largamente arbitrários ou discricionários. Um bom contraste podemos ver entre Daniel e Ezequiel. A visão de Ezequiel — a dos ossos secos — naturalmente lembra a morte. O leitor sente que o processo pelo qual os ossos são reavivados constitui o curso natural que teria lugar num acontecimento como aquele. Mas o que se diz em Daniel com referência ao bode não encontra razão natural para as mudanças que então aparecem, sendo, por isso, simbólicas. Os aspectos fantásticos, deslumbrantes, irreais ou terríveis da visão descrita nos apocalípticos são esculpidos em alto relevo pelo arrojo da narrativa. Isto, do ponto de vista da forma literária,

4) Veja R. H. Charles, *Religious Development Between the Old and* rfte *New Testaments* (N. York, Henry Holt and Co., sem data).

5) R. H. Charles, *A Criticai Hístory of the Doctrine of a Future Life tn Israel, in Judaism, and in*

Christianity (seg. edic, Londres, Adam e Charles Black, 1913), p. 178. Nas notas ao p<5 doutras páginas deste livro indicaremos esta obra apenas pelo título — "Eschatolog-y".

RAY SUMMERS

...iiiui i;iaiule diferença entre a profecia e o apocalíptico. O , illjitlco tem forma e propósito destacadamente especiais, ia-

| .....clllc KOUS.

i Sumário dos Principais Apocalípticos Apócrifos

Nos tempos de aperto e aflição, os homens de visão muitas vraes se abalançam a perscrutar os segredos do céu e a escrever relatos de suas visões para admoestação e encorajamento de seus contemporâneos. Uma peça literária assim produzida era chamada uma revelação ou, no grego equivalente, á7roKá/\.w/uç. Tais escritos eram muito populares tanto entre judeus como entre cristãos. Podemos encontrar exemplos disso em Daniel, Ezequiel, Isaías e Joel. Alguns apocalípticos judaicos que nunca foram incluídos no cânon do Velho Testamento eram muito apreciados e largamente usados tanto por judeus como por cristãos. Por causa de sua importância no mundo da literatura apocalíptica, daremos aqui um breve resumo de cada um.

1) *O Livro de Enoque.* Este livro, conhecido, às vezes, como Primeiro Enoque, é, talvez, o mais importante dos apocalípticos não canônicos. Na forma em que se apresenta, parece ser uma coleção de váxios apocalípticos diferentes, escritos no segundo e no primeiro séculos antes de Cristo. Tais escritos, atribuídos por pseudônimo ao Patriarca Enoque, representam a tentativa de autores diversos de ajudar seus contemporâneos a descobrir o conteúdo de numerosas visões que dizem respeito a uma grande variedade de assuntos.

Em sua presente disposição, provavelmente a forma em que foi lido pelos cristãos primitivos, o livro traz no início a declaração de Enoque de que seus olhos foram abertos por Deus. Um anjo lhe concedeu uma visão e lhe explicou tudo de tal modo que ele pudesse lembrar a revelação, não para os de sua geração, mas para os duma época remota no porvir. A primeira coisa a ser revelada era o fato de que o Grande e Santo viria para julgar tudo e destruir toda a impiedade. Seria um tempo tremendo para os pecadores, mas os justos nada teriam que temer, porque estariam sob a misericórdia de Deus e gozariam de alegria e paz perenes em todos os dias de sua vida. Descreve-se o destino dos anjos decaídos e o lugar em que viverão sempiternamente presos. Na visão, Enoque visita o "sheol", anotando que o trono de Deus está sobre um dos sete magníficos montes. Permite-se-lhe ver a árvore da vida, para o regozijo dos justos após o juízo final. Daí, ele volta à terra e contempla Jerusalém, situada sobre o santo monte, onde perenes alegrias aguardam o justo, e, ao longe, vê ele o vale maldito, onde serão punidos os pecadores à vista dos justos.

0 conteúdo da segunda visão apresenta-se numa série de parábolas, cada uma delas referindo-se principalmente à iminente destruição do mal e à vitória do bem. A primeira parábola abre-

-se com a descrição do julgamento futuro, quando os pecadores serão julgados e escorraçados da face da terra. Enoque está certo de que melhor lhes teria sido não haverem nascido. Em contraste, vê ele o lugar em que os justos vão habitar como um lugar de bênçãos, sob as asas do Senhor dos espíritos. O escritor se vê quase arrebatado por essa gloriosa cena, ao contemplar a majestade do Senhor dos espíritos, que já antes da criação do mundo sabia o que aconteceria em todas as gerações. Diante de Deus estão de pé milhares de milhares e dezenas de milhares de seres angelicais. Aos eleitos dentre os homens são concedidas mansões celestiais, mas os pecadores que negaram o nome do Senhor dos espíritos são arrastados à punição.

Na segunda parábola aparece o mesmo tema. A destruição é o destino dos pecadores, aos quais não se permite subir ao céu e nem morar na terra. Deus enviará o seu Messias para julgar e destronar os reis e poderosos. Nesse ínterim, os justos são mar-tirizados, mas a oração deles, pedindo vingança, não será em vão. O manancial da retidão é inesgotável, e o juízo futuro, a ser inaugurado com o advento do Filho do Homem, significa uma justificação completa dos piedosos. Os mortos também ressuscitarão a fim de participar das bênçãos da Nova Era.

O quadro final desta segunda parábola é o ataque das forças pagas ao Messias e a Seus piedosos companheiros. Os partos e os medas, incitados por anjos maus, surgirão entre o rebanho como leões e lobos vorazes. Invadirão a Palestina, mas o ataque deles nada conseguirá. Chegados defronte a Jerusalém, serão desbaratados por uma mania de autodestruição. Tal carnificina será

tamanha que o número dos mortos não poderá ser contado; todas as suas hostes serão tragadas pelo "sheol", ao passo que os justos contemplarão, a salvo, a destruição de seus inimigos. Depois disso, todos os judeus da Dispersão regressarão em triunfo a Jerusalém, trazidos num só dia pelos ventos do céu.

A terceira parábola também descreve-o juízo final a ser pronunciado pelo Messias. Começa com ricas bênçãos, que serão pronunciadas sobre os santos, aos quais se promete a vida eterna, de retidão, na presença do Senhor dos espíritos. Horrível castigo está reservado para os pecadores, em especial para os reis e todos quantos acharam ser mais do que os demais homens. O Messias assentar-se-á em seu trono para julgar, e a palavra de sua boca matará todos os pecadores e injustos que estão diante dEle. São o objeto de sua vingança pelo fato de haverem oprimido os seus escolhidos. Incitam-se os justos a se alegrarem com a destruição dos pecadores que agora sofrem a ira do Messias. Em contraste com isto, os justos habitarão eternamente com Deus e com o Filho do Homem, comerão e se deitarão e se levantarão para todo o sempre.

A terceira divisão principal de Enoque nos informa acerca dos astros celestes. As fases da lua, a duração do ano lunar a

-

tll ■ ■ lo dos ventos e outros fenômenos naturais são tidos como m. n>;i de se descobrir a vontade de Deus com referência ao pe-■ i>i<. do homem e à ordem moral. Os apocalípticos crêem que 03 fenômenos da natureza e as atividades do homem estão de tal forma inseparavelmente ligados que o pecado humano afeta de maneira muito séria o bem-estar do mundo físico, e que, assim qualquer mudança da ordem moral produz uma modificação correspondente no todo do universo material. Os feitos dos pecadores produzem tais perversões dos poderes naturais que até os anos podem ser encurtados, os campos perdem a fertilidade, escas-seiam as chuvas, a lua tomará formas irregulares, o sol se desvia de seu curso normal e até as estrelas saem de suas costumeiras órbitas. Guiado por um intérprete angelical, Enoque observa as leis dessas luminárias e adquire certo conhecimento dos acontecimentos através da história do mundo, chegando a conhecer a eternidade, quando então terá lugar a nova criação.

A quarta parte do apocalipse de Enoque contém o registro de dois sonhos-visões que esclarecem o curso da história desde o dilúvio até à vinda do Messias. O registro segue a história até cerca de 150 anos antes de Cristo, quando então apresenta características apocalípticas. Os gentios assaltarão por fim os judeus. Os anjos decaídos e outros seres maus serão julgados e condenados ao abismo fervente. Jerusalém será suplantada por uma cidade mais nova e maior. Todos os gentios deixados na terra acabarão sujeitos aos judeus. Os justos falecidos ressuscitarão, o Messias aparecerá, e se estabelecerá então o Novo Reino.

Os capítulos finais do livro de Enoque apresentam um conteúdo que é uma miscelânia. No geral, salientam as recompensas reservadas para os justos e os castigos que aguardam os maus. Depois de repetidas bênçãos para os justog e maldições para os iníquos, o livro se fecha com uma exortação às gerações futuras para que não torçam as visões do autor, e, sim, tomem nota por escrito, e com fidelidade, de todas as suas palavras em todas as línguas.

Este livro gozou de muita popularidade entre os primeiros cristãos, que achavam bastante consolo nas suas repetidas promessas de libertação para o perseguido povo de Deus. Ele salientava a necessidade da fidelidade da parte dos justos em tempos de grande aflição. Pintava a triunfante glória do celestial Messias descendo à terra. Prenunciava a completa destruição das 'orcas demoníacas, expressava a firme crença na ressurreição dos nortos e aguardava a revelação final dum novo céu e duma nova erra. O conhecimento deste livro faculta excelente base à com-ireensão do Apocalipse.

2) *A Assunção de* Moisés. Este livro apareceu logo no pri-
aeiro século de nossa era. Aparece na forma de uma comunica-
ão dirigida a Josué por Moisés antes de este partir do mundo.
Mo conteúdo, é uma revelação da história de Israel desde o tem-

po de Moisés até o advento do Messias. Seu objetivo é protestar contra o desvio dos interesses de Israel para a esfera política e incentivar à piedade, ao tempo em que se espera a intervenção de Deus a favor dos justos. O escritor, à semelhança de João Batista e de Jesus, seus

contemporâneos, não simpatiza com o desejo dos zelotes de instigar o povo a revoltar-se contra Roma. Pelo contrário, aconselha uma atitude de paciência e conformação, mesmo até o martírio, certo de que Deus a seu tempo vingará os justos.

A descrição dos acontecimentos que aparecerão no fim é característica deste tipo de literatura judaica. O Ente Celestial se levantará de seu trono e agirá com ira e indignação por causa da iniqüidade dos homens. A terra tremerá; as altivas montanhas se baixarão e os montes se abalarão e desaparecerão. O sol se tornará em trevas e a lua não mais iluminará, pois que inteiramente se converterá em sangue. As estrelas se perturbarão, o mar se retirará para o abismo, e secarão todos os rios. O Eterno aparecerá, então, para punir os gentios e destruir todos os seus ídolos. Israel sentir-se-á feliz, vendo seus inimigos na Geena. Sim, ele se regozijará e dará graças ao seu Criador.

3) *Os Segredos âe Enoque.* Esta obra, também conhecida como o Segundo Enoque, é outro apocalíptico surgido na primeira parte do primeiro século de nossa era. Propõe-se apresentar segredos que Deus revelou a Enoque. Ã medida que o vidente é conduzido a vários céus, vê coisas maravilhosas, inclusive a punição dos pecadores e as recompensas preparadas para os justos. No paraíso, vê árvores muito bonitas, sendo a mais bela e mais evidente a árvore da vida, que produz todas as espécies de frutos. - O jardim é guardado por centenas de anjos, que cantam louvores ao Senhor com vozes que jamais silenciam. Esta é a herança eterna dos justos, os quais, na terra, sofreram toda sorte de ofensas por parte daqueles que chegaram a encolerizar suas almas, mas que viveram sem falha diante da face do Senhor.

Vê ele também a habitação dos ímpios~t lugar terrível, onde há todas as espécies de torturas e estarão cercados de negra escuridão. A única luz que ali se divisa é a das fortes chamas que se levantam do inflamado fosso em que os pecadores recebem o seu castigo. Ali há toda espécie de sofrimento. Anjos terríveis e sem entranhas, movimentando armas tremendas, aumentam as aflições daquele lugar. Estes são os tormentos armazenados para aqueles que na terra insultaram a Deus com suas más ações.

Chegado ao décimo céu, Enoque achou-se na presença de Deus, que o instruiu acerca da criação do mundo,-Cada dia da criação representa mil anos, de modo que deverá aparecer um mundo novo e eterno no fim dos sete mil anos. A era presente se encerrará com um grande julgamento, e depois já não haverá mais meses, nem dias, nem horas, mas somente uma eternidade que os justos herdarão. Eles ali viverão eternamente e nunca mais experimentarão trabalhos, nem enfermidades, nem humilha-

■

II A Y SUMMERS

IH nllltimi ansiedade, nenhuma violência, e não haverá mais

..... 11 OVÍIB, mas unicamente uma grande luz.

i' nl i onlindo desta divina sabedoria, Enoque foi mandado de llli ii:ii:i ii liara por espaço de trinta dias para instruir seus

.....III Hegredos do céu e fazê-los compreender a importância

II viver no temor do Senhor. Nos trinta dias em que esteve na I' III, r!;iTi'vcu Enoque trezentos e sessenta e seis livros para ins-ii MI In ile -seus filhos. Depois, foi de novo arrebatado para os al-toi i '•ii.".; para lá habitar com Deus.

'1) *O Livro de Baruque.* Esta obra, também conhecida como n Segundo Baruque, propõe-se relatar as visões que teve Baruque, o secretário de Jeremias, logo depois da primeira destruição ile Jerusalém por Nabucodonozor, rei de Babilônia. S evidente que o escritor deste livro viveu no período romano e o escreveu para confortar os judeus que viveram na última porção do primeiro século de nossa era, um bocado depois da destruição de Jerusalém, no ano 70 da era cristã. O livro, como os demais apocalípticos, mostra^ que, conquanto os pecadores vençam e triunfem temporariamente e na aparência, os retos devem viver e persistir na piedade, sabendo que Deus, no seu bom tempo, virá em socorro deles, dando-lhes uma gloriosa recompensa e infligindo tormentosos castigos a seus inimigos.

Apresenta-se Baruque como tendo ficado entre as ruínas de Jerusalém, quando foram levados inúmeros cativos para Babilônia. Estando adormecido, tem a visão dum orgulhoso cedro, que simboliza o altivo Império Romano. Deus interpreta a visão, mostrando a Baruque o curso da história até a vinda do Messias. Diz-se ao vidente que o Império Babilônico dará lugar ao dos per-

sas, que, por sua vez, será subjugado pelo dos gregos. Afinal, um quarto poder, o romano, aparecerá. Será bem mais duro e muito mais cruel que os três primeiros. Embora se eleve e se exalte mais do que os cedros do Líbano, o Império Romano posteriormente chegará a um fim repentino e inglório, com o advento do Messias. Este Príncipe celestial massacrará o exército romano, ficando vivo apenas o último imperador. Este será preso e levado ao Monte Sião. O Messias, então, o convencerá de todas as suas impiedades e reunirá e colocará diante dele todas as ações de seus exércitos. Daí, será morto, e o povo escolhido de Deus receberá proteção.

Depois de jejuar muito, concedeu-se a Baruque o beneplácito de outras revelações posteriores, referentes à vindoura idade de ouro do reino messiânico. Com a aproximação deste acontecimento, aumentarão bastante os terrores dos últimos tempos, mas 03 justos que sobreviverem serão regiamente recompensados e os que morreram ressuscitarão. A terra devolverá os mortos na mesma forma com que os recebeu. O julgamento será após a ressurreição. Os pecadores irão para o tormento, ao passo que aos justos se concederá um esplendor ainda maior que o dos anjos, É

nessa fé que os sofredores piedosos devem aguardar com esperança o dia de sua libertação.

5) *O Livro do Quarto Esdras.* Este livro, como o de Baru-que, surgiu das calamidades sofridas pelos judeus na última parte do primeiro século de nossa era. Consta de sete visões de Esdras no tempo de exílio; mas a tristeza de Esdras pela destruição de Jerusalém pelos babilônios é um ardil literário para lamentar a devastação então recentemente levada a cabo pelos romanos na cidade santa — Jerusalém. Esdras pergunta por que Israel — o escolhido de Deus — é levado a sofrer tanto assim nas mãos dos pecadores. Em resposta a esta pergunta, um anjo assegura a Esdras que o amor de Deus por Israel não diminuiu em coisa nenhuma, que o Seu plano para o mundo é assaz compreensivo, que, no entanto, os mortais não o compreenderão assim de pronto. O plano de Deus inclui uma gloriosa libertação de seu povo, libertação que virá posteriormente. Este presente mundo mau deve continuar até que chegue o tempo por Deus determinado para a sua intervenção. O crescente de agonias dará ânimo e coragem, visto que a aceleração da tristeza torna mais próximo o iminente final catastrófico. Aproximando-se o fim, toda a natureza estará fora dos eixos. O sol aparecerá à meia-noite, e a lua brilhará ao meio-dia; as árvores suarão sangue, e as pedras falarão. Morrerão os peixes no mar, vulcões entrarão em erupção. Prevalecerá a ignorância e o pecado cobrirá a face da terra.

A segunda e a terceira visão de Esdras tratam do mesmo problema. Dá-se-lhe a certeza de que este presente mundo mau está celeremente correndo para o fim. Uma nova era, a ser criada unicamente por Deus, está preparada para os fiéis. Quando a iniqüidade atingir o seu clímax, será revelada a Nova Jerusalém. O justo Israel habitará com o Messias em perfeita bem-aventu-rança por quatrocentos anos. Ao fim desse período, todos morrerão, inclusive o Messias, e a criação voltará ao silêncio do primitivo caos. Daí, se dará a nova criação: os mortos ressuscitarão, os justos receberão sua recompensa no paraíso, e os iníquos serão entregues ao castigo na Geena.

A quarta visão revela as glórias da Jerusalém celestial, preparada para os justos. Esta visão foi concedida especialmente a Esdras, com o fito de mitigar sua tristeza.

A quinta visão retrata a queda de Roma. O vidente contempla uma águia monstruosa, de muitas asas e de três cabeças, tipificando o poder do Império Romano. Olhando Esdras tal criatura, um leão que simboliza o Messias surge em cena e pronuncia a iminente destruição da águia. Assim, o vidente judeu se convence firmemente de que está no fim da era, quando se vê iminente o colapso da altiva Roma. Nessa convicção, ele corre paralelamente com João, seu contemporâneo, o qual, por várias e diferentes razões, predisse uma destruição igualmente arrasado-ra do Império Romano. Os judeus piedosos não deveriam desaiii-

iiiir, uma vez que o plano de Deus inclui a próxima destruição do domínio romano e o estabelecimento do regime messiânico.

Abreviadamente, é este o conteúdo da literatura apocalíptica dos judeus. A persistência dessas revelações judaicas atesta a popularidade e o valor deste tipo de literatura para o povo daquela época. Quando o apocalíptico cristão João revelou a seus companheiros sofredores a esperança da destruição de Roma e a vitória da causa de Deus, estava ele seguindo um caminho já bem batido e que tinha muitos sinais bastante familiares. Confiante-mente lançando mão de imagens

apocalípticas para a solução de suas dificuldades, estava João se movimentando num terreno inteiramente apropriado para muitos cristãos, uma vez que já conheciam esses antecedentes judaicos de sua própria religião.

′ n. CARACTERÍSTICAS DA LITERATURA APOCALÍPTICA

O trabalho de classificação das muitas características da literatura apocalíptica parece quase interminável. Alguns autores, buscando abranger toda essa literatura, apresentam uma classificação geral. Já outros apresentam somente as características dos apocalípticos judaicos. Outros ainda apresentam uma lista das características da Revelação ou Apocalipse do Novo Testamento. Parece haver quase tantas classificações de características quantas são as interpretações do livro,e estas sãouma legião. A classificação aqui adotada é bastante arbitrária. A intenção principal é indicar todas as características maiores que se referem à Revelação.

1. Significação Histérica

^_^*S0S3*^^*S9-S*^*íDiSí*^*íSS&.*^*3¡*^^^^*2j*^^^*!*^ Sempre houve alguma situação histórica bem crítica a que o apocalíptico esteve associado. Os elementos dessa situação histórica são representados pelas imagens usadas no livro. De modo que o conhecimento dessa situação que provocou o aparecimento do escrito apocalíptico facilita enormemente a sua interpretação. Isto não pode ser realizado com perfeita segurança em todos os casos.mas as evidências como que apontam a perseguição de Domiciano como o elemento formativo ou como os bastidores do livro do Apocalipse.

É perfeitamente clara a verdade de que um conhecimento da situação histórica auxilia em muito a interpretação correta. De início, se notou que o^ihciriai^irjipSiffoJda literatura apocalíptica era proporcionar colõrorto, segurança e coragem em dias_jdi-fíceis. De modo que conhecer tais dias é conhecer a coragem en-tão~precisa e é entender melhor a mensagem empregada com o fjto jle gecar_^ss.a»_E036ag.em. (Ignorar a situação histórica_é_djsj £oj]|i&èr3_p^ quadro da interpretaçãõTT™

2. Pseudônimos

No geral, a literatura apocalíptica é de autores que usaram *pseudônimos.* Os autores dessas obras geralmente escreveram usando o nome de grandes vultos do passado, assim como Eno-que, Abraão ou Moisés, e quase nunca em seu próprio nome. Sem dúvida, assim procederam por diversas razões que hoje mui dificilmente se compreendem em homens espirituais a quem se confia uma importante mensagem. Para o escritor, por certo, nada havia que arranhasse a ética por agirem dessa forma, visto que empregavam muito material de fontes primitivas a que, em muitos casos, davam o devido crédito. Assim, também o escritor he-breu como que se desvestia quase que totalmente do orgulho de ser o autor, e não se mostrava cioso de seus direitos literários. Pouco se incomodava com sua fama pessoal, porque seu único objetivo era servir a Deus e beneficiar a nação.

Outra razão para se seguir este método é apresentada por Charles, [8] após haver estudado toda a literatura apocalíptica judaica relacionada com as condições e atitudes que lhe subjazem, Quando a lei atingiu a supremacia entre os judeus, não deixou ela lugar algum para a profecia, pois que se apresentava como a completa revelação de Deus. Quando a idéia duma lei inspirada — adequada, infalível e válida para sempre — se tornou dogma para o judaísmo, como aconteceu no período pós-exílio, já não havia possibilidade de independentemente surgir um representante de Deus com uma mensagem divina.

Partindo deste dado ou desta base, Charles acha que o profeta que apresentasse uma profecia em seu próprio nome depois da-época de Esdras e Neemias nunca seria ouvido. A Lei embargava os passos à falsa verdade, a menos que o livro que a contivesse se apresentasse como de autoria de certos grandes nomes do passado. Daí, os representantes oficiais da Lei, ante as prerrogativas e autoridade de tais nomes, em parte ficariam reduzidos ao silêncio.

Assim, o legalismo, tornando-se absoluto, plasmou o caráter do judaísmo. A profecia e o apocalíptico, que haviam exercido influência determinante em muitas das grandes crises da nação, e que haviam dado vida e forma à superior teologia do judaísmo, perderam a sua posição de segunda autoridade, sendo mesmo banidas de modo absoluto ou arrastadas para os bastidores.

Desta forma, todos os apocalípticos judaicos, desde 200 anos antes de Cristo, necessariamente se

escondiam atrás de pseudônimo, caso pretendessem influenciar realmente a nação. Sim. porque a Lei era tudo, e a crença na inspiração estava morta entre os judeus, e o cânon deles já estava encerrado. Charles sustenta que isto não é exato com referência ao apocalipse do Novo Testa-
6) Charles, *lEschatology,* p. 200 erh diante.

RAY SUMMERS

i ''o, como veremos quando discutirmos a autoria do livro do apocalipse.

Allen '' sugere uma terceira razão para que se tenha ocultado a autoria da literatura apocalíptica. Trata-se dum motivo inteiramente pessoal referente ao autor dos livros em questão. Já se anotou que os livros deste tipo livremente profetizavam a derrocada do poder político então dominante. O anonimato conduziria, certamente, a investigações e poderia acarretar males ao suposto escritor, caso o livro viesse a cair nas mãos das autoridades ímperantes. Agora, entendendo-se que o escritor do livro já não estava vivo ou vivera havia muitos anos, nada poderia ser feito contra ele; o que poderiam as autoridades pagas fazer era apenas tratar de apreender .o livro, já que não podiam prender o autor. A primeira vista este motivo parece não ter muita base e valor. Mas, considerando-se todas as circunstâncias, inclusive o bem proporcionado por uma obra que o povo mui dificilmente conseguiria obter, vemos que tal crítica não cahe.

3. Visões

A terceira característica da literatura apocalíptica é a apresentação da mensagem por meio de *visões.* Tal método era constantemente empregado pelos profetas; mas, nos escritos apoca-lípticos,torna-se o principal método de expressar a verdade. Tais visões variam de cenas no céu para cenas na terra. Abundam em mensagens ou anjos celestiais, que são os agentes de Deus em assegurar essas revelações ao vidente.

Discutiu-se muito se os escritores dessa literatura realmente viram as visões que descrevem. Alguns se inclinam a aceitar que o escritor viu a verdade a ser transmitida e que, então, de sua experiência e condições e com a literatura da época à mão, formou as imagens e visões que descreve. Os eruditos divergem sobre este assunto. Todos, porém, concordam em que a questão principal é o valor religioso do ensino e não a forma empregada na í apresentação da verdade.

Um estudo mais profundo do Apocalipse do Novo Testamento deixa-nos uma impressão mui forte de que as visões relatadas por João são objetivamente reais. Tal impressão decorre da natureza dos símbolos e figuras no curso das visões, bem como das referências feitas por João, nas quais parece que ele afirma diretamente terem sido objetivas as suas visões.[8] Talvez seja isto matéria que pouco importa. Sejam objetivas ou subjetivas, o fato ê que elas apresentam a mesma verdade.

A visão bastante elaborada é a feição mais distintiva da forma da literatura apocalíptica. O assunto é atribuído a uma re-

7) Allen, op. *cit.,* p. 18.

8) Veja-se Apocalipse 1:1, 12; 4:1; 5:1,2, 11; 22:8,9 e muitas outras passagens.

velação especial, comumente dada em visões, êxtases ou raptos para o mundo invisível. A visão ou transporte, nos escritos apocalípticos, é uma forma literária elaborada com grande abundância de pormenores, amiúde com estranhos simbolismos e com fantásticas imagens. íg^jsj|a_jxyinejr^ nesses escritos que jhes áejqjq..jiolóãê~deIãipõ^£5i£tR5^1

4. Predição

Como quarta característica da literatura apocalíptica, achamos nela o elemento de *predição.* Uma revisão das condições que provocaram o aparecimento desse tipo de literatura nos mostra a verdade de que no apocalíptico se trata de coisas futuras. Como já foi anotado, apocalíptico era a palavra para um dia ou uma condição negra, de aflição. Tanto que ele pinta o presente como época de males, de inquietação, de perseguição, de revolução, mas prediz o futuro como um período glorioso de vingança, de triunfo e de libertação de todos os males que aqui nos afligem. Assim, observa-se que a predição do futuro é feita, dum modo geral, nas coisas principais, e se refere mais ao caráter dos eventos do que a seus pormenores. Por isso, na interpretação desses pontos deve haver muita cautela e nenhum dogmatismo.

5. Símbolos

Uma das principais características dos apocalípticos ê o emprego defilmEãZosJ Entre os escritores deste tipo de literatura desenvolveu-se um elaborado sistema de símbolos secretos e de figuras de

linguagem <p"ãrjp expressarem suas idéias espirituais. O escrrtT5r"vTu^"eTace a "face com a necessidade de ver o invisível, de pintar o que se não podia pintar e de expressar o indescritível. Daí o fato de seus livros virem cheios de imagens, comparações e símbolos de difícil entendimento, o que torna a tarefa do intérprete hodierno bastante difícil e arriscada. O simbolismo é um sistema no qual as qualidades, as idéias, os princípios e outras coisas mais aparecem representadas por coisas concretas. Tais símbolos têm um significado para o iniciado, mas cunstituem verdadeira algaravia para quem não conhece esses termos. Allen[9] chama a atenção para a expressão — um homem foi preso porque "despachou um sujeito no Alabama" e para o fato de que a "sopa" (gíria norte-americana, que significa nitroglicerina) que um "gatuno" usa para abrir um cofre muito dificilmente poderia ser oferecida num jantar. Estas são ilustrações do baixo tipo de linguagem simbólica — linguagem de dupla significação. Os escritores apocalípticos, obrigados a viver num meio que não simpatizava com eles e que até mesmo às vezes lhes era hostil, e- hostil

9) D. W. Richardson *The Rcvelation* o/ *Jesus Christ* (Richmond: John Knox Press, 1939), p. 20.

também a seus leitores, elaboraram um sistema de símbolos, figuras e códigos, que passaram a usar para que suas mensagens pudessem circular com relativa segurança. Isto nos mostra que não se pode interpretar escritos simbólicos assim como se interpreta um trecho em prosa, pois que nesta o significado está, por assim dizer, bem à vista.

O escritor emprega os símbolos como um meio de comunicar seus pensamentos àqueles que estão familiarizados com esse processo e ao mesmo tempo os emprega para esconder suas idéias dos que não pertencem ao seu círculo. Os símbolos, na mor parte das vezes, são mais arbitrários que naturais, como acontecia com as ilustrações usadas pelos profetas. O significado da mor parte dos símbolos é claro. Mas há certos símbolos que dão lugar a opiniões bem diversas. Quanto a tais símbolos é que não se pode dogmatizar de modo algum. Parece que o melhor caminho a seguir na interpretação dos símbolos é obedecer ao mesmo método de interpretação das parábolas, i. é., descobrir a verdade central que está sendo apresentada ou descrita e deixar que os porruenores se ajustem de modo natural.

Encontra-se no simbolismo dos números um dos usos principais do símbolo, nesta espécie de literatura. A leitura, ainda que casual, do Apocalipse, chama logo a atenção de qualquer pessoa para o freqüente aparecimento de certos números. Isto também se dá na outra literatura deste tipo. Por causa deste fato, parece coisa sábia incluir-se um estudo do simbolismo dos números nesta discussão. Muito do que se encontrará aí é um sumário tomado de Wishart,[10] com algumas referências ocasionais a outras obras.

f O simbolismo ãos/núm^gsj— O íntimo significado dos números é uma espécie de ardil que sempre exerceu forte fascinação sobre a mentalidade oriental. Naqueles primeiros dias, quando a linguagem era ainda primitiva, e pobre, o vocabulário, uma palavra hebraica muitas vezes tinha que ter vários significados. Nessas condições, os homens naturahnente começaram a empregar números como nós usamos palavras. Eram tais números símbolos da verdade moral e espiritual. Certo número representava uma idéia definida. E os conceitos surgiam mui naturalmente através de certas associações primitivas. Assim como o som duma certa palavra por longo hábito lembra a idéia correspondente, também um certo número, por uma adquirida associação de idéias, traz a lembrança de um conceito exato. Tais números tornam-se símbolos e não podem ser lidos com aquela exatidão literal que empregamos quando interpretamos fórmulas matemáticas.

Assim sendo, os homens viram um só objeto e passaram a associar ao número/*[5]!?) a idéia de unidade, ou de existência independente. Ficou sendo, assim, a expressão daquilo que era único.

10) Wishart, *op. cit.,* pp. 19 e 20.

e só. Esta palavra não aparece simbolicamente no livro do Apocalipse. No entanto, está na idéia básica de outros números que aparecem — alguns freqüentemente.

Por entre os perigos da vida primitiva, temendo as bestas--feras ou o ataque hostil de seus inimigos, o homem ganhou coragem no companheirismo. Dois sempre eram mais fortes e mais eficientes do que um só. Daí, o número \^)passou a significar fortaleza, confirmaeã^jcjjrj^jm. e energijrjredobrada. Há um significado simbólico no fato de Jesus enviar seus discípulos de dois em dois. Duas testemunhas confirmam a verdade, e o testemunho deles, que doutra forma poderia ser

tomado como fraco, se fortalece quando estão em dois. Este número sempre significa ^õrqa_aÃwaêS£ãã"êQ energia redobrada, poder confirmado. Assim, iõo~lTvroido3£põTalipse [u] a verdade de Deus é confirmada por duas testemunhas que são mortas e de novo se levantam e sobem ao céu. Isto simboliza uma forte testemunha que se avoluma e depois parece derribada por terra, mas unicamente para se erguer novamente em celestial triunfo. Semelhantemente, " há duas bes-tas-feras que mutuamente se testemunham e sustentam à medida que guerreiam a causa da retidão. Constituem um inimigo formidável. Mas Deus tem, para combatê-los, um instrumento "duplo" de peleja — o Cristo vencedor e a foice do juízo. Estes se mostram demais poderosos para serem vencidos pelos dois animais bravios. Assim, simbolicamente, vemos a causa da retidão triunfar sobre o mal.

Wishart acha que o homem encontrou em seu lar primitivo a coisa mais divina que a vida lhe poderia oferecer — o amor paterno, o amor materno e o amor filial. Achou um reflexo de Deus na influência recíproca do amor, da bondade e do afeto dgft-tro de sua família; e, assim, começou a pensar no número*&[)* como um gteb^^áõ""arvSB Nos momentos de pensamento profundo e sério, ele ligou~èsT3Tidéia ao seu conceito de Deus. 35, sem dúvida, esta a razão de aparecerem vislumbres de uma trindade não só na teologia dos hebreus, como também nos sonhos dos gregos. As coisas mais divinas da vida eram três e a origem divina *ú&^Úàj^A^^^^è^J^/^^^-^^-'-SM.MX^W,B.,* instância, temos o/amor paterr^o_amoxJ&al£rno_£^ Aqui também estão "03~tT5ÇÕs dos grandes mistérios~qíTe expressamos nas palavras "Pai", "Filho" e "Espírito Santo". As três nos fazem pensar no divino.

Quando o homem saiu de casa e olhou a seu redor, não tinha idéia alguma do mundo moderno como o conhecemos agora. Não havia um Copérnico para lhe abrir os olhos para ver o vasto significado do universo. Para ele o mundo era uma vasta superfície rasa com quatro confins — o norte, o sul, o leste e o oeste. Assim, quatro eram os ventos, provindos dos quatro cantos da terra.

11) Ver Apocalipse ll'.3-12.

12) "Ver Apocalipse 13, v. 1 em adiante.

Pensou que havia quatro anjos que tinham poder sobre os quatro ventos. Na cidade, achava que estava limitado por quatro muros. Assim, ao pensar no mundo, sempre pensava, no número quatro, e este número se tornou um ^rúine^^^^a) No Apocalipse aparecem quatro criaturas vivas, que simbolizam as quatro divisões da vida animal no mundo. Surgem quatro cavaleiros, simbolizando os poderes destruidores do mundo em guerra. O {m^mdoem_que os homensLvivem. labutam e morrem era, assim- eonvementemen-te simb^lizado^iSolHftEttsrü^^" """™ ~~~ —~—

Depois do estudo de seu lar e do mundo, o homem voltou suas vistas para si mesmo. Talvez o nosso sistema decimal se te-ulx-a originado dum estudo intensivo que o homem fez dos dedos de seus pés e mãos. Aqueles tempos eram difíceis e bárbaros, e havia muita gente aleijada e mutilada por doenças, acidentes e guerras. Homem perfeito e bem apessoado era_q que tinha inta-tos todos os seus^membros. Assim., o número{5j)cujo dobro é(ip, era tido como^^^3q3Elp~Wsifi|,Chj2£ãnâi] Todos os deveres do homem se resumem em jjÒ mandamentos. O poder absoluto de governo é representado por um animal de djz chifres. No Apocalipse, o dragão,[13] o primeiro animal,[14] e o animal escarlate " têm, cada um, dez chifres, e, em se tratando deste último, os dez chifres são chamados dez reis — um absoluto poderio mundial que pertence a Roma com o seu sistema de províncias. Como múltiplo, o número 10 também aparece em muitos dos elevados números _do„Apocalipse. Assim, 70 é igual a um número muito sagrado; [ijOOO/é igual à última completação de tudo, à perfeição elevada a última potência^ etc.

Quando o homem começou a analisar e combinar os números, passou a formular outros símbolos mui interessantes. Somou o 4 — o número do mundck.perfeito — ao 3 — o número da perfeição divina, e obteve *oJj*— o número mais sagrado para os he-breus. Era a terra coroada pelo céu — a terra de quatro confins mais a perfeição de Deus. Assim, o 7 significa perfeição ou completação pela união da terra com o céu. Este número aparece em muitas partes do Apocalipse. Sete são os Espíritos, sete as igrejas, sete são os castiçais de ouro, sete estrelas, sete são as partes do livro, cada uma delas, exceto a última, dividida em sete porções. O número sagrado, multiplicado pelo número completo, que é o 10, significa o que é supinamente sagrado: 70. Setenta eram os

membros da alta corte judaica (o sinédrio); Jesus enviou setenta trabalhadores já por ele preparados. Numa outra figura interessante, o 70 representa a idéia do ilimitado perdão que o cristão deve estender a quem o ofende, dado que Jesus disse que se deve perdoar a um irmão setenta vezes sete.

13) Apocalipse 12.
14) Apocalipse 13.
15) Apocalipse 17.

Ainda no campo das multiplicações, o 4 multiplicado pelo 3, dando 12 como resultado, tornou-se este um^símbolo mui conhecido. No pensamento religioso hebreu era o(12)o símJDçjo_da__reli-gião organizada no mundo. Doze eram as tribos de Israel; doze os "apóstolos; doze as portas da Cidade Santa, no Apocalipse. Este número foi reduplicado para 144.000, quando o escritor do Apocalipse desejou transmitir a /çje£tezaJü_número perfeito dos que foram selados, para que sobre efes não recaísse a ira de Deus ao visitar Ele a terra.

No terreno da divisãr^jjjmmero da perfeição — o 7 — foi cortado em dois. Daí, o(3^e_^SõJpassou a significar (coisa íncom-gletaj aquilo que é'íjrrrgerf^toJPassou, então, a sirnTrôIrZãr~1m-seiosprofundos ainda não~satisfeitos, aspirações não realizadas. Quando o escritor do apocalíptico quis descrever essa condição, ante à necessidade de representar o mundo à espera dalguma coisa que ainda não aparecera, ao ver- homens em desespero e confusão, buscando paz e luz, empregou o três e meio. Daí, toma várias formas: um tempo, de tempos e metade de um tempo. Assim, três e meio, quarenta e dois meses e 1.260 dias têm todos o mesmo significado. No Apocalipse, duas testemunhas pregaram três anos e meio, isto é, um tempo indefinido; a corte do Templo foi espezinhada pelos pagãos três anos e meio; os santos foram perseguidos 42 meses; a igreja esteve no deserto "1.260 dias". Sempre o três e meio, ou seu equivalente, significa o indefinido, o incompleto, o não satisfeito. Mas, em tudo estão presentes a esperança e a paciente expectação de um dia melhor, quando do patíbulo se libertará a verdade, para colocá-la no trono que o mau houvera usurpado.

Neste estudo do simbolismo ainda trataremos dum outro número. Para o judeu, o número seis tinha um significado sinistro. Sendo_7_o número sagrado, o(6)não o alcança, e, portanto, signi-fica(falha7^üê3El Assim, o seis passou a significar o ataque que encontnrir%èTrota, quando o sucesso estava já ao seu alcance. Traz em seu bojo a sua própria ruína. Tem habilitações para ser grande, mas falha nas medidas. O 6 era, para o judeu, o que é hoje o 13 para muita gente: um número mau, de azar. Alguns edifícios não têm o décimo terceiro andar porque este não daria boa renda! Muitos hotéis têm o quarto 12 e o 12A, em vez de 13, porque, se tivesse o 13, ninguém se arriscaria a dormir nele! Pode ser que se começou a temer o número 13, desde aquela triste noite em que treze pessoas partiram o pão à mesma mesa, saindo depois dali uma delas para perpetrar a mais hedionda das traições, e outra, para realizar o maior sacrifício de que a história tem conhecimento. Assim, o 6 era um número ruim para o judeu. E importante termos isto na memória para quando chegarmos ao número 666, no Apocalipse.

Destas breves notas sobre o uso simbólico dos números podemos ver que os números que aparecem no livro do Apocalipse não

.»

podem ser tomados em seu real valor numérico, e nem mesmo OOIB.0 números redondos. São puramente simbólicos, e devemos deixar de lado nossos conhecimentos matemáticos e procurar descobrir o seu simbolismo. Grande parte dessa ânsia de marcar as épocas e as dispensações, no passado como no presente, tem por base essa incompreensão do valor dos números usados pelo escritor.

A parte desse simbolismo de números no Apocalipse, aparece nele grande abundância de outras figuras de linguagem. Muitos objetos são usados simbolicamente. Aves, animais, pessoas, cidades, 'elementos da natureza, armas, fenômenos (como a luz e as trevas_,etc.), pedras preciosas — tudo isto e muitas outras coisas servem ao propósito do escritor à medida que ele nos dá a conhecer o seu pitoresco livro que descreve a vitória da retidão sobre a iniqüidade. "Neste esquisito mundo de fantasia, que uma imaginação oriental muito rica povoou de formas espectrais e de insólitas figuras, de anjos que voam, de águias e altares que falam, de monstros que sobem do mar e da terra, sim,

num mundo como este muitos cristãos asiáticos daquela época realmente se sentiam como que em casa, e, por certo, a mensagem do profeta os alcançou." [16] Não é possível vislumbrar a correta interpretação do Apocalipse ignorando-se esta sua característica central.

6. O Elemento Dramático

Um dos instrumentos mais eficientes de qualquer escritor — é outra característica dos apocalípticos. Um dos propósitos principais da literatura apocalíptica era tornar bem viva e convincente a verdade a ser ensinada. Assim, com freqüência se apresentam figuras cheias de vivacidade para produzir a impressão desejada. Os pormenores têm significado unicamente sob este ponto de vista, e não se lhes deve dar demasiada ênfase.

Este princípio é verdadeiro para muitas das visões e figuras do livro. Impressiona mais vividamente, e também mais dramaticamente, o leitor, por meio de símbolos grotescos e terríficos. Rios de sangue; pedras de granizo que pesam cem libras; um dragão tão enorme que com uma só rabanada põe abaixo um terço das estrelas; a Morte cavalgando um cavalo, com o Túmulo que lhe vem atrás; uma mulher, vestida do sol e tendo a lua por seu escabelo; animais com várias cabeças e chifres; um dragão que faz sair de sua boca um rio de águas para destruir uma mulher que voa pelo ar; um dragão, um animal e um falso profeta, cada um deles vomitando uma rã, que se agrega a um exército — tudo isto é simbólico; mas são mais do que meros símbolos. São ^mbj3loi_exjypxadoj^J^ Discerne--se a significação da figura, encarando-a em sua larga perspectiva

16) James Moffatt, *The* Expositores *Grcek Testament* (Grand Rapkls), vol. V. p. 301.

como um todo, e não buscando determinar o significado de cada pormenor. Não nos devemos interessar tanto pelo ator a ponto de nos esquecermos do enredo e do seu significado.

Este escorço das características da literatura apocalíptica nos ajuda a ver logo que não estamos lidando com literatura comum e que não podemos por isso empregar os métodos comuns de interpretação. Esta literatura foi preparada para revelar uma mensagem. E tal mensagem sô se aclarará para nós quando interpretarmos devidamente os símbolos em sua relação com a formação do livro e quando estendermos a mensagem de tais símbolos para aqueles que primeiro receberam esse livro. O significado que têm para aqueles é o mesmo que para nós. Portanto, urge encontrar esse significado para tornar útil o livro aos nossos dias.

r

1

o

%0

CAPITULO n

MÉTODOS DE INTERPRETAÇÃO DO APOCALIPSE

A interpretação do Livro de Apocalipse depende inteiramente do método de atacar o problema. No desenvolvimento da História Cristã têm-se seguido muitos métodos de interpretação. Alguns encaram o livro, certos de que ele revela todo o futuro da História, desde os tempos do Novo Testamento até a consumação da era. Já outros acham que ele revela a história da apostasia da Igreja Católica Romana. Outros ainda não acham nele nada de valor permanente e o encaram como um apanhado de primitivos mitos cristãos sem nenhum significado para os nossos dias. Um outro grupo buscou descobrir no livro certos princípios sobre o modo pelo qual Deus lida com os homens através dos séculos. Alguns estudiosos têm buscado descobrir o significado que o livro tinha nos dias de sua origem, tentando determinar, pela aplicação daquele significado, a significação que ele tem para as outras gerações.

Na verdade, abundam obras eruditas sobre esta notável porção do volume inspirado. .. Mas os pontos de vista dos escritores (expositores do livro do Apocalipse) claramente entram em choque. . . de tal modo *que* o estudante dessas idéias mui Zogo se *sente arrastado a aceitar de cada uma dessas obras aquilo que ele acha mais útil, e a proceder independentemente na pesquisa do significado e das lições que o livro contém.*[1]

O propósito desta seção é investigar esses vários métodos, classificá-los, determinar os pontos fracos e fortes de cada um deles e encontrar o modo correto de estudar o livro.

1) Justin A. Smith, *An American Commentary on the New Testament* (Filadélfia, The American Baptist Publication Society$_r$ 188, reimpresso em 1942). Vol. VII, Parte III, p. *i.*

juste método, assaz empregado na interpretação, ejjgara_o Apocalipse como quase que totalmente escatológico, tratando dos acontecimentos do fim do mundo. Tal pontò~^é–^fsta–^õmãr"os símbolos ocultos como um mêuTüe revelar o fim da era, a vinda do Senhor, o reino do milênio com os santos na terra, a soltura de Satã, a segunda ressurreição e o juízo final. Esta idéia tem sido sustentada por muitos cristãos mui sinceros e piedosos. Assim, encaram o livro como um volume de profecias ainda não cumpridas. Do capítulo 4 até o fim do livro descrevem-se acontecimentos que terão lugar no porvir e que estão intimamente ligados à segunda vinda de Cristo. Pelo desejo mui natural de conhecer o futuro, muitos têm mostrado maior interesse pelas "últimas coisas" do que pelas condições presentes e pelo plano e propósito de Deus para com este nosso século tão necessitado.

Para muitos o livro constitui, em grande parte, um problema de matemática celeste: e, então, gastam, mais tempo em calcular os *registros de tempo do que em promover a* justiça social, *econômica e* política entre *seus semelhantes mais próximos. £*

Os futuristas acham que os acontecimentos do capítulo 4 ao capítulo 19 devem ter lugar dentro do breve espaço de sete anos. Interpretam este período de tribulação como sendo o da septua-gésima semana mencionada na conhecida profecia de Daniel 9: 24-27, semana essa que eles tomam como tendo sido separada por muitos séculos das outras sessenta e nove, e que se cumprirá no final da Era Cristã.

A maior parte dos futuristas é literalista em sua interpretação do Apocalipse. Agarra-se o mais possível ao literalismo e vê muito pouco do simbolismo espalhado por todo o Apocalipse. Vamos ver alguns exemplos desse literalismo. No capítulo 11 do Apocalipse mede-se o Templo. Os futuristas sustentam que se trata, aí do Templo de Jerusalém e que ele será reconstruído antes do fim da era. No mesmo capítulo encontramos os símbolos de duas testemunhas. Os futuristas acham que aí não há símbolo nenhum, e, sim, uma profecia atinente a dois grandes profetas, que surgirão quase na consumação do mundo. Eles igualmente sustentam que os números do Apocalipse referem-se ao seu valor matemático e nada simbolizam. Estes são uns poucos exemplos do seu literalismo.

Outra feição distintiva dos futuristas é a sua crença na vinda de um anticristo pessoal. Assim, acham que a besta do Apocalipse é uma pessoa secular e má ou um chefe eclesiástico que estará

2) Richardson, *op. cit.,* p. 43.

no poder nos últimos dias. Este grupo de intérpretes acha que este anticristo é "o homem do pecado" de que fala Paulo em II Tessalonicenses, capítulo 3.

A maioria dos futuristas é teologicamente milenista. Sustenta que o juízo não se dará logo após o aparecimento do Senhor, ao descer do céu em sua segunda vinda. Deverá haver antes a ressurreição dos justos, e, a seguir, o reinado de Cristo com seus santos na terra por mil anos. Nem todos os futuristas, porém, são milenístas. Um dos mais profundos milenistas é Abraão Kuyper. Num de seus livros[3] ele nos dá uma interpretação futurista do Apocalipse. Noutro, * ele deixa em frangalhos o mile-nismo.

Pieters[5] divide os futuristas em dois grupos. Ao primeiro ele dá o nome de "os dispensacionistas Darbistas". Estes seguem as idéias de João N. Darby, o fundador dos Irmãos de Plymouth. Sua doutrina característica é a idéia que têm do céu e da Igreja Cristã. Sustentam que Jesus veio para estabelecer um governo visível na terra e que João Batista tinha isso em mente quando pregou que o Reino do Céu estava próximo. Jesus apresentou os padrões desse Reino, mas os judeus rejeitaram a Jesus e seus planos. Assim, se retirou a oferta, e o Reino ficou para a segunda vinda. Cristo fundou sua Igreja como um parêntese na História. A Igreja não é o cumprimento do Velho Testamento. É coisa temporária e terá fim no "rapto", que nada mais é que a remoção miraculosa e repentina de todos os verdadeiros crentes para se encontrarem com Cristo nos ares, quando ele voltar de novo. Esse "rapto" não será visível ao mundo em geral. O que será público na segunda

vinda de Cristo terá lugar sete anos depois e é chamado "a Revelação". O período de sete anos, então mencionado, corresponde à septuagésima semana de Daniel. As sessenta e nove semanas encerraram-se com a primeira vinda cie Cristo (seu nascimento) ; mas, quando os judeus rejeitaram a Cristo, encerrou-se o tempo profético e não será "reiniciado até o "rapto". No período dos sete anos, o anticristo reinará. Os judeus, que terão voltado à Palestina, farão um pacto com Ele a fim de restaurar o seu culto. O Templo de Jerusalém será reconstruído, reunir-se-ão as tribos que estavam espalhadas e os sacrifícios serão novamente oferecidos.

Em Ezequiel 40:1 e 44:31, encontramos uma descrição completa do Templo e de suas cortes. Nunca se construiu um edifício como esse aí descrito por Ezequiel. Segundo o Apocalipse, não haverá templo em a Nova Jerusalém. Portanto, concluem os fu-

3) Abraão Kuyper, *The Revclation* o/ *St- John,* trad. de João Kendrik de Vries (Grand Rapids, William B. Eerdmarfs Co., 1953).

4) Kuyper, *Quiliasmo, The Doctrme of Premülenniálism*, trad. <3e G. M. ■"an Pernis (Grand Rapids. Zondervan PubHsrdng House, 1934).

5) Alberto Pieters, *The La-mb,* tfte Woman, *and the Dragon* (Grand Rapids, Zondervan Publishing House, 1937), pp. 56-60.

turistas, Ezequíel está aí descrevendo um templo que será utilizado na terra durante o milênio. É claro que ele não pertence à "nova terra", porque o terreno em que ele se acha é limitado pelo mar e dele saem águas para o mar; mas na "nova terra" (Apocalipse 21:1) não existe mar.[6] É assim que interpretam os literalistas! Larkin continua a falar nos sacrifícios que serão oferecidos nesse Templo. Haverá diariamente uma oferta matinal, mas nenhuma à tarde. Haverá ofertas queimadas, de carne, de bebidas, pelo pecado, pela paz e pelas faltas. Haverá duas festas, a dos Tabernáculos e a da Páscoa, mas não haverá oferecimento do cordeiro pascal, porque Jesus já cumpriu essa parte.

Depois de três anos e meio, o anticristo romperá o compromisso com os judeus. Isto trará grande tribulação e sofrimento àqueles que se fizeram crentes desde o "rapto". O anticristo exigirá que o cultuem, e a recusa por parte dos cristãos e dos bons judeus trará a grande tribulação. Muitos dos acontecimentos dos capítulos 4 a 19 terão lugar neste período, e, quando os cristãos estiverem quase vencidos, Cristo virá libertá-los e destruirá o anticristo no Armagedom. Daí, então, estabelecerá o seu reino terrestre e reinará mil anos com os seus santos. Será Ele o governador principal, e a cada seguidor seu que lhe foi fiel serão dadas cidades para governar à proporção de sua fidelidade, justamente como Jesus prometeu na Parábola das Minas (Lucas 19:11-26).[7]

Pode-se perceber muito bem que, nesta estrambótica interpretação, o livro do Apocalipse, em sua mor parte, nada tem a ver com aqueles que primeiro receberam o livro, com qualquer pessoa que o manejou ou com qualquer daqueles que o lesse nos últimos três anos e meio anteriores à volta do Senhor. Assim sendo, o livro não tem mensagem alguma para as igrejas cristãs em perigo, em seus conflitos e triunfos. Todo o sistema parece contrário às Escrituras e nada sadio. E este é um método de interpretação muito em voga em nossos dias. Ê o método seguido pelo sktema de Scofield e ensinado em muitas igrejas indenominacionais da época atual.

Há o segundo grupo dos futuristas, que rejeita este dispen-sacionismo. Acham que o Apocalipse diz respeito ao futuro, mas negam a distinção entre "rapto" e "revelação". Crêem que todos os crentes passam pela grande tribulação. Frost[8] é um desse grupo. Crê ele que Babilônia será reconstruída e que reinará um anticristo pessoal. Acha ainda que não faltam muitos anos para o fim da era. Não sustenta que todos os eventos do Apocalipse deverão ter lugar no espaço de sete anos.

6) Clarence Larkin, *The Book* o/ *JRevelation* (Filadélfia, Mayer and Lotter, 1919), pp. 180-191.

7) Larkin, *op. cit.*$_{y}$ p. 183.

8) O que aqui dizemos é um resumo do estudo de Pieters *(The Larnb*$_{>}$ *the Woman, and the Dragon,* p. 60) encontrado no livro de Henry Frost — *The Second Corning of Christ.*

Têm surgido muitas objeções ao método futurista de interpretação. São objeções ao método em si, e não propriamente a uma das duas idéia3 que apresenta. As objeções seguintes aclararão o assunto.

1. Objeções ao Método Futurista

1) S ele incompatível com a declaração de João de que os eventos preditos deveriam, na mor parte, ter lugar muito logo: "Revelação de Jesus Cristo, a qual Deus lhe deu, para mostrar a seus servos as coisas que necessariamente devem acontecer em breve" (Apocalipse 1:1). Esta tradução literal inclui duas palavras de grande importância neste lugar: Sei é um verbo grego impessoal que sugere uma necessidade moral. "É moralmente necessário" para que um fim justo seja cumprido; por isso é que estas coisas acontecerão em breve. Esta foi a mesma palavra usada por Jesus quando afirmou ser-lhe necessário ir a Jerusalém, e ali morrer.[9] Era moralmente necessário, para que se realizasse o fim colimado. Neste trecho do Apocalipse vemos que havia uma necessidade moral de aquelas serem cumpridas brevemente para que o povo de Deus, então oprimido, visse o seu braço revelado e o seu conforto estendido a eles numa época de aparente desastre.

A segunda palavra grega que nos interessa está na frase *h*> ráxei, que é traduzida "logo" ou "brevemente". Os futuristas afirmam que aí está uma palavra que apenas quer dizer "certamente" e que não traz nem sugere tanto a idéia de tempo. O apóstolo Paulo a usa com esta significação, quando diz a Timóteo •—■ "Procura vir ter comigo depressa" (TO.X«Ü?) .[10] Na linguagem dos futuristas, quase que podemos ouvi-lo dizendo a Timóteo: "Timóteo, quero que venhas ter comigo aqui em Roma. Traze a capa que deixei com Carpo. Sinto frio e preciso dela, mas não há pressa — basta que a tragas neste"s dois ou três mil anos! Preciso dos livros que lá deixei. Traze-os, para que os leia. Há algumas passagens que quero reler neste milênio ou no outro. Quero ver-te. Não sei quanto ainda durarei, por isso vem nós próximos milênios (raxÉwç) — a qualquer tempo estará bem." *Mirabile dictu!* Mas isto não é maior absurdo do que afirmar que a frase do Apocalipse 1:1 significa "certeza de cumprimento" em vez de significar cumprimento rápido. Ouviríamos, então, João dizendo aos sofredores, quebrados, espoliados e perseguidos cristãos da Ásia Menor: — "Tudo vai bem. Não vos perturbeis. Dentro de poucos milênios as nações se reunirão para uma grande batalha no vale de Megido, e, quando forem todas vencidas, Deus estabelecerá um reinado terrestre e reinará com os seus santos,

9) Mateus 16:21.

10) H Timóteo 4:9.

c todtiM nu u^guidores do anticristo serão destruídos." Tal men-Bagaw poi certo teria fraco significado e em nada confortaria os que iMit.iivnm grandemente necessitados de libertação. Eles pre-cisavum de uma revelação vinda de Deus, que lhes dissesse: "Crlulo está vivo. Ele está no meio de seu povo. Ele providenciará paru que sua causa triunfe sobre aqueles que buscam des-trul La. E Ele fará isso agora. Portanto, confortai-vos e conservai-vos firmes." Havia uma necessidade moral de que essas coisas acontecessem "brevemente". Era uma necessidade urgente, 6 a mensagem devia estar à altura dessa urgência.

Está fora de qualquer interpretação razoável considerar que nada deste livro foi ainda cumprido. Por certo também não queremos que isso abarque o juízo final que aparece no final do livro. Mas o juízo final ocupa só uma parte mui pequena desta longa profecia de Deus lidando com o seu povo. *Aproximanão-nos das* _costas *dos Estados Unidos pelo* mar, *podemos dizer com toda a propriedade — Agora estamos* nos avizinhando *da América — sem estarmos esquecendo ou sem estarmos negando que os mais afastados limites da América estão dali a três mil milhas.* .Assim- se a *profecia trata de coisas que começaram a acontecer não muito depois de ela ter sido escrita, esta afirmação ê exata em seu sentido natural, ainda que o cumprimento dela não se complete dentro de dois milênios ou mais. u*

Assim parece que o tempo estava próximo para que se cumprisse a profecia dada a João. Esta interpretação e o método futurialu estão em franca oposição.

2) Uma das objeções mais fortes ao métod.q_futarrista___é_-2-âe_gjje_gie_.f az_o Apocalipse_tõdojperder sua rèTação para_£am as necessidades das igrejas às quais foi dirigido e qujsjjnmeiro co-OteçjCTam_esÍÊ..ÍÍVTp. Üm dós princípios básicos da profecisTeTo de que eía tem como ponto de partida a geração à qual é dirigida. Sua principal finalidade é ir ao encontro duma necessidade imediata — confortar, instruir, alertar. Dizer isto, porém, não é afirmar que a profecia morre com sua geração. Os profetas do exílio babilónico começaram com as necessidades imediatas do povo daquele tempo. Partindo daí, avançaram até ao tempo do Messias e ao

estabelecimento do seu reino. Assim também o Apocalipse começa com o povo de seus dias e, havendo-o confortado em sua imediata necessidade, aponta o caminho para a consumação final do reino no tempo determinado por Deus. O seu propósito imediato era ajudar os que primeiro o receberam. Ê claro que nenhuma interpretação será verdadeira, se encarar o livro sem relação alguma com as igrejas que primeiro o leram e ouviram a sua mensagem. Saber que o Apocalipse é a resposta ao clamor dos cristãos que sofriam a perseguição de Domiciano é

11) Pieters, op. *cit.,* p. 61.

evisão da apostasia Io Senhor.

RAYSUMMERS

..... «i rito do despertar interesse para uma doutrina, ainda que

^ - i.i nlHru, níío nos parece razão muito justa. 0 Novo Testamen-Iti IIUM (umíiin a segunda vinda de Cristo em muitos outros luga->> bQffl mais claramente do que no simbolismo do Apocalipse.

.'!) O.M futuristas sustentam ainda que interpretar-se o Apo-. illpw! doutro modo que não pela admissão do milenismo impede o fervor ou o esforço evangelístico. Esta afirmativa também é 1'nliut, .■ muitas vezes nem desafiada. Percebemos prontamente a MUII falsidade quando olhamos para os que sustentam interpreta-V ■-, opostas. Ê bem verdade que muitos dos mais piedosos cris-HioH da história cristã foram milenistas. Mas não deixa de ser verdade também que muitos dos mais devotados evangelistas não foram milenistas. Muitos pertenciam ao grupo dos "pós-milenis-tas", e outros muitos pertenciam ao velho grupo dos chamados "arnilenistas". E sabemos que estes grupos negam positivamente on pontos de vista da escola milenista.

Esta recordação das "objeções" e dos "pontos fortes" nos mostra que a interpretação futurista do livro do Apocalipse, uma vez pesada na balança duma análise séria, foi achada em falta. Parece de solidez para resistir aos impactos que se renovam contra ela, e em nada apresenta a firmeza das pirâmides do Egito.

H. O MÉTODO DA CONTINUIDADE HISTÓRICA

O segundo método de interpretação do livro do Apocalipse é este chamado da continuidade histórica. Ele é também conhecido como cada um de seus elementos separados — contínuo e histórico — mas os dois juntos calham melhor para caracterizar o método.

Tal método encara o Apocalipse como um prenuncio da His-tória da Igreja por meio de_ símbolos. Estudiosos não católicos espo"s!TãMnestê"mèíõdo""^ da Reforma. Desde

esse tempo, esta teoria tem sido essencialmente a mesma, tendo aparecido apenas grandes diferenças nos pormenores da interpretação. O sistema acha que o livro do Apocalipse profetiza em pormenores a apostasia da Igreja Católica Romana. Alguns grandes nomes que se filiaram a esta escola de pensamento são: Wy-cliffe, Lutero, Bullinger, Brightman, Fox, E. B. Elliott, Alberto Barnes, Guinness, Lord e Carroll. A seguir, damos um resumo que exemplifica a posição de Barnes:[12]

O primeiro selo: — cumpriu-se no Estado do Império Romano, desde a morte de Domiciano, 96 A.D., até a ascensão de Cômodo, 180 A.D.

O segundo selo: —• da morte de Cômodo, 193 A.D., em diante.

O terceiro selo: — de Caracala, 211 A.D., para diante.

12) Alberto Barnes, *Notes on the Book* o/ *Revelation* (New York, Harper and Brothers, Publishers, 1864).

O quarto selo: — de Décio até Galieno, 243-268 A.D.

O quinto selo: — a Perseguição de Diocleciano, 284-304 A.D.

O sexto selo: —■ a invasão dos bárbaros, 365 A.D.

O sétimo selo: ■— cumpriu-se nas trombetas.

A primeira trombeta: — a invasão dos godos, 395-410 A.D.

A segunda trombeta: — a invasão de Genserico, 428-468 A.D.

A terceira trombeta: — a invasão do huno Átila, 433-453 A.D.

A quarta trombeta: —• a conquista final do Império Ocidental por Odoacro, rei da Herúlia, 476-490

A.D.
A quinta trombeta: — os maometanos.
A sexta trombeta: — os turcos.
Capítulo 10: — o grande anjo aí é a Reforma, e o pequeno livro aberto é a Bíblia que voltava a ser lida por todos, após ter ficado presa pelo papado e pela Vulgata. Os sete trovões ouvidos, mas não registrados, são os anátemas estendidos contra a Reforma pelo Papa. Não deviam ser registrados por escrito, porque neles nada havia digno de ser lido!
Capítulo 11: — a medição do templo representa a determinação do que constituía a verdadeira igreja ao tempo da Reforma. As duas testemunhas representam os que protestaram contra os erros de Roma.
A sétima trombeta: — O triunfo final da verdadeira Igreja. O que vem depois do capítulo 11 não é uma seqüência cronológica, e, sim, uma visão interna da Igreja. Isto diz respeito exclusivamente à Igreja Católica. A mulher do capítulo 12 é a verdadeira Igreja. Sua fuga para o deserto representa a condição da Igreja enquanto o papado estiver no poder. A ira de Satã contra o remanescente de sua semente representa a tentativa do papado no sentido de acabar com indivíduos, quando já não campeia uma perseguição aberta e geral. A primeira besta: — é o poder eclesiástico do Papa que sustentou o papado. A segunda besta: — o poder eclesiástico do Papa. As sete taças: — são sete golpes desferidos contra o poderio papal, tais como a Revolução Francesa, captura de Roma pelos franceses, captura do próprio Papa, etc. A grande prostituta: — o papado. «
A destruição de Babilônia: — a queda do papado.
Esta interpretação de Barnes nos dá uma idéia geral de todo o método. Os intérpretes desta escola descem a inúmeros porme-nores, no desenvolvimento destas idéias. Aplicam com tanto sucesso os símbolos do Apocalipse ao curso da História que alguém já chegou a dizer que um estudo da obra de Gibbon •— *Decline*
.11
RAY SUMMERS
mui faU of the Roman Em/pire — a par com o da obra de Barnes *Nol.es on Revelation* — basta para provar a doutrina da inspiração das Escrituras!
Seja ou não este o verdadeiro método de interpretação, ve-mo-nos forçados a admitir que os expositores ajeitaram o livro a História em muitos lugares, e com admirável habilidade até. Sucessos ocasionais, contudo, não podem ser tomados como prova concludente de idéias certas ou corretas, mormente quando podem ser apresentadas em contrário muitas objeções. Conjeturas <: suposições podem, às vezes, atingir a verdade, mas é coisa perigosa segui-las *in totum.*
1 . Objeções
1) O Apocalipse, considerado deste ponto jlejnslgjjlebiajn-• teiramente de ter contato com a situação dos_ cristãos., aos_quais
(Qlvrp f oijdjidicado. Assim, precisamos aqui_j^£aniã£IS5í_nriri-cípjp já previamente firmado — o de que/aenhuma mten^etaQãob^ /p"ode ser tida como a ccííetaTs^rlatríívêr significação para aquê-\ *les* que primeiramente receberam o ljvro/"Nada serlãtã^irratrV no qu"e~r^petfã*^x)~confórto ITãüxHiõ de que tanto necessitavam os perseguidos cristãos dos dias de João, como um tratado sobre a apostasia dum sistema eclesiástico que tomaria corpo só dali a centenas de anos. É certo que os primitivos cristãos não entenderiam esse tratado, e muito menos este faria alguma coisa no sentido de minorar-lhes os sofrimentos e aflições. Não nos é possível entender que o aprisionamento do Papa, séculos depois, pudesse trazer esperanças aos espezinhados cristãos, que viam seus amados serem conduzidos em levas ao anfiteatro ou às fogueiras. Se quisermos conhecer o significado do Apocalipse, temos que lê--lo e interpretá-lo em relação à Ásia Menor do primeiro século.
2) Este método dá uma desmedida importância à apostasia da Igreja Católica Romana. Na verdade, o romanismo se caracterizou por muitos males e desvios, e a Reforma não é o fato único e todo importante dos que tiveram lugar desde o tempo de Cons-tantino. Não é o Papa o único inimigo da verdadeira religião, e nem o propósito capital do Apocalipse é fornecer-nos armas para as controvérsias eclesiásticas. Esta é, na essência, a posição de Lutero, de Barnes, de Elliott e de outros mais que esposam estas idéias.
3) Os horizontes deste método de interpretação são mui estreitos. Os acontecimentos do livro do Apocalipse daí ficam confinados aos países dominados pelo Catolicismo Romano. O livro, então,

não terá aplicação nem significado para os países que desconhecem o sistema romanista? E não haverá, em suas páginas, nenhuma mensagem de caráter universal? Esse modo de interpretar a situação poderia convir para os que viveram logo após a Reforma, mas certamente perdeu sua importância nos dias em. que vivemos.

A MENSAGEM DO APOCALIP8E
M

4) Este método de interpretação desce a pormenores tio absurdos como os da escola futurista. Por exemplo, Elliott[13] acha que aquela meia hora de silêncio no céu (8:1) significa os setenta anos decorridos entre a vitória de Constantino sobre Licinio, 324 A D., e a revolta e invasão do império por Alarico no ano 395 A.D.' Ele calcula que meia hora no céu eqüivale precisamente a setenta anos na história romana, e que a ausência de guerra na terra explica esse silêncio no céu. Elliott não se aba-lança a explicar como é que isso se dá.

Outro exemplo desse sistema de interpretação já foi citado antes Ali vimos que Barnes entende que os sete trovões não registrados são os anátemas do Papa contra a Reforma e diz que não foram escritos porque não havia neles coisa alguma digna de registro. Este talvez seja um exemplo clássico do humonsmo nao católico, e mui dificilmente podemos tomá-lo como exegese seria. É preciso uma imaginação muitíssimo elástica para se descobrir que espécie de conforto tal interpretação propiciaria aos sofredores cristãos da Ásia Menor no ano 95 de nossa era.

5) Outra forte objeção a este método de interpretação é a de que ele nos leva a cálculos de tempos e períodos que constantemente hão sido desmentidos pelos acontecimentos, o que tem acarretado enormes prejuízos para o Reino. Tais cálculos como se dá com a escola futurista, são calculados sobre a teoria de que um dia nas profecias sempre significa mil anos. Assim, a besta que deverá reinar 42 meses deverá realmente remar 1260 anos. E este deletério poder terá fim depois desses muitos anos. Mas o papado, que muitos acham ser a besta, já está no poder ha muito mais tempo. Em base semelhante, Lord» sustenta que um dia na profecia eqüivale a mil anos e calcula que o milênio durará 360.000 anos. Embora seja fraca a base escritunstica deste conceito muitos expositores o defendem, e é a idéia favorita até de estudiosos que esposam idéias contrárias no que respeita a interpretação do Apocalipse.

As seguintes passagens das Escrituras são em geral citadas na defesa deste conceito:

Números 14:34, que registra que os israelitas deveriam passar um ano no deserto para cada dia dos quarenta dias da jornada dos espias.

Ezequiel 4:4-6, onde se diz ao profeta que deveria deitar-se sobre o lado um certo número de dias ,e que os dias correspondem a anos.

Daniel 9:25, que profetiza as setenta semanas. Praticamente todos or, expositores acham que a referência aqui é a um

ÍÕT^E" B Elliott, *Commmtary* on *Revelation* (Londres, Seelcy, Burnside [al,d] *uTv. TLhXiosmono, Avocalipse* (N. York, Harper- and Bro-'..hora 1847), p. 515.

III

RAY SUMMERS

and Fali of the Roman Em/pire — a par com o da obra de Barnes - *Notes on Revelation* — basta para provar a doutrina da inspiração das Escrituras'.

Seja ou não este o verdadeiro método de interpretação, ve-mo-nos forçados a admitir que os expositores ajeitaram o livro i\ História em muitos lugares, e com admirável habilidade até. Sucessos ocasionais, contudo, não podem ser tomados como prova concludente de idéias certas ou corretas, mormente quando podem ser apresentadas em contrário muitas objeções. Conjeturas e suposições podem, às vezes, atingir a verdade, mas é coisa perigosa segui-las *in totum.*

1. Objeções

1) O Apocalipse, considerado deste ponto de vjsjta, deixa in-■ teiramente ,de ter contato com a situação dos cristãos, aosjjuais

ônSvrq*joj_dedicado. Assim, precisamos ãquj__r^cjoxdlrI3íni4irin^ cípjo já previamente firmado — o de queynenhuma inteERrelacão!

/fíode ser tida~como a clSrTetaTSTrrrairOver significação para aque-

yj^jquj^rimeirjimjm^

nõ™qüè~TespetEã*^.o cõr5òrto~~ê:*^uxíIiõ™Qe que tanto necessitavam os perseguidos cristãos dos dias de João, como um tratado sobre a apostasia dum. sistema eclesiástico que tomaria corpo

só dali a centenas de anos. ~*Ê* certo que os primitivos cristãos não entenderiam esse tratado, e muito menos este faria alguma coisa no sentido de minorar-lhes os sofrimentos e aflições. Não nos é possível entender que o aprisionamento do Papa, séculos depois, pudesse trazer esperanças aos espezinhados cristãos, que viam seus amados serem conduzidos em levas ao anfiteatro ou às fogueiras. Se quisermos conhecer o significado do Apocalipse, temos que lê--lo e interpretá-lo em relação à Ãsia Menor do primeiro século.

2) Este método dá uma desmedida importância à apostasia da Igreja Católica Romana. Na verdade, o romanismo se caracterizou por muitos males e desvios, e a Reforma não é o fato único e todo importante dos que tiveram lugar desde o tempo de Cons-tantino. Não é o Papa o único inimigo da verdadeira religião, e nem o propósito capital do Apocalipse é fornecer-nos armas para as controvérsias eclesiásticas. Esta é, na essência, a posição de Lutero, de Barnes, de EUiott e de outros mais que esposam estas idéias.

3) Os horizontes deste método de interpretação são mui estreitos. Os acontecimentos do livro do Apocalipse daí ficam confinados aos países dominados pelo Catolicismo Romano. O livro, então, não terá aplicação nem significado para os países que desconhecem o sistema romanista? E não haverá, em suas páginas, nenhuma mensagem de caráter universal? Esse modo de interpretar a situação poderia convir para os que viveram logo após a Reforma, mas certamente perdeu sua importância nos dias em que vivemos.

terpretação desce a pormenores tão Futurista. Por exemplo, Elliott[13] acha êncio no céu (8:1) significa os seten-vitória de Constantino sobre Licínio, vasão do império por Alarico no ano meia hora no céu eqüivale precisa-istória romana, e que a ausência de *i* silêncio no céu. Elliott não se aba-

período de 490 anos. Se as semanas forem tomadas como períodos de sete dias, temos então uma profecia em que um dia eqüivale a um ano.

Mesmo que isto fosse verdade, não se conclui que seja esta uma regra geral no terreno da profecia. Por exemplo:

Isaías 7:8 profetiza que Efraim será destruído em 65 anos — não significa dias. Isaías 16:14 profetiza que em três anos a glória de Moabe se transformará em desprezo — não significa dias.

Isaías 23:15 diz que Tiro será esquecida por 70 anos — não significa dias.

Jeremias 29:10 diz que Judá será sujeito a Babilônia por 70 anos — não significa dias.

Daniel 9:2 "entendeu pelos livros" que os 70 anos do cativeiro estavam quase cumpridos — não entendeu dias.

Mateus 20:19 registra que Jesus profetizou que seria crucificado e enterrado, mas que ressuscitaria ao terceiro dia — isto é profecia, mas não quer dizer que o corpo dEle ficaria no túmulo três anos.

Alford parece estar com a razão quando afirma: "Nunca vi provar-se, nem mesmo demonstrar-se a probabilidade de que devamos tomar um dia por um ano na profecia apocalíptica." [15] Este cálculo do dia-anos incitou à expectativa muitas vezes unicamente para conduzir ao desapontamento. Foi por causa desse tal método que Miller predisse que o fim do mundo seria em 1843, predição essa que causou não pequena inquietação e que levou mesmo à fundação da Igreja dos Adventistas do Sétimo Dia. Diferentes autores têm marcado outras datas. Tais dias já passaram, e os expositores mudaram a data para um futuro mais seguro. Mas a verdade é que não existe um "futuro mais seguro" para tal sistema.

2. Pontos Fortes

Todo o método da continuidade histórica, dando importância capital à apostasia da Igreja Católica Romana, foi desmascarado pelos próprios acontecimentos históricos e tido na conta de um princípio falso que conduz a especulações infindáveis e infrutíferas. Ele se esboroa todo ao peso de suas falácias mui conhecidas. Aparentemente, não apresenta ele nenhum ponto forte, a não ser o de evitar a interpretação literal do livro e admitir a completa derrocada do mal.

15) Henry Alford, *The Greek Testament* (Londres, Rivingtons, Waterioo Place, 1862), H Parte, p. 251.

:ompleta-a o livro Kíimentos, Lpo-

1 . Objeções
1) Este método remove o livro para muito longe demais da situação a que se destinou originalmente. Esta interpretação não deixa de ter contato com os cristãos que primeiro receberam o Apocalipse, como é o caso dos futuristas e dos da continuidade histórica, mas nos faz ente"nder que aqueles cristãos receberiam o livro sem grande calor e entusiasmo. Ele reconhece que os princípios de que trata o livro são aplicáveis àqueles primeiros dias e o são também aos nossos dias. Mas, um estudo mais acurado das necessidades daqueles cristãos do século primeiro nos revelará que eles foram visados de modo tão definido no livro do Apocalipse porque não podemos dizer que sua mensagem fosse tão universal assim que não tivesse para eles nenhum conforto e ajuda especiais.
2) Este método coloca o livro dentro dum canal estreito demais. Afirma que os símbolos se referem a forças ou tendências e que não há nele profecias específicas de acontecimentos definidos. Não parece ser este o caso, quando notamos em todo o livro evidências definidas do cumprimento de acontecimentos específicos. Por exemplo, é fato conhecido que o Império Romano caiu por causa da combinação de três agentes: as calamidades naturais, a decadência interna e a invasão que veio de fora. Este fato é observado repetidas vezes no simbolismo do Apocalipse.
2. Pontos Fortes
1) Este método reconhece que o livro do Apocalipse tinha algum significado para aqueles que primeiro o receberam. O significado é um tanto limitado, mas está presente, e isto é o máximo que podemos dizer dos dois sistemas antes mencionados.
2) O método também reconhece a mão de Deus na História. Ele não deixou o mundo entregue a sua própria sorte e engenho, mas está ainda lidando com os homens na base de princípios compatíveis com o Seu caráter.
3) Este método reconhece que o alvo para o qual toda a História se movimenta é o triunfo completo da causa de Deus por entre as agitações dos homens. Seu propósito e seu plano não falharam, mas sairão vitoriosos pelo guerreiro que é chamado "o Rei dos reis" e que luta com a espada que sai de sua boca (19:11-21).
IV. O MÉTODO PRETERISTA
Este método é praticamente oposto ao método futurista. Os futuristas afirmam que nada do livro se cumpriu ainda. Os pre-teristas, no sentido restrito do termo, afirmam que todo o livro foi já cumprido nos dias do Império Romano. A palavra "preter" é um prefixo do latim *praeter,* que significa *passado* ou *além de.*

O derivado "preterista" aqui empregado significa aquele que en-caxa^ijmmprimento do Apocalipse como.coisa que ;iâ__tevejugar jtogagsadp,, PleTérs~ʳH»m"a que há 3õís grupos de pretenstas: os ^ãoíreita e os da esquerda.
A ala direita da escola preterista é representada por Stuart, Beckwith e Swete. Acham que o livro do Apocalipse é literatura inspirada. Acham que a mor parte do livro já se cumpriu nos dias do Império Romano, ao tempo de Domiciano. O juízo final e o perfeito estado da humanidade ainda aguardam cumprimento. Encaram o Apocalipse como um livro para os dias da perseguição na Ásia Menor, e acham que a nossa gente de hoje o livro só interessa do ponto de vista literário, ao menos em sua mor parte.
A ala esquerda da escola preterista não toma o livro como escritura inspirada. Acham que a obra corre parelhas com toda a literatura apocalíptica do dia e que só tem valor literário. Segundo esta interpretação, João nada sabia do futuro por inspiração; portanto, não esperam que se cumpram na vida da Igreja os acontecimentos registrados. Isto constitui a escola preterista, em cem por cento do que significa o termo preterista.
1. **Objeções**
Torna-se difícil fazer objeções a este método de interpretação sem separar as duas alas. Para os cristãos sinceros, que sustentam ser o Apocalipse um livro inspirado e que tem seu lugar próprio no cânon do Novo Testamento porque o Espírito assim o quis, o conceito adotado pela ala esquerda é coisa bastante repulsiva. Não pode esta idéia ser acolhida por quem vê em João um porta-voz de

Deus no que respeita aos negócios humanos, tanto nos dias de João, como noutras épocas. A posição da ala esquerda só merece ser rejeitada, pois não apresenta nenhum ponto forte.
Doutro lado, a ala direita se recomenda, pois apresenta mais pontos fortes que fracos. A principal objeção que se pode fazer à ala direita está no fato de muitos dos seus "defensores não encontrarem nenhuma mensagem no livro, exceto uma para os dias de João. Eles não vêem aplicação alguma dessa mensagem à vida da Igreja de nossos dias. Há muitos deste grupo que, adotando alguns princípios da escola filosófico-histórica, acham que o livro tem aplicação universal.

2. **Pontos Fortes**

* Notamos alguns pontos fortes neste método, que são:

1) Ele considera a formação do livro. Nenhuma literatura poderá ser devidamente compreendida sem que se entenda a sua formação, o seu fundo histórico. Entendemos melhor os sonetos

17) Pleters, op. *cit.,* pp. 40-43.

portugueses de Elizabeth Barrett Browning quando ficamos sabendo do desengano de que a livrou o seu amor por Roberto Browning. Compreendemos o *Scarlet Letter* de Hawthorne, quando nos enfronhamos da dúbia moral dos tempos coloniais. E compreendemos melhor o Apocalipse quando conhecemos os bastidores da perseguição de Domiciano. O método preterista reconhece esta verdade.

2) O método preterista faz do livro do Apocalipse uma obra cheia de significado para aqueles que primeiro o receberam. O principal propósito do livro era "revelar" aos cristãos perseguidos o quanto Cristo lhes estava próximo e a certeza duma rápida vitória de Sua causa sobre as artimanhas imperiais de Roma. O método preterista parte deste princípio básico.

3) Este método também dá lugar a uma aplicação universal da mensagem do livro. Assim como o Cristo ressurrecto venceu toda a oposição daqueles primevos dias, alcançará vitória igualmente sobre as turbulentas condições de qualquer época, inclusive a nossa- Os pagãos podem movimentar-se e os povos podem imaginar coisas vãs, mas Deus está ainda no trono e Cristo ainda conserva as chaves da morte e do destino. Certamente este é um pòntu forte deste método de interpretação.

4) Este sistema esposa uma interpretação que é compatível com os ensinos escriturísticos do Novo Testamento. Pode-se adotar este método sem se admitir que o propósito de Deus na cruz de Cristo irá falhar e que Ele recorrerá à espada para estabelecer seu Reino. As mesmas verdades e princípios contidos nos ensinos de Jesus e na pregação e escritos dos apóstolos são encontrados no Apocalipse, quando adotamos este método de interpretação.

V. O MÉTODO DA FORMAÇÃO HISTÓRICA

Anotamos previamente que este quinto método poderia ser considerado como uma parte do método preterista. Parece desejável discutir isto em separado, por duas razões: primeira, porque o grupo esquerdista deixou apenso a todo o sistema preterista uma associação bastante indesejável; segunda, porque mesmo alguns direitistas, cujo método tem muito em comum com o da formação histórica, sustentam que o Apocalipse sójtejnjnenss-gem parajtqueles que primeiro o receberam. Por isso, parece mui reeomêTtdávefTrliflrr*^^ histórica como um

método separado de interpretação, e não encará-lo como uma parte doutra divisão do método preterista. De fato, ele merece maior reconhecimento e deve ser tratado como método à parte. Talvez o melhor modo de explicar o que vem a ser este método seja o de anotar os princípios de interpretação que ele segue. Nenhum dos métodos de interpretação já referidos tem o monopólio da interpretação do Apocalipse. Cada escola tem tido no seu número de defensores alguns homens muito sábios e piedosos. Quando estu-

íos pareça a deles M tqui apre-rte da ala . Filosofia

William Peter King acrescenta seu conceito do Apocalipse aos de outros intérpretes, dizendo:

O propósito do livro é fortalecer o ânimo e a fé dos cristãos mostrando-Ihes a derrocada do Império Romano 6 o triunfo final do Reino de Deus e do Cristo vencedor. O autor escreve em meio* o *uma situação aparentemente desesperadora... Ê de admirar como os adventistas chegaram a se*

convencer de que uma predição do aparecimento e queda de algum papa ou ditador moderno pudesse propiciar algum conforto e incentivo àqueles cristãos primitivos tão duramente provados.[so]
Outras autoridades que esposam estas idéias serão citadas na discussão da formação histórica do livro. As que citamos bastam para mostrar que o primeiro passo para a interpretação deste livro é compreender a sua formação histórica ou o seu fundo histórico.

2. Um Segundo Princípio de Interpretação

O que devemos ter em mente é que o livro foi escrito em sua mor parte numa linguagem simbólica. A palavra "símbolo" vem do grego crw, que significa "com", mais o infinito /SáXAeov. que quer dizer "lançar" "atirar", e daí "reunir", "ajun-tar"./Smôh^ alg^_jnag_^Qr.£ausa
4e^uã^|agão__ou assogiação,,jS um sinal visível de algo irmsjxfil, assim como uma~T3eTã"ou uma qualidade. No Apocalipse empregam-se símbolos para retratar ou representar idéias abstratas que o escritor desejou apresentar a seus leitores.
O livro do Apocalipse (logo depois de saus trüs primeiros capítulos) ê um livro de quadros divinos, um livro de desenhos espirituais, uma representação ilustrada, através de simbolos de certas forças que suhjazem ao desenvolvimento histórico da Igreja Cristã e aos seus incessantes conflitos. 21
Justamente por isto não podem ser seguidas aqui as regras ordinárias de interpretação. Costumeiramente, devemos tomar as palavras de qualquer passagem bíblica em seu sentido claro e natural, a menos que haja alguma razão para tomá-las em sentido figurado. Sempre nos inclinamos para o sentido literal, e, quando agimos doutro modo, deve aparecer a causa disso. Já não é este o caso do livro do Apocalipse. Neste livro, apresentado em forma ilustrada, devemos notar que os símbolos devem ser entendidos figuradamente, a menos que haja razão forte para tomá--los literalmente. Poucos são os lugares em que se usa a linguagem literal no meio da linguagem simbólica, e tais lugares facilmente os descobrimos, pois são como palavras gregas num livro em inglês.

20) William P. King-> *Adventism* (Nashville, Abingdon-Cokesbury Press, 1941, p. 100 em diante.
21) Pieters, *op. cit.,* p. 69.

leveres, e

monte significar o mesmo todas as vezes que aparecer no texto migrado. É uma falsa premissa que leva a erros sem conta. Uma expressão, ou símbolo, significa aquilo que o autor intentou significar no lugar em que a usou. João fala em certos animais que achamos também em Daniel, e emprega muitos termos de Eze-quiel; mas isso não quer dizer que tenham a mesma interpretação. Ele os adaptou a sua mensagem. Muito do dispensacionismo que tem tumultuado o avanço da interpretação repousa na crença de que o Apocalipse profetiza a "septuagésima semana" de Daniel só porque alguns dos termos são os mesmos. 0 Novo Testamento é essencialmente um livro cristão, e não um livro do judaísmo. Tem uma mensagem propriamente sua, sem cogitar de saber se sua linguagem se assemelha ou não à do Velho Testamento, à dos livros apócrifos ou se é totalmente de João.

4. Um Quarto Princípio de Interpretação

Para compreendermos o verdadeiro significado do Apocalipse, devemos tomar as visões, ou séries de visões, como um todo e sem forçar os pormenores do simbolismo. Já se observou previamente que muitos dos pormenores são apresentados para efeito dramático^ não para descer a minuciosos significados da passagem. Os pormenores duma visão podem ter significado, mas a mor parte das vezes são usados apenas para completar ou encher o cenário. Este mesmo princípio tem aplicação na interpretação das parábolas e, a miúdo, nos livros de poesia. Como exemplo, notemos o Salmo 91:

Não temente espanto noturno,
Nem seta que voe de dia;
Nem peste que ande na escuridão,
Nem mortandade que assole ao meio-dia.

Pieters diz sobre isto:
Visto *em conexão com todo o propósito do Salmo e como uma idéia construída sobre detalhes*

concretos, tal conceito de que o crente está sempre sob o protetor cuidado de Deus ê muito lindo e mui verdadeiro. Agora, se tomarmos isto em seus pormenores, veremos que estes nem sempre são verdade, porque crentes morrem em batalhas e apanham doenças contagiosas, como os mais. Não se dá ênfase aqui ao pormenor; os detalhes surgem apenas para, num efeito cumulativo, assegurar aos homens que Deus cuida dos que nÈle confiam. %[2]

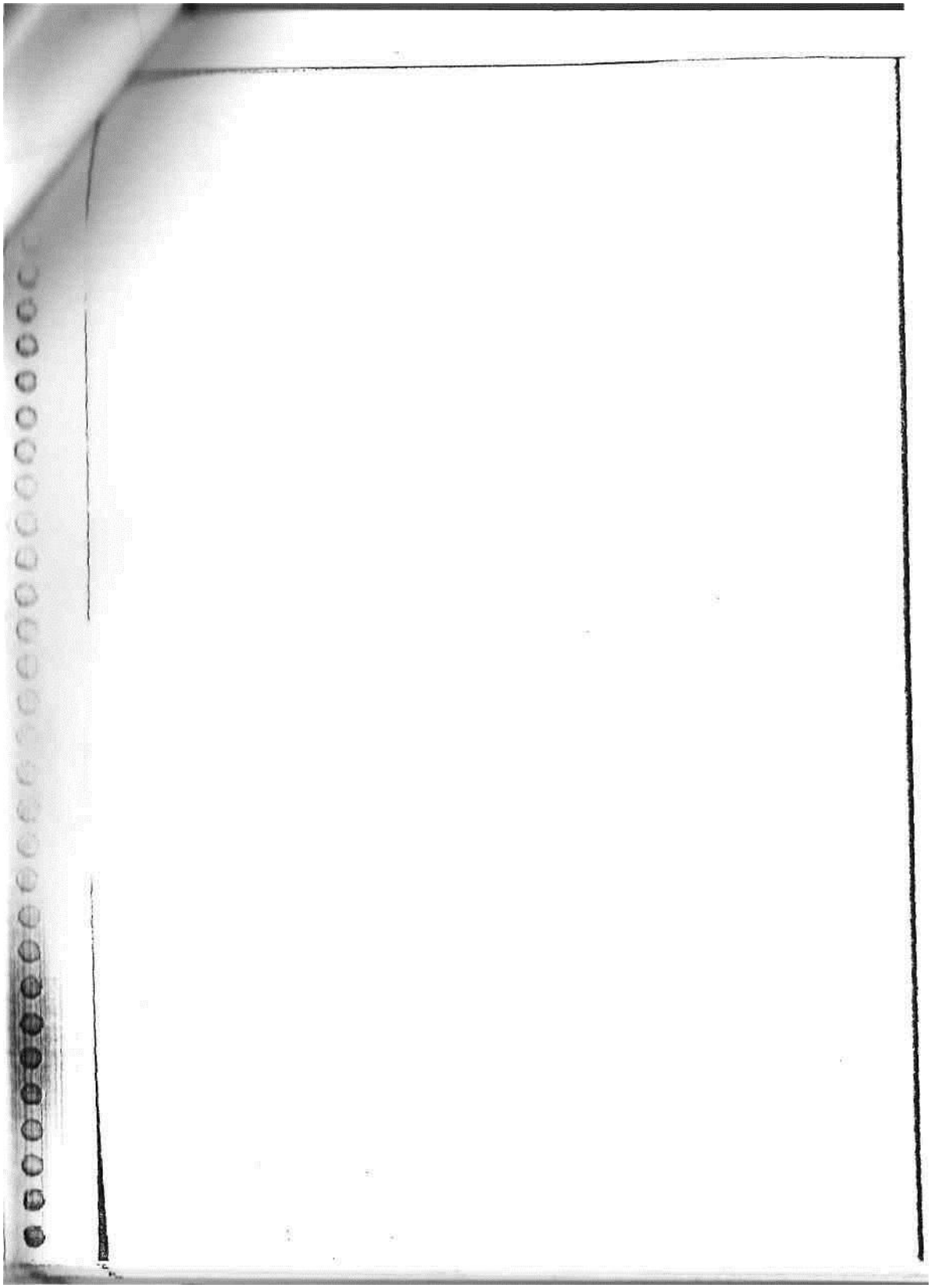
De modo semelhante, no Apocalipse os pormenores aparecem para produzir tremenda impressão no quadro descrito. No Apocalipse 6:12-17 temos terrível impressão duma ruína iminente e de terrores em toda a humanidade. Isto é o suficiente, não havendo necessidade de se buscar saber minuciosamente o que significa a queda de cada estrela ou o desaparecimento do céu e de

22) Pieters, *op. cit.,* p. 73.

cada montanha. A melhor política, no caso, é encontrar a verdade central e deixar que os pormenores se ajustem de modo natural.

5. Um Quinto Princípio de Interpretação

Este princípio é sugerido por Pieters, quando salienta o fato de que o Apocalipse é dirigido especialmente à imaginação. Os livros da Bíblia são dirigidos a diferentes faculdades do homem. Assim, a Carta aos Romanos é dirigida à razão, os Salmos à sensibilidade, etc. De modo semelhante, o Apocalipse dirige-se à imaginação do homem. À medida que o expositor lê o livro, deve procurar ver mentalmente os vários episódios do grande drama, assim como se estivesse na ilha de Patmos, na companhia de João, vendo essas visões. Deve representar para si mesmo a majestade da cena em que Cristo caminha entre as suas sangrantes igrejas com o remédio para os seus males. Se o leitor não fizer assim, certo deixará de apreender as maiores mensagens do Apocalipse. A pessoa que não tiver uma imaginação fértil, ou que a tem, mas se recusa a usá-la, agirá bem deixando de lado este livro. O livro foi escrito para transmitir sua mensagem, criando impressões, e tais impressões se firmam e consolidam à medida que o leitor vai tomando parte no drama que se desenrola a seus olhos no palco da Ásia Menor nos anos de 90 a 96 de nossa era. Quando termina o drama e desce o pano de boca, após a reverente oração do escritor — "Amém! Ora vem, Senhor Jesus!" — sentimo-nos pos-Huídos.dum sentimento de majestade, de reverência e de respeitoso temor. Sentimos a certeza da vitória, a respeito das disparidades aparentemente invencíveis. E ficamos com a segurança de que, indubitavelmente, aconteça o que acontecer, Cristo reina soberano, e de que poder algum jamais lhe arrebatará das mãos a vitória que por direito lhe pertence.



CAPITULO m

A FORMAÇÃO HISTÓRICA DO APOCALIPSE

Já anotamos atrás a importância da formação histórica na interpretação do livro do Apocalipse. Ê dever desta obra agora mostrar a natureza dessa formação. O tratamento-padrão dum tal estudo relaciona-se com as questõaajíaautoria, da..data, doju-gjir_ejn-qne..o„livxo_fi)i_essrito¡ dQS_^e_o_receberam¡e_.sjia^cfíndi-ções, e dja,.CQndis5a3.-gerais do mundo nó* qual surgiu o livro. EIste método, com algumas poucas" variações possíveís7*iêrá adotado nesta parte de nosso estudo. Esta parte pode ser muito breve, como também pode ser volumosa, para acudir a necessidade da obra que se está realizando. A discussão necessariamente será mais prolongada neste presente estudo, porque a interpretação exata do livro depende muito deste ponto.

I. O AUTOR DO APOCALIPSE DO NOVO TESTAMENTO

O ponto de partida lógico no estudo da formação de qualquer literatura parece ser o problema de sua autoria. Isto é mais que certo, em se tratando do Apocalipse, por causa da posição tradicional referente a esta matéria. Alguns estudiosos têm aventado a possibilidade de outra pessoa, que não João, ser o autor do Apocalipse. À medida que avançarmos neste estudo, examinaremos os argumentos que apresentam, conquanto tratemos, de início, da posição tradicional. *

Talvez nenhuma violência faça à mensagem o fato de não podermos identificar de modo definitivo o autor do livro. O lugar do Apocalipse no cânon do Novo Testamento parece estar firmemente assegurado, e também a sua mensagem de vitória, seja o seu autor João, o filho de Zebedeu, João, o vidente, ou qualquer outro João. Neste caso, estaríamos diante duma situação seme-

lhante à questão da autoria da Carta aos Hebreus. Os peritos se dividem sobre quem a escreveu, e isto após muitos anos de estudo. Não obstante, sua mensagem que aponta Cristo como a revelação final de Deus é ainda a única nos pináculos da verdade redentora. Há esta diferença entre os dois casos: a Carta aos Hebreus não afirma quem é o seu autor, ao passo que o Apocalipse diz ter sido escrito por alguém chamado João.[1] Isto deve ser verdade, ou então o livro é uma trapaça, uma contrafação.

É sabido que a maior parte da literatura apocalíptica era de autores que usaram pseudônimos. Por que assim foi, já estudamos anteriormente neste livro, dando as razões daquele procedimento. Por causa desse fato, muitos sustentam que o livro do Apocalipse, bem como toda essa literatura afim são de autor que usa pesudônimo. Será de proveito rever a posição de Charles[2] neste ponto. Este é reconhecido como abalizada autoridade em literatura apocalíptica, e ele esposa a idéia de que o Apocalipse não se escondeu atrás dum pseudônimo.

No período pós-exílico tornou-se dogma entre os judeus a idéia de que a Lei era válida, adequada, inspirada e infalível. Firmado este conceito, já não havia lugar para um profeta ou um mestre religioso, a não ser que se revelasse mero expositor da Lei. Então também a formação do cânon do Velho Testamento, com suas três seções — Lei, Profetas e Hagiógrafos •— incentivou o aparecimento de escritores pseudonímicos. Depois dessa época nenhuma obra de natureza profética conseguiria ouvintes se não trouxesse como autor o nome de alguma personagem antiga digna de se lhe dar atenção. Portanto, quando alguém julgava ter uma mensagem para o povo, dava-lhe uma forma que pudesse alcançar esse povo. Quando se escreveu o Apocalipse, já essa condição não existia. O advento e o progresso do cristianismo haviam colocado o cânon do Velho Testamento em lugar subalterno ou secundário. O maior peso referente à autoria tinha que relacionar-se com Jesus e com o que ele dissera.

O espírito de profecia voltara aos crentes com nova forma; avivara-se a crença na inspiração, e por várias gerações não se adotou nenhum cânon exclusivista de escritos cristãos. Assim, não há razão nenhuma, relacionada com aquele antigo costume, para se supor que o Apocalipse seja de autor que se tenha escondido atrás dum pseudônimo.

Uma segunda evidência de que o Apocalipse não é de autoria pseudonímica podemos ver no fato de o escritor alegar que as visões aí apresentadas são propriamente suas e eram destinadas à sua geração. Nos escritos apocalípticos era costume o escritor afirmar que as visões pertenciam a algum grande personagem do oassado e se destinavam às gerações futuras. O escritor do Apo-

1) Veja Apocalipse 1:1, 4, 9; 22:8.

2) Charles, *The International Criticai Commentary — The Revelation of 1t. John,* Vol. I, p. VIII em diante.

calipse afirma ser um servo de Jesus Cristo (1:1), irmão dos cristãos da Ásia Menor e companheiro na aflição (1:9), um exilado na ilha de Patmos por causa da pregação da Palavra (1:9), e que em pessoa viu e ouviu as coisas registradas no Apocalipse (22:8).

Assim, é claro que o Apocalipse que possuímos foi escrito por ■um profeta (Apoc. 28:9) que viveu na Ásia Menor e que é chamado João. Isto nos assegura que é produção de um João, assim como o segundo capítulo da Segunda Carta aos Tessalonicenses e o capítulo quinze da Primeira Carta aos Coríntios são apocalipses de São Paulo. . . Não resta, pois, um vislumbre de prova, nem

sombra de possibilidade, para a hipótese de ser o Apocalipse de autoria pseu-donímica.[3]
Portanto, parece que vamos bem em sustentar que o livro não é uma contrafação, mas que foi escrito por alguém que se chamava João. Qual seria esse João, veremos mais tarde. Antes de entrarmos na discussão disso, parece medida de prudência rever o que sabemos acerca do escritor, seja ele quem for. Tal conhecimento nos vem do estudo do texto do livro e assim o re-sumimos: Esse João, a quem devemos o Apocalipse do Novo Testamento, era um judeu cristão que com toda a probabilidade passou a mor parte de sua vida na Galiléia [4] antes de ir para a Ásia Menor e morar em Éfeso, o centro da civilização grega naquela província. Chegamos a concluir isto após o estudo do emprego que ele faz da língua grega. Ele usa a sintaxe grega dum modo incomparavelmente livre, e, até certo ponto, cria como que uma gramática grega a seu modo. A língua que adotara não lhe fornece um veículo normal e rígido para expressar-se. Nisso ele se caracteriza por sua fluência, que se presta livremente a uma remodelação do emprego da sintaxe e ao uso de expressões jamais ouvidas. O estilo do escritor é absolutamente único, *sui generis.* Ele põe de lado as regras usuais da sintaxe e desafia as leis firmadas pelos gramáticos. E isso não parece ser coisa intencional. Seu único propósito é apresentar sua mensagem_vcom todas as forças de que dispõe. Ele consegue isso, e, assim fazendo, torna--se culpado de numerosos atentados à sintaxe grega. Parece que o motivo disso está em que, escrevendo em grego, pensava em termos hebraicos. Inúmeras vezes ele transladou literalmente para o grego expressões idiomaticas da língua hebraica. Conhecia profundamente o Velho Testamento e, consciente ou inconscientemente, empregou a sua fraseologia. Isto explica a esdrúxula sintaxe em que o Apocalipse foi escrito.
Sabemos outra coisa acerca do escritor do livro. Ele gozava de indiscutível autoridade sobre as igrejas da Ásia Menor, tanto
3) Charles, *ibid.,* p. XXXIX
4) A"afinnativa de que o escritor viveu na Galiléia é defendida pelas autoridades não só porque se admite que a maior parte dos apocalípticos foi escrita na Galiléia, mas também porque parece que o escritor conhecia esses escritos.

que a sete delas dirigiu o seu Apocalipse. A mensagem não se limita a essas sete igrejas, mas estas representam todas as mais. No livro ele incita os crentes a que se oponham, mesmo até a morte, às exigências que o império lhes fazia para cultuar o Estado, e também os exorta a promover fielmente a vitoriosa Causa de Deus. Tal exortação é dirigida a indivíduos e às igrejas. João lança a única base verdadeira para a moral e para o governo — Cristo, o Rei Supremo. Ele reclama para Deus este mundo e também o vindouro. Assim fazendo, revela indisputável amor pelas igrejas. Ao mesmo tempo "reprova, censura e exorta" como pessoa cuja autoridade ninguém nega.
O escritor era ainda um homem de profunda visão espiritual. Ele, em certas passagens, penetra tão fundo os mistérios dos planos de Deus como talvez nenhum outro escritor do Novo Testamento. Tem os olhos postos acima das planuras em que rugem furiosas batalhas e fixos em um trono. Nesse trono assenta-se uma Pessoa que se caracteriza por sua soberania, santidade, retidão e graça. Tem na mão um livro selado que descreve o destino dos homens. Só uma Pessoa é digna de abrir esse livro. É o Cordeiro, que adquiriu esse direito por sua morte, mas que vive eternamente. Quando o Cordeiro abre todos os selos e são vistos os registros do trato de Deus com os homens, a vitória é visível. Deus está firme no seu trono. Este não se abala diante dos combinados esforços do dragão e das duas bestas. Não só Deus permanece no seu trono, mas também o seu povo está com ele, tendo--se-lhe providenciado uma Cidade Perfeita e tudo quanto é necessário para o sustento da vida eterna (alimento e curativos). Duvida-se de que qualquer outro escritor do Novo Testamento tenha visto de modo mais real a vitória certa da causa de Deus sobre todos os seus inimigos.
O escritor do Apocalipse é uma pessoa de afirmações mui positivas. Os judeus hostis de Esmirna e de Filadélfia são "a sinagoga de Satã". [5] Domiciano e o próprio império, com a política que põe em prática, são "a besta".[6] Roma é "Babilônia" [7], a mãe das prostituições e abominações da terra. O tom do livro, quando vergasta o perseguidor, o idolatra, o imundo, é quase guerreiro. A justa ira do profeta atinge a incandescência. O conceito de Cristo no Apocalipse é de infinita majestade e esplendor, mas o seu caráter predominante é o de poder ilimitado e justa severidade. Como

guerreiro, rege com vara de ferro [8], como Cordeiro, é de ira mui terrível;[9] e, como Rei, pisa o lagar da ira de Deus.[10] Só uma vez, ou duas, se percebe no livro a ternura da

5) Apoc. 2:9 e 3:9.
6) Apoc 13:1-18.
7) Apoc! 17:5.
8) Apoc. 19:15a.
9) Apoc. 6:16 em diante. 10) Apoc. 19:15b.

compaixão do Senhor. Nessas vezes, é claro, está ele confortando o seu povo, em vez de estar olhando com intenso desprezo os seus inimigos.

Todas estas informações dadas acima nos ajudam a ter uma idéia geral do autor do Apocalipse. Dizem respeito às suas idéias e características basilares, sem referência alguma à identidade do autor. A seguir, veremos as evidências pró e contra os possíveis autores do livro.

1. Provas a Favor e contra João, o Filho de Zebedeu

A posição tradicional em referência ao autor do Apocalipse é a de que foi escrito pelo apóstolo João, filho de Zebedeu. Tem havido muita controvérsia sobre isto no decurso da História Cristã. Dionísio, o Grande, de Alexandria, pelo ano 250 de nossa era, opinou que o livro não foi escrito por João. Baseou sua opinião nos estudos que empreendeu sobre o estilo do Quarto Evangelho e o do Apocalipse. Concluiu que a mesma pessoa não poderia ter escrito esses dois livros. Achou que João escreveu o Evangelho, e concluiu que ele não poderia ter escrito também o Apocalipse. Dana se opõe a essa idéia, em livro recente que publicou sobre o assunto. Ele reconhece que no século segundo "prevalecia larga e praticamente em todo o mundo cristão a crença de que o escritor do Quarto Evangelho era o apóstolo João, filho de Zebedeu". *"* A esse respeito diz ele:

Não se pode desprezar esta forte evidência tradicional. Dificilmente se explicará a existência dessa crença, a menos que o apóstolo João estivesse dalgum modo ligado ao Quarto Evangelho. A critica conservadora provavelmente persistiria defendendo $ua opinião manifesta de ter sido o livro da autoria do apóstolo, não fosse o fato de a evidência externa da autoria do Apocalipse ser mais antiga e intrínsicamente mais forte do que a autoria do Evangelho. As diferenças entre os dois livros são mui radicais para se admitir a idéia de uma autoria comum. Dai, vemo-nos forçados a atribuir o Apocalipse ao apóstolo João e procurar descobrir^ quem. escreveu o Evangelho. -[12]

Assim que Dionísio, no ano 250 de nossa era, e Dana, em 1940, partem da mesma premissa, mas chegam a conclusões opostas. Nesse intervalo as opiniões pró e contra entraram em choques bastante fortes. A melhor posição parece ser a de pesar as evidências e tirar a nossa própria conclusão.

1) *Evidências a favor de João, o filho de Zebçdeu;*

a. *A evidência externa* — Um dos mais antigos pais da Igreja, cuja obra chegou até nós, é Justino, o mártir. Foi marti-

11) H. E. Dana, *The Ephesian Tradition* (Kansas City Seminary Press, 1940), p. 167.
12) *Ibid.,* p. 167.

rizado no tempo de Aurélio, cerca do ano 166 de nossa era. Sua obra — *Diálogo com Trifo, o Judeu,* — dá-se geralmente como sendo do ano 140 a 160 de nossa era. Encontramos nessa obra as seguintes palavras:

. .. conosco viveu um certo homem, chamado João, um dos apóstolos de Cristo, que profetizou, por uma revelação que lhe foi feita, que os que cressem em o nosso Cristo habitariam mü anos em Jerusalém; e que depois viriam logo então a ressurreição eterna e geral, e o julgamento de todos os homens, is

O fato de Justino, o mártir, ter tido a Ásia Menor como sua moradia e principal campo de ação, onde estavam localizadas as igrejas às quais ele se dirige no Apocalipse, valoriza imenso esta afirmativa.

Outro testemunho direto a favor do apóstolo João como autor do Apocalipse nos vem de Irineu, que morreu em Lyons, na França, perto do ano 190 de nossa era. Irineu-é tido como uma das principais testemunhas a favor do apóstolo João. Ele nasceu e se criou na Ásia, na esfera das sete igrejas. Foi discípulo de Policarpo, que foi bispo duma das sete igrejas, a de Esmirna. Irineu menciona freqüentemente o Apocalipse em muitos dos livros que escreveu. Parece que ele se interessou particularmente pelo número 666 — o número da besta — que ele tomava como sendo o do

anticristo. [w] Várias vezes ele afirma que o Apocalipse foi escrito por João, o discípulo do Senhor, e o identifica com aquele João que na Ultima Ceia reclinou-se sobre o peito de Jesus. Afirma que João escreveu o livro no tempo do Imperador Domiciano.[15] O testemunho de Irineu é mui valioso e forte, visto que ele viveu poucos anos depois de João. Entre o tempo em que o Apocalipse foi escrito e este comentário de Irineu vão apenas 70 ou 80 anos. Nesse período, fácil seria corrigir o engano de Irineu, caso estivesse ele laborando em erro ao afirmar aquilo. Não há motivo algum para se acreditar que Irineu e Policarpo houvessem agido desonestamente *neste* particular.

De Irineu para diante, já não encontramos mais ninguém que conhecesse pessoalmente o autor ou que conhecesse alguém que tivesse tido algum conhecimento pessoal do autor. Encontramos alguns que acham ter sido o apóstolo João o autor, conquanto não tivessem nenhum informe de primeira mão. Dentre estes, Clemente, de Alexandria[18] (A.D. 223), Tertuliano, de Cartago[17]

13) Justino, o mártir, *Dialogue with Trypho the Jev), tha Ante-Nicene Church Fathers* (New York, The Chrisüan Literatura Company 1890), I, p. 240.

14) Irineu, *Against Heresies,* cap. XXX, e *The Ante-Nicene Church Fathers, op. cit.*[y] I, p. 558.

15) ibid., I, p. 560.

16) *The Ante-Nicene Fathers, U,* p. 504.

17) *Ibid., Xa,* p. 333.

(A.D. 220), Origenes, de Alexandria[18] (A.D. 223), e Hipolito, de Roma[19] (A.D. 40). Eusébio cita Origenes, com estas palavras:

Que diremos daquele que se reclinou sobre o peito de Jesus, quero dizer João? Quem é que nos legou, um, evangelho no qual o autor afirma que poderia escrever tanto que no mundo todo não caberiam os livros que escrevesse? Ele também escreveu o *Apo-calipse*[r] *quando se lhe ordenou que ocultasse e não registrasse as vozes dos sete trovões.*[1S]

Eusébio trata da autoria joanina do Apocalipse como um assunto ainda não decidido, mas faz isso à vista de todos os testemunhos acima referidos. Os escritores que vieram depois do seu tempo constantemente citaram o livro como sendo da autoria do apóstolo João. Eis alguns deles: Basílio, o Grande, Atanásio, Ambrósio, Cipriano, Agostinho e Jerônimo. Estes estavam muito longe de admitir qualquer dúvida sobre o assunto, como acontecia com o grande historiador da Igreja. A concordância de testemunhos da parte daqueles que estavam em ótima posição para decidir esta questão e que então mereciam todo o crédito só poderá ser contraditada por provas em contrário, que se baseiem em provas assaz concludentes. Tais testemunhas representam um território muito grande da cristandade. Justino, o mártir, trabalhou ná Ásia Menor; I.rineu, também na Ásia Menor e depois na França; Tertuliano era de Cartago; Clemente e Origenes, de Alexandria, o centro da cultura e dos conhecimentos da Igreja Oriental. Representam todos os principais centros da cristandade, exceto Roma; Hipolito, poucos anos depois, representou Roma nesta opinião. Pieters[20] anota que tais opiniões, no que respeita ao tempo, datam dos anos 140, 170, 200, 220, 233 e 240. Observa-se que o intervalo mais largo é de 30 anos, ao fim da era apostólica. Tal testemunho, considerado à vista do fato de provir de homens de grande responsabilidade que ocupavam lugares mui importantes na obra cristã, é f orte e convincente. Se aceitarmos a possível, mas discutida, opinião de Papias a respeito do livro, o testemunho será tido como do ano 125 de nossa era. Praticamente a opinião unânime da tradição do segundo século favorece a autoria joanina. Houve algumas objeções levantadas no século terceiro, [21] mas, mesmo assim, o testemunho a favor da autoria apostólica é esmagador. Há poucos livros do Novo Testamento que têm a seu favor maiores evidências testemunhais da tradição antiga.

b. *A evidência interna* —• Conquanto *neste* particular haja terreno maior para debates do que no campo da evidência exter-

18) Eusébio Pamphilius, *Ecclesiestical History,* trad. C. F. Cruse (12' ed Filadélfia, J. B. Líppincott and Company, 1869) Livro VI, cap. XX, p. 246.

19) *The Ante-Nícene Fathers,* V, p. 211.

20) Pieters, *op. cit.*[t] p. 15.

21) Trataremog disto noutra parte desta obra.

iiü, há muita coisa que favorece o apóstolo João nesta parte. Talvez o primeiro peso de evidência aqui seja o fato de o escritor IS chamar a si mesmo pelo nome de João. Isto se dá quatro ve-268 (1:1, 4, 9, e 22:8). A maneira por que tal nome é apresentado implica que o nome era bem conhecido e que a identidade do «■Meritor seria facilmente reconhecida por aqueles que primeiro recebessem o livro. Isto está de acordo com João. Ele estivera na Ásia Menor desde a tomada de Jerusalém no ano 70. A.D. Trabalhara naquelas igrejas, especialmente em Éfeso, e devia ser mui conhecido de todos por lá. Outra coisa contida na maneira da introdução revela que o escritor estava de tal modo relacionado com as igrejas da Ásia Menor que era ele o adequado intermediário daquela comunicação que se lhes fazia naquele tom de autoridade e de admoestação encontrado no livro de Apocalipse. É sabido que João passou seus últimos anos nas igrejas da Ásia Menor e que no meio delas gozava de uma posição inteiramente consoante com a atitude que ele toma nesta carta. Ã terceira menção que faz de seu nome (1:9), vêm-nos à memória aquelas palavras do Senhor dirigidas a Tiago e a João (Marcos 10:38,39) : "Não sabeis o que estais pedindo para vós. Podeis vós beber o cálice que eu bebo, e ser batizados em o batismo em que eu sou batizado?.. . Bebereis o cálice que eu beber, e sereis batizados em o batismo em que eu estou prestes a ser batizado.. ." já fazia tempo que Tiago experimentara o que o Senhor havia aí profetizado. Agora João também está bebendo o cálice do sofrimento e sendo imerso na perseguição desencadeada contra o povo de Deus. Sua afirmação de companheirismo na aflição caracteriza bem esse João de espírito tão terno, tão fraternal e tão cheio de simpatia. Há também uma forte semelhança entre a alusão que o escritor faz a si em Apoc. 22:8 e em João 21:24. Comparemos estas passagens: Apoc. 22:8 —■ "E eu, João, vi e ouvi estas coisas" e João 21:24 — "Este é o discípulo que testifica destas coisas." A semelhança é mui clara. Em cada uma das quatro vezes em que o escritor menciona o seu nome pode-se ver muito bem que a menção feita a si mesmo pelo escritor concorda perfeitamente com a teoria de que se trata aí do apóstolo João e não doutra pessoa. Que outra maneira de introdução um outro João empregaria é que não sabemos. Qualquer conjetura neste sentido seria argumentar com o silêncio. E um argumento dessa natureza por certo a ninguém satisfaria nem convenceria.

As características do escritor que hemos anotado calham perfeitamente no apóstolo João. Como vimos atrás, o escritor aparentemente era um judeu cristão que passara grande parte de sua vida na Galiléia antes de ir para a Ásia Menor. Isto se deu com João. Anotamos já também que o escritor pensava em hebraico, mas escrevia em grego. Isto também mui provavelmente aconteceu com João, que era de formação judaica, mas tomava conta de vastas congregações gentílicas. Outra característica observada foi a profunda visão espiritual do autor. Isto também

Cristo vitorioso, quando ele surge para desbaratar os inimigos de Deus.

João é dos evangelistas o único que se refere à lança que furou um dos lados de Jesus, quando de Sua crucificação (João 19:34). Será obra de pura coincidência vir mencionado isso em Apocalipse 1:7, onde lemos — "e todo olho o verá, até os mesmos que o traspassaram.. ."? O exame acurado dessas duas passagens nos revela que o verbo grego aí traduzido por "tras-passar" é o mesmo em ambos os versículos. Em Zacarias 12:10, encontramos alusão semelhante. Os tradutores da *Septuaginta* usaram aí uma forma do verbo grego Karop^éoftat. O Evangelho e o Apocalipse usam outra forma de verbo: *èKKevréa)* • De um lado a diferença e doutro a identidade devem ser encaradas como algo mais do que coincidência. Indica, sim, identidade de autoria no caso dos dois livros.

No Evangelho de João, apresenta-se Jesus como "o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo" (João 1:29,36). Nenhum dos outros escritores emprega este título quando fala de Jesus. Claramente tal título significou muita coisa para João, porque talvez estivesse presente quando teve lugar tal indicação, quando também se ouviu esta afirmação descritiva. No Apocalipse, Cristo é chamado Cordeiro nada menos de 22 vezes. [23] Os que negam a autoria de João afirmam que o evangelista João usa uma palavra diferente da usada pelo escritor do Apocalipse. Isto em parte é verdade. Em João 1:29 e 36 encontramos a palavra *àfj.vó<s,* quando no Apocalipse se emprega sempre a palavra *âpvíov.* Mas é interessante observar que João emprega esta última palavra noutra conexão (João 21:15), e é ele o único escritor neotestamentário, além do autor do

Apocalipse, que a usa. Isto também nos parece ser mais que mera coincidência. O livre emprego da idéia no Apocalipse parece ser altamente compatível com o modo mui notável e enfático de se empregar esta idéia duas vezes e recordar-nos o testemunho de João Batista com referência *zo* Messias, contido no Evangelho de João.

Em Apocalipse 1:1,2 aparece uma afirmativa muito importante. Leiamos: "A revelação de Jesus Cristo, a qual Deus lhe deu, para mostrar aos seus servos as coisas que brevemente devem acontecer; e a revelou por sinais, pelo seu anjo, ao seu servo João, que testificou acerca da Palavra de Deus..." O verbo "testificar" está no tempo aoristo — "testificou". Isto indica que João já havia dado testemunho acerca do Logos de Deus. Será uma reivindicação que o escritor faz de ser ele o escritor do Quarto Evangelho? Parece que sim.

A despeito de todas as dificuldades surgidas da comparação do estilo e da gramática dos dois livros, há uma forte semelhança entre os dois. 32 esta: são de fácil leitura. O vocabulário e as

23) Contando-se as vezes cm que vem repetido em poucos versículos, tal título é empregado 28 vezes.

não nos dê seus nomes, sustentavam a mesma opinião. Mas a favor de João há este fato: se então se negava a autoria de João, era porque outros aníes dessa negativa achavam que era o apóstolo João o autor do Apocalipse; daí, alguém se levantara para negar isso.

Ao passo que Dionísio concorda com aqueles que menciona, no que respeita à identidade do autor, dissente destes em alguns pontos. Isto é claro, quando ele afirma:

Quanto a *mim, não me aventuro a pàr de lado este livro, visto que muitos irmãos lhe dão mui subido valor. Mas, notando que o assunto de que o livro trata excede a minha capacidade, julgo que ele também contém uma certa comunicação oculta e maravilhosa em cada -particular. .. Não nego, portanto, que ele se chamasse João, e que este livro seja da autoria de uma pessoa chamada João. Admito que é obra de algum homem santo e inspirado.* Mds *não concordo facilmente que foi o apóstolo, o filho de Zebedeu, que é o autor do Evangelho e da epístola universal que traz o seu nome.*[2S]

Daqui em diante Dionísio passa a apresentar suas razões, todas de natureza interna, para negar a autoria Joanina. Note-se que ele não a nega de modo cabal, e, sim, afirma que não "admitiria facilmente" ter sido João, o filho de Zebedeu, quem escreveu o Apocalipse.

O outro único testemunho externo digno de nota contra João nos vem de Eusébio.[27] Ele não nega de modo cabal a autoria Joanina. Reconhece que Dionísio pôs em dúvida essa autoria. Admite que muitos acham ser João o autor. A seguir, aumenta mais a discussão, sugerindo ser da autoria de um outro escritor — João, o presbítero, mencionado por Papias. Como vimos antes, os escritores que vieram depois de Eusébio não pactuaram de suas dúvidas neste ponto. Continuaram a se referir ao Apocalipse como sendo da autoria de João, o filho de Zebedeu.

O presbítero João, que foi trazido para o campo da crítica Joanina, é uma figura apagada, e torna-se mui possível negar peremptoriamente sua autoria. Robertson assim procede de modo mui convincente.[28]

Este presbítero João foi a princípio descoberto nos escritos de Papias por Eusébio. Antes dele, Dionísio tinha sustentado que o João que escreveu o Evangelho não era o mesmo João autor do Apocalipse. Eusébio confirma esse testemunho, em seu próprio modo de ver, por haverem existido duas sepulturas de João em Éfeso. Isso é matéria de tradição e é negado por muitos eruditos mui competentes. Warfield, Plummer, Salmon e Keim negam a existência de um segundo João em Éfeso. Bacon, McGif-

28) *Ibxd.,* p. 297 em diante. \

27) História Eclesiástica de Eusébio, p. 124.

28) O argumento seguinte é, em grande parte, um resumo da obra dn A. T. Robertson — *Epochs in the Life of the Apostle John* (New York, Fleming H. Revell Co., 1935), pp. 22-29.

fert e Schürer, mui conhecidos por suas idéias liberais em matéria de critica do Novo Testamento, atribuíram o Quarto Evangelho a esse João, o presbítero. Sentem-se felizes de poder achar, ainda

que seja um fantástico João, a quem possam atribuir a autoria do livro e assim negar a autoria apostólica. Lightfoot e Westcott mostram-se inclinados a admitir a existência dele, conquanto neguem seja ele o autor do Quarto Evangelho. Dana admite a existência do presbítero João e acha ser ele o mais provável autor do Quarto Evangelho.[29] Ã vista de todas estas opiniões divergentes, bom será examinar o testemunho de Papias acerca de João.

Eusébio cita Papias nestas palavras:

Se, então, surgisse alguém que pessoalmente veio depois dos mais antigos, eu duvidaria da palavra deles quando falam do que *disseram aqueles* mais *velhos, do que André ou Pedro disse, ou do que Filipe, ou Tome, ou Tiago, ou João, ou Mateus, ou do que qualquer outro discípulo do Senhor disse, e das coisas que Aristion e o presbítero João, discípulos do Senhor dizem.*

Robertson acha que a menção feita duas vezes a "João" aí nessa sentença foi o que induziu Eusébio a errar em sua interpretação. Na passagem se fala de Aristion e do ancião João como ainda vivos no tempo a que Papias se refere. Note-se que ele usa o verbo *"dizer"'* no presente ("dizem") e não no passado "disseram", quando fala do testemunho destes dois últimos. Aquela linguagem seria facilmente compreendida se João ainda estivesse vivo, e, morto o resto dos mais antigos. Esse fato, e era isso mui possível, explica por que se repetiu o nome de João, porque no caso dele não haveria nada a reportar do que ele dissera. Tratava-se de saber o que João estava ainda dizendo, i.é., da própria confirmação que João em vida daria a Papias. Este chama João de "mais antigo", e é verdade; mas ele dá esse mesmo título a todos os outros apóstolos citados (André, Pedro, Filipe, Tome, Tiago, João e Mateus). A Aristion simplesmente chama de discípulo. Em o Novo Testamento João é chamado discípulo, apóstolo, ancião, assim como Pedro e outros.[20] Esta idéia identifica o "ancião João" com aquele "João" que aparece na mesma lista junto com os outros anciões. Nada há, pois, nas palavras de Papias que sugira a existência de mais de um João, e há muito que sustenta a existência de um só João. Assim, temos aí não dois Joãos e, sim, duas espécies de testemunho de um único João: aquilo que outros reportaram do que ele disse, e aquilo que cie pessoalmente *diz.*

Irineu (A. D. 140-202) viveu bem mais perto dos dias de Papias (A.D. 70-140) do que Eusébio (A.D. 270-340). No testemunho acerca de Papias, ele identifica João, o ancião, o discí-

29) Dana, *The Ephesian Tradition,* p. 168.

30) Veja Lucas 6:12, Mateus 10:1 em diante e I Pedro 5:1.

pulo do Senhor, com o apóstolo João. Irineu estudou Papias e o citou freqüentemente, e não achou nunca dois Joãos diferentes nos escritos de Papias. Ele não conheceu pessoalmente a Papias, mas conheceu Policarpo, que conhecera o apóstolo João. Três vezes ele diz que João era conhecido de Policarpo. Afirma que muitas vezes ouviu Policarpo falar do que João dissera e sustenta de modo claro que João, o discípulo do Senhor, escreveu o Quarto Evangelho quando morou em Êfeso. Esta é a tradição diretamente histórica que nos vem de quem conheceu um único João. Vê-se que Papias, quando bem entendido, conheceu um só João. Isto nos parece bem mais plausível que a hipótese aventada por alguns de que houve dois Joãos, ambos discípulos pessoais de Jesus, ambos mudando-se para Êfeso após a destruição de Jerusalém, ambos tão conspícuos em sua atividade que os homens de seus dias e da geração seguinte não os puderam diferenciar e acabaram confundindo-os de maneira tão lamentável.

Polícrates, Bispo de Êfeso e contemporâneo de Irineu, confirma que o apóstolo João residiu na Ásia e aparentemente o identifica com o ancião João. Ele escreveu numa carta ao Bispo de Roma que João, o que se inclinara no peito do Senhor, mais tarde se tornou sacerdote, sendo testemunha e mestre, e que foi sepultado em Êfeso.[31]

Georgíus Hamartolus (Jorge, o pecador) na verdade confirma que João residiu em Êfeso e diz ser este o autor dos livros do Novo Testamento que trazem o seu nome.

Não podemos confiar no testemunho de Filipe de Side. Parece, no entanto, que a tradição aventada por Irineu é correta e que se trata da mesma de Papias, quando a este compreendemos de modo apropriado. A suposta tradição de Papias referente a dois Joãos descansa sobre fundamento muitíssimo fraco, senão disparatado, se propriamente a isso se pode chamar de fundamento. Não é de admirar, portanto, que eruditos do quilate de Lightfoot, de Westcott e de Plummer tenham rejeitado a validade de tal tradição. Com esta escassez de evidência diante de nós, podemos

permitir que esse fantástico "João, o Presbítero" desapareça, e que o verdadeiro João, filho de Zebedeu, ocupe o lugar que parece pertencer-lhe de fato.

Outra questão que poderia ser apresentada como evidência externa contra João é a teoria de qxie ele morreu em data muito anterior. Os peritos em assuntos neotestamentários unanimemente reconhecem que o Apocalipse foi escrito durante o reinado de Domiciano, cerca do ano 95 ou 96 de nossa era. Se João morreu na sétima década do primeiro século, como argumentam alguns, ele estará automaticamente excluído. A evidência de um tal martírio prévio, porém, não se sustenta ante um exame mais profundo do assunto e está envolto em muita incerteza. Descansa ela principalmente num suposto testemunho de Papias.

31) Veja-se Busébio, em sua *Church History,* livro III p. 21.

O primeiro fragmento literário que dá corpo a esta posição foi descoberto na última parte do século XIX. Trata-se dum trecho de Georgius Hamartoius, obscuro monge do século IX. Eis o testemunho dele:

Então, depois de Domiciano, Nerva reinou um ano. Este, havendo chamado da Ilha a João, permitiu-lhe viver era *Êfeso. Sendo naqueles dias o único dos doze discípulos que ainda vivia, depois de haver escrito o seu Evangelho, foi honrado com o martírio. Papias, Bispo de Hierápolis, tendo pessoalmente andado com o mesmo, no segundo livro cios seus "Ditos do Senhor", afirma que ele foi morto pelos judeus, assim cumprindo-se claramente, com seu irmão, a profecia de Cristo a respeito deles quanto à confissão e operosidade deles a favor de Cristo. Quando o Senhor lhes perguntou — "Be-bercis do cálice que eu bebo?" e eles ardentemente responderam que sim, o Senhor lhes disse — "Bebereis do meu cálice, em o batismo em que sou batizado sereis também batizados." Assim teria que ser, pois impossível é que Deus minta. Assim também o mui erudito Orígenes, em seu "Comentário de Mateus", sustenta que João foi martirizado e afirma que ouviu isso dos sucessores dos apóstolos. E, na verdade, também o muito bem informado Eusébio, cm sua "História da Igreja", diz — "Tome recebeu como seu campo de atividade a Partia, e João a Ásia, onde também viveu, atingindo a culminância em Êfeso."*

Dana [32] chama a atenção para a evidente fraqueza deste testemunho. Hamartoius é confuso e contraditório em suas afirmativas. Primeiro, não entendia de História. Inicia a passagem em foco afirmando que João fora chamado por Nerva do seu exílio na ilha de Patmos e que, tendo escrito o seu Evangelho, foi martirizado. Tudo isto é muito possível, mas o testemunho não pára aí. Ele cita, como prova do martírio de João, o testemunho de Papias,que afirma ter sido João morto pelos judeus, ligando a morte deste à de Tiago, irmão de João. Tal ligação certamente coloca a sua morte a várias décadas antes do tempo de Nerva. E, para confundir ainda mais, Hamartoius acrescenta o testemunho de Eusébio, de que João viveu e morreu em Éfeso. Em poucas palavras, parece que o dito monge queria que -crêssemos nisto: primeiro, que João foi reconduzido da ilha de Patmos por intervenção de Nerva no último decênio do século primeiro; segundo, foi martirizado com seu irmão Tiago, antes da queda de Jerusalém (A.D. 70) por cerca do ano 44 A.D.; terceiro, viveu e morreu em Éfeso perto do fim do século. Essa posição é absurda. Hamartoius não viu que estava a sugerir uma contradição. O que ele queria dizer era que João morreu em Éfeso às mãos dos judeus após o início do reinado de Nerva. É assaz duvidoso visse ele que o suposto testemunho de Papias contradizia o seu ponto de vista. Em segundo lugar, Hamartoius interpretou mal o testemunho de Orígenes. Este havia dito:

Os filhos de Zebedeu certamente beberam do cálice e foram batizados em o dito batismo, porque Herodes matou a *espada a*

32) Este parágrafo é um apanhado de H. E. Dana, de sua *Ephesian Tradiüon,* pp. 156-158.

Tiago, o irmão de João, e o imperador dos romanos, como registra a tradição, baniu João para a ilha, de Patmos, pelo fato de sustentar a palavra da verdade com o seu testemunho. Este mesmo João nos conta no Apocalipse. . . as circunstâncias do seu martírio.

Está claro que Orígenes nada sabia do suposto testemunho de Papias acerca da morte anterior de João. A tendência de Ha-martolus para mal interpretar Orígenes nos leva a hesitar na aceitação do que ele afirma de Papias. Certamente não iremos desprezar o testemunho de Irineu, no que respeita à morte de João em Efeso em época posterior, para dar guarida a um testemunho como

esse de Hamartolus.
A segunda evidência documental que fala desse suposto testemunho de Papias descobriu-se mais ou menos na mesma época da descoberta do primeiro, mas, aparentemente, se trata dum testemunho muito mais velho. Acredita-se que tal fragmento faça parte dum resumo de uma *História do Cristianismo,* escrita por um certo Filipe de Side, do século quinto. Eis o dito texto:
Papias, Bispo de Bierápolis, sendo um dos que ouviram João, o divino, escreveu cinco tratados sobre "Os Ditos do Senhor", nos q~uk> dando uma lista dos apóstolos, depois de Pedro e João, Filipa, Tome e Mateus, incluiu na lista dos discípulos do Senhor a Aris-tion e um outro João, a quem ele chama de "o Ancião". Assim, alguns pensam que pertencem a este João as duas curtas e universais epístolas que são ■publicadas com o nome de João, baseados no fato de os antigos só aceitarem a primeira epístola. Alguns também falsamente lhe atribuem o Apocalipse. E Papias também erra acerca do milênio e, após ele, Irineu. No seu segundo livro, Papias diz que João> o divino, e Tiago, seu irmão, foram mortos pelos judeus. Este dito Papias conta por ter ouvido das fühas de Filipe que Barnabé, também chamado o Justo, desafiado por incrédulos, "bebeu uma dose de veneno em nome de Cristo, nada sofreu e saiu ileso dessa prova. Também ele conta outras maravilhas, especialmente aguela do *mãe de Menaim, que foi ressuscitada por Cristo os quais viveram até o tempo de Adriano.*
Danrf[33] analisa este fragmento, observando o quanto é fraco. Acha-se que um elemento de certa importância e fortaleza do fragmento está no fato de ser da autoria dum certo Filipe de Side, anterior ao século quinto. Mas isto é apenas probabilidade, dado ser obscura a origem de tal obra. E, mesmo que seja da autoria de Filipe de Side, este não é tido como autoridade em que se possa confiar. Robertson nos garante que ele "... foi um historiador sem cultura que escreveu cerca de mil volumes (sua história compreende 36 livros, cada um com numerosos volumes) que tratam de geometria, astronomia e geografia, tudo sob o título de *História,* e foi um escritor que não obedecia a nenhuma seqüência cronológica".[3j] É quase loucura deixar de lado Eusébio de Cesaréia, para se estribar em um Filipe de Side.
33) O parágrafo seguinte é um resumo do livro de Dana —■ *The Ephenian Tradition,* p. 161 em diante.
34) A.. T. Robertson *Epochs in the Life of the Apostie John* (New York, Fleming Revell, 1935), p/28.

Esta obra, tal como a de Hamartolus, é contraditória. Começa dizendo que João viveu até o tempo de Policarpo e de Pa-pias, e associa a morte de João à de Tiago, na suposição de as duas mortes se terem dado em ocasiões e circunstâncias contemporâneas. Ele baralha duas tendências da tradição: uma, que afirma que João morreu em Jerusalém ao mesmo tempo que Tiago, A.D. 44; e outra, que afirma que João morreu em Éfeso pelo fim do primeiro século, A.D. 98 a 100. Visto que as duas tradições se contradizem, qual delas aceitaremos? A razão nos impele a acreditar na que tem maior base tradicional, i.é., na que nos afirma que João viveu ainda muitos anos e morreu em Efeso. Esta é a nossa opinião, até que se confirme de modo cabal e positivo o suposto testemunho de Papias.
Esta evidência externa contra não é de todo convincente, quando comparada à evidência externa pró João como autor do Apocalipse. O testemunho do ponto de vista externo claramente está do lado de João, quando se analisa bem a data da tradição, o número de testemunhos e a qualidade desses testemunhos.
b. *A evidência interna contra João, o filho de Zebedeu* — Aparentemente um dos primeiros críticos a duvidar que tenha sido João o autor do Apocalipse foi Dionísio. As dúvidas dele baseiam-se no estudo interno do livro do Apocalipse, quando comparado com o Quarto Evangelho, que ele atribui a João. Antes de iniciar sua discussão do assunto, diz que antes dele alguns já haviam negado a autoria apostólica do Apocalipse, firmados sobre bases doutrinárias. Negaram tal autoria, diz ele, porque o interpretaram literalmente e encontraram nele o ensino dum reinado terrestre de Cristo, em cuja doutrina não criam. Houve um homem chamado Cerinto, um herege, que tinha um conceito materialista do reino. Esperava um reinado terreno de Cristo e, segundo Dionísio, "sendo amante das coisas materiais, e assaz sensual a respeito das coisas que desejava tão ardentemente, sonhava um dia alcançar a gratificação de seus apetites -sensuais, i.é., comer, beber, casar-se.. ."

[35] Por causa de suas idéias materialistas, alguns lhe atribuíram a autoria do livro. Dionísio demonstrou que aquele povo laborava em erro, interpretando assim literalmente o livro do Apocalipse, idéia esta que os levou a pensar que Cerinto fosse o escritor do livro. Sustentou que o livro é de muita dignidade e valor, e não pode ser desprezado. A seguir, ele apresenta suas próprias razões para negar que seja João, filho de Zebedeu, o autor do livro.[36] Eis as razões que ele apresenta:

*

a) O Evangelista (escritor do Quarto Evangelho) não antepõe o seu nome, nem o menciona em. lugar algum, tanto no Evangelho como em sua Epístola. Já o escritor do Apocalipse menciona o seu nome quatro vezes.

35) Citado por Euséblo, *Church Bistory,* p. 297.

36) Veja Eusébio, *Church Mstory* p. 297 em diante.

b) O escritor do Evangelho diz ser o discípulo especialmente querido de Jesus. O escritor do Apocalipse não reivindica isso.

c) Há outras duas Epístolas atribuídas a João, e ambas apresentam um autor anônimo — "o Ancião". Mas, na epístola contida no Apocalipse, o escritor abertamente declara: "João, às sete igrejas da Ásia, graça e paz seja convosco" (Apoc. 1:4).

d) A forma e a natureza da composição do livro do Apocalipse são mui diferentes das do Quarto Evangelho.

Baseado nessas objeções, Dionísio sugeriu uma diversidade de autores dos livros que a tradição considerava como Joaninos, admitindo, embora, que tudo pertence à esfera das hipóteses. Outros críticos, desde os dias de Dionísio, não admitiram tão prontamente pertencer tudo ao domínio das hipóteses.

As primeiras três objeções de Dionísio são facilmente respondidas. A quarta, porém, exige maior tratamento. O Quarto Evangelho era algo de caráter geral. De nada adiantaria uma especial declaração de autoria. Ao mesmo tempo não era costume, ao escrever este ou aquele Evangelho, dar o escritor a sua identidade. Uma comparação dos Evangelhos do Novo Testamento nos prova a veracidade desta afirmativa. Por isso, muitos são os críticos que negam a tradicional autoria de Mateus, como a de João; mas Marcos e Lucas, praticamente tidos como autênticos por todos os críticos, no que respeita a sua autoria tradicional, não dão a identidade de seus autores. Os falsos Evangelhos dos tempos posteriores do cristianismo (o Proto-evangelho de Tiago, o Evangelho de Pedro, o Evangelho de Tome, por exemplo) trazem os nomes dos supostos autores, mas isso não representa a verdade no período em que foram escritos os Evangelhos do Novo Testamento.

A Primeira Epístola de João não tem nada parecido com uma epístola. Ela apresenta alguns dos elementos pessoais duma epístola, mas ao mesmo tempo é mais um tratado doutrinário, que não precisaria ser autografado como uma epístola. Nalguns aspectos ela tem mais de um tratado doutrinário do que a Carta aos Hebreus,que é o maior exemplo neotestamentário desse tipo de escritos. A segunda e a terceira epístolas são de caráter pessoal. Constituem o extremo oposto à Primeira Carta de João. Esta não é tão pessoal assim para precisar ser autografada; as outras são tão pessoais que não precisam ser autografadas de melhor modo do que por um simples termo de afeição como "o Ancião", título adquirido após longos anos de serviço. A "Senhora eleita", da segunda epístola, e "Gaio", da terceira, não precisavam mais do que o termo "o Ancião" para reconhecer aquele que lhes escrevia assim de maneira tão pessoal.

Agora, tratando-se de um apocalipse, o caso era diferente. Uma coisa de muito valor para aqueles que iam receber o livro era saber que ele lhes vinha duma pessoa que trabalhara com eles por muito tempo e que agora com eles simpatizava em suas

perseguições. Isto seria muito mais efetivo do que uma carta de conforto, de origem desconhecida e sem informes definidos sobre se o escritor conhecia ou não as condições atuais dos leitores, para confortá-los devidamente. O Apocalipse precisava trazer o nome do seu autor para se tornar uma mensagem efetiva. Já os outros escritos de João não precisavam disso.

Na mor parte, a controvérsia relativa à autoria do Apocalipse gira em torno do estilo e da gramática do escritor. Aqui é que pega a principal objeção de Dionísio, e nisso ele seguiu uma longa lista de

críticos que comparam o livro ao Quarto Evangelho para provar ou negar que os dois foram escritos pelo mesmo autor.

Lendo-se o texto grego do Quarto Evangelho, vê-se que foi escrito num grego simples, com poucos desvios da linguagem literária do tempo. Lendo-se o Apocalipse, já a situação é outra. O grego aí usado é simples também, mas logo nos despertam a atenção suas numerosas construções mui pouco gramaticais e grandemente distintas das outras porções do Novo Testamento. Não podemos aqui descer aos pormenores. As que aparecem mais freqüentemente são: o esquecimento das regras comuns de concordância e dos casos, aparecendo o nominativo como objeto direto dum verbo, ou um acusativo como sujeito duma oração e a repetição do pronome pessoal depois do relativo — isto à maneira dos escritores hebreus. A leitura da polida linguagem do Quarto Evangelho juntamente com a das esdrúxulas construções do Apocalipse nos levaria a crer que não saíram da mesma mão. Mas isto não é necessariamente verdadeiro. Podemos admitir que a mesma pessoa escreveu os dois livros, se demonstrarmos que escreveu o Apocalipse vinte e cinco ou trinta anos antes de escrever o Evangelho e que nesse ínterim aprendeu melhor o grego. Este é o ponto de vista aceito por alguns que admitem que o Apocalipse foi escrito durante a perseguição de Nero e o Evangelho mais ou menos no ano 95 de nossa era. Mas esta posição é bastante insegura, quando observamos que a evidência favorece muito mais a idéia de que o Apocalipse foi escrito bem depois. Smith[37] tenta resolver o problema, achando que o Evangelho foi escrito no ano 78 e o Apocalipse no ano 96, pois nesta época já o vigor do escritor decaíra muito e ele voltara à linguagem de sua mocidade. Daí a presença dos enganos gramaticais. Isto não é muito satisfatório, especialmente quando consideramos que o Quarto Evangelho deve ter sido escrito ai por cerca do ano 95 ou 96, como também o Apocalipse.

A explicação mais plausível para a má gramática do Apocalipse está nas condições mentais e nas circunstâncias em que foi escrito o livro. Esta parece ser a melhor explicação: João escreveu o Evangelho estando em Éfeso. Aí, então, escreveu-o a

37) Smith *The American Commentary on the New Testament,* VH, parte III, U.

sangue frio, com deliberado intento, no desejo de mostrar que Jesus é o Cristo. Tinha ali muitos amigos que conheciam bem o grego e que podiam ajudá-lo nas suas dificuldades lingüísticas ou mesmo corrigir as cincadas e arranhões que desse no grego. Já na ilha de Patmos estava sozinho, quando escreveu o Apocalipse. Não havia lá ninguém para ajudá-lo ou que lhe corrigisse sua má gramática. Além disso, escreveu rodeado de circunstâncias bem diferentes, tanto físicas como espirituais. Estava longe do povo para quem pregara por cerca de vinte e cinco anos. Foi no "dia do Senhor" — o dia do culto cristão. João olhava através do mar que o separava dos seus "filhinhos" que experimentavam, naqueles dias, terríveis perseguições, e que precisavam dele. Tanto que queria confortá-los, mas não lhe era possível. Assim, cheio do Espírito e com o fundo desejo de ajudar sua gente, ouviu uma grande voz (como de trombeta) que falava atrás dele. Voltou-se para ver quem falava. E viu seu Senhor, que ele da última vez vira subindo para o Pai, do Monte das Oliveiras, ia já para sessenta anos. Era o mesmo Senhor, mas diferente. Estava agora gío-rificado e sublime. Com voz de grande autoridade (voz como de muitas águas), ele disse a João: "Não temas! Não sou um fantasma ! Eles me mataram, mas estou ainda vivo. Tenho as chaves da Morte e do Destino. Eu te darei uma mensagem, que enviarás às tuas igrejas — uma mensagem de conforto, de confiança e de vitória. Escreve o que vires e ouvires, e envia-o às perseguidas igrejas da Ásia." E a voz emudeceu, iniciou-se a visão, e João escreveu. No fervor da excitação do escrever, ele se esqueceu das particularidades dos casos gramaticais, dos pronomes relativos, e de como deveriam ser corretamente empregados. Escreveu do modo como falaria se estivesse naquelas igrejas, não tendo ninguém para interromper o progresso de sua mensagem a fim de corrigir qualquer erro gramatical. Não é de se crer que os cristãos, ao receberem essa mensagem, tomassem a liberdade de corrigir a sua gramática, estando João ausente. Eles reverenciavam a João muito e muito, e assim a mensagem foi passada de mão em mão, deixando-se que transmitisse mesmo a sua má gramática *úm-ã* intensa mensagem de conforto, segurança, e certeza de vitória para todos quantos lessem o livro. Esta explicação é a mais satisfatória que encontrei. Explica bem a sintaxe peculiar do livro, no caso de ter sido escrito pelo autor do Quarto Evangelho.

Há outras coisas que exigem, um estilo diferente no escrever--se o livro. E natural que aquelas

visões deslumbrantes, que passaram rápida e visivelmente diante dele, tomando-o num rapto, dessem ao estilo de João uma forma e colorido que não apareceriam se o escritor estivesse num estado de espírito mais calmo e descansado. Depois, havia ali um assunto novo, um assunto que diferia muitíssimo de qualquer outro do Novo Testamento. Até parece que temos diante de nós uma porção do Velho Testamento. Quando, pois encontramos no Apocalipse muitas palavras e ex-

pressões que nos fasem lembrar de João, não é estranho que achemos uma fraseologia nova, com não poucos hebraísmos originados do fato de muitas vezes as visões e imagens dos profetas hebreus se reproduzirem nas de João.

Na verdade, têm-se exagerado muito as diferenças entre o Evangelho e o Apocalipse. Mesmo os críticos mais radicais reconhecem haver certos sinais indiscutíveis de conexão entre os dois livros. Aparecem no texto de ambos vários termos gregos mui característicos. No Apocalipse vemos expressões próprias de João, como água da vida, vinho, pastor, vitória, luz, trevas e outras mais. Esta abundância de evidência interna oferece base a um testemunho tradicional mui forte no sentido de ser João o escritor dos dois livros. "Contudo, se tivermos que abandonar a teoria duma autoria comum, a balança da evidência tradicional aponta o Apóstolo como o autor do Apocalipse."[3S]

2. A Evidência Pró e Contra Outros Supostos Autores

A obra de Charles e doutros mais nos indicam que o Apocalipse não é de autor que usasse pseudônimo. Isto nos põe diante do fato de o livro ter sido escrito por alguém chamado João. Na verdade, João era nome muito comum naqueles dias. No entanto, o modo pelo qual o escritor se refere a sua pessoa revela que se tratava de um João muito conhecido nos arraiais cristãos na última década do século primeiro de nossa era. Como possíveis autores do Apocalipse surgem três Joãos: João, o filho de Zebedeu; João Marcos; e o ancião João, de Éfeso. Já discutimos o caso de João, o filho de Zebedeu. Resta pouca coisa a dizer dos outros dois.

1) Dionísio de Alexandria foi o primeiro a mencionar João Marcos, mas prontamente o pôs de lado, pelo fato de não ter vivido na Ásia. Alguns críticos como Hitzig, Weiss, Hausrath e Beza é que aventaram o nome dele. Seus argumentos pró João Marcos não colheram — porque não há evidência de haver ele trnbalhado na Ásia, e também por causa da radical diferença entre o Evangelho de Marcos c o Apocalipse — diferenças muito mais notáveis e impossíveis de se reconciliar do que as existentes entre o Quarto Evangelho e o Apocalipse.

2) Ainda, a crítica, com forte base, reconhece ser João Marcos o escritor do Segundo Evangelho, o de Marcos. João, o ancião ou o Presbítero, é nesta questão o verdadeiro rival de João, o filho de Zebedeu. Já vimos atrás que este nebuloso João deve ser completamente eliminado do quadro. Dificilmente se conceberá o fato de ter havido dois homens com o nome de João* que tenham sido discípulos de Jesus, que fossem morar em Sfeso após a destruição de Jerusalém e que se tornassem tão conspícuos per sua atividade cristã em Éfeso que os de sua geração já não podiam distinguir um do outro. Mas, se não eliminarmos o fato de haver

38) Dana, *New Testament Criticism,* p. 312.

mesmo existido esse João, o Ancião, criado pela manobra do testemunho de Papias, temos diante de nós dois grandes problemas a resolver. Primeiro: não sabemos que espécie de escrito o ancião João teria produzido, caso se tivesse abalançado a escrever. Toda a evidência que temos é de mudo silêncio; e este tipo de evidência por si mesmo jamais convencerá alguém. Segundo: sabemos que há muitas semelhanças entre o conteúdo deste livro e o que xojnhecemíis de João, o filho de Zebedeu.

/CoQcJuaãa^J a imparcialidade parece exigir que aceitemos João, filho deZebedeu, como o autor deste livro. Reconhece-se perfeitamente haver dificuldades na sustentação deste ponto de vista. Mas, após pesarmos todas as evidências, percebemos haver maiores dificuldades em rejeitá-lo do que em aceitá-lo. Assim sendo, aceitamos a posição tradicional como favoravelmente escudada pela evidência externa e pela interna, e damos o Apóstolo João como o autor do Apocalipse.

II. A DATA DO APOCALIPSE

Todos os críticos concordam que o Apocalipse foi escrito num período de dura perseguição desencadeada no primeiro século. A primitiva tradição achava que o livro foi escrito durante o rei-

nado e a perseguição de Domiciano. Outros muitos acham que foi por ocasião da perseguição de Nero. Outros ainda sugerem o reinado de Vespasiano. A opinião moderna acha que foi no período da perseguição de Domiciano, por motivos que apresentaremos mais tarde. Ê preciso analisar e discutir todos esses períodos para se determinar a época mais provável em que se escreveu o Apocalipse.

1. Na Época de Nero

Muitos críticos, em toda a história da crítica do Novo Testamento, sustentam que foi na época de Nero.

1)' As evidências desta data são de natureza interna. Alguns entendem que o capítudo 11 indica que o Templo de Jerusalém ainda estava de pé, e que, por isso, o livro foi escrito antes do ano 70 A.D.

O livro foi escrito durante uma perseguição, e é fato conhecido que Nero perseguiu os cristãos. Weigall[39] forja uma base a favor da data neroniana ou pouco depois, no reinado de Galba, pois acha que Nero é a pessoa aludida no livro como a besta que traz o número 666.

2) Há muitas objeções à data neroniana. Em primeiro lugar, não se pode com firmeza afirmar que o capítulo 11 indica que o Templo ainda estava de pé. O livro foi escrito com tantos termos simbólicos, que não podemos afirmar positivamente que o Templo

39) Artur Weigall, *Nero* (New York, G. P. Putnam'3 Sons, 1930), p. 3 em diante e p. 394 em diante.

ainda não fora destruído, notadamente quando é mais forte a evidência a favor duma data posterior. Muitas evidências nos proíbem afirmar que o livro foi escrito durante a perseguição neroniana. O Apocalipse informa claramente que os cristãos estavam sofrendo perseguição por haverem recusado cultuar o imperador. No tempo de Nero não houve tal imposição. Ele perseguiu os cristãos para tirar de seus ombros a acusação de haver mandado incendiar Roma, querendo com a perseguição insinuar que foram os cristãos os autores do dito incêndio. A suspeita popular era de que o próprio Nero fora o autor do incêndio>que destruiu grande parte da cidade; como culpados ele apontou os cristãos, que eram odiados pela ralé, e lhes infligiu as mais cruciantcs torturas. Grande número de cristãos foi caçado e esquadrinhado, por esse suposto crime, mas não há nenhuma notícia de ter sido desencadeada a perseguição por haverem eles se recusado a cultuar o imperador. A perseguição neroniana limitou-se à cidade de Roma, e nunca chegou a outras províncias do império. Nunca se ouviu falar, no período ne-roniano, em exílio como forma de castigo, pois isso seria muito fraco e muito brando para satisfazer à cidade paga.

As condições internas das igrejas também não favorecem uma data anterior. É fato que algumas daquelas igrejas tinham sido organizadas havia poucos anos, quando se deu a perseguição de Nero. E impossível que tivessem crescido e se desenvolvido tão rapidamente em tão pouco tempo. A base apresentada por Weigall, em defesa da data neroniana, ê insegura, por uma razão: a de não admitir o conceito tradicional dos historiadores a respeito de Nero. Ele tenta provar que, se os historiadores não houvessem admitido os preconceitos de cristãos incultos, Nero jamais seria olhado como um terrível tirano tal qual a História o pinta. Weigall passa por cima de pontos mui importantes, no afã de firmar sua opinião neste ponto. Também se revela exagerado, quando afirma que os peritos são todos unânimes em admitir que o número 666 é um criptograma (nome secreto) de "Neron Kaisar" (no grego) abreviado para "Nron Ksr" (no hebraico) que se reduz aos números 50, 200, 6, 50, 100, 60 e 200, que, somados, nos dão o número 666. Os peritos estão muito longe da unanimidade neste ponto. Até parece que defensores desta opinião constituem minoria.

Finalmente, como objeção à data neroniana, vemos que, não existindo nenhum testemunho certo na Igreja Primitiva a favor desta data, há muitos que indicam a data domiciânica. Examinaremos isto logo adiante.

2. No Reinado de Vespasiano

O reinado de Vespasiano (69-79) foi sugerido como sendo o tempo exato em que se escreveu o Apocalipse. Tal idéia, po-

rém, estriba-se numa única evidência, e assim mesmo de natureza interna. No cap. 17, versículos de 9 a 11, do Apocalipse, lemos: "Aqui hâ sentido que tem sabedoria. As sete cabeças são sete

montes sobre os quais a mulher está assentada; e são sete reis; cinco já caíram, e um existe, e outro ainda não é vindo; e, quando vier, deve durar um pouco de tempo. E a besta que era, e já não é, é também, o oitavo, e é dos sete; e vai à perdição."

Evidentemente aqui estão em cena os imperadores do Império Romano. Nosso maior problema agora é saber se devemos ou não tomar os números literalmente, e com que imperador devamos iniciar a contagem. Em geral os números do Apocalipse são simbólicos, mas aqui parece que deve ter significado literal para se ajustarem à interpretação dos símbolos usados pelo autor. No conceito popular, o primeiro imperador romano foi Júlio César; estritamente no que respeita à lei constitucional, o primeiro a dar ao império uma forma fixa de governo foi Augusto. A série de "reis" deveria legitimamente começar com um deles, e não com um imperador posterior. Aparentemente, João começa com Augusto e noa dá a seguinte seqüência: "Cinco já caíram" — são Augusto, Tibério, Calígula, Cláudio e Nero; "um ainda existe" — Vespasiano; "um que virá por pouco tempo" — Tito, que de fato governou só dois anos; "a besta que era, e já não é, é também o oitavo, e é dos sete" — é Domiciano, que é representado como uma reencarnação de Nero; dar-se-ia um recrudescimento de perseguições do mesmo tipo das de Nero, porém, muito mais intensas e de maior âmbito. Este plano omite Galba, Oto e Vitélio, mas estes estiveram no poder mui breve tempo cada um e nunca foram pelas províncias reconhecidos como imperadores. Assim, o que é descrito como reinante ("o que existe") era Vespasiano, A.D. 69-79. Depois dele, Tito governaria dois anos; depois de Tito, viria o dilúvio da perseguição — o Nero reencarnaào, por assim dizer, em Domiciano, com inteiro poder satânico para toda sorte de males aos cristãos e ao Estado. Isto parece fechar a questão e firmar a data em que se escreveu o livro dentro dos dias do reinado de Vespasiano. Mas todas as outras evidências são contra esta idéia. Vespasiano não perseguiu os cristãos e todo o vislumbre de evidência, externa ou interna, exclui a época de Vespasiano. O versículo 10 indica Vespasiano, mas o 11 indica um oitavo anônimo que era um dos sete já mencionados. São apresentadas, então, duas idéias. A primeira, a de que o escritor desses dois versículos, escrevendo no período de Domiciano, como que se coloca dentro da época de Vespasiano, representando a História sob a forma de profecia apocalíptica, para assim enganar os romanos quanto à época certa em que se escrevera o livro. A segunda, a de que o versículo 11 (Domiciano ressuscitando Nero e fazendo de novo o que Nero fez) representa uma adição posterior, incerta para atualizar a data. Devido ao fato já apresentado de que toda a evidência indica que o livro foi escrito no tempo de Domiciano, parece que a primeira das soluções é a

mais certa. Em cada uma das duas soluções o ponto firme, afinal, é a favor da época domiciana, e isto concorda com a evidência geral contida no restante do livro. [w]

Weigall[4l] começa com Augusto e avança com Tibério, Calí-gula, Cláudio e Nero, como sendo os cinco que caíram. Continua em sucessão direta com Galba como sendo "o que existe" e Oto como "o que ainda não veio". "O oitavo" acha ele que é Nero novamente, em face do mito do Nero redivivo. Observamos aqui dois enganos. Historicamente, Weigall se equivoca, porque as províncias romanas nunca reconheceram Galba como imperador. Equivoca-se ainda ao admitir a idéia de que João creu no mito do Nero ressuscitado. Ele não acreditou nisso. Ele adaptou o mito e o empregou para ilustrar o mal que Domiciano traria.

Tertuliano estava tão certo de que o livro fora escrito durante o reinado de Domiciano que ele começa com Domiciano como "aquele que é" e conta de lá para cá. Assim fazendo, ele comete vários erros históricos. Sua contagem toma Galba como o primeiro imperador romano — e isto é coisa imperdoável! Toma Trajano como a reencarnação do monstro Nero. Isto é crime contra a História, para se dizer o menos, visto que Trajano foi o melhor dos imperadores romanos, segundo a unânime tradição da antigüidade. A teoria de Tertuliano não tem valor, a não ser no ponto em que exprime a crença sobre o dia em que o livro foi escrito, ao tempo de Domiciano.

3. No Período Domiciano

A crítica do Novo Testamento dá como a data mais provável da confecção do Apocalipse o período domiciano. Essa é a data tradicional, quando examinamos o testemunho do passado até nos avizinharmos aos dias em que o livro foi escrito. Irineu (V. 30, 3) diz que o livro foi escrito no fim do reinado de Domiciano. Oxigenes acha que João o escreveu quando exilado em Patmos, sem dúvida, sustentando a tradição do exílio domiciânico, ainda que não nos dê o nome do imperador.

Vitorio diz que João escreveu o que viu enquanto esteve na ilha de Patmos por ordem de Domiciano. Hipólito, Clemente de Alexandria, Hegésipo e Jerô-nimo assim também pensaram. Isto nos mostra que a Igreja Primitiva acreditava que o livro foi escrito durante a perseguição de Domiciano.

A situação geral apresentada pelo livro está de acordo com a tradição antiga. As condições apresentadas pelas igrejas da Ãsia são a dum período consideravelmente posterior à morte de Nero. A vida interna delas passara por muitas mudanças desde o ministério de Paulo em Êfeso e mesmo desde a confecção das

40) A teoria aqui esboçada é defendida por Swete, Beckwith. Hengsten-bergr, pelo *American Commentary,* por Dana, Pletera, e pelo *Expositofs Greek Testament.*

41) Weigall, op. *cit.,* p. 395.

epístolas aos Efésios, aos Colossenses e as duas epístolas a Timóteo em Efeso. Em Efeso as coisas tinham piorado espiritualmente, e em Sardo e Laodiceia a fé estava morrendo ou já estava morta. O partido nicolaíta, do qual não se encontra nenhum traço certo nas epístolas paulinas, havia tomado vastas áreas e tinha fortes raízes. É certo que tais males podiam crescer rapi-damente, especialmente em comunidades constituídas de pagãos convertidos; mas não poderiam ter crescido tanto e tão rapidamente num período de apenas quatro ou cinco anos. Teriam que encontrar-se nessas condições para que o livro viesse a retratar suas verdadeiras condições e ser um fato ter sido escrito no período neroniano. A natureza das heresias descritas nos capítulos 2 e 3 pressupõe bom conhecimento do gnosticismo incipiente, o qual teria precisado, para desenvolver-se, um período posterior ao do ano 70 de nossa era.

A perseguição dos cristãos, claramente refletida no livro, indica somente o período domiciânico. Houve vários períodos de perseguições de toda sorte. Calígula (41 A.D.), "o imperador louco", perseguiu por motivo religioso; Cláudio (52 A.D.) expulsou os cristãos de Roma por causa dos atritos destes com os judeus; Nero (64-68 A.D.) desencadeou intensa perseguição em Roma pelos motivos que já vimos atrás; no tempo de Vespasiano houve poucas perseguições (69-79) ; Domiciano (81-96) é o único imperador que passou à História como o que banhou o império no sangue dos cristãos. Perseguiu com o fito de obrigar os cristãos a cultuar o imperador. Por estranho que nos pareça o fato de atribuir-se o caráter de divindade a um imperador, é verdade que os conceitos religiosos do antigo mundo gentílico em nada obstaculizavam essa apoteose. O politeísmo, com sua escala e série de gradações de deuses, facilitava muito o endeusamento das pessoas cujo ofício, poder ou realizações iam além do ordinário e tocavam as raias do sobrenatural. Júlio César aberta e sem-ce-rimoniosamente exigiu ser honrado como deus e colocou sua estátua nos templos, entre as dos deuses pagãos. Augusto proibiu a apresentação de honras divinas à sua pessoa em Roma, porém, não recusou o título de "augusto", até então dado somente aos deuses, e nas províncias admitiu templos que lhe foram dedicados juntamente com a deusa Roma. O culto assim estabelecido progrediu nos reinados seguintes, variando apenas um bocado na ênfase que se lhe dava conforme às exigências dos vários imperadores, tornando-se, porém, gradativamente, um fator essencial do sistema religioso imperial.

É no reinado de Domiciano que se avoluma a insistência sobre o culto ao imperador, tornando-se exigência ameaçadora e mais forte que dantes. Este imperador, devido a uma carreira infame, por ocasião de sua morte, deixou de receber as honras duma apoteose por parte do Senado, e se havia revelado mui solícito em receber honras divinas durante sua carreira. Para os seus subordinados tornou-se ele "deus et dominus" (deus e se-

nhor). Suetônio diz que Domiciano iniciava suas cartas com estes diferes: "Nosso Senhor e Deus ordena que seja feito desta ou daquela forma", e chegou a decretar que só se dirigissem a ele nesses termos, fosse verbalmente, fosse por escrito. Mandou erigir imagens de sua pessoa por todo o império, a fim de tornar mais popular o seu culto. Segundo Cássio, quando Nerva assumiu o governo, um de seus primeiros atos foi mandar derreter as inúmeras imagens de ouro e prata de Domiciano, fazendo melhor uso do material empregado. Segundo Plínio, Domiciano considerava qualquer negligência ou engano de seus gladiadores ou qualquer resistência a seus oficiais como ato de menoscabo a sua divindade. E Plínio prossegue dizendo que Domiciano se elevou acima de

todos os outros deuses e escolheu para suas estátuas os lugares mais sagrados do templo e mandou matar multidões de pessoas por se recusarem a cultuá-lo.
Vemos, pois, que há mui forte evidência de que, sob Domiciano, a cristandade teve que entrar numa luta de vida ou morte com o poder imperial que, mesmo quando mandavam imperadores mais discretos, sempre exigia mais do que os cristãos podiam ceder. Era, pois, inevitável essa colisão muitíssimo forte e grave. Muitas eram as modalidades de castigo. Uns eram martirizado3; outros, exilados; outros mais, torturados, para que admitissem a divindade do imperador; a outros confiscavam-lhes as propriedades e a muitos outros perseguiam com tais punições reunidas. Tudo isso se reflete de modo completo no Apocalipse. A mor parte desse castigo caiu sobre a Ásia Menor porque ali se firmara a principal fortaleza da cristandade depois do ano 70 de nossa era. Estando residindo lá a maioria dos cristãos do tempo, era natural que maior fosse lá a resistência ao culto do imperador, e, daí, as perseguições mais fortes desencadeadas na Ásia Menor. Isso tudo se reflete não só no livro do Apocalipse, mas também noutras obras sobre esse período. O Apocalipse é a palavra de coragem, dirigida por Deus aos cristãos que passavam por aquelas terríveis provações.
O mito do Nero redivivo é outra evidência a favor do período domiciânico. Tal mito, de que trataremos pormenorizadamente mais tarde, afirmava que Nero não morrera dos golpes que a si mesmo infligira, mas refugiara-se no Oriente, ganhando ás graças dos habitantes da Partia, e lá estivera organizando um exército para voltar a tomar posse de Roma. Tal mito levou vários anos para se desenvolver, e, por isso, não se adapta ao período neroniano. Deveria ser coisa popular, sim, no período de Domiciano, e então, como ilustração, foi empregado com sucesso por João no Apocalipse.
Claro está, pois, que, em tudo quanto se refere ao conflito entre o poder terreno e o Reino de Cristo, conseguimos um excelente ponto de partida na História quando admitimos que o Apocalipse foi escrito sob o remado de Domiciano, ao passo que isto não depende em nada de qualquer outra hipótese.' Assim, a morte

de Domiciano (96 A.D.) é o nosso "terminus ad quem" (ponto terminal) ; um "terminus a quo" (ponto inicial) nos é dado pela data de sua elevação ao trono (81). Mas o limite maior com grande probabilidade poderá ser levado para cerca de 94-96 A.D., visto que a ciumenta insistência sobre seus direitos às honras divinas e o encorajamento dos delatores (espias) a seu serviço pertencem aos derradeiros anos de seu reinado. Sentimo-nos bem, admitindo esta posição, porque temos para prová-la e sustentá-la, com muita base, a evidência interna e também a evidência externa.

m. Oü RECEPTORES DO APOCALIPSE

O texto do Apocalipse indica que o livro foi dirigido às "sete igrejas que estão na Ásia.. . de Efeso, de Esmirna, de Pérgamo, de Tiatira, de Sardo, de Filadélfia e de Laodicéia" (1:4,11). Isto nos dá a chave para identificar os receptores, mas não devemos supor que o livro se limite só a essas igrejas. O uso do número "7" — número que simboliza inteireza — indica que o livro era para todas as igrejas da Ásia Menor. Foram selecionadas essas sete por representarem todas as igrejas da Ásia Menor. As condições encontradas nessas igrejag encontram-se também nas outras. As sete serviriam de mensageiras para tornar conhecido o Apocalipse a todas as outras igrejas irmãs. Todas as sete igrejas estavam na grande estrada circular que ligava a parte mais populosa, mais rica e mais influente da província — a região central ocidental. Constituíam, assim, os melhores pontos do circuito, próprias para servir como centro de comunicação para sete distritos: Pérgamo, para o norte; Tiatira, para o distrito central do nordeste e este; Sardo, para o vasto vale mediano do Hermo; Filadélfia, para a Lídia setentrional; Laodicéia, para o vale do Lico; Efeso, para os vales e costas meridionais do Meander; e Esmirna, para as costas setentrionais da Jônia. Colocado nesses sete centros, o livro se espalharia pelas vizinhanças, e dali para o resto da província. O roteiro dantemão firmado faria circular o livro por todas as igrejas da província e mesmo por mais longe.
Falando, pois, de um modo geral, o livro do Apocalipse foi dirigido aos cristãos da Ásia Menor. Sua mensagem foi primeiramente para eles, conquanto seja universal. Essa mesma mensagem de vitória e de triunfo deve alegrar os cristãos de todos os séculos até que "os reinos deste mundo se tornem o reino de nosso Deus e do Seu Cristo".
As condições dos cristãos que primeiro receberam o Apocalipse eram bastante críticas. Por várias décadas, o cristianismo passara despercebido pelo governo romano. Era, então, tido como uma

parte da religião dos judeus, religião esta que Roma considerava legal. Quando se viu que o cristianismo não era um remendo novo no vestido velho do judaísmo, os cristãos se viram em grandes dificuldades para com o governo, bem como para com

os seus companheiros. Várias eram as razões [a] da animosidade contra os cristãos,

1) O cristianismo era considerado religião ilegal— *religio iüicita.* O governo romano tolerava as religiões das províncias conquistadas. Concedia ao povo conquistado o direito de colocar uma imagem do deus deles no Panteãxi dos Deuses, se o desejassem. Enquanto a religião não procurasse fazer prosélitos, era considerada legal. E a religião cristã mostrava-se essencialmente proselitista, pois seu escopo é tornar cristãos outros povos. Por essa razão era tida como ilegal.

2) O cristianismo aspirava tornar-se universal. Para os romanos, o Estado era o principal. Já, para os cristãos, a coisa principal era levar o Reino de Deus a todos os confins da terra. Não simpatizavam os cristãos com a idéia de que a religião devia ser promovida apenas como uma ajuda ao Estado. Assim, a posição por eles assumida fazia deles perigosos rivais dos grandes interesses do Estado.

3) O cristianismo era uma religião exclusivista. Seus fiéis recusavam terminantemente participar da vida social e dos costumes pagãos. Era-lhes necessário isolar-se da sociedade paga e mundanizada por causa das práticas idolatricas dos romanos. A recusa de freqüentar templos de ídolos, bem como o não terem tais deuses em suas casas fez com que o povo daquele tempo os tomasse como inimigos de seus deuses. De modo que facilmente se acreditava em tudo quanto de mau era dito dos cristãos.

4) Eram acusados de toda sorte de iniqüidades. Achavam que tinham cultos secretos à noite, e também se notava que estimavam muito uns aos outros. Os romanos reuniram estas duas coisas e concluíram que tais reuniões eram para práticas luxu-riosas e condenáveis. Quando ouviram dizer que os cristãos "comiam carne e bebiam sangue" (tratando-se da Ceia do Senhor), acusaram-nos de canibalismo, acreditando que comiam os corpos e bebiam o sangue dos que nasciam de suas orgias. A mor parte das perseguições que os cristãos sofreram provinham desse ódio e mal-entendido popular.

5) Os cristãos negavam-se a ir para a guerra.[i3] Segundo Tertuliano, havia para isto duas razões. Primeira, uma parte do voto e da iniciação dos soldados incluía o culto aos ídolos do Estado e o uso de insígnias idolatricas nos uniformes. Segundo, Cristo lhes tirara suas espadas e lhes recomendara meios pacíficos. Fosse, porém, qual fosse a razão, o vulgo os hostilizava e odiava, acusando-os de traidores. *

6) Os cristãos no geral provinham da classe pobre e dos párias. Isto levava muitos a rejeitar o cristianismo, por se julgarem pessoas mui "respeitáveis".

42) Estas razoes são condensadas de Allen, *op. cit.,* pp. 59-63, e da obra *A Manual of Church History*, de A. H. Newman (Phlladelphia, The American Baptist Publlcation Society, 1899), I, pp. 148-150.

43) *Ante-Nicene Church Fathers, TH,* p. 98 em diante

')■>

7) Os cristãos participavam com os judeus do desprezo que os romanos devotavam a estes; e, por não quererem transigir, eram tidos como piores que os judeus.

8) Os cristãos eram tidos na conta de indesejáveis fanáticos por causa do entusiasmo que tinham por sua religião. Arranhavam com isso as sensibilidades dos apáticos filósofos daqueles dias.

9) O cristianismo entrou em conflito com os interesses temporais de muitos romanos — sacerdotes, fabricantes de imagens e negociantes de animais destinados aos sacrifícios.

10) Os cristãos negavam-se a cultuar o imperador. Se transigissem nisso e cultuassem o imperador como o principal deus do império, certo seriam tolerados. Mas eles não podiam dizer que o *Knrioa Caeser* (o Deus César) era superior ao *Kurios Cristo* (o Deus Cristo). Assim, o quinhão deles era padecer perseguições e martírios. Domiciano tentou aniquilar de vez essa fé re-calcitrante e traidora. Assim, por causa de sua atitude para com os deuses romanos, culpavam os cristãos de todas as calamidades que sobreviessem ao império. Se não chovia, diziam que era porque os cristãos haviam ofendido as divindades. Se o Tibre extravasava, a culpa era ainda dos

cristãos. Assim, tudo se punha na conta dos cristãos — fome, terremotos, derrotas militares, ete.
O veredicto do governo imperial era de que aquele grupo se-dicioso de religiosos devia ser destruído para se poder salvaguardar a estabilidade e a integridade do império. Esta política governamental de exterminar o cristianismo já por si era ameaça suficiente a encher de desespero o coração das massacradas igrejas. Mas isto não era tudo. Enquanto esse perigo a ameaçava de fora, outro monstro pior surgia no seio delas, na forma de perniciosas heresias. A heresia do judaísmo, unida à do gnosticismo, e que se expressava praticamente pelo antinominnismo, vinha produzir confusão, provocar controvérsias e dissenções, destruindo o companheirismo e ameaçando mesmo destruir a solidez da cristandade. Para bem compreender e bem apreciar o livro do Apocalipse, devemos ter isto sempre na lembrança. Haverá, no futuro, alguma esperança, quando os cristãos se vêem exilados, martirizados, destituídos de todas as suas propriedades, só pelo fato de não renegarem a religião, e quando heresias internas ameaçam aplicar um golpe mortal na cristandade? O livro do Apocalipse é a resposta de Deus a esta pergunta.
As relações de João para com aqueles cristãos eram tais que o qualificam como o instrumento adequado para lhes transmitir essa revelação. Ele foi para Éfeso após a destruição de Jerusalém, no ano 70 A.D., ou pouco antes da rebelião judaica que teve lugar entre 65 e 70 de nossa era. Foi ele o principal cristão na Ãsia Menor naqueles vinte e cinco anos seguintes. Ele conhecia muito bem as condições daquelas igrejas. Grande número deles, sem dúvida, se converteu com o seu ministério. Alegraram-se juntamente com as confortadoras experiências que então se se-

guiram. Agora estavam compartilhando as aflições e tribulações que sobrevieram a todos aqueles cristãos. João estava no exílio quando recebeu a visão e quando escreveu o livro. Com sumo cuidado e grande estima pelas igrejas e com o coração em verdadeira agonia por causa das condições daquelas comunidades, estendia o seu olhar na direção em que se achavam localizadas, e certamente em seu espírito estava a fazer perguntas como estas: Que resultará disto tudo? Falhará a cristandade? Será que Deus perdeu o Seu poder? Por que, então, Ele não intervém? — quando o Cristo redivivo apareceu para "desvendar" para ele os acontecimentos futuros. "Num tal estado de espírito está-se preparado para apanhar bem o tom de soluçante simpatia e de triun-fante fé que pervade o livro todo." [44]

IV. AS CONDIÇÕES DO IMPÉRIO ROMANO[45]

Já que o Apocalipse trata do conflito do Estado Romano com a Igreja Cristã, bom é termos um conhecimento maior desse grande inimigo da Igreja. Durante a última parte do primeiro século de nossa era, o período em que foi escrito o Apocalipse, Roma estava quase no zênite de sua grandeza. Seus limites estendiam-se das Ilhas Britânicas até o deserto africano e do Oceano Atlântico até o Euf rates. O autor de Apocalipse 17:1 descreve Roma como uma prostituta assentada "sobre muitas águas"; tais águas, como se vê em 17:15, são identificadas como "povos, multidões, e nações, e línguas". De fato, Roma dominava muitos povos. Para a gente daquela época parecia que Roma era o mundo todo.
O Império vivia coeso, graças a seu exército muito grande e mui bem aparelhado e disciplinado. As longínquas fronteiras caracterizavam-se por suas guarnições de soldados experimentados e formados na disciplina da vida militar romana. Assim, por toda parte se temiam as legiões romanas, pois eram tidas como invencíveis. Graças a tais soldados tornara-se possível edificar e consolidar aquela cidade de riqueza e luxúria que era no tempo a capital do mundo.
Roma se fizera graças a duas coisas —• a conquista e o comércio. O vasto sistema de estradas principais possibilitara o mui notável comércio do tempo. Temos disso uma amostra em Apocalipse 18:11-14,que menciona mais de trinta diferentes artigos de comércio, quando os mercadores da terra choram e lamentam a destruição da cidade. Tais artigos representam comércio com a Espanha, o Mar Vermelho, Tiro, o norte da África, a África central, a índia, a Ásia Oriental, a Arábia, o Egito, a Gá-

44) Dana, *Epistles and Apocalipse of John,* p. 94.
45) Esta parte pertence em sua mor parte a Alken, op. *cit,* pp. 21-53, a E. G. Hardy —• *Christianity and the Roman Government* (MacmUlan Co., 1925), pp. 68-77, e W. M. Ramsay — *The Church in the Roman Empire* (G. P. Putnarr/s Sons 1912),pp. 274-290.

lia e as terras do Danúbio. Grande porção desse comércio consistia de artigos de luxúria ou de escravos, de coisas que só os ricos podiam comprar. Que quadro se nos oferece aqui da enorme riqueza da cidade de Roma! Os palácios dos ricos deslumbravam por sua beleza e suntuosidade. Os homens rivalizavam uns com os outros por suas extravagâncias. Caligula, só num banquete, gastou 25 milhões de cruzeiros! Um patriota realizou um jantar em homenagem a Nero e nele gastou, só em rosas, 8 milhões! O salão dos banquetes oficiais do famoso Palácio de Ouro de Nero tinha a forma de círculo e girava dia e noite, imitando o movimento dos astros. Escravos havia por toda parte para atender seus senhores e exibir as riquezas destes. Muitos desses escravos eram muito mais preparados e educados que seus senhores.

As mulheres não deviam ser sobrepujadas pelos homens. As elegantes romanas tinham diferentes escravas para aplicar cada colorido nas faces, nos lábios ou nos supercílios. Usavam jóias tão caras que Sêneca — preceptor e amigo de Nero — cinicamente disse que algumas daquelas ricaças traziam suspensas em suas orelhas duas ou três províncias! A mulher de Caligula usava um conjunto de esmeraldas avaliadas em cento e vinte milhões de cruzeiros.

Em contraste com aquela riqueza e loucas extravagâncias, notava-se por toda parte uma pobreza extrema. Não havia emprego, pois que os escravos faziam tudo. Assim, os pobres necessitados e desocupados enxameavam a capital para alimentar-se através do enorme sistema de óbulos e para se divertirem com as inúmeras atrações da vida citadina.

Esse estado de coisas desembocava na imoralidade. Não há tintas, por mais carregadas que sejam, que nos dêem uma descrição exata das condições morais da vida no império. Os mestres da época contradiziam-se: ensinavam pureza de vida, mas tinham vida imoral. Sêneca pregava o desprezo das coisas materiais, e, no entanto, em poucos anos acumulou mais de 750 milhões de cruzeiros! Pregava a pureza de vida, mas foi abertamente acusado de adultério, e, pior, não procurou negar isso. Os discípulos eram em tudo semelhantes aos mestres. A depravação da época está perfeitamente descrita no primeiro capítulo da Carta aos Romanos, coisa que não desejamos ler em público. Conforme seu próprio testemunho, os romanos jogaram fora tudo quanto era bom e honrado. Os crimes se multiplicavam; o vício já nem buscava ocultar-se; a luxúria e a iniqüidade campeavam por toda parte em monstruosas competições. O matrimônio tornara-se mera transação comercial, facilmente contraído e mais facilmente dissolvido. Sêneca afirma que havia, então, mulheres que contavam seus anos não já pelo número de cônsules, mas pelo número de seus maridos. Dava-se tão pouca importância ao casamento que se chegou a votar leis contra o celibato. Os filhos eram considerados como carga indesejável, e os escravos é que cuidavam deles, ou então eram vendidos também como escravos. É fato que a

cristandade não podia ver com bons olhos tais condições, e esse estado de coisas eles aborreciam e condenavam. Viam agora sua religião quase que esmagada pelo horrendo sistema romano e temiam o que estava por vir. Assim sendo, o Apocalipse era livro de que precisavam muitíssimo para lhes dar a certeza da vitória do bem.

Roma. não era apenas o centro do governo e da riqueza. Era também ali que estava estabelecido o quartel-general aa religião. A religião dominante era uma mistura de temor, superstição e cerimonialismo. A maioria do povo cria na existência dos deuses, mas, quando estes não os ajudavam, recebiam o seu desprezo. O formalismo e o cerimonialismo ocupavam grande parte de sua religião. Por muitos anos, o colapso da religião deles praticamente os havia levado a romper com as velhas religiões. Assim sendo, o cristianismo vinha encontrar um terreno fértil e passou a obter grandes colheitas da sementeira feita. Mas nos bastidores da lei romana permanecia o fato de considerar-se divino o imperador. Alguns imperadores tiraram partido disso; outros não. No período imperial que mais nos interessa, esta velha idéia estava ganhando notável ênfase. Dorniciano se comprazia em ser tomado como divino e em receber o culto do povo. Para os cristãos isso era idolatria crassa e clara negação da fé em Cristo. Os romanos,por sua vez,achavam que quem se recusasse a. cultuar o imperador era desleal para com o Estado e praticava crime de traição. Exigia-se dos cristãos que cultuassem o imperador, a fim de pôr à prova a sua fidelidade para com o Estado. A princípio exigiu-se dos cristãos a prática das cerimônias do culto e do serviço imperial — atirar uma pitada de incenso ao altar. Negar-se a isto era deslealdade, e realizá-lo era prova de que o ofertante não era cristão. Muitos cristãos não viam nessa insignificante prática nenhuma desconsideração à fé cristã, e, então, faziam isso para escapar ao castigo. Outros cristãos daí

passaram a ostracizar seus irmãos que se submetiam à tal prática, achando que estavam negando a Cristo. Avolujnarido-se a exigência do culto ao imperador, os cristãos como um só corpo foram colocados fora da lei. Publicaram-se, então, instruções pormenorizadas para fazer que todos respeitassem a religião do Estado e para punir os cristãos.

Em cada cidade havia um certo corpo de oficiais, conhecido pelo nome de "praefectus urbi", cuja função era prestigiar e impor o dito culto. Tinham igualmente o direito de castigar os rebeldes das várias cidades duma mesma província. O grupo investido de maior autoridade tinha o nome de*"concília", e era composto de deputados de várias cidades ou divisões duma província. O dever deles era construir imagens do imperador, altares para o dito culto, e por todos os meios fazer cumprir a religião do Estado e torná-la vitoriosa. Forçavam o povo a cultuar o imperador, tomavam nota de todos quantos se submetiam e puniam de várias formas todos que se recusavam. Assim, muitos

cristãos fiéis foram decapitados, outros exilados e ainda outros perdiam todas as suas propriedades, pois, o Estado as confiscava, e então ficavam reduzidos à pobreza.[46] Tudo isto talvez esteja contido em Apocalipse 13:5. O propósito ou alvo do Apocalipse está por detrás de tudo quanto aqui foi dito com relação aos cristãos, às suas condições e às suas necessidades. Ele foi escrito para mostrar que aquele grande poderio de Roma estava destinado à destruição e que, no final, o Reino de Deus triunfaria e Cristo reinaria soberano e supremo. Foi escrito também para despertar os cristãos no sentido de a todo custo se conservarem fiéis à Fé Cristã, ainda que isso os levasse ao martírio.

Esta mensagem do Apocalipse tem hoje importância e relevo especiais. Ela nos convida a escolher o eterno, em vez do temporal; a resistir à tentação, a não nos comprometermos com o seeularismo pagão, a colocar os reclamos da consciência acima de todas as gratificações do século; a acalentar no fundo de nosso coração a confiança e a certeza da vitória final do Reino de Deus, não só no reinado de Domiciano, mas também em qualquer outro período caótico da História da Humanidade, inclusive neste nosso conturbado século XX.

46) Hardy, *op. cit.,* p. 73.

n PARTE

INTERPRETAÇÃO

©

'*'"'•'

V-

C

/

/

1 '

.1

i

u..

2) II. ^.

3) Ver a p. 41.

***.**

Introdução

O Apocalipse é uma série de imagens apocalípticas concedidas a João pelo Espírito Santo com o fito de apresentar Cristo como eternamente vitorioso sobre todas as condições temporais, e assim encorajar os cristãos do tempo de João e de todos os tempos até o retorno de nosso Senhor. S uma mensagem de aviso à Igreja para que guarde sua pureza e não se misture com o mundo. É, ainda, uma mensagem de aviso aos inimigos da Igreja, afiançando-lhes que a Igreja, pelo poder de Cristo, finalmente sairá vitoriosa, e que todos quantos a combatem afinal se verão derrotados pela justiça do Divino Poder. O livro é uma mensagem de conforto para todos quantos estão em tristeza, anunciando libertação da aflição e da dor no tempo por Deus determinado. E uma mensagem de esperança para os desencorajados, convi-dando-os a erguer suas cabeças e corações, visto que

Deus não abdicou seu trono em favor de nenhuma outra pessoa ou Poder. Ejmi livro que.jàe modo especialse adapta a qualquer.,épjajia.jde grande turbação e perplexidade.
A estrutura do livro propicia um estudo mais que interessante. O modo pelo qual o encaramos determina o tratamento ou estudo dessa sua estrutura. Alguns intérpretes dividem-no em duas parte gerais — do capítulo 1 ao 11 e do capítulo 12 ao 22. Alguns acham que os capítulos de 12 a *22* constituem um segundo livro e apresentam a mensagem do "livro pequeno" de que fala 10:1-11. Sua mensagem é aquela que se diz que João anuncia a outros povos, nações, línguas e reis. Se se deve ou não dividir o livro nesse ponto é coisa discutível. Na verdade, aparece aí clara uma mudança no tempo, ou ritmo da obra. A ação torna-se muito mais rápida desde o início do capítulo 12, crescendo de intensidade, até atingir, nos capítulos finais, o clímax da vitória.

Outros intérpretes acham que se deve dividir o livro em sete partes, excluindo-se o prefácio e a conclusão. Acham que o número completo, "7", se faz notar até na estrutura do livro. Por exemplo, Moulton * apresenta um estudo em sete partes — o Trono, os Selos, as Trombetas, o Triunfo, as Taças, a Palavra de Deus e a Nova Jerusalém, com prólogo e epílogo. Semelhantemente, Dana[2] apresenta, com prólogo e epílogo, sete episódios referentes aos símbolos que sugerem Majestade, Julgamento, Aviso, Conflito, Retribuição, Consumação e Destino. Depois divide cada um dos seis primeiros episódios em sete partes e divide o último episódio em duas partes — os maus e os remidos.
Desde o início do livro, a ação é toda ocupada por Cristo, que é apresentado como o Cordeiro que foi morto,mas que ainda vive. Por esta razão, dividimos assim esta presente obra, a fim de apresentar este Cristo como o vulto central. É pelo Cordeiro *redentor* que o povo de Deus alcança a vitória. Sim, "DIGNO Ê O CORDEIRO".
Prefácio — Cap. 1:1-8
As palavras que abrem o livro afirmam que ele é "a revelação de Jesus Cristo". O pensamento do escritor é o de que esta é uma revelação que pertence a Cristo e que por ele é revelada aos leitores. Ele é o Revelador e também o Revelado, no livro do Apocalipse. No livro, ele é desvendado e descoberto aos olhos humanos. João, então, não encara o livro como uma "revelação de João", como em geral as nossas traduções comuns dão a entender. Nos outros apocalípticos dos judeus atribui-se a revelação a algum vulto importante de Israel — a Abraão, Esdras, Moisés, Enoque, Baruque e outros mais. João diz que esta revelação pertence diretamente a Cristo, que a revela.
João é apenas o escriba. A mensagem é essa do Senhor *ressuscitado*$_f$ e João quer que ela seja claramente entendida pelas igrejas. Somente essa compreensão poderá ajudá-los a receber a mensagem de esperança e conforto que o livro contém para eles. Esta é uma mensagem que Deus deu a Cristo, para que a revelasse a seus servos.
Tal revelação é o desvendamento das "coisas que devem acontecer muito em breve". A natureza do Reino de Deus é tal que jamais conhecerá o que é derrota. Quando João esteve em Pat-mos, parecia que tal Reino estava a pique de ser destruído, caso Deus não interviesse imediatamente. Esta é uma mensagem que afirma que Deus vem vindo para redimir o seu povo. Discutimos já a construção grega quando tratamos, páginas atrás, do método futurista [3] de interpretação do Apocalipse. Basta aqui ago-
1) R. G. Moulton, *The Modem Reade^s Bíble* (N. York, The Macmlllan Co., 1920), pp. 378-388.
' 2) H. E. 3>aiia, *The Epistles and Apocalipse* o/ *John,* pp. 95-98. 3) Ver a p. 41.

ra apenas uma rememoração do assunto. O verbo aqui traduzido para "é necessário" ou "devem" é impessoal e, assim, denota que está implícita uma necessidade moral. A natureza do caso é tal que as coisas reveladas aqui *devem* acontecer dentro de pouco tempo. O tempo aoristo do infinitivo "vir a acontecer" reforça a verdade de que é necessária uma ação imediata. A frase traduzida por "brevemente" significa justamente ÍBSO — em breve, logo, depressa. Dois ou três mil anos já seria muito tarde. As coisas aqui reveladas devem sobrevir dentro em breve, ou a causa estará perdida — Domiciano acabará exterminando completamente o cristianismo. Qualquer tentativa para nos levar a entender outra coisa que não uma plena "certeza" será desconhecer a angustiosa situação das referidas igrejas. Elas, mais do que nunca, estavam precisando de certeza de ajuda num

presente imediato — não para dali a um milênio, num futuro incerto e distante. —
A revelação foi "significada" ou "notificada" por Cristo pelo seu anjo ao seu servo João. A palavra traduzida por "significada" quer dizer *mostrar por sinais.* Assim se nos apresenta a natureza do livro. É uma. revelação (desvendamento) da mensagem de Deus por meio de sinais (símbolos). Devemos sempre nos lembrar disto, se de fato queremos conhecer a verdade contida no livro. Sua mensagem nos vem_nãlajDeha_iSÍ§£pr-^{e}-tasãq literal de suas palavras, e, sim, pela (interpretação dos simboiosT) E um livro de desenhos divinos.
O agente ou instrumento humano pelo qual se deu este livro às igrejas é João. Ele se identificará mais adiante, no versículo 9, como um contemporâneo de seus leitores. No presente, ou per ora, ele se identifica como o João que previamente já dera testemunho da palavra de Deus. Este é um conceito tipicamente Joa-nino do Cristo encarnado (João 1:1-18),
São prometidas bênçãos àqueles que receberem corretamente esta mensagem. A palavra "bem-aventurado" é termo que denota a felicidade duma pessoa por estar nisso envolvida a sua vida espiritual interior. É palavra que faz paralelo com aquela empregada no Salmo Primeiro, quando se descreve o homem justo. É a mesma palavra usada por Jesus nas Beatitudes de Mateus 5. Esta é a primeira duma série de beatitudes do Apocalipse:
1:3 — "Bem-aventurado é o que lê e os que ouvem."
14:13 — "Bem-aventurados os mortos»que morrem no Senhor."
16:15 — "Bem-aventurado o que vigia e guarda os seus vestidos."
19:9 — "Bem-aventurados aqueles que são convidados para a ceia das bodas do Cordeiro."
20:6 — "Bem-aventurado e santo aquele que tem parte na primeira ressurreição."

22:7 — "Bem-aventurado o que guarda as palavras da profecia deste livro."
22:14 — "Bem-aventurados os que lavam as suas vestidu-ras."
Estas maravilhosas beatitudes começam com o recebimento da revelação de Cristo e terminam com o lavamento das vestidu-ras e a entrada na Cidade Santa. A idéia de qualidade está presente em todas elas. Na primeira se faz referência ao modo de tornar conhecida a revelação às igrejas por meio duma leitura pública. Prometem-se bênçãos ao leitor, aos que ouvirem com entendimento (esta é a significação da construção gramatical) e àqueles que guardarem as palavras escritas no livro. João tinha diante de seus olhos as igrejas da Ásia. Não há dúvida nenhuma de que o livro foi, primeiro que tudo, endereçado aos cristãos do final do século primeiro de nossa era.
A última afirmativa do versículo terceiro — "porque o tempo está próximo" — é uma reafirmação da verdade de que a mensagem é um desvendamento dos acontecimentos que dentro em breve se desenrolariam. Isto não quer dizer que cada porme-nor do livro seja cumprido imediatamente. A João não foi revelado o espaço de tempo que decorrerá entre o início da libertação dos cristãos e a consumação final; e nem ele, e nem os outros cristãos precisavam saber isso. Estavam precisados, sim, da certeza duma libertação imediata e duma vitória final e completa. E foi justamente isto que se lhes deu.
A saudação do versículo 4 é típico das epístolas daqueles dias. O escritor se identifica e se dirige às sete igrejas da Ásia. Já vimos atrás as razões por que assim agiu. * Agora, tendo diante de si um auditório de cristãos amargurados, envia-lhes votos de graça e paz da parte de Deus. Tais palavras — "graça e paz" — são palavras mui usadas em saudações. Aparecem em muitas das epístolas do Novo Testamento. E aparecem nessa ordem, porque gó poflejhaver paz no coração hjmaano__depois deagraga haver realizado a sua obra. A graça é a operação 31TT5èús7~re-a*ênfõrirê não merecida,"no coração humano; e a paz é o resultado e a condição permanente que se estabelecem após a operação da graça. A graça e a paz aqui são desejadas como provindo "daquele que é, e que era, e que há de vir". Este é um conceito de Deus tipicamente judaico. E boa reprodução da palavra empregada no lugar de Jeová — "O que vive eternamente." Inciden-talmente o uso do nominativo *?* depois da preposição *ànó* nos fornece uma amostra inicial na desusada construção grega que encontramos no livro do Apocalipse. Ordinariamente esperamos encontrar o ablativo *TOV* depois desta preposição. Também se descreve este desejo de graça e paz como vindo da parte dos "sete espíritos" que se acham diante do trono de Deus. Este é um
4) Ver p. 94.

modo apocalíptico peculiar de referir-se ao Espírito Santo, dado que sete é o número da perfeição. Assim, não se deixa de fora a Terceira Pessoa da Trindade. O desejo é também estendido da parte de "Jesus Cristo, a fiel testemunha, o primogênito dos mortos e o príncipe dos reis da terra". Interessante é notar-se, em contraste com o fundo do culto ao imperador, a declaração de ser Jesus o príncipe ou o soberano dos reis da terra. Os reis e os imperadores temporais reivindicam o poder e a autoridade de Deus; aqui está agora Um igual a Deus, Um que é soberano até mesmo dos reis. Eterna glória e domínio são atribuídos "Àquele que nos ama". A prova do Seu amor continuado (está no tempo presente — "Aquele que nos *ama")* está no fato de haver ele nos libertado (está no aoristo) de nossos pecados pelo seu sangue. Isto nada mais é que uma referência à morte viçaria de Cristo na cruz — a manifestação histórica do amor eterno e do caráter redentor de Deus. Com isto está a certeza da soberania eterna de Cristo, que em nada se compara com a efêmera soberania temporal de um Domiciano, que tudo estava fazendo para destruir o cristianismo.

Representa-se Cristo voltando assim como tinha ido (v. 7). "Ele vem com as nuvens" aponta para a esperança cristã do cumprimento do que o anjo prometera em Atos 1:11. "E todo olho O verá" — isto nos assegura que a vinda de Jesus será assunto que se demonstra por si e que todo o mundo reconhecerá isso e o que isto significa. Até mesmo os responsáveis pela morte dEle reconhecerão a grande e grave importância do Seu retorno. Esta ligação das três pessoas da Trindade com a assertiva do versículo 8, acerca de Deus e do Seu poder, serve para imprimir a mais forte autoridade divina à mensagem que João vai entregar aos cristãos. Trata-se duma mensagem que vem do Deus Eterno e Onipotente.

I

CAPITULO IV

O CORDEIRO

(Apocalipse 1:9-20)

O parágrafo que começa com o versículo 9 e vai até o versículo 20 é uma apresentação do Cristo — o Cordeiro *redentor* — que ocupa a ação deste livro. Talvez nada poderia ter servido melhor para despertar as esperanças dos amargurados cristãos do que esta visão do Cristo exaltado e triunf ante. Serviu igualmente para João.

João estava na ilha de Patmos, exilado por causa de sua fidelidade à Palavra de Deus e por causa do seu testemunho acerca de Jesus Cristo. Isto significa que era ele um sentenciado do império pelo fato de desobedecer às exigências do culto ao imperador. A tradição cristã primitiva confirma isto. Assim, participava ele com os cristãos asiáticos da tribulaçao que lhes sobreviera, e participava do Reino de Deus, e ainda da paciência que vem da parte de Jesus Cristo. Estas três coisas são aí referidas como realidades presentes na vida de João e de seus leitores — e não como algo que experimentariam mais tarde.

João estava "no Espírito". Isto, sem dúvida, se refere à natureza daquela sua experiência. Via-se rodeado de grande turba-ção e tribulaçao, mas ainda conservava sua comunhão com o Espírito de Deus e percebia o Seu poder e direção. A palavra aqui usada para tribulaçao é um termo que lembra o triturar do trigo no moinho ou o esmagar das uvas no lagar. De início, parece tratar-se da pressão exterior que esmaga e arruina, mas o resultado é a farinha e o vinho. Assim se dava com João e seus amigos: a perseguição parecia esmagadora e destruidora, mas, na realidade, era a preparação deles para um serviço mais efetivo. Na experiência cristã de cada dia, quão a miúdo o povo de Deus tem encontrado dificuldades e sofrimentos quando isto se dá! Esta é uma das mais lindas verdades do Novo Testamento.

Esta experiência de João foi em "o dia do Senhor" — o dia de culto para o povo cristão, c(dominfoT;. Assim, no dia do culto, quando o coração de João sentia saudãcíes daqueles cristãos que dele tinham recebido, por muitos anos, conforto e direção espiritual, e enquanto meditava nas terríveis circunstâncias que rodeavam a ele e a seus irmãos e no que resultaria daquilo tudo, eis que ouviu uma voz que, em resumo, como que lhe dizia: "Não podes Lotar junto do teu povo, mas podes mandar a eles um;[1]. mensagem; sim, uma mensagem que Eu te darei."

João descreve a voz como a duma grande trombeta. Assim, a nota de triunfo se fez ouvir mesmo

antes de João descobrir quem lhe falava. Voltou-se para ver quem era, e eis ali junto dele o Cristo vivo, a Quem fazia mais de sessenta anos que não via, pois da última vez O vira no Monte das Oliveiras, antes de subir para o Pai que O enviara! O Senhor aparecera noutras épocas difíceis da vida de João. Aparecera no cenáculo na tarde da ressurreição. Quando os discípulos regressavam duma noite de pesca — derrotados, de mãos vazias e de ânimo quebrado — Jesus aparecera na praia com peixe assado e pão, para lhes mostrar que ainda podia acudir Seus seguidores como o fizera nos dias de Sua carne, multiplicando peixe e pão para as suas necessidades. Agora, de novo, quando João lutava com aquele trágico desânimo, Jesus aparece com uma mensagem de esperança. Diferente é agora o seu aspecto.

Ouvindo aquela voz como de trombeta, João se voltou para contemplar o Cristo sublime e triunfante. Achava-se vestido de uma roupagem comprida até os pés e cingido com um cinto de ouro — ve§Le^jle_sjuçerAole_aj3^.r«. OsíÇaBêTEs dEle eram "brancos como a alva lã. .. brancos como a neve" — símbolo de Sua sâaüdajâa. Os CfiSoii) penetrantes como "chama de f ogo" — símbolo de acurada visão, o que significa^janisciência. Ost^pésj[1] como "latão reluzente" — símbolo de fortaleza; o latão nos dias de, João era conhecido como o mais resistente dos metais. A %>z, dEle era "a voz de muitas águas" — símbolo de Sua_iuitojMad_e sobre povos_e_nações (compare-se o uso disto noutras partes do livro). OC^ostõ!)dEle tinha o brilho "do sol, quando resplandece em toda a sua força", i.é., ao meio-dia — símbolo de sua majesj-tade. Em sua forte destra, tinha "sete estrelas" — símbolo da sorte das igrejas entregue a seus pastores. De sua(*boca> "saía uma aguda espada de dois fios" — símbolo de julgamento esmerado e penetrante dos feitos dos homens. [x] Ele estava~3ê pé no meio de "sete castiçais de ouro" — que simbolizam as igrejas. [2]

É certo que não vamos pensar seja esta a aparência literal de Cristo hoje em dia, pois que seria isso um aspecto mui grotesco. É p«ila significação do simbolismo que percebemos o intei-

1) Alguns interpretam isto como significando a habilidade dele na proteção dos seus.

2) Este simbolismo é uma condensação do pensamento de Beckwith, Dana, Heng-stenberg, Richardson, Smith e muitos outros in Zoco.

ro significado da visão e a gloriosa certeza outorgada a João e aos seus companheiros de sofrimento. Eis o significado da visão: O Cristo redivivo, santo, majestoso, onisciente, cheio de autoridade, e poderoso, está de pé no meio das igrejas, tem a sorte delas em sua mão e diz: "Não temais! Eu morri, mas vivo para sempre. E, mais do que.isto, tenho em minhas mãos as chaves da morte e do túmulo. Não deveis temer de ir para o lugar do qual Eu tenho a chave. Podereis ser perseguidos até a morte, mas eu sou ainda o vosso Rei." A construção gramatical proíbe a continuação duma ação já em progresso. Eles estavam atemorizados já a ponto de desesperar. Diz-se-lhes, então, que parem com aqueles temores. E, a seguir, se lhes apresenta a razão: Cristo está vivo, e está na direção de tudo quanto acontece.

Este Cristo glorificado e triunfante domina a movimentação de todo o livro do Apocalipse. Poderá haver dúvidas no pensamento de alguns dos pretensos "mestres da profecia" de nossos dias a respeito do resultado da luta do mal contra o bem. Nunca, porém, houve a menor dúvida no pensamento dAquele que concedeu a João esta revelação. Cristo — O Cordeiro Redentor — é o vitorioso em todos os sentidos deste termo. Esta verdade é o cabeçalho da história da luta, e nós sabemos qual será o resultado, ainda quando haja períodos em que nos pareça que as forças do mal sobrepujam as do bem.

!

I • I

I

CAPITULO V

O CORDEIRO E AS IGREJAS

(Apocalipse 2:1 a 3:22)

Este estudo é feito admitindo-se que existiam de fato as sete igrejas da Ásia Menor. Baseia-se no princípio já anunciado de que o livro deve ser interpretado de modo inteligível e proveitoso para os cristãos que primeiro receberam a sua mensagem. Por isso, deixamos de lado a idéia mui difundida de que as sete igrejas representam sete estágios do desenvolvimento da apostasia da igreja. Tal idéia de nada adiantará ao propósito do livro e entra em conflito direto com o ensino de Jesus. Aceitando o ponto de vista de que realmente aqui se trata de sete igrejas, de modo algum

inculcamos que essas sete fossem as únicas igrejas estabelecidas na Ásia Menor daqueles tempos. Havia, certamente, muitas igrejas naquela região, igrejas que representavam o ponto mais alto da atividade cristã dentro do Império Romano. Mas estas sete igrejas eram representativas e estavam estrategicamente situadas para espalhar a mensagem do Apocalipse por todas as partes da Ásia Menor. O número 7 sugere a idéia de com-pletação, perfeição; por isso, a mensagem do livro é para todas as igrejas da Ásia Menor. As condições discutidas nessas cartas eram condições que caracterizavam e caracterizam ainda hoje muitas igrejas. Uma das maravilhas acerca deste livro está no fato de vermos que as condições das igrejas de cada século, inclusive as do século XX, estão_a£ui ilustradas pelas condições destas sete igrejas. Assim, fe mensj^gem tem^ãpTicágao úniversãT) Onde quer que existam essas condiçõèi7 o corretivo àí indicado encontra fácil aplicação. Compreendemos melhor tais cartas quando conhecemos o fundo histórico daquelas cidades em que estavam localizadas as sete igrejas. As condições das cidades se refletiam nas igrejas. * íl por aqui que estudaremos as cartas.

1) Na bibliografia desto livro encontram-se fontes do inestimável ajuda neste particular — Dana, Hardy, Ramsay, Morgran o outros.

Quando passamos a estudar essas cartas, notamos que devemos observar algumas coisas mui importantes, de caráter geral. Note-se, de inicio, que cada carta é endereçada ao "anjo" da igreja. Muitas interpretações têm aparecido para explicar o significado desta palavra. Acham vários intérpretes que significa o espírito ou a sorte da igreja, algum mensageiro talvez enviado para visitar João em Patmos, ou o "anjo da guarda" da igreja. A idéia mais aceita é de que se trata do ancião, presbítero ou o pastor-chefe da igreja. O Novo Testamento nos lembra, e também outros escritos, que as igrejas às vezes tinham vários pastores incumbidos de diferentes deveres na vida da comunidade. "O anjo da igreja", então, seria o pastor-chefe. Era ele que tinha o dever de apresentar a mensagem deste livro à igreja. Ele conduzia o "castiçal" que espalhava a luz de Cristo pelo mundo em trevas.

Há um modelo seguido em cada carta. A identificação do remetente (Cristo) em cada carta faz parte da descrição que do Cristo glorificado se nos dá no primeiro capítulo do livro. Ele revela possuir profundo conhecimento de cada igreja. Louva a igreja por aquilo que ela tem de elogiável. Demonstra seu desagrado pelo que ela tem de mau, e aconselha, vindo, a seguir, uma promessa para os que permaneceram firmes e fiéis. O conteúdo e a ordem destes elementos variam de carta para carta, mas obedecem a um modelo que predomina em todas as cartas.

I. ÉFESO — FIEL, MAS EM FALTA (2:1-7)

No tempo em que foi escrito este livro, Éfeso era uma grande e rica cidade de Jônia. Ali viviam representantes de todas as camadas sociais — ricos, letrados, pobres e analfabetos. As condições gerais de vida faziam dela uma cidade abastada, culta e corrompida. Não se revela por que é apresentada Éfeso em primeiro lugar, antes das outras. Talvez pelo fato de ser ela o natural ponto de partida no continente, que daria melhor circulação à mensagem que provinha da ilha de Patmos. Concedendo que o livro foi mesmo escrito por João, o filho de Zebedeu, acharemos mais sentido na tradição que sustenta ter sido João o líder principal das forças cristãs na região de Éfeso por espaço de um quarto de século. Nos capítulos de 18 a 20 do livro dos Atos dos Apóstolos, podemos ver o histórico da fundação e dos primeiros empreendimentos desta igreja. A igreja vinha já lutando pelo Reino de Deus por cerca de quarenta ou quarenta e cinco anos, quando lhe foi endereçada esta mensagem.

1. Identificação (2:1)

O Senhor se apresenta à Igreja de Éfeso como o que tem em sua destra as sete estrelas e como o que anda por entre os sete castiçais de ouro. Isto aclara tão bem sua posição que não deixa

dúvida alguma quanto ao que vem a seguir sobre o conhecimento que ele tem das igrejas — ele está aí, e sabe o que acontece. Ele está cuidando de cada caso, tendo em sua forte descra a sorte dela, que envolve o pastor. Anota cada uma de suas virtudes e falhas e revela tudo em sua mensagem.

2. Louvor (2:2, 3, 6)

Ê interessante notar nestas cartas que quando há algo a louvar ou elogiar na vida da- igreja, o Senhor trata primeiro disso. A igreja em *Sfeso* tinha muitas coisas que mereciam louvor.

1) *Fidelidade na vida de cada dia.* "Conheço as tuas obras, e o teu trabalho, e a tua paciência." A palavra "obras" certo refere-se aos bons serviços que a igreja estava prestando. Era, de fato, uma congregação ativa e agressiva. "Trabalho" é mais que "obras". A palavra aqui traduzida "trabalho" refere-se ao esforço que produz serviço à custa de sofrimento. Eles — os membros da igreja em Éfeso — estavam testemunhando sob grandes dificuldades. A palavra lembra o eco do bater sobre o peito, com exclamações de angústia, quando se avança para a realização dum fim desejado. Era uma igreja que trabalhava. A palavrs "paciência" revela a atitude de persistência no esforço que produz obras. Não significa em o Novo Testamento essa atitude passiva que hoje em dia se expressa pela palavra paciência. Não é em nada esse cruzar de braços, à espera de algum acontecimento. Literalmente significa "persistir sob". Quer dizer agüentar, quando a carga é pesada, ou ser senhor de si diante de qualquer dificuldade. As três palavras reunidas nos dão uma impressão mui forte de fidelidade na vida prática. Constituem fato profundamente significativo, dado que tal louvor partiu dos lábios do Cristo soberano.

2) *Fidelidade na doutrina.* "Não podes sofrer os maus" indica que os mestres gnósticos tinham conquistado algum terreno em Éfeso. Eles chegaram lá proclamando-se verdadeiros apóstolos e missionários, mas a igreja em Efeso os provou, viu-os falsos e os rejeitou. Os efésios tinham resistido bastante em sua fidelidade para com o nome de Cristo. Não esmoreceram em meio das mil e uma dificuldades criadas pela perseguição e pelas invasões de falsas doutrinas. Aos volúveis gaiatas, o apóstolo Paulo certa vez dissera — "não nos cansemos de fazer bem" (Gaiatas 6:9). Os efésios, porém, possuíam grandes reservas de energias e fortaleza, e podiam dispensar tal exortação.

A atuação dos nicolaítas foi recebida pelos efésios com tal reação que só podemos descrevê-la com ódio — ódio santo contra toda a iniqüidade. E o Cristo redivivo participa dessa atitude dos efésios para com os nicolaítas. Ele igualmente revela sua contínua aversão e desaprovação ao mal, seja de que ordem for. Não foi feita a verdadeira identidade dos nicolaítas. Por sua

r

relação com aqueles que esposavam as doutrinas de Balaão (2:14, 15), parece que a periculosidade deles consistia em serem promotores duma certa espécie de antinomianismo (crença de que os cristãos não precisavam mais guardar a lei moral, uma perversão /. monstruosa da doutrina bíblica da justificação pela fé). Fosse o que fosse esse ensino falso, recebeu ele o ódio comum de Cristo e dos cristãos de Êfeso.

Este franco elogio nos leva a perguntar se não era perfeita esta igreja, pois parece não haver nela nada errado. Mesmo no meio de grandíssimas dificuldades, ela cumpria com o seu dever cristão, realizava seus cultos, repelia os falsos doutores, odiava o pecado e não esmorecia na obra do Senhor. Era, de fato, o que se poderia esperar duma igreja que tinha sido grandemente abençoada através das atividades de grandes líderes, como Paulo, Apoio, Priscila e Âquila, Timóteo e João — o discípulo amado. Mas o Senhor examina tudo com olhar penetrante e descobre uma grande falha.

3. Queixa (2:4)

"Tenho, porém, contra ti que deixaste o teu primeiro amor." (

Esta breve declaração inclui tudo. Certo estudante, com muita habilidade e talvez irrefletidamente, quando se lhe deu uma lição sobre este passo bíblico, exclamou — "Acabara-se a lua de mel!" Sim, a igreja emfifeso já não conservava mais aquele amor fer- |

voroso e caloroso que caracterizara suas primeiras experiências da vida cristã. Estavam levando avante um programa de atividades que revelava uma igreja bem agressiva, mas tinham deixado de parte o verdadeiro motivo ou espírito do serviço cristão. Quando o amor de Cristo deixa de ser o motivo capital da vida e do culto cristão, as atividades e esforços do cristão significam muito pouco.

4. O Conselho (2:5, 7a)

A recomendação que Cristo faz à igreja em Éfeso pode resumir-se em três verbos — lembrar, arrepender-se, voltar. Lembrar da alegria e entusiasmo que dantes tínheis em vosso amor por Cristo e sua obra; lembrar da poderosa força daquele vosso amor. Arrepender-vos de um serviço feito sem amor, anomalia que dei-xastes crescer em vossa vida interior. De fato, isto é um inimigo mortal — como um câncer — do serviço efetivo no Reino do Senhor. Voltar àquele primitivo espírito de serviço, que brota dum coração cheio de amor. Cristo avisa que, se eles não voltarem ao seu primeiro amor, estarão perdendo o direito de existir como igreia. Ameaça tirar o castiçal do lugar

em que se acha. O cas- i
tiçal é a igreja (1:20), e ela já não terá mais o direito de existir, uma vez que não satisfaz ao propósito e programa que Cristo tem para com ela. Que aviso solene para toda e qualquer igreja cristã!

A primeira parte do versículo 7 serve de transição do conselho para a promessa. "Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas." Aqueles que têm percepção espiritual são aqui aconselhados a escutar. Não se trata da mensagem de um homem, não. É o Deus eterno quem está falando e alertando Seu povo, para que se ponha em guarda contra esse inimigo mortal que é a apatia espiritual.

5. A Promessa (2:7b)

"Ao que vencer, dar-lhe-ei a comer da árvore da vida, que está no meio do jardim de Deus." A idéia de vitória é uma das principais em todo o livro do Apocalipse. Significa sair vitorioso das circunstâncias em que nos encontramos. No contexto que tem, neste livro, parece significar viver uma vida de serviço para Deus, serviço esse prestado com o coração cheio de amor. A quem estiver vivendo uma vida assim, o Senhor promete os frutos do jardim de Deus. Simbolicamente, ele está dizendo: "Ao que for fiel a mim lhe darei alimento e sustento." Deus nunca deixa de acudir ao seu povo nos tempos de sua necessidade. Ele pode atender a todas as suas necessidades, mas espera da parte de seu povo uma vida vitoriosa.

II. ESMIRNA — OS SANTOS SOFREDORES (2:8-11)

Esmirna por muitos anos fora uma cidade muito próspera. Teve sua época obscura, mas fora reconstruída por Alexandre, o Grande, e por Antígono. Quase que repentinamente tornara-se uma cidade notável e rica, e assim se manteve até depois do período do Novo Testamento. Não temos notícias de como se formou a igreja em Esmirna. Talvez se desse isso quando Paulo em Efeso distribuiu seus discípulos de modo que toda a Ásia veio a conhecer o evangelho. A História nos fala das perseguições ali desencadeadas contra os cristãos, bem como do ministério e martírio de Policarpo. Este fato — o martírio de Policarpo — teve lugar no século segundo, mas podia ser ele o pastor de Esmirna quando se escreveu esta carta. Ê interessante notar que só se fala bem desta igreja.

1. Indentificação (2:8)

O Senhor se apresenta como "o primeiro e o último, o que foi morto, mas ainda vive". Assim, quer Ele dizer-lhes que está ciente de tudo quanto eles estão sofrendo. Ele está perfeitamente qualificado para confortá-los e lhes fornecer conhecimento certo e de primeira mão.

2. Louvor e Conforto (2:9-10a)

Cristo tece aqui palavras de louvor e de conforto. O louvor, em parte, provém do silêncio, pois não tem motivo nenhum para se queixar deles. Ele conhece a "tribulação" deles. Esta palavra

— tribulação — já analisamos e vimos que significa pressão vinda de fora para dentro e que ameaça destruir. Ele conhece a "pobreza" deles. Isto, sem dúvida, denota que tiveram confiscados os seus bens, meio de que Domiciano lançava mão para persegui--los. Os cristãos de Esmirna haviam perdido todos os seus bens materiais. Não obstante, Cristo, que tudo vê e tudo conhece, lhes diz: "mas tu és rico." A riqueza verdadeira é o enriquecimento do caráter, não a posse de ouro ou bens materiais. Na verdade, a igreja em Esmirna era uma igreja rica. Ele conhecia "a blasfêmia dos que se dizem judeus". Isto certamente é referência aos judeus que tinham escapado à perseguição e à confiscação de seus bens por terem cedido ao culto do imperador. Assim, a religião deles era tida como lícita, pois faziam orações ao imperador, e, assim, conseguiam afugentar de si a sorte dos cristãos. Agora passavam a caçoar e a falar mal dos cristãos que haviam perdido tudo por permanecerem fiéis à sua religião. Cristo afirma que eles não são judeus realmente — são, sim, "a sinagoga de Satã"
— são a gente do diabo.

É interessante notar que no versículo 10 o Senhor não promete tirá-los de suas dificuldades e apertos. Anuncia-lhes que está próximo um outro dilúvio de sofrimentos e tentações que visará fazer que neguem sua fé. Serão tentados por forte pressão externa durante dez dias — número que

simboliza tribulação extrema e completa. Cristo não se oferece para tirá-los daquelas dificuldades, porque vencer dificuldades é o meio apropriado para construir e consolidar o caráter forte.

3. A Promessa (2:10a, 11b)

A promessa de Cristo é dupla: "Sê fiel, mesmo que isso te leve à morte, e eu te darei a coroa da vida.. . O que vencer não receberá o dano da segunda morte." Cristo lhes diz que não devem ter medo de morrer, porque a vida eterna os aguarda. Ele lhes dará a coroa da vida — prêmio de uma corrida vencida. Não serão alcançados pela "segunda morte", que simboliza a punição eterna. O descrente morre, e encontra uma outra "morte" à sua espera. O crente morre, e encontra a vida eterna. Aqui, como sempre, a promessa é para a vida vitoriosa.

4. Aviso (2:11a)

Aqui, como nas outras cartas, o alarma é contra o perigo da apatia espiritual: "O que tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas."

m. PÉRGAMO — QUARTEL-GENERAL DO INFERNO (2:12-17)

A História nos recorda que Pérgamo era uma cidade mui ilustre da Mísia, devotada quase que totalmente à riqueza e à

moda. A cidade era o quartel-general do culto ao imperador. * Era a principal cidade da província, e ali estava localizada a "concilia" que se encarregava dos assuntos da religião do Estado e das ofertas de incenso diante da imagem do imperador. A cidade sempre permanecera fiel a Roma, e, assim, era mui natural que nunca cessassem ali de perseguir os cristãos. Nada sabemos de como se estabeleceu ali a comunidade cristã.

1. **Identificação (2:12)**

O Senhor se identifica como "Aquele que tem a espada aguda de dois fios". Pode haver aqui um duplo simbolismo. Pode isso significar a habilidade de Cristo para proteger os seus mesmo no meio da perseguição e onde os mártires estiverem caindo. Pode também simbolizar o poder de julgamento bem executado. A justeza disso está no fato de que esta igreja estava dando guarida ao erro. Cristo vem com a espada de sua boca, com seu julgamento preciso e acurado dos feitos dos homens, para tratar diretamente com os falsos doutores.

2. **Louvor (2:13)**

Cristo elogia a igreja em Pérgamo por sua fidelidade no meio de grandes provações. Os membros desta igreja habitam na cidade "onde está o trono de Satã". No ano 29 de nossa era fora erigido na cidade de Pérgamo um altar para a adoração de Augusto. A cidade fora conservada como o centro da religião do Estado, e por isso se diz que ali estava localizado o trono de Satã. A referência à morte de Antipas, sem dúvida, é feita ao seu martírio mui conhecido, diante do altar do incenso. Já haviam tombado muitos outros mártires. Aquele fora bastante notável, a ponto de merecer um comentário do Senhor. Em face da expressão "minha fiel testemunha",, tem sido sugerido que Antipas talvez fosse o pastor da igreja em Pérgamo. Isto é interessante, mas incerto.

Os cristãos de Pérgamo tinham retido o *nome* de Cristo. Batiam-se pelo nome de Cristo. O nome *Kvpio<s* Kaícrapoç (César Senhor) ou o nome Kvptoç xP^{tcrT}óç (Cristo Senhor) era a grande pedra de toque daqueles dias. Reconhecer o nome de César Senhor era escapar à perseguição. Reter o nome do Cristo Senhor significava perseguição, mas fidelidade a Cristo. Por reterem o nome do Senhor Jesus, os cristãos de Pérgamo recebem louvor. São também elogiados por não negarem a fé em Cristo. A fé deles talvez tenha referência a todo o raio de ação da religião deles, a sua crença na obra redentora e na supremacia de Cristo. Por sua fidelidade neste particular, mesmo quando isto lhes acarretava o grande perigo, o Senhor os louva.

2) W. M. Ramsay, *The Letters to the Beven Churches* (Londres, Hodder and Stoug-hton, 1904) p. 292 em diante.

3. Queixa (2:14, 15)

Não era a totalidade dos membros que permanecia fiel, não. A heresia já penetrara na igreja. Havia no meio deles alguns que esposavam os "ensinos de Balaão". Em Números 23:24 lemos que Balaio desejou tirar lucros materiais, ainda que perdendo espiritualmente. Abriu o caminho para o culto das imagens e para a vida impura em Israel. Dentro da igreja emPérgamo havia membros que estavam fazendo o mesmo. Cumpriam certos deveres espirituais com o fito de fazer prosperar seu

bem-estar material. Aconselhavam que valia a pena cultuar o imperador para escapar à perseguição, e ensinavam que se devia proceder imoralmente para se tornar amigo e companheiro dos romanos, escapando, assim, à perseguição destes. Pode-se resumir a história deles com esta frase — credo ruim, conduta péssima. Este estado, não poucas vezes, se vê na História da Igreja Cristã. Em Pergamo a fusão das doutrinas heréticas dos balaamitas com a herética conduta dos nicolaítas produzira uma situação assaz indesejável e molesta. E o Senhor não podia tolerá-la, e, por isso, avisa a Igreja Verdadeira para que se acautele e também condene esse mal.

4. Aviso (2:16, 17a)

Aconselha-se à igreja que se arrependa dessa atitude de indulgência e tolerância do pecado à vista. Se não diligenciarem a extinção do mal, o Senhor entrará pessoalmente em "guerra contra ela", combatendo-a com a espada de sua boca. O que o Senhor faria no caso não vem aí indicado, mas não deixa dúvida alguma de que resolveria o caso aí apresentado. "O que tem ouvidos para ouvir, ouça..."

5. A Promessa (2:17b)

A promessa feita àquele que vencer é dupla aqui. "Dar-lhe-ei a comer do maná escondido." Como Deus acudira no deserto às necessidades de Israel, assim também o Senhor atenderá seus fiéis em tudo. Ele lhes concederá "o maná escondido" — sustento espiritual que o mundo não pode compreender.

"Eu lhe darei uma pedra branca, e na pedra um novo nome escrito." Que simbolizará isto? Pergamo ocupava-se da mineração de pedras brancas, comerciando com elas. Uma pedra branca, trazendo nela um nome escrito, tinha vários empregos. É possível que a referência aqui seja a um dos quatro [3] usos seguintes:

1) Conferia-se a pedra branca a um homem que sofrerá processo e fora absolvido. Levava, então, consigo a pedra para provar que não cometera o crime que se lhe imputara.

3) Morgan, op. *cit.,* p. 72 em diante, acha que pode tratar-se aqui duma combinação dos quatro usos!

ira se

da perseguição. Ainda em acréscimo a isto, louva-os por terem progredido em suas obras — "as tuas últimas obras são mais do que as primeiras". Na aparência, pois, trata-se duma boa igreja. Realizam a obra do Senhor com regularidade e fidelidade, com amor e paciência manifestas. Estão "crescendo na graça" à medida que progridem. Se a carta findasse neste ponto, poderíamos considerar esta uma igreja ideal. Mas tal não se dá. A carta prossegue, e vemos que havia nela males que precisavam ser anotados e condenados.

3. Queixa e Julgamento (2:20-23)

Queixa-se o Senhor de que a igreja está dando guarida e espalhando a heresia — "toleras a mulher Jezabel". A verdadeira igreja não é acusada do crime de heresia, mas havia dentro dela membros que fechavam os olhos para ela. Quanto à mulher Jezabel e ao seu recado, têm aparecido muitas interpretações. Alguns acham que se trata da mulher do pastor, * por aparecer no original a palavra *-yvvTJ,* que pode significar *esposa;* isto se dá muitas vezes em o Novo Testamento. Não há nenhuma outra base para essa teoria, e por isso parece não satisfazer. Outros exegetas acham que aqui há apenas uma alegoria para qualificar a heresia. Parece que o melhor caminho é admitir que havia lá uma mulher pervertida que dizia haver recebido de Deus alguma revelação mística especial. O versículo 24 parece sugerir isto. Podia ser que a mulher se chamasse mesmo Jezabel; mas parece que o escritor dá esse nome à mulher por causa do caráter dela. Ela estava enganando os cristãos e induzindo-os à fornicação, fosse esta literal, como fruto dos ensinos gnósticos, fosse espiritual, por ser a quebra de votos feitos a Deus. Este reflexo duma idéia contida no Velho Testamento, especialmente no livro de Oséias, parece ser o caso real. Não se podia permitir que aquela mulher continuasse a causar aquele dano à igreja local. Ela marchava para a ruína, e com ela os seus seguidores, perecendo no pecado que praticavam (2:22,23). Isto seria para provar que Deus ainda domina todas as coisas e julga os homens segundo as suas obras (2:23).

4. A Promessa (2:24-29)

O Senhor, aos que vencerem, promete não sobrecarregá-los com obrigações espirituais maiores

do que as que já têm, nem com deveres adicionais, por meio de revelações gnósticas especiais (2:24). Devem esses cristãos conservar-se fiéis naquilo que ele já lhes deu (2:25). Promete, aos que vencerem, dar autoridade sobre as nações. Como cristãos, serão completamente vingados diante daqueles que agora os perseguem. O "reger com vara de

4) Carroll) op. *cit.,* vol. sobre o Apocalipse, p. 72.

I.f)

3. Conselhos (3:2)

Ato-uwdím-se à igreja a ser vigilante e "a confirmar as coisas que restam, que estavam para morrer". Na igreja em Sardo havia umas poucas coisas que ainda viviam; estavam à beira da morte, mas ainda podiam ser salvas mediante pronta intervenção. As aparências e formas estavam bem, mas precisavam ser tocadas pelo poder é pela dedicação. O cristão não pode prosperar só no que respeita às coisas rituais. Cristo afirma que não encontrara na igreja nenhuma obra perfeita aos olhos de Deus. Os crentes da igreja em Sardo eram bons na saída, mas ruins na chegada. Lembravam os gaiatas, que corriam bem por um pouco e depois paravam. A igreja em Sardo gozava de bom nome entre os homens, de igreja de boas obras, mas Cristo não julga com os olhos do homem, e, sim, pelos de Deus, e afirma que aqueles crentes de Sardo não tinham realmente terminado nada do que haviam iniciado.

4. Aviso (3:3)

Avisa-se à igreja que evite o desastre espiritual, lembrando o verdadeiro conteúdo da religião como dantes a receberam e retornando aos primeiros rudimentos e práticas. Se não fizer isto, ele virá sobre ela com juízo e destruição. Esta admoestação para que "vigie" tem um significado todo especial para Sardo. A cidade estava edificada sobre uma elevação, e três dos seus lados desembocavam em fortes declives, verdadeiros precipícios. Assim, estava facilmente defendida de prováveis inimigos. Mas, se houvesse descuido da parte de seus defensores, a cidade podia ser tomada de assalto. E isto já se tinha dado por duas vezes. [5] Quando reinava Creso, foi a cidade sitiada por Ciro; seus soldados dormiram, julgando que a cidade estava defendida pela própria natureza. Assim, caiu ela facilmente nas mãos das tropas inimigas. Doutra feita, no reinado de Acneu, foi tomada por Antíoco, o Grande, e nas mesmas circunstâncias. O Senhor agora usa estes fatos para alertar a igreja em Sardo. "Lembrai-vos de vossa história-.pátria. Se não vigiardes, tereis a mesma sorte." Em o Novo Testamento, "vigiar" não significa propriamente conservar os olhos abertos; significa mais conservar-se em atividade, ocupado plenamente no serviço do Senhor.

5. Louvor (3:4a)

Na igreja, em Sardo havia poucos que mereciam louvor. Estes "não contaminaram seus vestidos"; não tinham participado do culto pagão, nem do mundanismo e corrução daquela cidade e daqueles dias. Tinham permanecido fiéis ao Senhor.

6) Ramsay, *Lctters to the Seven Churches,* p. 359.

servir. Ninguém pode fazer parar o serviço dela, se ela souber aproveitar essa porta aberta para servir. Este é o significado duma "porta aberta", na linguagem do Novo Testamento.[8] Cristo sabe que a igreja é fraca — "tens pouca força" — mas que tem sido fiel. Tem guardado a fé e não negou o nome dele, apesar de sua pouca força. O nome dele — "Jesus" — significa Salvador; o nome dele — "Cristo" — significa o Ungido de Deus. A igreja em Filadélfia tinha sido fiel às significações desse Nome. Isto é dito para contrastar com algumas igrejas que eram fortes nalgum sentido e, não obstante, foram infiéis. Com uma porta aberta para melhor servir, eles iam progredindo, apesar de sua pouca força.

3. A Promessa (3:9, 10, 12)

Como prêmio de sua fidelidade, apesar da fraqueza e das iificuldades, o Senhor lhes promete plena reivindicação. Ele fará ;om que os perseguidores judeus, que agora realizam a obra de Satã, venham a saber que esses desprezados cristãos são aqueles me ele realmente ama (v. 9). Por terem agido com fidelidade,

>romete-lhes sua graça sustentadora na tribulação que está para. ᵀir sobre todo o mundo. Tal tribulação não os vencerá (v. 10). Jm *aviso* (v. 11) se insere aqui, antes da última parte da pro- aessa. E um conselho no sentido de que guardem bem aquilo que êm — o seu nome, a sua palavra, a sua paciência, a sua promessa e voltar, a oportunidade que lhes é oferecida para bem servir à !ausa — para que ninguém, induzindo-os a abrir mão dessas Disas, lhes roube a recompensa que lhes está preparada. Sardo scebeu a ameaça de sua volta; já Filadélfia, por se ter havido a modo fiel e por nada ter que temer, é encorajada com a notícia a próxima vinda do Senhor. A última parte da promessa apa- íce no versículo 12. Várias são as coisas prometidas. "Farei íle coluna no templo do meu Deus." Por sua fidelidade, Cristo *xí* deles um elemento importante do santuário — simbolizado mi pela coluna que sustenta o templo. Filadélfia defendera a irdade e cumprira sua missão; então, experimentaria o cumpri- ento da promessa do Senhor. O cristianismo, ainda que talvez io em sua forma mais pura, está presente ainda hoje nessa cida- !. O historiador Gibbon [9] afirma que das igrejas da Ásia, a de ladélfia permanece ereta, uma coluna em pé no meio de ruínas, nsolador exemplo de que o caminho da honra muitas vezes é o minho da segurança. Precisamos melhorar o pensamento de bbon, afirmando que o caminho da honra, em última análise, é mpre o caminho da segurança.

"E escreverei sobre ele o nome do meu Deus, e o nome da lade do meu Deus... e também o meu novo nome." Sim, ha-

8) Atos 14:27; I Coríntios 16:9.

9) Eduardo Gibbon, *The Decline and FaU o} the Roman Empire* (Chicago, jmpson and Thornas Publishers, sem data) IV, p. 381.

verá perfeita segurança para aquele que vencer. O nome de Deus é gravado nele; o nome da cidade de Deus é aí uma marca do seu lugar de moradia; o nome do Cristo triunfante também estará nele. Muitas das religiões pagas usavam gravações ou marcas para identificar seus adeptos. Mais adiante, neste livro, encontraremos a religião oficial de Roma usando isso. Jesus, com suas palavras, aqui quer simbolizar a relação que há entre ele e seus discípulos, ao se referir ao seu novo nome gravado neles. Jamais foi feita promessa mais gloriosa a qualquer outra das sete igrejas que esta revelada por Cristo à igreja em Filadélfia.

VH. LAODICÉIA — A IGREJA COM UMA PORTA FECHADA (3:14-22)

Esta cidade se distinguia por sua grande riqueza. Não precisara de nenhuma ajuda do tesouro romano, quando fora em parte destruída por um terremoto cerca do ano 60 de nossa era. Era a principal cidade comercial da região. Ali se encontravam nada menos de três estradas romanas, tornando-a cidade de grande importância. Tal cidade facilmente se deixaria dominar pela letargia e por uma certa complacência e satisfação própria. Este espírito que imperava na cidade certo se faria sentir dentro da igreja.

1. Identificação (3:14)

Cristo se identifica como "o Amém, a testemunha fiel e verdadeira, o princípio da criação de Deus". Tudo isto evidencia uma declaração da essência de sua glória. A Laodicéia, exemplo de abjeto colapso, ele se dirige como aquele que não conhece queda nem derrota. A palavra "Amém" veio sem tradução do hebraico para o grego, e do grego para o português. Seu significado original traz a idéia de *cuidar de* ou de *edificar.* O sentido derivado, que chegou até nós, traz a idéia de alguma coisa que é firmada, alguma coisa positiva. Aqui nesta passagem indica a estabilidade. Quando esteve na terra, ele disse — "Eu sou a verdade" (João 14:6). Ele é a verdade acerca de Deus, e na vida e nos seus feitos testificou a verdade de Deus. Ele é o princípio da criação de Deus — não que seja ele a primeira criação de Deus, e, sim, que é o agente originário da obra criadora de Deus. Esta afirmação é semelhante à que Paulo faz aos colossenses (1:15-18) — quando diz que Cristo "é a

imagemdo Deus invisível, o primogênito de toda a criação, porque nele foram criadas todas :is coisas. . . todas as coisas foram criadas por Ele.. . e nElc todnn an coisas se mantêm unidas".

2. Queixa e Conselho (3:15-18)

A queixa de Cristo diz respeito à letargia eiplrltual dUtfl Igreja. Não era fria — indiferença completa 8 manlfeata; e nem

quente — de zelo fervoroso. Era morna, tépida. Viajantes que passavam pela cidade descobriram perto de Hierápolis lindos mananciais. Cansados e sedentos, pararam para matar a sede. Mas viram que as águas eram tépidas, era água mineral. Talvez nada naquela hora lies fosse pior. O Senhor expressa a mesma dessa-tisfação para com esta igreja morna, e, por isso, "a vomitaria". E mais fácil lidar com uma igreja fria do que com uma morna. Repugna ao Senhor Jesus uma igreja sem nenhum entusiasmo, que não sente a urgência do trabalho, que não tem nenhuma paixão.

O conselho e as queixas estão misturados nos versículos 17 e 18. Reflete-se aqui o fundo comercial da cidade. Esta se dedicava ao comércio de três coisas essenciais.[10] O Senhor faz uso das três para ilustrar a atitude da igreja.

1) Era o centro bancário da região. Enormes fortunas estavam reunidas na cidade. Assim, seus habitantes eram arrogantes, orgulhosos e independentes. Diziam: "Temos muito ouro; não precisamos da ajuda de ninguém." Era isso o que sentiam, e disso se blasonavam. Agora, a testemunha fiel e verdadeira diz: "Não sabes que és um desgraçado, e miserável, e pobre." Sim, eles possuíam muitas riquezas materiais, mas espiritualmente estavam quebrados, estavam na miséria. Não tinham riqueza de caráter, e eram também mornos e tão cegos que não viam isso. Assim, o Senhor os aconselha a que venham a ele e dele recebam as verdadeiras riquezas espirituais, para que realmente sejam ricos. Uma pessoa pode possuir toda a riqueza deste mundo e ser um indivíduo paupérrimo, como também pode não possuir nenhuma riqueza material e ser muito rico. Depende só de ver qual o conceito que tal pessoa tem de riqueza.

2) O segundo grande negócio de Laodicéia era o seu comércio de lã escura. Produzia-se ali uma lã escura acetinada com a qual se confeccionavam lindos vestidos, procurados por gente de todas as nações. Cristo diz: "Apesar disso, estás nu. Precisas vir a mim e comprar de mim vestidos que realmente cubram tua nudez diante de Deus." As roupagens que eles usavam, de orgulhosa auto-suficiência, não os cobriam das vistas de Deus, como os cobriam dos olhares humanos. Aquilo a que eles chamavam de vestido só servia para deixá-los nus à vista de Deus.

3) O terceiro grande negócio da cidade era a preparação de um ungüento usado como bálsamo para os olhos. Havia, pois, na cidade uma espécie de laboratório que tornava a cidade um centro de terapêutica. Viajantes que ali aportavam, após estafantes caminhadas pelos areais e ao inclemente sol do deserto, com seus olhos congestionados, encontravam naquele ungUento o suspirado alívio. "És cego, e não sabes. Vem a Mim e te darei colírio espiritual para que possas realmente ver." Cristo possui tudo aquilo de que a igreja está tão tristemente necessitada, E ele está pronto

10) Smith, *op. cit,* V p. 671, citando Estrabão.

a dar, caso eles queiram — a verdadeira riqueza, o verdadeiro vestido, a verdadeira visão. Ele não força a situação, nem os obriga a receber isso, uma vez que não queiram.

3. Aviso (3:19)

Ele não os forçará a receber essas verdadeiras riquezas, mas, porque os ama, reprovará e castigará a todos. Cristo os ama. Por isso é que sua queixa se faz nesse tom de piedade e compai-xão. Ele costuma castigar aos que ama. Isto se vê claro em Hebreus 12:5 em diante. Todo filho de Deus é punido, quando se rebela e peca. Portanto, ele os aconselha para que abandonem a letargia, e sejam zelosos e entusiastas, e se encham de calor espiritual, não mais permanecendo na mornidão.

4. A Promessa (3:20, 21)

A Igreja de Laodicéia tinha tudo, menos Cristo. Ele permanecia do lado de fora, batendo à porta e pedindo entrada. Se o atendesse, logo ele entraria e travaria amizade com a igreja. Poderia começar sua obra na igreja ainda mesmo que só com um indivíduo cujo coração lhe respondesse e o desejasse.

Ao que vencer o espírito de letargia e se entusiasmar pela Causa de Deus, ele promete glória e amizade. Assentar-se-á com ele no seu trono, assim como ele se assentou com o Pai no ecu trono, uma vez vencidos os obstáculos do caminho. Nenhuma expectativa, nem a mais poderosa imaginação poderá fazer uma idéia das gloriosas coisas contidas nesta promessa. Talvez ele faça esta promessa extraordinária em vista das enormes dificuldades que qualquer igreja, ou indivíduo, encontra para vencer a mornidão de espírito; assim Cristo, com esta gloriosa promessa, procura incentivar a igreja à vitória. -_

O Cristo glorificado, alerta no meio de suas igrejas, vendo tudo com seus penetrantes olhos de chama, assim faz conhecido o seu louvor, sua queixa, seu aviso e suas promessas. A mensagem, endereçada primeiro às igrejas da Ásia Menor, tem aplicação universal. Suas verdades devem ser sentidas e praticadas onde quer que lutem as igrejas hodiernas contra semelhantes condições. E por aí além quantas e quantas igrejas apresentam as mesmas condições, fraquezas e necessidades! O brado de alerta contra a apatia espiritual ainda está ecoando por toda parte: "Aquele que tem ouvidos ouça o que o Espírito diz às igrejas."

I
/
kg
m
m
Th"»:,
!*:
lü
!

CAPITULO VI

O CORDEIRO E O LIVRO SELADO

(Apocalipse 4:1 a 5:14)

Começa aqui a parte principal do Apocalipse. Ate aqui o material apresentado constituiu uma preparação para o que vem agora. João vai agora presenciar o "Drama da Redenção']. O caminho já foi preparado pela visão do Cristo redivivo e vitorioso no capítulo primeiro. O auditório, para cujo beneficio se produziu este drama, foi já apresentado, com seus vícios e virtudes, nos capítulos dois e três. Agora chegou a hora dá fazer subir o pano e mostrar o palco preparado para o desenrolar do drameu Daqui para diante, em rápida seqüência, surgirão cenas cujo objetivo é dar aos cristãos perseguidos a certeza de que a Causa de Cristo em nada é uma causa perdida. Impressionante e bem forte será o espetáculo. Mas quando descer o pano, no final da apresentação (22:21), estará demonstrada a perfeita segurança da vitória.

O capítulo 4 prepara o ambiente e o caminho para tudo quanto vem a seguir. O capítulo 5 completa essa preparação, apresentando a soberania de Deus, reivindicada pela obra de Cristo. O capítulo 4 diz, na linguagem de João, capítulo 14 — "Crede em Deus"; o capítulo 5, com Cristo a comandar a cena, diz _ "Crede também em Mim."[2] Então, do capítulo 6 no 18 teremos apresentação da ira de Deus contra os inimigos de mia causa. Do capítulo 19 ao 22, veremos a vitória de Deus, final e completa, e o destino eterno dos homens. Com tal apresentação é claro que esta visão (caps. 4 e 5) prepara o caminho pnra a mensagem total. Duas idéias se destacam nesta visão.

' i) O tratamento de Dana, ver sua obra *The Epistlca* **Ortd** *ÁpeeaJipie* **"A *John,*** p. 112.

2) Veja Richardson, *op cit.,* p. 67.

I. O DEUS REINANTE (4:1-11)

A expressão "depois destas coisas" se refere aos assuntos preliminares contidos nos capítulos de 1 a 3. Ê um artifício para introduzir as visões em sua seqüência. Com esta declaração João inicia o relato das visões que teve e que mostram a libertação por Deus, de seu povo, livrando-o do perigo da perseguição de Domiciano. Fazia-se necessária Jima vigão do Cristo..triunr fante antes da apresentação das visões, parjàjqlfejâtas tivessem ",igt.lf:cádõr Tambêm"era'ngcéssario mostrar^ as condições^ atuais dasJigrejas^pafã qüè~li^~'ccffih~ee^

que vem a sej^irr~Tüac^Í3t^ se propõe levar a

2iêcêssi'£ã3ã~coragem'~ã^"s~"qij^~^iméir^r"IrTã~m recebê-ío," e""nao revelar jj^tecmiento^dãTõnsümaçaõ^os séculos, Ã3i""a5mã„épôca que viria a centenã"s~5^1^lP'ê[s] de anos daquela em_qitôJJaãa^ vivetc

A primeira coisa que João vê é uma porta aberta no céu. Por ela João pode ver o que se passa no céu. É convidado, pela primeira voz que ouviu (1:10, a voz de Cristo), a encaminhar-se para um lugar mais alto, de onde poderá ver as coisas do ponto de vista de Deus. Do posto de observação de João, em Patmos, só se podia ver tudo escuro e sem esperança. Mas, agora que se lhe concede ver as coisas do ponto de vista de Deus, as cores se mudam num repente. Pode agora dali ver o eterno trono de Deus, trono que não se abala às ameaças de Domiciano e doutros mais do seu quilate. Vistas as coisas daquele ângulo celestial, já não há a menor dúvida sobre o resultado da batalha em que estão empenhados todos os cristãos. Num repente, intensificou-se a experiência espiritual, e João viu a primeira garantia da vitória — Deus no seu trono. Os cristãos estavam precisando de certeza e segurança. Pois, eis aí: Deus não abdicou a favor de Domiciano ou a favor de qualquer outro, não. Bem no centro daquela visão está o soberano Deus assentado no seu trono.

O nome de Deus só aparece no versículo 8, mas não padece dúvida a identidade da pessoa aqui referida. Ele tem a aparência duma_"pedra_de jaspe e sardônica". Talvez a pureza alvinitente da/gjedra de jaspjè jimbolize a santidade de Deus, e o vermelho sangüíneo aã"^^ffã_^2§H2^[s]^[m]^°^?^J^[l]^'15[)]

Ao redor do trono deste Deus santo e justo vê-se um<á3wInsD "semelhante à esmeralda". E símbolo de e^p^ran^ajaLgraça. "Verde, duma cor "viva", é a característica predominante desse arco--íris. No Gênesis (9:12-17) vemos que nos foi dado o arco-íris como símbolo de esperança no meio do julgamento. Aqui também, ele aparece para representar uma viva esperança no meio do julgamento; é esperança baseada na fidelidade de um Deus que fez pacto com os homens. Assim, o esplendor de Deus, esplendor que inspira medo ou temor, vem acompanhado, aqui, dos fortes tons de esperança e misericórdia. A retidão punitiva de Deus irá ha-

ver-se com aqueles que intentam destruir sua causa; mas sua graça e misericórdia para sempre estarão com o seu povo.

Vinte e quatro tronos (4:4) estão ao redor do trono principal, e sobre eles João viu vinte e quatro anciãos. Muitas são as opiniões acerca desses vinte e quatro anciãos. Carroll[3] acha que representam o sacerdócio eterno do povo de Deus. Dana * acha que simbolizam o vitorioso destino dos santos martirizados na Ásia Menor. Outros,[5] que representam os doze patriarcas de Israel e os doze apóstolos do Novo Testamento, visto que reúnem os remidos dos dois períodos num destino comum de triunfo e de glória com Deus. Parece ser esta a melhor interpretação. O número é o dobro de 12, que simboliza religião organizada. Todo este quadro simboliza conforto para os cristãos perseguidos. Eles estavam encarando a morte. E, então? Depois da morte, eles se sentiriam perfeitamente a salvo na presença de Deus, trajando vestidos brancos, símbolo de estarem isentos da infidelidade espiritual do culto ao imperador, e com coroas de ouro, símbolo de sua vitória sobre o inimigo. O Senhor por duas vezes encorajou os doze (Mateus 19:28 e Lucas 22:30), garantindo-lhes que remariam com ele; agora, isto aparece aqui significando que isto se dará com todos os fiéis.

Os símbolos seguintes são as manifestações da ira divina (4:5a). Do trono de Deus saíam "relâmpagos e trovões, e vozes", mostrando a dessatisfação.de Deus para com os inimigos da cruz. Em Êxodo (19:16) encontramos expressão semelhante a respeito da presença e da sentença de Deus. Estes sinais assustadores e aterrorizadores da presença e do poderio de Deus são apresentados com o propósito de revelar os latentes poderes de sua onipotência, prometendo vingança sobre os inimigos dos vinte e quatro anciãos. Deus não abandonou o seu servo nas mãos de seus inimigos, não.

As sete lâmpadas de fogo, interpretadas como os sete Espíritos de Deus, abrangem outro simbolismo (4:5b). As lâmpadas alumiam; sete é o número da perfeição. Sete Espíritos retratam Deus em sua essência espiritual perfeita. Portanto, devemos ver simbolizada aqui, como um indício da soberania de Deus, a perfeita operação do Espírto Santo em sua obra de iluminar e revelar aos homens as coisas divinas.

O mar de cristal (4:6a) diante do trono impossibilita oh*gar« -se perto dEle. Isto simboliza a

transcendência de Deus. O mar estava separando João de suas igrejas. O mar de cristal separava o Deus transcendente do povo. No Apocalipse 21:1, veremoa qti<' "o mar não mais existe", e os homens gozarão da companhia do Deus. Agora og cristãos perseguidos estavam separadoH de Dcun; mas não seria para sempre assim.

3) Carroll, *op. cit.,* vol. sobre o Apoc, p, 111.

4) Dana, *ibid.,* p. 114.

5) Hengstenberg, Richardson, Allen, PirterH, 1>. Rmllli r .1 Hnilt)), 1" *loco.*

As quatro criaturas viventes (4:6-8) formam, a seguir, o símbolo aa soberania de Deus. Estão no meio, e ao redor do üuiiü. Cheias de olhos, por diante e por detrás, ao redor e por dentro. Tinham diferentes feições: uma semelhante a um leão; outra, semelhante a um bezerro; a terceira tinha o rosto como de homem; e a quarta era semelhante a uma águia. Cada animal tinha seis asas. Dia e noite, sern cessar, dizem palavras de interpretação do simbolismo das "quatro criaturas viventes" — não "bestas" ou "brutos" como vemos no capítulo 13, v. 1. A palavra aqui é outra. Representa atributos de Deus, frisando sua eterna vigilância a favor de seu povo.[6] Por esta teoria, o leão representa a bravura, o bezerro representa a forçado homem representa a inteligência, e a águia a ligeireza ou velocidade. Juntas simbolizam a eterna vigilância de Deus; ele não esqueceu o seu povo, e é ligeiro e forte para vingá-lo. Esta é uma visão adicional, dado o fato de no versículo 8 se pintar as quatro criaturas viventes adorando a Deus e no capítulo 5, versículo 8, prostrarem-se para adorá-Lo Isto parece estar um bocado fora da linha de seus deve-res e atributos. A outra corrente de interpretação [7] acha que representam a quádrupla divisão da vida animal, de modo que todas as criaturas de Deus o adoram. O leão representa a vida dos animais bravios; o bezerro representa a vida dos animais domésticos; o homem, a vida humana; e a águia, a vida dos pássaros. Todos são aí representados como em constante vigilância para adorar e cultuar a Deus. Toda a criação — o homem, as feras e os pás-Baros — aqui se retrata como glorif içada com ele, como parte de sua soberania. Cada criatura vivente tem seis asas, e, se isto está de algum modo ligado com os serafim de seis asas de que nos fala Isaías (6:2), entendemos que com um par de asas mostram reverência; com outro, humildade; e, com o terceiro par, pronta obediência à ordem de Deus. Estão "no meio e ao redor do trono". Smith,[8] em seu *American Commentary,* parece nos dar a explicação mais lógica, dizendo que os animais estão dispostos ao redor do trono de tal modo que um deles fica no ponto central — "no meio" de cada lado do trono. Os olhos "na frente e atrás" possibilitam a cada um deles se verem ao redor do trono, seja qual for o lugar em que se coloquem. Assim, estão sempre alerta e vigilantes para prestar louvor e adoração a Deus. Todo o quadro visa a encorajar aquele que obedece e aterrorizar o desobediente. É iáàv, na realidade, o que a soberania de Deus faz.

Conclui-se a visão de Deus em seu trono com um cântico de louvor (4:9-11). O louvor é duplo. Primeiramente, as quatro criaturas vivas dão glória, honra e ações de graças à eterna soberania de Deus. Assim se simbolizam todas as criaturas adorando o Deus eterno,e não o temporal e efêmero Domiciano. Em se-

6) Dana, ibúi., p. 115.

7) D. Smith, J. Smith, Hengstenberg, Richardson, e outros, m loco.

8) Smith, op. cií., p. 80.

gundo lugar, os vinte e quatro anciãos, que representam a humanidade redimida, se prostram diante do trono de Deus, lançam suas coroas diante do trono e o louvam por seu grande poder criador. Só ele é moralmente digno de receber glória, e honra, e domínio, porque todas as coisas são suas por criação. Este "Cântico da Criação" é dirigido a Deus como louvor. No capítulo 5 vemos que se dirige a Cristo, em seu louvor, um "Cântico de Recriação" (Redenção) .

Resumindo, vemos que este capítulo, que dá início às visões, apresenta a verdade da soberania de Deus. Ele é eterno; é o Criador; protege seu povo; visita, com o castigo, ao desobediente. Ele está no seu trono. Os inimigos da cruz podem ranger os dentes contra ele, que ele continuará inabalável. O invencível e soberano Deus, como o centro de todas as atividades, é a verdade que se sublinha neste capítulo. Este é o encorajamento que de início se proporciona aos massacrados cristãos da

Ásia Menor — tanto àqueles do primeiro século como a todos os cristãos de qualquer século. O sofrimento e as provações são coisas temporárias, dado que Deus é o nosso defensor.

II. O CORDEIRO REDENTOR (5:1-14)

No capítulo 4 vimos o poder de Deus como Criador. Neste capítulo, vemos o amor de Deus como Redentor. O cristão crê no Deus Criador, onisciente e onipotente; crê igualmente no Deus que ama e prova o seu amor, redimido o homem do seu pecado. Este é o tema da cena seguinte.

Aquele que está sobre o trono tem em sua forte destra um livro, escrito por dentro e por fora, e selado com sete selos. Era um rolo de papiro, o material então usado para livros. O fato de estar coberto de palavras por dentro e por fora quer dizer que se trata dum livro de grande importância e significado — os julgamentos nele contidos são tantos que quase não sobrou espaço! 0 livro estava "selado" com sete selos. O particípio perfeito do passado, ligado ao número perfeito (7) é para indicar que o livro estava muito bem fechado. Variam as interpretações a respeito desse livro. Alguém disse que é o livro da Justiça.[9] Outro acha ser o livro dos Eternos Conselhos de Deus, dos seus predeterminados propósitos.[10] Já outro acha ser o protótipo do livro de que nos fala o profeta Ezequiel (2:9,10), e, então, um livro de lamentações, de tristeza e de ais. [u] Um outro ainda acha que se trata do livro dos Destinos.[12] Esta idéia e a de justiça estão intimamente relacionadas. O livro, na verdade, parece conter o destino dos homens à vista das visitações da justa ira de Deus sobre seus pecados. O fato de o livro estar fechado de maneira muitíssimo se-

9) Dana, ibid., p. 13 6.

10) Smlth, *The Di$ciple's Commentary,* p. 824 .

11) Hengstenberg, *np, cit.,* p. 277.

12) Richardson *op. cit.,* p. 71.

l',ura indica a impossibilidade de qualquer outro explicar o destino 5o homem. Aqui está esse destino na mão de Deus. Os cristãos sentem o coração pular dentro do seu peito, vendo que o livro vai ser aberto e pensando já nas coisas que vão ouvir. Mas o livro está hermeticamente selado e fechado para eles. Ali estão contidos os providenciais feitos de Deus para com o mundo, mas não podem ser revelados; é desconhecido ainda o resultado da batalha. Ali está o futuro da cristandade em seus fortes atritos com o culto do imperador, mas está selado e não pode ser conhecido. Não admira, portanto, que João começasse a "chorar muito" — o verbo no imperfeito, que significa "chorar de modo audível", como se se tratasse duma criança decepcionada ou ferida, é empregado aqui — quando ele viu que ninguém respondia ao convite feito: "Quem é moralmente digno de abrir o livro?" Não havia ninguém digno de abri-lo. Parecia que o mistério ficaria sem solução, e João, pensando nas tristes condições das igrejas e ansiando saber no que daria aquilo, caiu em audível pranto, espiritualmente desapontado e pesaroso. Mas foi dito a João que parasse de chorar, porque aparecera alguém que era digno de abrir o livro e revelar o propósito de Deus para com os homens. Isto indica que o livro era o modo pelo qual se introduziria na cena, como a figura central deste capítulo, o Cristo triunfante. A descrição do Cordeiro e da tarefa que se Lhe dá não deixa dúvida alguma de que a figura aqui retratada é o Cristo *redentor.* Um dos anciãos diz a João que "o Leão da tribo de Judá", que "venceu", se tornou digno de abrir o livro. João parou de chorar e olhou para ver o Leão, mas em vez de Leão viu um Cordeiro — um "pequeno cordeiro" — palavra só empregada neste livro e em João 21:15. Assim como as figuras mudam rapidamente de forma nos sonhos, elas mudaram na visão de João. Um leão rapidamente tornou-se um cordeiro. Sem dúvida, há significado neste simbolismo. O leão representa absoluto poder e bravura; o cordeiro, símbolo religioso, representa absoluta bondade. As características do cordeiro são mui significativas. Aparece "como havendo sido morto". A expressão indica os ferimentos recebidos quando se corta a garganta dum cordeiro novo, sacrificado sobre o altar. Retrata-se Cristo aqui em seu sacrifício expiatório. Ele foi morto, mas agora está vivo para todo o sempre. Ele tem "sete pontas". Pontas ou chifres, na literatura apocalíptica, simbolizam poder. O Cordeiro tem "7" chifres, o número perfeito. Está ele, portanto, perfeitamente aparelhado para destruir a oposição que fazem ao seu Reino. Tem "sete olhos", que são os sete Espíritos de Deus, enviados a toda a terra. Isto, sem dúvida, representa a vigilância incessante e perfeita a favor do seu povo. Representa a perfeita essência espiritual de Deus assim empenhada no bem-estar do homem.[13]

13) Beckwith, op. *cit.}* p. 510

A ação seguinte expressa uma vivacidade tal que dificilmente pode ser traduzida noutras línguas. O Cordeiro "vem" — o aoristo aqui retrata toda a ação com a rapidez dum relâmpago — "e toma o livro". O último verbo aqui, no grego, é *eíX-ri^ev,* o perfeito de Xa/x/3ávw, que quer dizer "alcançar e tomar". Beck-with " chama a este o perfeito aoristo. Dana[15], mais chegado ao ponto, chama de "o perfeito dramático". Expressa o verbo uma atitude decidida, sem hesitação, e um espírito de firme determinação da parte do Cordeiro, que podemos descrever assim — "a primeira coisa que você sabe é que Ele tomou num repente o livro da destra dAquele que estava assentado sobre o trono". Somente Cristo pode abrir o livro e executar os juízos de Deus sobre os iníquos. O destino dos homens está nas fortes mãos do Cordeiro que foi morto.

Este ato produz viva alegria em todos quantos rodeiam o trono. E, sem dúvida, alegraria imenso aos cristãos perseguidos, vendo que o seu Salvador Leão-Cordeiro se fazia agora o campeão deles. Seja como for, temos aqui o registro de como reagiram aqueles que se achavam ao redor e para além do trono. O Cordeiro foi adorado pelas quatro criaturas viventes que adoraram a Deus na última cena. O Cordeiro foi também adorado pelos vinte e quatro anciãos. "Com harpas e salvas de ouro cheias de incenso, que são as orações dos santos", que eles representam, prostram-se diante do Cordeiro e entoam o Cântico da Redenção. O cântico que entoaram é novo; não novo em relação ao tempo, véoç, mas novo quanto à qualidade, *Kaivrjv.* -Ê um cântico singular, único. Nada existe igual a isto — homens remidos pela morte de Deus na carne. No cântico (5:9,10) louva-se a Cristo porque foi digno de abrir os selos — digno é o Cordeiro! Ele é digno por causa de sua obra redentora. Esta obra é descrita com suas quatro qualidades específicas:

Primeira -—■ *é para Deus,* primariamente — "compraste para Deus". Esta mesma idéia aparece em Efésios 1:1-14. A redenção do homem é antes de tudo para o bem de Deus.

Segunda — *é pelo sangue de Cristo* — "foste morto. . . e com o Teu sangue compraste". Esta referência é direta, e somente à morte sacrificial de Cristo na cruz.

Terceira — *é ilimitada* — "homens de toda tribo, e língua, e povo, e nação". A graça de Deus por Cristo não está limitada a esta ou àquela nação, mas é para todas as nações.

Quarta — *faz dos remidos um reino.* "E para o nosso Dcun os fizeste um reino e sacerdotes, e reinarão sobre a lerru." Tornando-se os homens participantes da obra redentora <lr Cristo, tornam-se parte também do Reino de Deus; tornam w[1] sacerdotes, para servi-Lo aqui neste mundo.

14) *Ibiã.,* p. 511.

15) *Ibid.,* p. 118.

Por esta obra redentora, os anciãos louvam o Cordeiro. Uma multidão de anjos junta-se a eles, para cantar a dignidade e excelência do Cordeiro. A criação natural também toma parte no louvor, cantando "ações de graças, e honra, e glória, e poder, e domínio" Aquele que está assentado sobre o trono, e ao Cordeiro.

A primeira visão de João se fecha com esta eletrizante cena dos santos em triunfo e do universo todo adorando, cantando louvores e homenageando o Cristo triunfante. Calculava-se que esta cena traria novo alento, e coragem, e renovada esperança ao coração dos que primeiro lessem este livro de João — os cristãos perseguidos da Ásia. Ela traz a mesma mensagem eletrizante e dinamizadora aos corações cristãos de qualquer época. Crendo no poder de Deus (capítulo 4) e no Seu amor redentor (capítulo 5), o cristão não deve temer nenhum inimigo, nenhum poder maligno. Pode entrar na luta e suportar todo o mal, sabendo que Deus permanece no seu trono, que não deixou o seu cetro, que não abandonou o seu trono para qualquer outro. Ele é mais poderoso que todos os exércitos que se reúnem para combater e perseguir o seu povo. A fé nele propicia ao homem a apropriada avaliação da vida, de seus sucessos e do seu resultado final.

CAPITULO VH

O CORDEIRO ABRE OS SELOS

(Apocalipse 6:1 a 11:19)

O ato principal do livro do Apocalipse começa com esta visão. O restante do livro é, na realidade, uma explicação dos selos do pequeno livro do destino. Por detrás de toda a história está Deus em Cristo; neste livro vemos a mão de Cristo abrindo o selado livro dos feitos de Deus em relação ao homem. O selo era um sinal de propriedade. Só um representante oficial poderia abrir um selo Aqui Cristo é o representante oficial de Deus, e por isso está qualificado para abrir os selos.

I. O PRIMEIRO SELO — O CAVALO BRANCO: CONQUISTA (6:1,2)

O Cordeiro abriu o primeiro selo. Uma das quatro criaturas viventes disse numa voz de trovão — "Vem". Nos antigos manuscritos aparece aqui uma variação. O Código Sinaítico apresenta um duplo imperativo — "Vem e vê" — como dirigido a João. O Código Alexandrino, considerado como o texto que parece haver recebido menores alterações, traz só um imperativo — "Vem" — como sinal dado ao cavaleiro para entrar no palco onde se desenvolve a ação. Pouca diferença faz, mas parece que a última interpretação se adapta melhor às circunstâncias.

Quando se ouviu a voz — "Vem" — um homem montado mim cavalo branco surgiu em cena. Isto é uma pantomimu. Nlo há outros contornos, nem outra ação além do cavaleiro dl anta da nossa visão. Pela cor do cavalo e pela descrição do cavnloiro, devemos identificá-lo. Há duas idéias sobre isto. AlffUM' acham que o homem montado no cavalo branco representa Cristo, ou

1) Richardscm, *op. cit.,* p. 79 em dianto¡ nos **oferece um** denonvolvimento mais claro desta teoria.

talvez a causa de Cristo, o progresso do evangelho. A cor do cavalo sugeriria a pureza celestial; a coroa, a realeza; o arco representaria o seu modo de vencer os inimigos; ele avança de vitória em vitória, em sua marcha a favor de Deus. O avanço progressivo da Causa de Cristo continuará até ser vencido o último inimigo. O cavaleiro vitorioso sobre o cavalo branco representa a vitoriosa carreira do evangelho. Esta é uma teoria muito atrativa, mas parece haver muitas coisas contra ela. Pelo que parece, o cavalo branco marcha no mesmo sentido que os mais. E isto não representa a verdade, se se opõem um ao outro num conflito de vida ou morte. Também seria um tanto ridículo retratar Cristo como o Cordeiro fazendo subir o pano e então vestindo rapidamente a farda dum soldado persa e cavalgando um cavalo pelo palco.

A melhor teoria [2] parece ser a que se baseia nos reflexos históricos do quadro. Este primeiro cavaleiro representa a conquista, o militarismo, a força armada de luxúria para subjugar algum novo inimigo. A cor branca do cavalo representa a vitória. Cavalos brancos sempre eram montados pelos conquistadores em suas marchas triunfais. Este cavalo simbolizava, com os outros mais, uma das forças que deveriam produzir a queda do Império Romano. Os cristãos deviam ver nele um sinal de vitória. O cavaleiro não era romano, e, sim, persa — que era o pior inimigo de Roma. Os guerreiros romanos não usavam arco, que era a arma favorita dos partos. Os governadores romanos nunca usavam coroa. Quando se expulsaram os tarquínios, cerca do ano 500 antes de Cristo, abriu-se o precedente, desobedecendo-se às disposições monárquicas. Era já tradicional a aversão à coroa, e muitos governadores foram assassinados por pretenderem ser rei. Em contraste, têm se achado moedas da Pérsia que traziam gravadas um cavaleiro com arco na mão e coroa na cabeça. Assim, proclamava-se aos cristãos que a vitória estava perto. Roma, poderosa e má, não ficaria sempre de pé, não. As conquistas no exterior fariam parte do processo de sua destruição. Deus tinha em suas mãos os meios para libertar seu povo.

H. O SEGUNDO SELO — O CAVALO VERMELHO: GUERRA (6:3,4)

Quando o Cordeiro abriu o segundo selo, João ouviu *a* segunda criatura vivente dizer — "Vem". A chamado dela entrou em cena um homem sobre um cavalo vermelho. Este bem mais pomposo. Nada disse. Apenas cavalgou, e permitiu que a cor do seu cavalo o identificasse. Cavalo vermelho era o seu, e foi-lhe concedido "tirar a paz da terra" e levar os homens a se matarem uns aos outros. Levava uma grande espada que, com os outros mais detalhes, nos leva a crer seja ele o símbolo da Guerra. Sim,

2) Veja Allen, Dana, D. Smith, o *Expositofs* GreeJc *Testament,* Ramsay, Charles e outros.

a guerra é o meio sanguinolento de levar avante na eonqulnlim, <• assim era natural que este cavalo aparecesse logo após o britlOO,

m. O TERCEIRO SELO — O CAVALO PRETO: A FOME (8; 5,6)

Aberto o terceiro selo, a terceira criatura vivente fez a chamada, e eis em cena um homem montando um cavalo preto, a atravessar silenciosamente o palco. Traz em sua mão uma balança. Uma voz vinda do palco, do meio das quatro criaturas vi-ventes, disse: "Uma medida de trigo por um dinheiro, e três medidas de cevada por um dinheiro; e não danifiques o azeite e o vinho." Tudo isto identifica o terceiro cavaleiro como sendo a Fome. Nos tempos de guerra escasseia o alimento, e ele é racionado e pesado para cada família. Os preços dos gêneros de primeira necessidade se elevam assustadoramente; triplica ou de-cuplica o preço do trigo para o pão, do óleo, do vinho. Uma

medida — x°^^yi"£ — ^e trigo era em geral a ração diária do trabalhador. Em tempo de guerra custaria doze vezes mais que em tempos normais. Ao mesmo tempo, um dia de trabalho só daria para se comprar oito medidas de cevada, quando se precisavam de vinte e quatro. As substâncias de valor, nutritivo desapareceriam dos mercados, por causa da ganância dos negociantes. O óleo e o vinho, que são luxo e não coisas de primeira necessidade, correriam em abundância para exasperar ainda mais os homens ao verem-nos abundar para aqueles que em suas mãos só têm uns poucos grãos de trigo e passam fome.[3] Sim, a fome sempre vem na esteira da guerra.

IV. O QUARTO SELO — O CAVALO AMARELO: PESTILÊN-CIA (6:7,8)

Abrindo-se o quarto selo, a chamado da quarta criatura vivente, surge em cena hedionda figura. Um cavalo amarelo, pálido, lívido. Seu nome é Morte; e o Hades, a região dos mortos, vem atrás dele para apanhar sua presa. Foi-lhes dado poder sobre a quarta parte da terra, podendo matar os seus habitantes por todos os modos concebíveis. Vemos aqui o terrível efeito da peste que sempre vem depois da guerra e da fome. Ela assolara muitas vezes a Ásia Menor, e podia facilmente destruir mais vidas do CHIO a própria conquista, ou a guerra, ou a fome, ou as feras bravlas. E um meio rápido de retribuir o mal, e que está nas mãos da justiça divina. Este julgamento é parcial, pois que se estende apenas a "um quarto da terra". Mas consegue deixar forte impressão de horror a visão deste cavalo que tem a lívida cor dos cadáveres, cavalgado pela Morte, e tendo atrás de si o Túmulo que vai ruidosamente recolhendo os corpos que ela mal a.'

3) Moffatt, *ExpositoVs Greelc Testament,* V, p. 390.

4) D. Smith, *The Disciple's Commentary,* V, 828, 6 Mo//nt(, *EwQQtttOPí Greek Testament,* V, p. 390.

Tudo o que foi apresentado —aconquista militar, a guerra, a fome e a peste — são forças de qu_e Deus pode lançar mão para destruir os opressores do seu povo, Q_{ue} os seus cristãos, pois, criem coragem. Sua causa de modo algum está perdida.

V O QUINTO SELO — OS SALTOS MARTIRIZADOS: PERSEGUIÇÃO (6:9-11)

Quando o Cordeiro abre o quinto selo, muda-se o simbohsmo. Até aqui vimos os meios pelos quais Deus pode exercer seu julgamento. Agora veremos a razão desse julgamento. Debaixo do altar João vê "as almas dos que foram mortos por causada palavra de Deus, e por causa do testemunho que deram". Não_ podem ser senão os mártires da perseguição de Domiciano. João da o nome de um deles — Antipas — neste mesmo livro (2:13). Us historiadores contam o martírio de muitos outros. Aqui,, simbolicamente, clamam para que se vingue ç> sangue deles que foi d_er-i amado. Alguns críticos dizem que esta atitude não é de cristãos e, por isso, querem negar lugar para o Apocalipse no canon ao Novo Testamento. Esquecem, porétn, tais críticos, que *p* ódio ao pecado é parte essencial da retidão de Deus. Este parágrafo reflete a necessidade moral do julgamento. Deus não seria um Deus justo se deixasse sem vingança males tão grandes. O motivo principal do juízo de Deus contra o Império Romano era justamente essa perseguição que moviam a seu povo. A única atitude não cristã refletida aqui é a impaciência dos mártires, e esta parece ser uma atitude pouco cristã, mas que se nota em quase todos. Os santos mártires sabem $qu_{e\ 0}$ juízo está próximo, e nao compreendem por que Deus espera tanto tempo.

A cada um deles se conferiu um vestido branco.^ símbolo de sua vitória e pureza, e se lhes diz que tenham paciência. O tempo ainda não está maduro para a retribuição de Deus; ha outros nas igrejas que ainda sofrerão. Mas, no fim, virá, certa e infalível, a vitória. O juízo logo virá.

VI. O SEXTO SELO — O TERREMOTO: O JUÍZO (6:12-17)

Quando se abriu o sexto selo, $J_0ã_0$ viu um grande terremoto acompanhado de todos os seus horrores. O sol se escureceu, a lua ficou em sangue; as estrelas caíram como figos derrubados por forte vento- os céus se enrolaram como um rolo de papel; as montanhas e ilhas desapareceram. Gente de todas as classes e condições sociais escondeu-se nas cavernas e rochas; e clamaram a montanhas que caíssem sobre eles e assim os esco„de*se™.°° rosto dAquele que está assentado no trono e da ira do uoraenu, "norque" diziam — "eis que é vindo o grande dia da ira d&ies, e quem poderá subsistir?" A curta agonia de ser esmagado pela morte era preferível a ser arrastado à presença dum Deus iraao.

Há duas interpretações principais deste simbelismo. Um grupo [5] acha que aqui não está

representado o juízo final, mas só um julgamento temporal por meio de calamidades naturais. Como caso representativo de calamidade natural, empregou-se o terremoto. Eram freqüentes na Ásia Menor, e o povo compreenderia bem. A combinação de terremoto com a erupção vulcânica destruíra Her-culano e Pompéia pelo ano 79 de nossa era. Sardo e Filadélfia também quase que foram totalmente destruídas por um terremoto, certa vez. Essas calamidades naturais retratam de modo mui pitoresco a visitação da ira divina, do juízo de Deus sobre quantos estavam oprimindo o seu povo.

Aqueles que defendem este ponto de vista observam, então, o fato evidente de que o juízo final só vem descrito em Apocalipse 20:11-15. Acham que aqui ainda não se trata do juízo final, e dão as razões seguintes:

Primeira — Esta interpretação ignora o uso que desta idéia se faz no Velho Testamento. É ela empregada em relação aos negócios temporais ou seculares da nação em Joel 2:10, Jeremias 4:23,24, Isaías 13:9,10. Mas não devemos esquecer, como parece que tais intérpretes fizeram, que uma das principais feições do Apocalipse é o emprego da linguagem do Velho Testamento com significados neotestamentários; este fato enfraquece esta objeção.

Segunda — Dando-se que aqui se trata do juízo final, esquecem-se de que é uma visão que foi dada por meio de símbolos, e tomam tudo literalmente. Isto é meia verdade. Os futuristas são culpados deste erro, porém há muitos outros que sustentam que aqui está simbolizado o juízo final, mas não tomam literalmento o texto.

Terceira — A interpretação que dá este trecho como o do juízo final coloca este juízo em lugar errado no esquema dos cvento3. Será verdadeira tal interpretação, se estiver errada a teoria da recapitulação. Mas, se estas visões são descrições das mesmas coisas, cada uma se completando a si mesma, porém crescendo de intensidade, então se terá posto o juízo final no lugar certo.

Outro grupo de exegetas [6] acha que isto tudo é símbolo do juízo final. Apega-se à teoria da recapitulação, acima referida, e acha que esta é a seqüência natural. Não admite um cumprimento literal destas coisas. Acha que os acontecimentos aqui referidos eram material tirado de coisas familiares aos cristãos daquele i dias para mostrar a destruição completa e final dos inimigos <':i Causa de Cristo. Os defensores desta teoria sublinham, intlo, esta declaração: "Porque o grande dia da ira deles é chegado; a quem poderá subsistir?" como uma indicação de que este e. o ú!ti~

5) Dana, Pieters, *American Commentary*, Charles, HíIHJltmbflrj, m *Uico.*

6) Richardson, Moffatt, ICuyper, tn loco.

mo julgamento. Pieters[7] e Charles[8] respondem a isto com uma declaração que parece ser verdadeira, afirmando que este era o modo de ver e de sentir daqueles pecadores em terror e pânico, e não o de João. Eles, aterrados, pensaram que tinha chegado o fim de tudo; João não interpreta o que escreveu.

Há bons argumentos de parte a parte nesta questão, de modo que dificil se torna acolher uma e rejeitar a outra. Pessoalmente simpatizo com aqueles que acham que tais visõe3 se completam cada uma por si, cobrindo todo o campo de ação. Portanto, acei-uulu. a idéia de que aqui está simbolizado o juízo final, e assim agiria de modo defensável. Sinto-me fortemente inclinado, porém, a agir inconsistentemente, por sentir que aqui não está representado o juízo final, e, sim, uma calamidade natural como instrumento de justiça aplicada aos negócios temporais da humanidade. Moffatt[9] encontra um modo de escapar, ao sugerir que aqui está simbolizado o início do juízo final, mas João introduz um *entre--acte* que exclui o juízo final e faz com que se dê aos habitantes da Ásia Menor apenas uma prelibação da destruição que se aproxima. Seja qual for a interpretação, esta parte do drama simboliza o poder destruidor de Deus contra aqueles que rejeitam a ele e ao seu plano de salvação. Quando estas forças forem postas em ação, rugindo e refervendo — "Quem poderá subsistir?" Esta pergunta vem respondida no capítulo 7.

Suprimento para os Redimidos (7:1-17). A última série de símbolos retratou a destruição dos inimigos de Cristo. A série seguinte traz ainda idéia semelhante. A pergunta que se faz naturalmente é esta: Que acontecerá com os santos de Cristo enquanto estiver em progresso esta obra destruidora? Escaparão, ou serão vitimados por ela? Por esta razão é que foi introduzido o parêntese seguinte, para mostrar que Deus providenciou a proteção deles. Simbolizam-se as forças destruidoras como reprimidas até que os santos sejam selados para a eterna glória e proteção.

Nesta visão, João viu quatro anjos que estavam sobre os quatro cantos da terra. Estavam retendo

os quatro ventos que simbolizam a retribuição divina.[10] Olhando, João viu outro anjo subir da banda do sol nascente, donde vem a luz para o mundo em trevas. Este anjo trazia o selo de Deus — o ferro de marcar do Deus Vivo — e clamou com grande voz, que podia ser ouvida em toda parte, aos quatro anjos que retêm a retribuição divina até que tenha posto o selo de Deus, que indica posse e proteção, nas frontes do seu verdadeiro povo. João não viu a ação de selá-los, mas ouviu a proclamação do número dos assinalados com o ferro de marcar do Deus Vivo — "cento e quarenta e quatro mil assi-

7) Pieters, op. cit., p. 126.

8) Charles, *The Revelation of St. John.* Vol. I, *The International Criticai Oommentary,* p. 183. Veja-se também Swete, *op. cit.,* p. 93.

9) Moffatt. op. *cit.,* p. 394.

10) Retratar-se o julgamento divino como um vento é idéia que predomina no Velho Testamento.. Veja Jeremias 4:11,12; 18:17; 49:32, 36; Ezequiel 5:2; 12:14; Salmos 106:27; J6 38:24; Isaías 41:16.

nalados, de todas as tribos dos filhos de Israel". Ouviu também que esse total era constituído de aoze mil de cada uma das doze triDOs de Israel. Todos os entendidos parece reconhecerem que essa selagem é um símbolo de proteção. A linguagem aqui é semelhante a de Ezequiel 9:1 em diante, onde também se fala duma marca feita na testa do povo de Deus, para proibir aos agentes da destruição de tocar na pessoa que assim estivesse assinalada. Aqui, no Apocalipse, os assinalados trazem a marca de Deus — os instrumentos de marcação no Oriente traziam o nome do possuidor. Assim, os assinalados estavam protegidos, de modo que os ventos destruidores não lhes fariam mal algum. Até este ponto os peritos concordam. Agora, quando se tenta identificar os dois grupos mencionados neste capítulo, surgem opiniões mui diversas. O Apocalipse foi escrito numa linguagem simbólica, e nunca deve ser interpretado de maneira dogmática. Melhor é re-vermos as diversas opiniões, as evidências, e tirarmos' aquelas conclusões que parecem ter mais base.

Em primeiro lugar, surge a teoria de que esses cento e quarenta e quatro mil representam os judeus cristãos, e a grande multidão que nenhum homem pode enumerar representa os cristãos gentílicos. Ã primeira vista, parece ser esta a interpretação natural. Dana [u] acha que o primeiro grupo é o remanescente de Israelje o segundo, os remidos das nações. Ê certo que 12 é o número que simboliza religião organizada. É o número perfeito para esta idéia. Cento e quarenta e quatro mil é um grande múltiplo de doze e quer dizer uma imensa multidão. Portanto, essa marcação de doze mil de cada uma das doze tribos de Israel simboliza uma imensa multidão de judeus cristãos assinalados para assim serem protegidos. A grande multidão (7:9-17) simboliza o grande número de gentios salvos. João não os deixa sem esperança. Eles se alegram com a triunfante antecipação da proteção divina. Este ponto de vista substancialmente é o mesmo defendido por Stuart.[3 z] Bengel também o sustenta. Há outros que^concordam com isto, mas adotam a teoria futurista, o que realmente os põe fora de comparação neste ponto.[13] Ê de admirar encontrar-se Dana na companhia de Bengel e Stuart, neste particular, que deixa a interpretação simbólica e prefere a declaradamente literal.

A segunda teoria é a de que o simbolismo aqui usado não divide os redimidos em judeus e gentios. Esta teoria é BUltôütldl por Pieters, Moffatt, Kiddle, D. Smith, J. Smith, Richnnlnon, Charles, Swete, Beckwith, Milligan e Hengstenberg. Eltei autOrH representam o que de melhor apareceu no estudo do ApoCtllsiO nestes últimos cem anos. Aqui vão resumidamente al^uinan diui suas idéias:

11) Dana, *The Episües and Apocalipse* o/ *John,* **p, 123,**

12) **Stuart,** op. *cit.,* **II,** p. **171** em **diante.**

13) **Larkin** op. *cit,,* p, 65, é um bom cxnmplo <ln.'i lilíMn/i ilfütc r,in|">

Pieters: o primeiro grupo representa os verdadeiros crentes na tèrrargnquanto ainda sujeitos às tempestades do juízo divino que surgem no mundo; o segundo grupo simboliza os crentes que já estão no céu... Os dois grupos são, então, respectivamente, a Igreja Militante e a Igreja Triunfante.[14]

Richardson: a Igreja Universal, todos os cristãos são assina-ladoslTsua segurança está garantida. Nenhum membro da igreja verdadeira se perde. Novamente os santos do Velho e do Novo Testamento são indicados pelo múltiplo do doze. Não há nenhuma distinção aqui entre judeus e gentios.[15]

D . Smith: temos aqui uma visão do cuidado de Deus para com o seu povo, sujeito às tribulações terrenas.. . Estes são o verdadeiro Israel — "o Israel de Deus" — (Gál. 6:16);.. . É uma visão do triunfo celestial da multidão martirizada... [1B]

Swete: O Israel da primeira visão é coextensivo à igreja toda... As duas visões retratam o mesmo corpo sob condições muito diferentes."

Beckwith: Quem são estes 144.000 que serão marcados? Apesar d6""algumas dificuldades surgidas, a resposta mais conforme aos conceitos gerais do Novo Testamento, bem como mais consentânea com as idéias dos apocalípticos ■—■ a que menos viola o espírito universalistíi do livro — é a de que se trata aqui do corpo total da igreja.. . Os remidos aqui são os que vêm de cada nação e tribo... tanto judeus com gentios.[18]

Charles: não se trata aqui de crentes descendentes do Israel literãTrrr"é,'sim, do Israel espiritual.. . Estes (do segundo grupo) são os que foram assinalados na visão já referida, os que pelo martírio alcançaram já o privilegio do mártir, a imediata bem--aventurança e perfeição.. . [19]

Hfingstenberg: achar que estes (144.000) representam só os judeus cristãos e a maior arbitrariedade.. . Aqueles, aos quais dantes se garantiu serem preservados dos juízos decretados contra o mundo, são aqui apresentados na inumerável multidão do capítulo 7, versículo 9, na glória celestial que os aguarda.[20]

_Milligan: a primeira impressão que a visão produz em nós é a de que, sem dúvida, aqui se trata dos judeus cristãos, e somente deles. Muitas considerações, porém, nos levam a uma conclusão mais larga de que, sob uma figura judia, estão incluídos aí todos os seguidores de Cristo ou a Igreja Universal. [21]

14) Pieters, *op. cit.,* p. 129.
15) Richardson, *op, cit.,* p. 88.
16) D. Smith, *The Disciple's Commentary,* V, p. 632 em diante.
17) Swete, *op. cit.,* p. 90.
18) Beckwith, *op.'cit.,* pp. 535 e 539.
19) Charles, *The Sevelation of St. John,* Vol. H; *The International Criticai Commentary,* pp. 206 e 209.
20) Hengstenberg, *op. cit., l*$_t$ pp. 363 a 371.
21) William Milllgan, *The Book of Revelation* (N. York, Armstrong and Son, 188), p. 116 em diante.

Todas estas afirmativas nos dão claramente a posição desses escritores. Dum ponto de vista mais ou menos negativo, são muitas as razões apresentadas contra a idéia de que os dois grupos representam respectivamente judeus cristãos e gentios cristãos. Algumas dessas razões merecem ser aqui lembradas:

Primeira — No Apocalipse não se faz em lugar nenhum distinção entre cristãos judeus e cristãos gentios. Aos olhos de João a igreja é uma. Não existe dentro dela nem judeu, nem grego, nem bárbaro, nem cita, nem escravo, nem livre. Não há aí uma só palavra que sugira que a multidão de crentes esteja dividida em duas partes. As epístolas às sete igrejas inquestionavelmente nos dão uma representação daquele corpo de cristãos cuja sorte é descrita mais tarde. Naquelas cartas Cristo passeia no meio delas, fas promessas, e as faz não especialmente a este ou àquele grupo, mas sempre precisamente nos mesmos termos, dizendo — "ao que vencer". Seria coisa mais que absurda estabelecer-se aí qualquer linha de separação entre cristãos judeus e cristãos gentílicos.

Segunda — É costume do autor realçar e espiritualizar substantivos judaicos. O Templo, o Tabernáculo, o Altar, o Monte Sião, Jerusalém são para ele corporízações de idéias profundas, significando mais do que o seu conteúdo literário. A analogia indica que este é o uso mais natural da palavra Israel, no caso presente.

Terceira — Algumas das expressões da dita passagem não admitem que se limitem os assinalados a uma classe especial de cristãos. Por que, por exemplo, ser de caráter universal a retenção dos

ventos? Não bastaria reter os ventos que soprassem sobre os cristãos judeus, e não os ventos de toda a terra? Assim também a designação de "servos" parece incluir o número total, e não apenas alguns, dos filhos de Deus.
Quarta — Se o segundo grupo representa os cristãos gentílicos, nada se diz de serem eles marcados para serem protegidos. E, certo, eles precisavam tanto disso como os judeus cristãos.
Quinta — O selo de proteção era colocado na testa, e no Apocalipse 22:4 todos os crentes estão assim assinalados.
Sexta — Achamos novamente o número 144.000 no capítulo 14. Não se pode duvidar de que as mesmas pessoas estejam também aí incluídas. No capítulo 14 está claro que o número totnl doa remidos .é simbólico,.
Sétima — Ò Apocalipse é um livro de contrastes. Em muitas de suas passagens (13:16,17; 14:9; 16:2; 19:20; 22:4) vemos todo o exército de Satã assinalado em sua testa. Isto parece isr uma antítese desta passagem aqui discutida. Portanto, todo 0 povo de Deus é marcado.
Oitava — Não se pode negar que a segunda vlflSo B da grande multidão diante do trono e diante do CordBlro inclui um estágio mais elevado de privilégios e glória do que u primeira.. Seguir-se-ia, então, pela teoria, ora combatida/leque no moflmoins-tante em que se diz que João está negando BOI gentios a mnr-

cação divina e colocando-os numa posição inferior à dos judeus, tratando os cristãos gentílicos apenas como um "apêndice" dos cristãos judeus, esteja João falando dos cristãos gentílicos como herdeiros dum privilégio e glória ainda maiores! Cremos que o apóstolo não seria tão inconsistente assim, não. A conclusão que se tira destas evidências mui fortes é clara. A visão desta marcação não se aplica só aos cristãos judeus, e, sim, a todos os cristãos. Quando os juízos de Deus se desencadeiam, sobre o mundo, todos os servos do Senhor estão marcados com o selo da proteção divina. As duas visões devem representar o mesmo grupo em circunstâncias diferentes. Veremos, a seguir, essas circunstâncias.
Um exame atento dos princípios estruturais que caracterizam os escritos Joaninos nos mostram que *eles se* distinguem por uma tendência de representar o mesmo assunto, ou objeto, de duas maneiras diferentes, sendo a segunda um clímax da primeira. O escritor não se satisfaz com uma simples anunciação daquilo que ele deseja incutir no ânimo de seus leitores. Assim sendo, ele lança mão da repetição. A miúdo, no Apocalipse, depois de haver apresentado um assunto, ele o traz novamente à consideração de seus leitores, elabora-o, alarga-o, aprofunda-o, apresenta-o com um colorido mais forte e mais vivo. A segunda apresentação é o centro dum círculo de circunferência maior e é anunciada com maior força, Este justamente parece ser o caso da passagem que estamos discutindo.
Os 144.000 da primeira visão consoladora representam não só os cristãos judeus, mas todo o corpo dos crentes. A marcação com o selo simboliza a proteção concedida a eles pelo seu Deus, para quando seus juízos descerem sobre o mundo. O número 12 — número sagrado de significação religiosa — é primeiro multiplicado por si mesmo e depois por mil, o número usado para significar completaçao. O resultado, 144.000, é empregado para representar completaçao absoluta, para dizer que nenhum membro do verdadeiro corpo dos crentes será perdido ou esquecido.[22] A desnecessária nomeação de cada uma das diversas tribos, com a repetição do número 12.000, salienta do modo mais enfático a inclusão de cada membro do povo de Deus. João tem diante de si uma verdade da mais alta importância para transmitir, e, com o engenho e arte dum habilidoso contador de histórias, explica-a de tal modo que seus leitores ficam em suspenso, ansiosos por saber algo do culminante terror que vai ser lançado sobre a terra quando se abrir o sétimo selo. Eles devem aprender algo que os afeta mais profundamente do que os espetaculares portentos do capítulo 6. Conquista, guerra, fome e pestilência foram já vistas como coisas ameaçadoras. Quatro anjos retiveram os quatro ventos que alternadamente simbolizam, com os quatro cavaleiros, os males retributivos de Deus para castigar os iníquos. Ficam reti-

22) Ver Jo&o 17:12.

dos até que o povo de Deus possa ser marcado e assim não venha a sofrer dano quando aquelas forças ameaçadoras se desencadearem. Antes dessa crise, deve discriminar-se o bem do mal; os

justos estarão imunes da destruição que caçará e derribará o iníquo. O selo é a marca divina de proteção e posse; ele os identifica com o seu culto e os põe fora de perigo. Assim, este primeiro grupo representa os verdadeiros crentes na terra, onde estrugirão as tempestades do juízo divino sobre o mundo. Eles não serão tirados do mundo, mas estão marcados com o selo de Deus. Estão guardados na concavidade da mão de Deus, e, para eles, todas as coisas cooperarão para um fim muito bom.

"Depois destas coisas" — a marcação dos santos protegidos na terra — João viu uma visão de maior alegria e encorajamento. Viu uma grande multidão que homem algum poderia contar. Era tal multidão constituída de gente "de todas as nações, e tribos, e povos, e línguas". Estavam diante do trono e diante do Cordeiro, dividindo seus louvores entre Deus "assentado sobre o trono" e "o Cordeiro". Trajavam vestidos brancos e tinham palmas nas mãos.

Este grupo não está marcado com o selo de proteção porque já não precisava mais dela. Estavam já fora do mundo e na presença de Deus. Tinham saído vitoriosos das provações. Isto é simbolizado pelas suas vestíduras brancas. Mostravam-se contentes, jubüosos. Isto é simbolizado pelos ramos de palmeira que trazem nas mãos. Tais ramos tinham sido usados bastas vezes naquela cidade, sempre em ocasiões de regozijo e festa. Os conquistadores romanos usavam grinaldas de folhas de palmeira. [a] Os atletas gregos, ao final de sua corrida vencedora, eram festejados com *um* ramo de palmeira. [2i] Contudo, o uso dos ramos de palmeira aqui provavelmente nada tinha que ver com qualquer dessas ocasiões. Com maior certeza, há aqui um reflexo do uso das palmas na Festa dos Tabernáeulos.[25]. Eram levadas para a Festa dos Tabernáeulos, e com elas se construíam os abrigos necessitados naquelas ocasiões para paliçadas nas ruas. A Festa dos Tabernáeulos era antes de tudo uma festa de alegria — alegria pela libertação, pela preservação e pela segurança para os dias do futuro. Assim, aqui nesta visão são as palmas usadas para o mesmo fim. O cântico é de louvor e graças, e atribui a salvação — n libertação — a Deus no seu trono e ao Cordeiro. Assim, reconhecem eles a fonte da vitória que alcançaram; os anjos ao redor do trono juntam-se-lhes no louvor a Deus, por tudo quanto Ele fez.

Um dos anciãos, notando o interesse e a perplexidade de João, perguntou-lhe — "Quem são estes que trajam vestidos brancos, e donde vieram?" João confessa ignorar isso, man tftxnbéffl

23) Charles, *The Revelation of St. John,* Vol. *T; IntnrnatUmal Criticai Commentary,* p. 211.

24) Moffatt, *op. cit.,* p. 398.

25) Swete, Dana. Hengstenberg;, RJclmrrtson, Hrckwllli o MIlllRan, *tn loco.*

diz crer que o ancião lhe possa explicar. E o ancião aclarou: "Estes são os que vieram de grande tribulação, e lavaram os seus vestidos e os branquearam no sangue do Cordeiro." Por esta razão, por haverem saído vencedores das angústias do mundo, estão agora diante do trono de Deus, não mais na terra, e servem a Deus continuamente. E mais, Deus lhes concede perfeito companheirismo e proteção, e supre todas as suas necessidades. O Cordeiro *redentor* tomou-se-lhes agora o Cordeiro *provedor:* Ele os guiará às fontes da água da vida, e Deus afastará deles toda a dor ou pesar.

Ao todo, isto nos apresenta um quadro vivo dos santos depois de haverem passado pelas aflições prometidas, com ameaça, na primeira parte do capítulo. É glorioso observá-los à medida que vêm vindo (está no particípio presente), passando vitoriosamente das angústias para o louvor e ações de graças a Deus e a Cristo, como a fonte ou a causa eficiente de sua libertação. O grande e notável fato aqui não é tanto surgir da provação, mas surgir dela com a fé e a consciência impolutas. [26] Isto só é possível pelo poder do sacrifício de Cristo por nós. O poder da redenção esti-vera por detrás da vitória que alcançaram sobre a perseguição. Esta a razão por que não atribuem a si a vitória, e, sim, tudo atribuem a Deus e ao Cordeiro.

Revendo a relação que existe entre as duas divisões do capítulo, vemos que as pessoas aí referidas são as mesmas; só diferem as posições delas nas duas divisões. Numa, estão marcadas e livres do juízo, quando Deus descer a julgar a terra. Estão debaixo da proteção de Deus, e são libertadas não do juízo, mas por ele. Na segunda divisão, nós as vemos depois de haverem passado pelas provações e dificuldades. Agora gozam paz, alegria e vitória. Toda e qualquer necessidade é suprida e curada, e afastada, toda tristeza ou pesar; toda lágrima, enxuta. Foram selados na terra; agora, no céu, trajam vestidos brancos e trazem alegres ramos de palmeira nas

mãos, à medida que prestam o seu culto ao redor do trono de Deus. As duas visões juntas nos dão o quadro mais completo da segurança do povo de Deus ante os juízos retratados nos capítulos 6 e 8. "Quem poderá subsistir?" Eis que tivemos aí a resposta.

Vn. O SÉTIMO SELO — O INCENSO: A VITÓRIA (8:1-5)

Aqui, como noutras partes do Apocalipse, a última subdivisão dá visão é transicional ou intermediária. Ela prepara o caminho para o que vem na visão seguinte. A seção intermediária é dividida em duas partes: o silêncio no céu (w. 1 e 2) e o incenso da vitória (w. 3 a 5).

26) Moffatt, *op. cit.,* p. 399.

1. 0 Silêncio no Céu (8:1,2)

Tem sido interpretado de dois modos. O primeiro acha que a meia hora de silêncio simboliza o juízo dilatado ou delongado;'" o juízo vem, mas é retardado; virá no tempo por Deus determinado. Esta idéia do retardamento do juízo já fora apresentada na retenção dos ventos (7:1-3), e tem aqui sua confirmação. O segundo ponto de vista entende que o silêncio no céu é para efeito dramático.[2a] João tinha já visto os *instrumentos* do juízo, a *necessidade* do juízo, o *terror* dos maus em face do juízo iminente e a *provisão* feita para o povo de Deus durante o juízo. Que virá agora? Até as hostes celestiais permanecem em silêncio, querendo ansiosamente ver o que vem agora. Viram, como João também, sete anjos, cada um com uma trombeta na mão. O selo que vimos na última visão era para esconder as coisas; as trombetas eram usadas para reunir os exércitos, dar ordens que deviam ser cumpridas — eram para anunciar coisas. Que anunciariam elas? Esta era a pergunta que estava no pensamento das hostes celestiais, à espera e em expectante silêncio. Temos aqui um tom mui dramático de nenhuma significação profética ou doutrinai em si mesma; trata-se dum período de *suspense* (de expectativa), dum silêncio de reverência, de expectação e de oração, em que os exércitos celestiais aguardam, em profundo silêncio e com a respiração contida, que o espetáculo prossiga. Ê provável que ambas as idéias estejam aqui simbolizadas, a da dramática expectação e a da retenção do juízo.

2. O Insenso da Vitória (8:3-5)

Parece ser de explicação mais fácil. Um anjo veio para diante do altar com bastante incenso. Este foi adicionado às orações de todos os santos. O anjo tomou o incensário e o encheu do fogo do altar, que era uma mistura de incenso e orações, e lançou o fogo sobre a terra. Assim, o incenso da vitória-.foi espalhado sobre as brasas vivas da intercessão cristã. Resultou disso que toda a terra ficou em grande agitação nas garras do juízo divino. Pelo que se segue através do resto do livro, parece estar aqui simbolizado o fato de que o Cristo conquistador vem vindo para aplicar a retribuição de Deus aos opressores do seu povo. A causa eficiente disso é a reunião das orações de "todos os santos". Oi tTO' voes, os relâmpagos e o terremoto que se seguiram são avisna duma grande visita destruidora. Toda a cena dos versículo,'; .'{, 4 c 5 é um prelúdio das sete trombetas que começam a ser ouvidaa.

Pode-se facilmente perder de vista a finalidade pratica <\f João nesta passagem. O simbolismo desta visão podo H<T percebido mais prontamente do que o de muitas de suas oiilnia viiuleu; por

27) Milligan, *op. **cit,*** p. 135.

28) Pieters, Richardson, Dana, Bcckwilh, I>. Hmll.li **Mnrfiitl,** Hwt>tn •' Klddle, tn *loco.*

INHO, há uma tendência mui forte para se concentrar a atenção nos detalhes do quadro. E o resultado disso tem sido, não poucas vezes, um desastre. Por exemplo — tem-se vasculhado a significação das pragas, como se João estivesse aqui dando uma aula científica sobre as últimas coisas. Assim, não poucos comentadores têm proclamado haver descoberto no texto inconsistências e contradições. Afirmam que no capítulo 8, versículo 7, João declara que toda a erva verde foi queimada, e, no entanto, no versículo 4 do capítulo 9, se ordena aos gafanhotos que não danifiquem a dita erva verde. Esquecem-se de que João afirma, no versículo 7 do capítulo 8, que o que se queimou foi a erva verde da terça parte da terra destruída pelo fogo e pela saraiva. João não sublinha esses pormenores, usando-os apenas para avivar o quadro geral que está apresentando. Ele está interessado é no que o quadro geral significa, e isto é o que ele está querendo transmitir aos cristãos.

A revelação que João comunica fora ocasionada por uma forte opressão dos cristãos, movida pelo mundo pagão representado por Roma. Assim, espera-se que tal revelação trate da destruição

desse poder inimigo e da vitória dos cristãos. À esta luz é que deve ser interpretada a visão introdutória do anjo com o incenso (8:3-5). O pensamento fundamental, então, aqui, é o de que Deus ouvirá as ferventes orações do seu povo em luta e aflição, e exercitará o seu juízo contra os seus inimigos. Por isso, na "visão das trombetas" só estas coisas podem ser aqui admitidas, pois que anunciam a libertação dos cristãos e a destruição do secular poder opressor. Isto era o que naturalmente se estava esperando, e ê o que achamos quando interpretamos as trombetas do ponto de vista histórico. As trombetas são anúncios de que o juízo vem, são chamadas para o arrependimento. Quando elas se fazem ouvir, as forças da vingança começam a cair sobre Roma. Representam-se as quatro primeiras trombetas como forças que desencadearão sobre a natureza males terríveis,[20] ou a destruição parcial do mundo.[30] São calamidades naturais de quatro espécies. Eis os elementos da natureza que serão terrivelmente atingidos: a terra, o mar, as fontes das águas, os corpos celestes. Parte deste simbolismo é tirado das pragas do Egito; outra parte, dos acontecimentos históricos dos próprios dias de João. Não devemos tomar isto literalmente, como profecia de acontecimentos de natureza física que então se dariam e que destruiriam um terço da terra. É simplesmente um quadro dos juízos premonitórios de Deus contra os maus.[31] Não se trata aqui do juízo final, pois que só uma terça parte do todo é destruída. E um julgamento parcial para avisar, ou alertar, os iníquos. "Um

29) Dana, *The Epistles and Apocalipse oj John,* p. 124.
30) Kidflle, op. cit., p. 148.
31) Ver Apocalipse 9:21.

terço" é um meio convencional de expressar "uma grande parte". Tais aflições, terríveis e horrendas, não devem ser de caráter universal; se o fossem, nenhuma carne se salvaria; e são enviadas sobre a terra com o claro propósito de dar, aos que delas se escaparem, avisos tão inteligíveis que os tornarão inescusá-veis, se não se arrependerem. Não se perde uma única oportunidade de levar os homens ao arrependimento (ver de novo Apoc. 9:20.21).

1) *O soar ãa primeira trorribeta* desencadeou calamidades sobre a terra (8:7). Teve lugar, então, uma horrível tormenta de enxofre em chamas, misturado com saraiva e sangue, que descia do céu. Disso resultou que uma terça parte da terra foi arrasada e queimada pelo incêndio das florestas.
2) *Ao toque ãa segunda trorribeta,* seguiu-se uma erupção vulcânica que atirou no mar uma enorme montanha flamante. Morreu a terça parte dos peixes, e perdeu-se a terça parte das naus.
3) *O soar ãa terceira trorribeta* fez cair do céu uma enorme estrela, que ardia como uma tocha. Caindo ela sobre a terça parte dos rios e sobre as fontes das águas, tornou as suas águas em amargo veneno, e muitos, bebendo delas, morreram.
4) *Ao som da quarta trorribeta,* a terça parte, do sol, da lua e das estrelas- se escureceu, deixando a terça parte do dia escura como a noite, e a terça parte da noite mais escura ainda.

Tudo isto são descrições de calamidades naturais como um agente de destruição contra Roma, a inimiga do povo cristão. Uma das causas principais da ruína do Império Romano foi uma série de calamidades naturais, que, de fato, levaram o império ao colapso; uma série de terremotos, de erupções vulcânicas e enchentes e outros mais fenômenos da natureza. Estaria, por certo, na memória de João e de seus leitores, a lembrança de muitas destas coisas. Deus usou estes fenômenos relativos ao ambiente para revelar por meio deles a destruição de seus inimigos. Poucos anos antes de se escrever o Apocalipse, dera-se a erupção do Vesúvio (no mês de agosto do ano 79 de nossa era), cujas ardentes lavas sepultaram as cidades de Herculano e Pompéia e muitos vilarejos, deixando nos habitantes do império uma pavorosa e triste recordação. Plínio, o Moço, escrevendo a Tácito, narrou alguns episódios desse horrível acontecimento que tirou a vida ao seu ihiHtre tio, Plínio, o grande naturalista. Cinzas do vulcão foram cair sobre navios que estavam no mar, à enorme distância dali, e «obre as longínquas praias do Egito e da Síria. Plínio conta que primeiro houve um terremoto, depois veio a erupção do vulcão, que enviou uma avalanche de fogo para dentro do mar. Muitos que conseguiram fugir das torrentes de lava morreram sufocados pelos gazes sulfurosos que se estenderam por uma zona muito vasta.

Os céus se escureceram tanto que Plínio chegou a dizer que aquilo "foi de dia, mas escureceu

muito mais do que a noite mais escura".
Doutra feita, o vulcão da ilha Santorim entrou em erupção, e parecia uma montanha flamante. Os fugitivos contaram que viram rajadas de fogo destruindo a vegetação, os vapores sulfuro-sos matando os peixes do mar, e as águas tornando-se vermelhas como sangue. Essas coisas certo estavam ainda na lembrança dos leitores de João. Sem dúvida, Deus faz sua revelação através de coisas que os homens podem entender. Assim, Deus lhes estava como que dizendo: "Tenho em minhas mãos os meios para destruir os meus inimigos." E, justamente por meio dessas coisas convidava os inimigos a se arrependerem e a deixarem de praticar o mal.
Em cada uma destas três séries de símbolos (selos, trombe-tas e taças) o plano do escritor é dividir as mesmas em quatro, duas e uma, deixando que uma delas atue como agente de transição. Aqui notamos que as quatro primeiras trombetas pronunciam calamidades sobre a natureza; as duas seguintes apresentam as calamidades que sobrevirão à humanidade. João ouviu uma águia — ave de rapina — clamando, à medida que voava pelos ares, que a próxima trombeta traria calamidades sobre o homem. As ultimas tinham trazido destruição à natureza, mas "o pior estava ainda por vir". Era superstição corrente que a águia era ave de mau agouro e, assim sendo, constituía apropriado pressá-gio dos males que se seguiriam. Essa proclamação tem grande efeito dramático, visto que os leitores, uma vez passada a tor-menta, têm agora diante de seus olhos como que um deserto de cinzas.
5) *Ao soar da quinta trombeta,* surgiu a praga dos gafanhotos (9:1-12). Personifica-se uma enorme estrela, que cai do céu e deixa aberto um hiante abismo. A princípio só se vêem grandes nuvens de fumaça,que escurecem o próprio sol. Aos poucos, a fumaça deixa ver gafanhotos, ou aquilo que a princípio parecia fumaça se transforma em gafanhotos. Estes eram uma praga comum naqueles dias. Mas os gafanhotos desta visão são dum tipo todo especial e incomum. Segue-se, então, uma descrição dramática dos mesmos. Eles têm ferrões iguais ao do escorpião e são parecidos com cavalos de guerra; os seus rostos eram como rostos de homens; seus cabelos como de mulher; e têm dentes como de leões; o ruído de suas asas era como o ruído de carros, quando muitos cavalos correm ao combate. Ordenou-se-lhes que não fizessem dano à erva da terra, nem à verdura, que é sua comida própria, mas que passassem cinco meses — o tempo de duração duma praga de gafanhotos — atormentando os homens, até que estes pedissem a morte, por não suportarem mais a vida. Feririam só os inimigos da causa de Deus; não fariam dano algum aos que estivesem assinalados como homens de Deus. Os gafanhotos aqui têm um rei cujo nome é muito apropriado — "Destruição".

Devemos compreender que esta linguagem é simbólica, e que também isto é um espetáculo, em que se usam os detalhes para tornar mais impressionante a representação. Nao devemos nos interessar tanto pelos detalhes que esqueçamos a ação dos atores. Muitos têm buscado determinar o sentido exato de cada pormenor do quadro. Não adianta nada. Estes gafanhotos, que vem_ de dentro da terra e são chefiados pelo que se chama "Destruição , nome inúmeras vezes associado ao do diabo, que é que simbolizam? Alguns entendidos os colocam em paralelo com os cavaleiros do parágrafo seguinte. Mas a distinção feita entre os dois restantes ais anunciados em 8:13 parece proibir tal paralelismo. Outros estudiosos acham que isto não importa, e passam por cima, sem interpretar. A melhor interpretação, à luz do fundo histórico, parece ser a que Hengstenberg[32] e Dana [83] nos oferecem. Acham que esta visão simboliza o espírito infernal que penetra na terra (Hen^stenherg) ou as forças da decadência ou corrutoras, que Deus tem em suas mãos para castigar a desafiadora Roma (Dana). Está simbolizada aí a podridão infernal, a decadência interna do império Romano. De fato, uma das coisas que levaram Roma ao colapso foi toda uma sucessão de governadores e líderes corrutos. Esse espírito de podridão interna vem pintado aqui como provindo de *dentro* do Império (para fora da terra) para leva-lo à destruição. Essa triste condição de decadência prejudicou Roma Mas em nada molestaria os cristãos de Deus, perseguidos, visto que não pactuavam das imoralidades e descaminhos dosro-manos pagãos. Assim, Deus, por estes meios, já indicara dois instrumentos que poderia empregar para aniquilar os opressores de seu povo: as calamidades da natureza e a decadência interna. O terceiro instrumento que ele poderia usar contra Roma aparece na visão Seguinte.
6) *O som da sexta trombeta* traz o segundo ai sobre os homens (9-13-21). O sexto anjo tocou sua

trombeta, e se ouviu uma voz, vinda do altar, que lhe ordenou que soltasse os quatro anjos que estavam presos junto ao grande rio Eufrates. Soltaram-se os quatro anjos, que comandaram um enorme exercito de cavaleiros preparados para destruir. Eles tinham sido preparados de modo todo especial para essa obra destruidora. O simbolismo desta visão é pletórico de pormenores dramáticos. O exercito era de 200 milhões de cavaleiros, ou 20 mil vezes 10 mil, número que designa um exército enorme, de número completo. Em formação regular, era uma tropa de cavalaria que ocuparia o espaço de uma milha de largura por oitenta e cinco milhas de comprimento! Tain soldados usavam couraças de fogo. Seus cavalos tinham cnbeçmi como de leão, e de suas bocas saíam fogo, fumo e enxofre ardente. Em vez de caudas comuns, tais cavalos tinham serpentes por rn-

32) Hengstenberg, *op. cit.,* I, p. 429.

33) Dana *The Bpistles and Apocalipse* o/ *John,* p. 1/U.

bo, de modo que com eles podiam picar e matar os homens. Uma terça parte da humanidade foi destruída por essa cavalaria.

Novamente aqui os detalhes são adicionados com o propósito de dramatizar a visão. Em si mesmos, tais detalhes são destituídos de qualquer significado profético ou doutrinário. 0 quadro todo nos apresenta a cavalaria dos Partos,[84] que procede daa terras do Eufrates. Este povo era o inimigo número um de Roma, constituindo constante ameaça para os seus limites orientais. Como já atrás anotamos, eles nunca foram completamente vencidos por Roma. A descrição aqui feita nesta passagem é tal que aterroriza qualquer que se oponha a essas forças. Imagine-se um cavalo com cabeça de leão, de cuja boca saem fogo, fumo e enxofre ardente, e com serpente venenosa no lugar da cauda! Combinando a fértil imaginação de P. T. Barnum com a de Roberto Ripley não chegaríamos a ter como produto um. animal tão esquisito assim! Agora, multiplique-se isso por 200 milhões, e veja--se em imaginação esse exército marchando sobre Roma. Pinta-se todo este quadro para simbolizar a invasão externa que nas mãos de Deus serviria de instrumento de punição aos opressores do seu povo.

Isto completa os *três instrumentos.* Correndo como um verdadeiro filete por toda a obra de Gibbon — *A Decadência e a Queda do Império Romano* — encontramos a verdade de que três forças se juntaram para a derrocada do Império Romano. Elas, em parte, já estavam em ação nos dias de João. As três eram: as calamidades naturais, a podridão interna e a invasão externa. Estás três forças estão aqürh'6"Ãpocã]Ipl3en3^^ instrumentos já preparados para que Deus os empregasse na libertação do seu povo. As calamidades naturais (enchentes, terremotos, erupções vulcânicas), a podridão interior (uma longa série de governadores corrutos) e a invasão por inimigos vindos de fora (da parte de inimigos novos e velhos) se congregaram numa frente única para derrocar de vez aquele império que parecia invencível.

Os versículos 20 e 21 nos mostram que tais juízos acima referidos eram julgamentos contra o poder mundano, secular, e não contra os cristãos. Estes poderiam sofrer injúrias e perseguições desse poder, mas o juízo não. Podiam tais injúrias e perseguições fazer parte de suas provações, uma vez que estavam misturados com o mundo em sua peregrinação terrestre; mas provação não é julgamento. A visão era um meio de reafirmar aos cristãos a verdade de que Roma nunca triunfaria sobre a cristandade. Os juízos de Deus mui logo viriam como medidas punitivas sobre os maus e opressores, e ao mesmo tempo como um chamado ao arrependimento. Isto se vê claro, quando notamos nestes versículos que o restante dos punidos, os que escaparam das pragas, não se

34) Smith, Dana, J. Smith, Kiddle, Moffatt, Swcte, Charles e Sttiart, *In loco.*

arrependeram e voltaram a praticar suas depravações — voltaram à idolatria, aos assassínios, às feitiçarias, aos roubos c pilhagens, à fornicação. Mesmo depois desse sêxtuplo julgamento, continuaram em seu mau caminho. Nada conseguiu trazê-los ao arrependimento. Daí, só lhes restava um julgamento ainda mais rigoroso da parte de Deus.

3. O Anúncio da Desforra (10:1 a 11:13)

Neste ponto interrompe-se o progresso regular dos juízos introduzidos pelas trombetas; e se interrompe justamente do mesmo modo como se deu entre o sexto e o sétimo selos, para dar lugar

a duas visões consoladoras. A primeira está contida no capítulo 10, e a segunda no capítulo **11,** versículos de 1 a 13. Já no versículo 14 do capítulo 11, volta-se à série das trombetas, indo daí até o final do capítulo. Este é o maior dos entreatos regularmente colocados entre o sexto e o sétimo símbolos de uma série. Contém **o** anúncio de uma pronta retnhuição, apresentada em quatro quadros.

O anjo e os sete trovões (10:1-7) compreendem a primeira do entreato. João vê um anjo mui forte, radiantemente vestido, descendo do céu. É um mensageiro da vingança de Deus. Parece haver pouca base para a interpretação dada por Richardson,[35] quando diz que este anjo é o próprio Cristo. Noutros lugares, os anjos são mensageiros, e aqui parece dar-se o mesmo. Ele traz na mão um pequeno livro aberto. Um de seus pés descansa em terra firme e o outro no mar, indicando que a mensagem que traz é endereçada a todo o mundo. Clama com voz muito forte, como o bramido do leão. Esse bramido é, sem dúvida, para atrair a atenção de todos para aquilo que vai dizer. Antes de poder anunciar sua mensagem, "os sete trovões fizeram ouvir suas vozes". O trovão é símbolo de aviso. Em todas as outras passagens preliminares em que ocorrem trovões (8:5; 11:19; I61I8), são anúncios prévios de juízos da ira divina, o que provavelmente se dá aqui também. Com os sete selos, as sete trombetas e as sete taças, aparece o aviso prévio dos sete trovões. Foi dito a João que escrevesse o que viu e ouviu, Obedecendo à ordem recebida, começou a escrever os avisos dos sete trovões. Uma voz do céu, porém, fez com que cie parasse, e lhe ordenou que selasse as coisas que os sete trovões anunciaram. A razão deste procedei- nOI é dada nos poucos versículos seguintes —■ é que não haveria, mais avisos ou admoestações. O anjo, que assim fora interrompido, [•■ vantou então a mão e anunciou o último veredicto solene "NlO haverá mais demora". E continuou, para anunciar o ralo de que, ao soar da sétima trombeta, se revelaria afinal o mistério de Deus. Os avisos dados pelas seis trombetas tinham, sido suficientes; os homens não se arrependeram; então, o castigo viria sem rnnifl

35) Richardson, *op. cit.,* p. 101.

delongas. Por essa razão, não se permitiu a João que escrevesse os avisos proclamados pelos sete trovões. Não haveria mais avisos, nem mais demora.

O livrinho na mão do anjo é a segunda coisa de importância neste capítulo (10:8-11). A voz do céu se ouviu novamente, instruindo a João para que avançasse e tomasse o livrinho da mão do anjo. Recebeu-o juntamente com instruções do anjo para que o comesse, assegurando-lhe o anjo que a princípio o livrinho lhe seria doce em sua boca, mas amargo no ventre. Eis que, havendo João comido o livrinho, notou que as palavras do anjo eram verdadeiras. Daí, foi João comissionado para profetizar a muitos povos.

Ê grande a controvérsia acerca do conteúdo desse livrinho. Alguns acham que contém a visão do capítulo 11. Outros acham que contém uma segunda revelação, que começa com o capítulo 12 e vai até o final do Apocalipse. Ainda outros mais acham que contém simplesmente a comissão de pregar o juízo de Deus contra os homens que O rejeitaram. Todas estas idéias têm evidências pró e contra. Estudando-se melhor o contexto inteiro, parece que o conteúdo do livrinho tem relação com coisas tristes e calamidades. Isto é verdade quanto a Ezequiel 2:8 em diante. Quando Ezequiel enguliu o livro, foi encarregado de pronunciar lamentações e ais sobre o antigo Israel. Assim também se dá com o livrinho agora, e, ao que parece, contém ele uma mensagem que significa para João tristeza, à medida que a for anunciando. Parece, portanto, tratar-se duma mensagem de caráter geral — ais sobre homens que merecem o juízo divino, pelo fato de O terem rejeitado; ais sobre os cristãos, por se acharem nas mãos de seus inimigos; ais sobre a Igreja, em conflito com o grande poderio mundial de Roma; ais sobre Roma e sobre a sua grande derrocada. Talvez se trate de uma combinação de tudo isso, já que João iria profetizar "a muitos povos, e nações, e línguas, e reis".

Os entendidos quase que são unânimes quanto ao que significa João comer o livrinho. Simboliza que João conheceria bem a mensagem nele contida. Ele assimilaria bem a mensagem, tornando-a parte de si mesmo. Na boca de João o livrinho seria doce, simbolizando, sem dúvida, a doçura, a alegria de receber de Deus uma revelação e o prazer que sentiria em ver que Deus lhe confiava a responsabilidade daquela mensagem. Todos os pregadores conhecem essa alegria. Também os pregadores, que sentem bem a alegria dessa responsabilidade, conhecem a amargura que provém

da entrega da divina mensagem de condenação aos pecadores. Não importa saber quanto João conhecia a respeito do modo ou até onde sofreriam os homens cujos maus atos clamavam pelo castigo do céu; o que se sabe é que, só ao-pensar na entrega dessa mensagem, o coração de João se enchia de amargura e tristeza. De fato, o pensar nas terríveis conseqüências do desencadear da revelada cólera divina sobre os pecadores
155

cipal aqui é: Que conforto ou animação poderia levar aos cristãos perseguidos do tempo de João o saber que dali a vários milhares de anos aqueles eventos aí descritos seriam gloriosa realidade? É claro que nenhum conforto ou consolo. Tal mensagem não teria significado algum, para eles, e muito menos conforto.

Carroll,[ss] representando a escola de interpretação histórica contínua, acha que esta visão se aplica à apostasia da Igreja no escuro período que vai do terceiro século até a Reforma. Ele segue o método de interpretação do ano-dia, que toma os 1.260 dias dos três anos e meio por 1.260 anos, assim abrangendo do fim. do terceiro século até o século da Reforma. As duas testemunhas, para ele, são a verdadeira igreja e o pregador que nunca cessa de dar seu testemunho no correr desse escuro período. A mesma questão, então, aparece como surgiu ante a interpretação literal. Que conforto os cristãos do tempo de João encontrariam nesta interpretação? Eles estavam precisando de algo que os confortasse imediatamente nos seus dias. Eles nada sabiam, e nem estavam cuidando de saber da apostasia da Igreja Católica do Ocidente, nem da apostasia da Igreja Católica Grega do Oriente. Eles conheciam, sim, e muito bem, uma igreja combatida e perseguida de seus próprios dias, que estava necessitando, e muito, de alguma coisa que lhes desse a certeza do auxílio e da fortaleza que vêm de Deus. Nenhuma dessas suas interpretações referidas corresponderia as suas necessidades.

O critério certo a ser adotado a cada passo, para se descobrir a mensagem de João, deve ser este: Que significado teria para os cristãos dos dias de João esta mensagem? Ele estava escrevendo num tempo de suprema e urgente necessidade. A mensagem dele, certo, seria um grande esforço seu no sentido de atender àquela necessidade. E é desse ponto de vista que devemos encarar esta passagem bíblica. Quando encarada do ponto de vista adequado, nota-se que esta visão faz parte do entreato colocado entre o sexto e o sétimo símbolos duma série. Este entreato consta de quatro partes; as outras três partes são claramente imagens apocalípticas. Também devem ser encaradas como prediçoes mais simbólicas do que literais. E, que simbolizam?

O número 2, no simbolismo oriental, traz a idéia de fortaleza — dois homens são muito mais fortes que um. Desse modo, as duas testemunhas aqui surgem para simbolizar um testemunho, ou testemunha, de grande poder. [M] Parece, então, que, com isso, Deus está a dizer: "Estai certos de que, embora o mundo em que ora viveis esteja dominado por homens maus, vós sereis protegidos e o evangelho será pregado; o testemunho cristão será mantido firme." Cada palavra aqui empregada para descrever as duas testemunhas e a função delas mostra que João está escrevendo de modo alusivo, indireto. A tarefa da Igreja é a publicação universal do evangelho; isto será levado avante, ainda quando

38) Carroll. *op. cit,* p. 150 em diante.

39) Dana, ÍCiddle, Rlchardson, Pleters. D. Smtth, Heng-stenberg Sweí*.

ir>7
os adversários não o queiram. As testemunhas representam o espírito militante dos verdadeiros cristãos e o testemunho deles.

Esta visão naturalmente se divide em três partes, nas quais está refletido o notável progresso do evangelho durante a era apostólica. *Primeira,* é o período em que se pregou o evangelho com admirável sucesso. Ele foi atestado por evidentes provas divinas, como aquelas que se viram nos milagres operados pelos apóstolos. Este período está simbolizado nos versículos 4, 5 e 6, que nos falam de duas testemunhas que possuem o poder divino; parece que nada as pode destruir, e têm poder de operar milagres no mundo material, como têm, igualmente, o poder de trazer males sobre quantos os hostilizam. *Segunda,* é o tempo em que aparece um poder que tenta destruir o testemunho do evangelho. Consegue êxito temporário, e, nessa época em que se escreveu este livro, o evangelho passa pelo período de crise. Parece que o Império Romano estava prestes a

esmagar o cristianismo e, a seguir, regozija-se sobre os seus destroços. Isto é simbolizado nos versículos de 7 a 10. A besta, símbolo de Roma encarnada no imperador, guerreou contra as testemunhas e fez estacar o seu notável trabalho. Foram mortas e, para gritarem indignos hurras sobre elas, deixaram insepultos os seus corpos, a fim de que todo o povo pudesse contemplá-los boquiaberto. O mundo, contra quem as duas testemunhas haviam pregado, fez grandes festas, e houve grande regozijo e congratulações de parte a parte, porque se haviam tirado da frente de seus passos as duas testemunhas e estas não molestariam mais os homens do mundo. Não é preciso ter imaginação muito viva para se perceber nesta figura a atitude do Império Romano no período em que pareceu que de fato o cristianismo acabaria esmagado, para nunca mais se levantar. *Terceira,* é o período do progresso do evangelho que veio provar que Roma se enganara fazendo pouco caso do poderio de Deus. O poder divino levou Roma à derrota e possibilitou à mensagem redentora do evangelho viver e sobreviver triunf ante. Este período é simbolizado nos versículos 11,12 e 13, período que estava já mui próximo dos cristãos do tempo de João. O simbolismo mostra a restauração da vida das duas testemunhas. Revivendo, após os três dias e meio em que pareciam mortos, segue-se um indefinido período de perturbação e desordem, chegando os próprios inimifroíi do povo de Deus a reconhecer que foi o poder divino que trouxe tudo aquilo. Acabam vitoriosas as duas testemunhas, e a verdldi da mensagem delas é vingada, quando os inimigos vêom 01 Oril» tãos libertados pelo poder de Deus. Em ligação com isto, há uma tal demonstração do poder divino, que muitos são loviulon u reconhecer a Deus e a dar-lhe glória. Isto também foi o quo no deu na vitória do cristianismo sobre suas persegulgBSB dur&ntfl 0 Pll nado de Domiciano. Quando o cristianismo BUTglu VitorlOIO dl quela sangrenta provação, muitos foram levadou a nbrrujnr <> ei In tianismo.

IMI

RAY SUMMERS

Assim termina o entreato, uma mensagem da retribuição divina. Não haverá mais delongas. A divina mensagem de julgamento está já a ser proclamada em toda a sua crueza e amargura. O povo de Deus é conhecido dEle e gozará de sua proteção. Haverá um testemunho mui forte a favor do evangelho durante esse período de desordens, que está próximo. Quando passar tudo, o cristianismo estará totalmente vingado aos olhos dos mortais.

7) *A sétima trombeta, de transição:* o pacto de Deus (11:14-19). No fim da sexta trombeta foi estatuído que duas visões de natureza consoladora apareceriam antes da seguinte visão geral. Uma dessas visões consoladoras foi o entreato (10:1 a 11:13), que confortou os cristãos, trazendo-lhes a certeza da justa retribuição de Deus sobre aqueles que os estavam perseguindo. A segunda é esta visão da arca do concerto, que é uma transição e conduz à visão seguinte. No versículo 14 anuncia-se o terceiro ai, que é introduzido pela arca do concerto e abrange as forças destruidoras que vêm a seguir, começando com o capítulo 12.

Quando a sétima trombeta soou, um exército de vozes celestiais declarou: "Os reinos do mundo vieram a ser de nosso Senhor e do Seu Cristo, e Ele reinará para todo o sempre." Este é um cântico de vitória e regozijo. Dias escuros e difíceis tinham so-brevindo, mas Cristo saíra vitorioso. No conflito dos cristãos com o mundo, iniciando-se com o capítulo 12, virão dias ainda mais escuros. Anuncia-se o resultado da luta antes de se começar a pintar o duro conflito. Q_xesultado é a vitória de Cristo. Para confortar os cristãos antes de começar o conflito, Deus mostra a arca do seu concerto no templo celestial. Isto simboliza que Deus não se esqueceu do Seu povo, nem do Seu pacto com eles. A Igreja entrará em luta brava com o mundo, a perseguição satânica rugirá alto, mas o pacto que Deus fez com seu povo está de pé e firme. Eles — os cristãos — sairão vencedores. Este é de fato um modo mui encorajador de introduzir a visão do conflito. O periodismo moderno lança mão deste mesmo método ao reportar a história de alguma grande batalha. Um cabeçalho nos dá a certeza da vitória de nossos exércitos, nesta ou naquela batalha; a seguir, vem a reportagem das ações bélicas. Muitas vezes parece que o inimigo está por cima e vai acabar vencendo; mas de qualquer forma sabemos que a vitória é nossa, porque já lemos o cabeçalho anunciando o nosso triunfo. João lançou mão deste expediente muitag vezes no livro do Apocalipse — e sempre de modo mui eficaz.

CAPITULO vm

O CORDEIRO E O CONFLITO

(Apocalipse 12:1 a 20:10)

Neste ponto Swete* divide todo o livro do Apocalipse em duas seções. Encara o trecho que vai do capítulo 1 ao 11 como o primeiro apocalipse,que revela Cristo como o cabeça da Igreja e o controlador do destino do mundo; e o trecho que vai do capítulo 12 a 22, como o segundo apocalipse,que revela as provações e os triunfos da Igreja. Acha ele que o primeiro drama é completo em si e que, se perdesse a segunda parte, não perderia a primeira parte o seu sentido. É verdade que o escritor faz como que um novo começo do capítulo .17 em diante; mas o leitor fora preparado para isso pelo versículo 11 do capítulo 10 em que se diz a João que devia ele profetizar muitas coisas mais a muitos povos. À luz de todas as evidências, parece melhor tomar esta como uma parte integrante da mensagem total. Os selos levam às trombetas; estas, por seu turno, culminam na aparição do livrinho que contém a verdade do juízo sobre os homens. Esta mensagem deveria ser proclamada pelo profeta. Eis aqui a mensagem.

As características aqui são na essência as mesmas; o conflito é o mesmo, embora apresentado sob diferente aspecto; o resultado é o mesmo, e já de início foi dito qual é. É interessante anotar que, daqui até o fim do livro, as ações passam a ser muito mais rápidas do que até agora. Em seqüência gradativa, o juízo nobre Roma é seguido pelo juízo sobre todo o mal. Por fim, do conflito resulta a completa vitória de Deus e das forças da retidão.

As figuras apresentadas nesta visão não são uniformes como em algumas outras, como, por exemplo, os sete selos, as sete trombetas, as sete taças da ira. Nem são elas distintamente ncparndn» no texto. São, muitas vezes, discutidas no mesmo parágrnfo; mas uma ou outra absorve todo o interesse do parágrafo.

1) Swete, *op. cit,* p. XXXIX e seguintes.

A entrada do conflito aparece uma Radiante Mulher e sua descendência. O dragão com seus aliados — a primeira e a segunda bestas'— tudo fazem para destruir a mulher e seus filhos. Mas as forças de Deus — o Cordeiro e a foice (o julgamento) — saem vitoriosas. Quando acaba o conflito, já no capítulo 20, vemos o dragão e seus aliados presos *no lago* de fogo, para nunca mais importunar o Cordeiro e Seu povo. Este é o simbolismo. Todas essas figuras devem ser identificadas para se conhecer o significado. Uma vez identificadas e explicado o ato todo, a mensagem do Apocalipse se torna perfeitamente clara.

I. A ABERTURA: A RADIANTE MULHER E SEUS FILHOS (ISRAEL, CRISTO, OS CRISTÃOS), (12:1,2, 5,6, 14-17)

João viu um grande sinal no céu. Era uma mulher vestida com a radiância do sol. Tinha por pedestal a lua, e de doze estrelas era a sua coroa. Estava com dores de parto. A criança que ia nascer era varão, e destinado a governar as nações. Foi arrebatado para o céu, como medida de proteção, e a mulher fugiu para um lugar seguro no deserto. Isto se fez necessário porque o dragão vermelho punha em perigo não só a mulher como também seu filho, buscando tragá-lo.

Os exegetas diferem muito quanto ao que possa significar a mulher. Alguns[2] acham, que se trata da "Igreja", usando esta palavra mais para significar a comunidade messiânica da qual Cristo nasceu do que a Igreja no sentido comum do termo, visto ser difícil admitir-se a Igreja dando à luz o Cristo. O que em geral o Novo Testamento nos ensina é que Cristo é quem produziu a Igreja. Outros [3] acham que a mulher simboliza Israel, que, na pessoa da virgem Maria, deu à luz Cristo. A descendência da mulher, vemo-la em duas partes do capítulo: — o filho varão (Cristo), versículo 5, e "o resto de sua semente" (os cristãos), no versículo 17.

O filho varão certamente simboliza Cristo. Alguns exegetas da escola da continuidade histórica negam isto. Acham que a mulher é a Igreja e o filho varão são os filhos e filhas nascidos da gestação da Igreja. Tais filhos e filhas tornam-se mártires, mas são arrebatados para o céu, para estarem eternamente a salvo. Isto parece boa saída, mas não corresponde às necessidades daqueles a quem primeiro foi endereçado o Apocalipse. Os leitores de João não precisavam de informes a respeito dos acontecimentos que sobreviriam à Igreja na Idade Média. Eles compreenderiam aquilo de que estavam necessitados — uma visão do cristianismo desde o seu início que lhes trouxesse a certeza do triunfo final. Desde sua implantação, a religião cristã vinha sendo objeto da oposição de Satã, mas estava destinada a triunfar sobre todos os Inimigos.

2) Picters, Rlchardson, Klddlo, S. Smlth, Beckwith Stuart, Swcte.

3) Dana, Moffatt.

"O resto de sua semente", de que nos fala o versículo 17, deve ser uma referência aos cristãos. Note-se que são eles identificados com os que "guardam os mandamentos de Deus e *conservam o testemunho ãe Jesus Cristo".* Esta última parte é muito importante. A primeira parte poderia referir-se somente aos judeus, mas a segunda parte identifica de modo definitivo esse povo com os cristãos. Eles também provam a enfurecida oposição de Satã e de seus exércitos, mas estão destinados à vitória com Cristo.

II. AS FORÇAS DO MAL EM GUERRA

Voltamos nosso olhar agora para os exércitos que se chocam nesta guerra, a favor e contra a mulher e sua descendência. Talvez nos ajude bastante uma breve identificação, como prefácio ao que se segue. As forças do mal são chefiadas pelo dragão, identificado como o diabo. Seus aliados são a primeira besta (13:1), que simboliza o imperador de Roma, Domiciano, e a segunda besta (13:11), que simboliza a comissão ou junta instalada na Ásia Menor para propagar e exigir de todos o culto ao imperador. As forças do bem são comandadas por Deus, que também conta com dois aliados: o Cordeiro (14:1), que simboliza o Cristo *redentor,* e a foice (14:14), que simboliza o juizo eterno. A batalha é coisa terrível e furiosa, mas a vitória pende para o lado de Deus, com o seu Cristo *Redentor* e o juízo eterno.

1. As Forças do **Mal** São Comandadas pelo Dragão (12:3, 4, 7-17}

Vem descrito com expressões sinistras. De cor vermelha, a cor do sangue, tem sete cabeças, que simbolizam grande sabedoria; dez chifres, que quer dizer grande poder. Traz na cabeça sete dia-demas, iguais aos usados pela realeza — que querem dizer grande autoridade. É tão enorme que com um movimento de sua cauda pode derribar as estrelas do céu. Este dragão horrendo, temível e poderoso se põe diante da mulher em dores de parto para devorar o produto de suas entranhas logo que nasça. Que podem fazer essa desvaüda mulher e uma Criança recém-nascida para conjurar tal forte oposição? Parece que tudo está perdido. Mas lembremos que João nos disse no versículo 5 que essa Criança está destinada n governar o mundo!

Nascida a Criança, o dragão fez tudo possível para nrrebnlá--la e devorá-la, mas Deus interveio com seu protetor cuidado *r* n Criança foi arrebatada para o céu, lugar seguro. Assim, cm poii-cas palavras, vemos o cuidado providencial que. cercou a CflitO durante os dias de sua peregrinação sobre a terra. Desde OM primeiros dias de sua infância, o diabo tentou destrul-Lo. K, pilOI dias do seu ministério a dentro, o diabo multiplicou seus esforçou, Afinal, pareceu sair vitorioso, quando crucificaram CrlltO I, morto, o levaram para o silêncio do túmulo. Man o podar dt DíUI

lhe concedeu vitória sobre a própria morte. Saiu triunfante da sepultura e foi elevado ao próprio trono de Deus. O diabo perdeu a primeira batalha dessa terrível guerra!

Esta é imaginação essencialmente apocalíptica: trava-se a batalha, as ações ora se desenrolam na terra, ora no céu, depois v.cltam para a terra e tomam o curso comum dos acontecimentos. Em todo o seu aparato, vemos o diabo nada conseguindo; na fúria de destruir Cristo na terra, tenta, se possível, invadir o próprio céu para devorar a criança.

Aqui (nos w. de 7 a 12) há agora guerra no céu. Como o diabo tenta invadir o céu para destruir o Cristo, é barrado por Miguel e seus anjos. Miguel é anjo combativo, e traz na mão uma espada! Empenha-se tanto na defesa do céu, que o diabo e seus exércitos não conseguem ali firmar pé e acaba sendo expulso para baixo, para a terra. Vozes celestiais proclamam a vitória do povo de Deus sobre todas as tentativas do diabo. Alcançam vitória por causa de sua fidelidade ao Cristo *redentor;* ainda que essa fidelidade lhes acarrete a morte, eles permanecem fiéis.

Devemos interpretar este parágrafo com o seu contexto do Apocalipse, e não em relação com as obscuras passagens do Velho Testamento ou com as afirmativas de Milton em seu *"Paraíso Perdido".* Aqui não se tem um relato histórico do estado original do diabo e de sua queda. Temos, sim, a representação apocalíptica, que nos dá uma idéia dos esforços do diabo no sentido de destroçar a Cristo e ao seu povo. Assim, vemos que o diabo já perdeu duas batalhas desta guerra: não conseguiu destruir Cristo quando esteve na terra, e não conseguiu invadir o céu, para lá destruir o Cristo. Agora ele se mete numa terceira batalha, e descarrega sua fúria sobre a mulher que deu à luz o Cristo.

No versículo 6 vemos a mulher fugindo para o deserto. Foge, para se escapar da ira do dragão. Será protegida por espaço de 1.260 dias, ou melhor dizendo, por três anos e meio. Esta mesma

idéia se repete no versículo 14, no símbolo — "um tempo, e tempos, e metade de um tempo", ou três tempos e meio. Lembre-se que nos escritos apocalípticos judaicos este é um número que simbolizava coisa vaga, incerta, indefinida, e também desordem, perturbações. À mulher (Israel) se dão asas de águia, para fugir do dragão, que a persegue e redobra seus esforços, vendo que dispõe de pouco tempo (v. 12). Em seus esforços para destruí-la, o dragão vomitou água como um rio, para que pela correnteza conseguisse arrebatá-la; mas, a terra ajudou a mulher, e abriu a sua boca, e tragou o rio que o dragão lançara de sua boca, e a mulher conseguiu livrar-se. O dragão não conseguiu destruí-la.

Aqui novamente vemos a imaginação apocalíptica. Alguns intérpretes vêem nisto um símbolo da desintegração nacional de Israel. O clímax dessa desagregação foi a destruição de Jerusalém no ano 70 de nossa era. Embora Israel fosse espalhado pela terra, conseguiu preservar sua integridade racial. Todos os esforços feitos para desintegrá-lo, como raça, de fato falharam.

Esta é uma idéia interessante, e pode mesmo ser o que aí esteja simbolizado. No entanto, desta idéia se têm tirado muitas ilações de natureza duvidosa. Devemos conservar sempre em nossa mente que no livro do Apocalipse, como em qualquer outra parte da profecia neotestamentária, o centro do plano e do propósito de Deus é Jesus, e não os judeus. O escopo capital desta cena não é nos mostrar o destino dos judeus, mas revelar os esforços do diabo nessa guerra tremenda. E esta é a terceira batalha que ele perde. Agora ele se atira à quarta batalha. Esta (v. 17) é dirigida contra os cristãos, e ele acha alguns aliados já prontos para ajudá-lo nesta quarta batalha da terrível guerra.

1) *A primeira besta: o imperador romano* (13:1-10). Aliada com o diabo, para destruir os cristãos, surge uma besta terrível, uma fera das selvas. Tem dez chifres — símbolo de grande poder; sete cabeças — símbolo de grande sabedoria; ou, pelo versículo 3, parece que isto pode também simbolizar grande durabilidade. Quando uma dessas sete cabeças recebe um golpe mortal, ela continua a viver! A besta tem dez diademas — símbolo de grande autoridade. Nas cabeças lêem-se nomes de injúrias e blasfêmias. É um lutador degenerado que tem um bocado da natureza de várias feras, um pouco de leopardo) um pouco do urso, um pouco do leão, e exerce o poder que lhe foi dado pelo dragão. Uma de suas sete cabeças traz o sinal de um golpe mortal, mas continua viva. Os habitantes da terra — exceto os cristãos (v. 8b) — adoram a besta e o dragão que lhe deu poder. Ele tem autoridade para governar durante quarenta e dois meses (três anos e meio); diz blasfêmias contra o nome de Deus; consegue vitória temporária sobre os cristãos, mas está destinado à destruição (v. 10). Pode ser identificado por estes sinais e mais o número simbólico 666 do versículo 18.

Das muitas partes discutidas do livro do Apocalipse, talvez seja esta a que leva a palma a todas elas; não só muito discutida, mas também maltratada e mal-interpretada. É sabido que as especulações sobre a identidade desta besta datam do tempo de Irineu (cerca do ano 180 de nossa era). Uma verdadeira multidão de métodos secretos se tem empregado para se saber quem seja essa personalidade que aqui traz o número 666. Vejamos alguns desses métodos. O método mais seguro de se determinar quem está aí simbolizado por essa besta é estudar o simbolismo na época em que o Apocalipse foi escrito.

Freqüentemente se chama a primeira besta de o "Anticristo", por subir na cena como um deus rival de Cristo. Esta paluvra não é empregada no livro do Apocalipse. Os futurista* acham quí representa algum governador excessivamente mau do fim da cru pouco anterior à segunda vinda de Cristo. Tal sistema acha necessárias a restauração da nação judaica, a reconatTUQÍO «In T«m« pio, a restauração do culto sacrificial, e então a. quebra do pado do Anticristo com os judeus. A carência de espaço não nos permi-

te refutar aqui todas as afirmativas deste esquisito sistema de interpretação, que é diametralmente oposto ao ensino do Novo Testamento. Uma interpretação destas não teria significado nenhum, nem proporcionaria o mínimo conforto aos leitores de João.

No capítulo 12, versículo 17, João viu o dragão sair da cena. E então, ficando ele na praia, junto ao mar, contemplando as turbulentas águas, viu sair dali uma besta de aspecto horrível. A palavra

empregada aqui para descrever a besta significa besta-fe-ra selvagem das florestas. Na apocalíptica judaica tal animal simboliza um governador ou seu governo (compare-se com Daniel 7:2-8). Os sinais que identificam esta besta são fatos historicamente conhecidos acerca de Domiciano, o imperador romano dos dias de João.

Ele blasfemou contra DeuA, contra o seu santo Nome e contra o Seu santuário (v~65TT5õmiciano chamou a siõSaíSHaãZHfilpêus. Ordenou que a ele sê dirigissem como "o Supremo Deus e Senhor". Chegou a devolver cartas que lhe foram dirigidas sem essa saudação e tratamento. Do ponto de vista cristão, isto era grosseira blasfêmia""cbntra* Deus e contra o seu nome.

Ele remava supremo sobre todo o mundo conhecido da época (v. 7). Para os romanos, o mundo romano era "a terra habitada". Eles chegaram até a denominar seu mar de "Mediterrâneo", que quer dizer "o centro da terra".

Ele foi cultuado por todos, exceto pelos verdadeiros cristãos (v. 8). Até os judeus o cultuaram, chegando a orar ao seu Deus em favor do imperador e demonstrando sua fidelidade a ele. Só os cristãos não o cultuavam.

Foram feitas imagens de Domiciano e enviadas para longes terras, buscando facilitar o seu culto (v. 14). Este fato da História de Roma é muito conhecido e se deu de modo particular nos dias de Domiciano. Quando Trajano assumiu o poder, fez fundir muitas daquelas imagens de Domiciano e deu superior destino ao metal fundido. Aqueles que não prestavam culto ao imperador Domiciano não podiam comprar nem vender nos mercados. Isto transparece do versículo 17. Os que cultuavam Domiciano recebiam na mão, ou na testa, um sinal para indicar, segundo o costume de algumas religiões pagas, que o indivíduo era adepto ou fã deste ou daquele deus. O sinal era o nome do imperador. João apresenta o nome com o número simbólico "666".

Desde os primórdios da história do cristianismo se vem fazendo cálculos para descobrir quem seja a pessoa, ou poder, simbolizado pelo número 666. Uma das teorias mais em voga é aquela apresentada por Davi Smith no *Discipl&s Commentary.* Ele passa "Nero Caesar" para o equivalente hebraico "Nrom Ksr", dando o equivalente numérico de cada letra. Nas línguas primitivas comumente usavam-se letras para a numeração e contas, como era o caso do sistema romano. O V valia 5; o X, 10; o C, 100 etc. Assim, no hebraico o equivalente numérico seria: N igual a 50; R, 200: O, 6; N, 50; K, 100; S, 60 e R, 200. O total dava 666. Foi

3 primeiro governaaor ro nome c Lateinos (Xareíi 5 letras, temos, então, o igual a 300; $_{e}$ igual a 5 0; c $_{ç}$ igual a 200. Dá o a Latina, o sistema católic 3tianismo. Aqui, como sei ital objeção: Que signific: o ano 95 d. C. esta interpr stavam sendo molestados

esforçando-se em tudo por levar o povo a pensar que a Imagem da primeira besta fala como os homens. Ela aplica um sinal — o nome da primeira besta, ou o número do nome dela — em cada indivíduo que adora a besta. Aos que se recusam a adorar a besta e a receber o sinal de sua identificação, cassa-se-lhes o direito de comprar e vender nos mercados. Este é o simbolismo do terceiro elemento dos exércitos do mal.

Temos quatro características que nos ajudam na identificação desta segunda besta:

Dois chifres como os do cordeiro — indicam aparência religiosa apenas por fora, pois que o cordeiro era um símbolo religioso. O fato de ter esta besta só dois chifres pode significar seu limitado poderio, dado que o Cordeiro de Deus tem sete chifres (5:6).

A voz de dragão indica que ela fala com a autoridade de Satã.

Ela exercita o poder da primeira besta; o poder dela deriva-se do Estado Romano ou do seu imperador.

Sua missão é fazer cumprir o culto ao imperador. Todas estas características parecem identificar a segunda besta à Comuna ou "Concilia",[7] sediada na Ásia Menor para fazer com que todos praticassem a religião do Estado. Tal *Concilia* era um corpo de oficiais encarregados de zelar pela religião oficial do Estado e tinha o dever de obrigar todo o povo a prestar homenagens à imagem do imperador. Cristo tinha seus profetas, apóstolos e discípulos para levarem adiante a sua doutrina redentora, a sua religião; o Anticristo também tinha seus profetas, seus pseudoprofe-tas, para disseminar e inculcar a torto e a direito a sua religião. Os de Cristo operavam milagres; os pseudoprofetas do Anticristo operavam pseudomilagres. Davi Smith diz, a respeito desta segunda

besta, que era ela uma imagem do sacerdócio que presidia ao ímpio culto ao imperador, uma blasfema contrafação do Cordeiro que foi morto, o nosso Grande Sumo Pontífice.[8] João e seus leitores sabiam muito bem o que significava o culto ao imperador, uma vez que era mais bem organizado e imposto com maior força na Ãsia Menor do que em qualquer outra parte do Império Romano. Tal culto contava com deputações e comissões que deviam forjar imagens de Domiciano, erguer altares e legislar de modo a tornar o mais eficiente possível a religião do Estado. HomSBl" gear o imperador, cultuá-lo e adorá-lo era um verdadeiro tQltt para cada atividade diária. Assim, os cristãos passaram a ler boi cotados, e já não podiam comprar nem vender. Casar, deixar II gados, transferir propriedades — nada disso podia ser feito, íuulii disso era legal sem primeiro apresentar o sinal do ImperadOJ

Assim, a marcação ou sinalização, de costume inocente qi.....u,
passou a ter para os cristãos significado religioso anuir/, n-puliilvu.

7) Hardy, *Christianity and the Roman Oovcrnmrnt*$_i$ p. *Ti,*

8) D. Smlth$_r$ *op. cit.,* p. 663.

Lembrava os sinais a fogo,muito em uso nas religiões pagas para distinguir seus aderentes. Este costume parece ter sido usado simbolicamente pelo apóstolo Paulo, quando escreveu: "Trago no meu corpo as marcas do Senhor Jesus" (Gaiatas 6:17). Todas estas coisas faziam pulular as dificuldades e ao mesmo tempo contribuíam para aumentar a sanha perseguidora dos inimigos dos cristãos.

Vemos, portanto, aqui, três elementos distintos dos exércitos do mal, enopenhados na guerra contra as forças da retidão. (Pri,") Carneiro;, o ^ragã^i, que_jLidj^ificajio_jjam_ji-iüâ^ ajstúcia, podei-e malignidadi^^gümo) a^rbmjh-a^e^tj^^ue^ti-pifica o ímpio imperador DomiclãrloTque recebe do diabo Ô"~seu poder; e(terceiro,)_a_segunda besta, que representa,a *Qojiçih^Ro-mana,* aquela organização de aspecto externo religioso, mas^inte-riormente demoníaca, que fazia cumprir o culto imperial epunia todos quantos não tomassem parte nas cerimônias da religiãojàp Estado. Claramente representavam o que havia de TnSiõTl!eroci-dade e malignidade atiradas contra o povo de Deus. Parecem mesmo invencíveis. Mas João tira da cena este ato desesperada-mente escuro e triste, para apresentar um outro, de radiante beleza, que nos torna conhecidos os exércitos da retidão, os quais por fim aniquilarão os exércitos do maligno.

2. As Forcas da Retidão Chefiadas por Deus (14:1-20)

O ato que se findou no drama da redenção foi uma visão espantosa, que deixava poucas esperanças para os cristãos. Havia, é verdade, por sobre tudo a certeza de que o sucesso daqueles três elementos iníquos seria coisa temporária — pois só duraria três anos e meio, simbolicamente. Mas essa sugestão encorajadora faltou muito para dar-lhes ânimo, e por isso foi bondosamente dado aos cristãos um outro quadro para os confortar e encorajar. Este quadro era tão brilhante e glorioso como fora escuro e portentoso o anterior.

Assim, o último ato ou cena que vimos é como que o prisma pelo qual os cristãos enxergavam os fatos; agora, nesta nova cena, veremos os fatos pelo prisma de Deus e das hostes celestiais. Assim, não há dúvida alguma sobre o resultado final da grande guerra travada. O diabo tem dois instrumentos para pôr a campo : a primeira besta e a segunda. Deus põe em ação também dois instrumentos: o Cordeiro — Cristo — e a foice, o juízo divino.

1) *O Cordeiro* sobre o monte de Sião (14:1-13) é a primeira das forças da retirada de que Deus lança mão. Não padece discussão o significado desta figura. Refere-se ao Cristo triunfante. Após a cena triste e ameaçadora dos dois últimos capítulos, ergue--se o pano para revelar o Cordeiro, a salvo no Monte de Sião, juntamente com o número perfeito (144.000) desses remidos. Estes, por sua vez, também trazem um sinal que os identifica como pertencentes ao Cordeiro, como se dava com os adeptos do culto

ao imperador. A marca que trazem na testa ú o "seu nome (nome do Cordeiro) e o nome de Seu pai". Calculava-se que esta cena de triunfo levaria o coração dos cristãos a saltar de alegria. O Cordeiro Redentor, como o campeão deles, aparece comandando no alto do Monte de Sião um exército completo — as forças da justiça e do bem. Os que estão junto ao Cordeiro entoam um cântico — um novo cântico de vitória — cujo significado só pode ser conhecido pelos remidos que

estão junto ao Cordeiro. Estão junto dele, e vitoriosos, porque não se contaminaram com "mulheres", coisa que simboliza o não terem eles cometido infidelidade espiritual através do culto idolatra. "Seguem o Cordeiro para onde quer que ele vá" — permaneceram fiéis, e continuam absolutamente fiéis ao Cordeiro. "Em suas bocas não se achou a mentira" — nunca negaram a supremacia de Cristo. Não se pode duvidar do resultado da batalha, quando se retrata desta forma o Cordeiro — vivo sobre o Monte de Sião, acompanhado de um número perfeito de remidos. Sim, não falharão nunca. Com o Cordeiro, os cristãos sairão mais que vencedores.

A par desta certeza da vitória, apresenta-se um outro símbolo da vitoriosa campanha do Cordeiro. Os versículos 6 e 7 nos descrevem um anjo voando pelos céus, a anunciar "eternas boas-novas". Estas boas-novas são proclamadas a todos quantos habitam a terra. São "as boas-novas" ou "o Evangelho Eterno" da vitória de Deus, eveêm acompanhadas de um convite a todos os homens para que "temam a Deus e lhe dêem glória". É ele o Criador To-do-poderoso que fez os céus, e a terra, e o mar, e os mananciais de águas. E, mais do que isto — "a hora do seu juízo está próxima". Tudo isto indica que a vitória do Cordeiro é tão certa que um anjo anuncia já o triunfo e a vitória, antes mesmo de se travar a batalha. Já se observou que João usa este método muitas vezes no livro do Apocalipse.

Após a angélica proclamação da vitória, da glória e do juízo de Deus, aparece em cena um segundo anjo, que voa anunciando o colapso do Império Romano (v. 8). A Babilônia — que para o judeu representava tudo quanto de mais agourento e repulsivo houvesse — simboliza aqui Roma. Por causa de sua compelidora fornicação espiritual, do seu culto idolátrico, ela caiu. O tempo aqui usado é o aoristo constativo, que toma todo o processo da queda de Roma como um ato rápido, momentâneo. Quer-se dizer que a queda de Roma na mente e no propósito de Deus é coisa tão certa que aqui já se apresenta como fato consumado, como fato do passado.

Do versículo 9 ao 12, surge um terceiro anjo-, anunciando a destruição daqueles todos que adoraram o imperador. Isto reflete bem a aversão que os cristãos do primeiro século tinham pelo culto ao imperador. Aquele que adora a besta, ou a sua imagem, ou que recebeu o seu sinal, provaria a total ira de Deus — "be-berá do vinho da ira de Deus, que está preparado sem mistura n<> cálice da Sua ira". Este provar da ira não diluída, ou não mis-

turada, de Deus, é o tormento com fogo e enxofre ardentes. Não é um tormento rápido ou de pequena duração, pois que "a fumaça do seu tormento sobe para todo o sempre e eles não têm repouso de dia nem de noite". £ de fato um castigo mui terrível, quando contrastado com aquele infligido aos mártires. O mártir cristão fora queimado na fogueira, e isto durara alguns minutos, e ele, assim, fora ao encontro da vida eterna na presença de Deus. Os que adoraram o imperador sofrem agora o juízo divino e encontram uma vida de eterno suplício, queimados em fumos sulfurosos. O versículo 12, que diz — "Aqui está a paciência dos santos; eles guardam os mandamentos de Deus (não as ordens da *Concilia Romana)*, e a religião de Jesus (não a de Domiciano) "

— é uma espécie de louvor e de encorajamento em face das dure-zas e perseguições que ainda estão para vir sobre os cristãos.

O versículo 13 nos apresenta mais um dos freqüentes contrastes que João insere para tornar mais vivida a cena. "Uma voz do céu", uma voz investida de autoridade divina, ordenou-lhe que escrevesse a beatitude aqui proclamada. Trata-se, pois, duma afirmação de Deus, e não do apóstolo: "Bem-aventurados os mortos que desde agora morrem no Senhor. Sim, diz o Espírito, para que descansem dos seus trabalhos, para que as suas obras os sigam." Esta bêm-aventurança é pronunciada não sobre todos os que morrem, mas sobre os cristãos que morrem. Desde o momento de sua morte são abençoados com uma bênção dupla: a primeira, "descansam dos seus trabalhos". A palavra aqui usada para descanso — *àvatra^o-oinai* — literalmente significa "serão refrescados, revigorados". A palavra empregada para *trabalhos*

— *κΌττοίν* — literalmente quer dizer "labuta sob grande adversidade". Assim, os cristãos serão refrigerados depois de grande luta. Jesus se referiu a isto em seus ensinos, quando disse: "Vinde a mim todos que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei" (Mateus 11:28). Thomas Gray, em sua "Elegy Written in a Country Churchyard", revelou ter apanhado por antecipação o sentido desse refrigério após as labutas da vida cristã, quando escreveu este verso: "O lavrador, de volta da

labuta diária, caminha a passos tardos para o lar amigo." Ele espera encontrar no lar o refrigério para as duras lides do dia. O cristão encontra a morte no portal de um lar onde o aguarda o refrigério, após os tremendos quefazeres e trabalhos deste mundo. A segunda bênção é esta: "suas obras os seguem." Os esforços que ele fez constituem uma parte do grande séquito de realizações que conduzem à vitória final.[9] Isto é verdade; mas, parece que na passagem se quer dizer mais do que isto. O cristão que morre triunfante-mente no Senhor percebe que não perdeu suas obras, seus esforços; percebe que não foi "salvo, todavia, como pelo fogo". Ele realiza uma entrada, por assim dizer, abundante, levando consigo todas as suas obras legítimas que realizou para a glória do Se-

9) Dana, *The* Epiatíes *and Apocalipse o} John,* p. 138.

nhor. Não entra no céu de mãos vazias, como o servo de um único talento, mas como quem aproveitou cada oportunidade que se lhe concedeu para investir, o que é, e o que tem, em benefício da causa do Senhor.

2) *A foice* (14:14-20) é a segunda arma da retidão que Deus empunha para se opor às forças do mal. A afirmativa aqui é de tal natureza que não deixa dúvidas sobre o que a foice simboliza. Representa o juízo divino. Usa-se em inúmeras passagens da Bíblia justamente com este significado.[10] Cristo aparece como Rei (tem sobre a cabeça uma coroa de ouro) e como Juiz (tem na mão uma foice aguda). Quando foi dado o sinal divino, ele meteu a sua foice à terra para realizar a colheita, pois que a seara já estava madura e pronta para a ceifa. A um segundo sinal, meteu a foice à terra para ceifar os cachos maduros da vinha da terra, e lançou-os no grande lagar da ira de Deus. Quando pisados no lagar, saiu sangue do lagar, numa torrente de mil e seiscentos estádios, torrente tão profunda que chegava até aos freios dos cavalos.

Concorda-se em geral que esta visão representa o juízo. Há divergências apenas sobre os dois símbolos. Alguns [u] acham que a colheita do trigo simboliza o julgamento dos retos, e que a vin-dima dos cachos de uvas simboliza o julgamento dos iníquos. Outros " acham que não se deve fazer aqui distinção alguma e que os dois símbolos retratam apenas o fato de estar o julgamento nas mãos de Deus como um instrumento para desbaratar as forças do mal. Há evidências que favorecem estas duas interpretações. O contexto, porém, parece favorecer esta segunda idéia — a do julgamento como um instrumento ou arma nas mãos de Deus para derrocar as forças do mal. Nenhuma das autoridades citadas, que sustentam haver diferença entre os dois símbolos, defende o conceito de que este trecho bíblico ensina dois julgamentos distintos ou separados. Só os futuristas é que gostam de achar na Bíblia numerosos julgamentos. Este símbolo é um modo dramático de se retratar a grande verdade do juízo de Deus. O horror deste julgamento está refletido na imensa torrente de sangue de que fala o versículo 20. Os futuristas e os restauracionistas passam mal aqui, nesta passagem, com o seu literalismo. Não podem encontrar um lugar na Palestina em que caiba um rio de duzentas milhas de comprimento, seja de água, seja de sangue! Alguns deles chegam a tentar isso![13] As forças do mal são mui fortes: o diabo e seus dois aliados, o Anticristo e a Concilia Romana. Mas as forças da retidão são mais fortes ainda: Deus com seus dois aliados, o Cristo vitorioso e o juízo divino. Quando desce o pano, no final deste ato, há um grande regozijo no coração daqueles que assistiram a este espetáculo.

10) Ver Joel 3:13 e Mateus 13:39.

11) Richardson, D. Smith, Müligan e Swete, *In loco.*

12) Stuart, Ramaay, Dana Kiddle, Moffatt e Beckwlth, in loco.

13) Larkln, op. cit., p. 173'.

III. A EXULTAÇÃO DOS REDIMIDOS (15:1-8)

O entreato que separa o sexto quadro do sétimo, nesta parte, é muito breve. Os últimos quadros nos deram as forças opostas do bem e do mal, já prontas para o combate mortal. As séries se-guintes tratam das taças da ira da retribuição final derramadas sobre os inimigos do evangelho. Um entreato de louvor e ações de graças é agora apresentado para retratar a exultação dos remidos, que entoam o cântico de Moisés e do Cordeiro.

João viu "um mar de vidro misturado com fogo"; esta visão pode ser o resultado do reflexo dos raios solares numa planície de águas que as deixam num vermelhão de fogo. Davi Smith[li] acha que o mar de crista! do capitulo 4 se torna aqui vermelho por espelhar a avermelhada conflagração das

perseguições que rugiam, enfurecidas, sobre a terra. Milligan [15] entende que o mar reflete ou o fogo do juízo divino ou as provações com que Deus purifica o seu povo. Esta idéia é também quase a mesma esposada por Smith. Aqueles que saíram vitoriosos das tentativas do imperador em levá-los a adorar a sua estátua são aqui apresentados de pé sobre o rio de vidro («Vi com o acusativo, significa "sobre" ou "em cima de"; quando quer dizer "ao lado" ou "junto a" é usado com o genitivo). No capítulo 4 observou-se que o mar de cristal simbolizava a transcendência de Deus — o não poder homem algum aproximar-se de Deus. Aqui, no capítulo 15, o mar está novamente presente, indicando que Deus é ainda transcendente e que nenhum homem pode aproximar-se dele. Mas o mar já não constitui impedimento para aqueles que são de Deus e que já morreram e dele se aproximaram — pois estão de pé "sobre" o mar em sua gloriosa presença. Quando tiver chegado o fim, o capítulo nos revelará que "o mar já não existe", e que todo o povo de Deus goza de sua gloriosa companhia e amizade. Aqui, no capítulo 15, os santos que experimentaram o martírio, para se acharem na presença de Deus, empunham harpas celestiais — símbolo de louvor. Entoam o cântico de Moisés e o cântico do Cordeiro, um cântico que inclui o louvor por causa do poder de Deus, pela libertação que operou a favor do seu povo e o caráter reto que possibilitou e moveu essa libertação. As taças da ira, prontas para serem derramadas, trarão ao mundo uma experiência terrível. Os cristãos fiéis e perseguidos precisam estar prepa-rados~ e fortalecidos para o que vai acontecer na terra; precisam saber como será tudo isto visto lá no céu. Então é-lhes concedida esta visão para mostrar o estado daqueles que já foram vitimados pela perseguição, e também o estado deles, caso a perseguição a ser desencadeada contra eles os leve até a morte. Concede-se-lhes a visão dos santos a exultar nos céus para animar e confortar os

14) Smith, *op. cit, p.* 672. Ver também Swete, *op. cit.,* p. 194.

15) Milligan, *op. cit.,* p. 260.

santos que ainda na terra lutam por Cristo no meio de tão cruéis perseguições.[16]

Abriu-se o templo do tabernáculo do testemunho. Isto parece simbolizar o depósito celestial do pacto de Deus. Não é descrito como o Templo de Salomão ou como qualquer um dos que lhe su-cederam. Trata-se da "Tenda do Testemunho", do tabernáculo do deserto. " Aqui não se abre o tabernáculo para mostrar a arca do concerto, como se vê em 11:19. Abre-se, sim, para deixar que os sete anjos saiam da Sala de Recepção e esvaziem as taças da vingadora ira de Deus sobre a terra. Os trajes dos anjos assemelham-se aos dos sacerdotes do Antigo Pacto e atuam como agentes de Deus, ao derramarem sobre a terra estas últimas sete pragas.

Uma das quatro criaturas viventes entrega as sete taças da ira aos sete anjos. O número completo 7 simboliza a completação da ira que agora vai ser desencadeada. Chegou o tempo. Durante esse tempo o tabernáculo se encheu de fumaça, símbolo da presença do Deus todo-poderoso. Encheu-se tanto de fumo que "ninguém podia entrar no santuário, até que se consumassem as sete pragas dos sete anjos" (15:8). Isto quer dizer que a ira de Deus se completou — foi dito aos santos mártires do capítulo 6 que esperassem, porque o tempo ainda não estava em condições para a vingança divina — e já não há mais tempo para intercessões durante esta visitação da ira divina.[18] Tudo isto prepara uma transição fácil e suave para a cena seguinte, que apresenta o esvaziamento das sete taças da ira.

1. As Taças da Ira (16:1 a 20:10)

Alguns acham que esta visão é agreste e fantástica. Não é uma apresentação figurada de acontecimentos reais que os cristãos da Ásia tivessem visto; simboliza a rápida execução da ira de Deus, a desencadear-se sobre o Império Romano em desapiedada fúria. O império ainda se mostrava forte e evidentemente não havia perigo de colapso. Mas para uma pessoa iluminada (pelo Espírito de Deus), como era João, o Estado Romano estava condenado. Assim, neste ponto o apóstolo deixa a história para trás, e paira nas alturas da imaginação, vislumbrando o futuro ainda desconhecido.[19] Quando se lhes dá permissão, os anjos voam em rápida sucessão para executar a ira de Deus sobre o grande inimigo de sua causa e de seu povo.

Há muitos pontos semelhantes entre estas pragas e as pragas anunciadas pelas trombetas. Corno no caso destas, representam ais ou calamidades desencadeadas contra a natureza e contra os

16) Esta é a posição defendida por D. Smith, Mllligun, Dana, rilchardion, Swete, Beckwith e Kiddle, *in loco.*

17) Ver Números 9:15; 17:7; 18:2.

18) Ver I Reis 8:11 — "Os sacerdotes não podiam ter-nc <-i» pi' para ministrar, por causa da nuvem."
19) D. Srnith, *op. cit.,* p. 675
RAY SUMMERS
homens; e ainda, como no caso das trombetas, uma parte do seu simbolismo corre parelhas com as pragas do Egito. Mas há notáveis diferenças entre as taças e as trombetas. Os juízos das trombetas eram convites ao arrependimento; os juízos das taças são visitações do castigo, quando já passou a esperança ou a oportunidade de arrependimento. Os juízos das trombetas eram parciais, atingindo apenas uma terça parte do seu objetivo; os juízos das taças são finais, pois atingem o mundo por inteiro. Os juízos das trombetas não atingem o homem até o soar da quinta trom-beta; já os juízos das taças atingem o homem desde a primeira. O simbolismo das taças e o das trombetas são paralelos. Há diferença no simbolismo da quinta de cada série, mas a coisa simbolizada é a mesma. À medida que as taças se vão esvaziando, vai aumentando o juízo, até que por fim atinge a cidade imperial. Não alcançou êxito nenhum qualquer tentativa feita para se determinar a significação especial dos objetos visitados pela ira de Deus — a terra, o mar, os rios, o sol. O que parece importante aqui é anotar apenas o efeito geral da final e vingadora ira de Deus. As taças são agrupadas em quatro, duas, o entreato e a final (a sétima) — justamente como se dera no caso dos selos e das trombetas.
1) *A primeira taça* (16:1,2) foi derramada sobre a terra. Ela não prejudicou a terra, como se deu ao soar da primeira trom-beta. Caiu sobre os homens assinalados com o nome da besta e lhes acarretou chagas fundas e malignas.
2) *A segunda taça* (16:3) foi esvaziada sobre o mar, e as águas se tornaram em sangue; e todas as coisas em contato com o mar pereceram.
3) *A terceira taça* (16:4-7) foi derramada sobre os rios e as fontes das águas, que também se tornaram em sangue. Ouviu-se uma voz proclamando a justiça de Deus neste ano. Ele castiga de acordo com o pecado: uma vez que o Império tinha feito correr como água o sangue dos mártires, agora tudo que o Império encontrava para beber era apenas sangue — e merecia isso mesmo. Os juízos de Deus são retos.
/ 4) *A quarta taça* (16:8,9) foi despejada sobre o sol. Este passou a castigar com seus causticantes raios e com fogo os homens maus. Mostraram-se tais homens tão pervertidos que blasfemaram o nome de Deus, em meio aos castigos recebidos, e se negaram a abandonar suas perversões.
Ao passo que as quatro primeiras pragas foram dirigidas contra a natureza, mas produziam seu efeito sobre os homens, as duas pragas que vêm a seguir são derramadas particularmente sobre os homens.
5) *A quinta taça* (16:10,11) foi esvaziada sobre o trono da besta. E o reino da besta se escureceu, se fez tenebroso; e grandes dores e males sobrevieram aos habitantes do reino, que che-
A MENSAGEM DO APOCALIPSE 176
garam a morder suas línguas em terrível angústia. Mas, na sua perversão, não decidiram abandonar o culto aos ídolos.
6) *A sexta taça* (16:12) derramou-se sobre o rio Eufrates. Secou-se o rio, para que se preparasse o caminho dos reis do Oriente, os maiores inimigos orientais do Império Romano.
As Três Rãs: Satã Recrutando Agentes ou Aliados (16:13-16) — Este entreato é colocado, na visão, entre os símbolos seis e sete, justamente como se dera nas outras visões. Quando se esvaziou a sexta taça, abriu-se o caminho para a vinda dos Partos, inimigos de Roma. Isto é símbolo da aguerrida hoste nas mãos de Deus para batalhar contra Roma. Quando os três aliados das forças malignas vêem esta possibilidade, entendem que devem sem demora reunir os reis da terra para derrotar os Partos (persas).
João vê que surgem no cenário três espíritos imundos na forma de rãs. Saíram da boca do dragão, da boca da primeira besta e da boca da segunda besta, que é aqui chamada o falso profeta. Não se usa nenhum verbo para dizer como eles apareceram. O grego apenas diz: "Vi fora da boca do dragão..." Dana [20] acha que as rãs foram vomitadas. Swete [21] acha que foram exaladas — o fôlego dos três aliados se transformou em rãs. A asquerosidade do quadro nos inclina a adotar a idéia de Dana. A idéia de se exalar más influências certo levará alguém a preferir a interpretação de Swete. Talvez não faça diferença. Estas três rãs são chamadas espíritos de demônios, enviados pelos três aliados malignos para enganar os reis do muiido e fazê-los tomar o partido de Roma, para a batalha

que se aproxima. Conseguem êxito na sua empreitada de seduzir e enganar, e reúnem os reis todos num campo de batalha, um lugar de nome "Armagedom". Só se trava a batalha quando chegamos ao capítulo 19.

Este é o simbolismo. Qual o significado? Os futuristas[22] não encontram dificuldade. Não vêem necessidade alguma de interpretar o Armagedom, que, para eles, é o fecho da História Universal e assegura o trono de Deus para si. Mas nem os futuristas nem os adeptos do método da continuidade histórica apresentam um significado que tivesse algum sentido e algum conforto para aqueles primitivos cristãos — os que realmente mais precisavam duma mensagem assim — os perseguidos cristãos da Ásia Menor. O último grupo de intérpretes,[23] agora referido, aplica o quadro à apostasia da Igreja Católica Romana. Assim, para eles, o secar do Eufrates representa o ensino opositor da Reforma, que fez cessar o manancial do ensino católico romano. As três rãs são: primeira, a declaração do Concilio de Trento; segunda, a declaração do Concilio do Vaticano; terceira, as encíclicas papais, parti-

20) Dana, *The Epistles and Apocalipse of John,* p. 141.
21) Swete, op. *cit.,* p. 207.
22) Larkin, *op. cit.,* p. 144 em diante.
23) Para um exemplo, veja Earnes, *in loco.*

cularmente aquelas que completam o sistema mariolátrico. A batalha é a luta entre o catolicismo e a Igreja Verdadeira. Como poderia uma interpretação destas ter algum significado e algum conforto para os cristãos do primeiro século, aos quais foi primeiramente dirigido o livro do Apocalipse ?!

Este parágrafo é muito simbólico. Retrata o diabo, o imperador e a *concilia* congraçando seus exércitos para dar combate aos exércitos da justiça. As três rãs talvez simbolizem alguma forma de propaganda maligna, visto que saem das bocas dos três aliados. São a progênie do diabo, do governo ateu e da religião falsa. São os verdadeiros inimigos de Cristo. A religião verdadeira não tem inimigo pior, e Satã não tem melhor aliado do que a falsa propaganda. Desde as testemunhas que resistiram a Moisés diante de Faraó, passando por estes produtos do século primeiro, como Simão, o mago, até nossos dias, sempre têm surgido aqueles que pretenderam operar sinais que a credulidade da época atribuía a influências sobre-humanas. Assim, estes agentes recrutadores de Satã operam sinais (uma concepção caracteristicamente Joanina do milagre) para ganhar adeptos. Retrata-se aqui a ânsia de galgar o poder e também a mordacidade da falsa religião, em seus esforços para se fortalecer. Por detrás deles está o diabo, que os incentiva. Deve ter havido muitas ocasiões em que as nações se deixaram dominar por uma grande paixão pela guerra, coisa que os historiadores dificilmente explicam. Um desses conflitos é agora aqui retratado, mas trata-se mais duma guerra espiritual que material.

Os tais aliados congregam seus exércitos num certo campo de batalha chamado Armagedom. Este fora um famoso campo de batalha dos hebreus. Lá Gideão e seus trezentos derrotaram os midianitas. Lá o rei Saul fora batido pelos filisteus. Também lá Baraque e Débora sobrepujaram as hostes do rei cananeu Jabim. Lá Acazias morreu pelas setas de Jeú. E lá ainda Faraó Neco desbaratou a Josias. Tal lugar era como um fogo a queimar dia e noite o coração e a memória do povo judeu, e a lamentação por Josias no vale do Megido era sempre lembrada como um exemplo típico de luto nacional. Assim, M£gMo_s_imbolizava muito bem a
angustiosa sitaaQãs^universal ,,dajfitidãp_e.....do mal empenhadas.
muna bata&a_.de^vida ou morte. Esta guerra não é "travada com espadas ou lanças materiais, não. Esta batalha está ligada a todos os ensinos do Novo Testamento, aos ideais sustentados por Jesus, a sua morte na cruz e a todos os divinos propósitos da graça. O caminho de Jesus nunca foi o da espada material. Sua espada é a espada do Espírito — a Palavra de Deus. Se alguém achar que aqui se trata duma batalha literal ou material, devemos esperar que ele admita que o exército do mal seja comandado por um quartel-general composto de três rãs! É claro que esta visão é simbólica, e nada aqui é literal. Não há motivo para se achar que uma destas figuras seja simbólica e a outra literal. Este lugar — Armagedom — de que nos fala o Apocalipse não se encontra no

);;

mapa de nenhuma nação da terra. É um lugar que se relaciona com a lógica do contexto, e não com o espaço. Nesta batalha o que vai decidir o resultado não são os armamentos materiais ou físicos;

ela se trava entre a retidão e o mal, e da retidão certamente é a vitória.
7) *A sétima taça* (16:17 a 20:10) é agora esvaziada, e se afirma que todas as forças do mal não conseguem derrotar a causa da justiça. Quando o conteúdo da taça foi despejado no ar, ouviu-se uma voz vinda do trono no templo, a qual dizia: "Está feito" (tempo perfeito). Com esta prestação final da ira de Deus, houve manifestações dessa ira — trovões, relâmpagos, vozes e um terremoto ; a imperial cidade de Roma f endeu-se em três partes. Este número divino indica que a operação divina subverteu a cidade. Babilônia (aqui Roma) era tida e havida como o supremo poder mundial antidivino. [24] Assim também Deus a considerou, e o seu poder destruidor se mostrou tão eficaz que o terremoto arrasou as montanhas e fez submergir as ilhas, que eram as fortalezas de Roma. Pedras do peso de um talento (cem libras) caíram sobre os homens, que, mesmo assim, continuaram a blasfemar contra Deus, acusando-0 como o responsável por essas calamidades — um quadro que pinta muito bem o juízo de Deus.
Aqui, como noutras passagens, notamos as três coisas que acarretaram a destruição de Roma: as calamidades naturais, a deterioração interna e a invasão externa. Roma estava condenada. Assim João retrata o juízo de Deus sobre os opressores do seu. povo. Não adiantara nada àqueles aliados enviar pelo mundo as suas rãs recrutadoras, pois que o poderio divino os fez, a Roma e a eles, em pedaços.
Quando João viu o terremoto e aquelas gigantescas pedras se reunirem para esmagar e despedaçar Roma, um dos sete anjos, empenhado em ministrar a vingadora ira de Deus, convidou João a subir a um outro ponto de observação, para presenciar de lá em detalhes o que ele acabava de ver na rápida destruição da cidade. O que ele viu abrange toda a última cena da batalha entre as forças do bem e as forças do mal. Devemos fugir aqui à tentação de entrelaçar os assuntos desta *seção* (17:1 a 20:10) com um programa um tanto fantasticamente escatológico. Isto se tem feito não poucas vezes, com inteira perda de tempo e energia.[1]!, torcendo-se ainda os verdadeiros ensinos das Escrituras. Estas cenas não constituem um quadro de acontecimentos relacionadou que visem a satisfazer nossa curiosidade acerca do futuro. **Todos** nós, é verdade, somos um bocado curiosos, e alguns controlam min curiosidade melhor que outros. Estas visões foram aprescnüuluti com o propósito de anunciar a promessa daulterior c final vilúim da retidão sobre todas as forças do mal. Esta era a sim mnnimwm aos cristãos da Ásia Menor pelo ano 95 de nossa em. Kl» lliii» assegura a indiscutível vitória do cristianismo sobre ROBH» Da
241 Moffatt *op. cit,* p. 449.

maneira semelhante, ela nos assegura também em nossos dias que a Causa de Cristo triunfará sobre a causa do mal em todas as épocas. Neste sentido, o método de interpretação conhecido como o método da filosofia da história está certo. A visão nos é facultada sob o simbolismo de vários atos que pintam a queda de Roma.

IV. A MULHER ESCARLATE: ROMA (17:1-18)

Ligava-se tanta importância a Roma como o centro do poder perseguidor no primeiro século que se nos dão três capítulos inteiros para retratar a sua destruição. Trata-se duma série de cenas do espetáculo que revela o destino de Roma, como já disso se nos dera um rápido esboço em 14:8 e 16:19. Agora aqui se pinta Roma como uma grande meretriz que se assenta sobre muitas águas e pratica sua fornicação com os reis da terra; ela é culpada da fornicação espiritual por seu culto idolátrico, c cia seduz os reis das províncias, conquistando-os e levando-os a praticar o mal com ela. As águas sobre que ela se assenta simbolizam o povo sobre que ela reina. Assim é ela descrita para João. Mas quando eles chegam a contemplar o palco onde se desenrola o espetáculo, ela está assentada sobre uma besta de cor de escarlata, que está cheia de nomes blasfemos e tem sete cabeças e dez chifres. A besta, da cor do dragão demoníaco do capítulo 12, sem dúvida, é o Império que sustenta esta cidade infame. A mulher está vestida com todo o luxo e esplendor altaneiro, e tem na mão um cálice. Este contém as coisas impuras de sua fornicação. Esta é evidentemente a mesma mulher retratada no versículo 6, onde vemo-la embriagada o tempo todo (particípio presente) com o sangue dos santos e mártires de Jesus. "As abominações e a imundícia da sua prostituição" são, então, os males que provieram do seu culto idolátrico e da perseguição. Sua "progênie" é um tanto diferente da daquela Radiante Mulher do capítulo 12. O nome dela está escrito em sua testa, e é — "Mistério, a Grande Babilônia, a Mãe das prostituições e abominações da terra". Era um mistério, uma maravilha, Que mulher e que besta cavalgada por ela! 35 ela a

grande prostituta, a principal responsável pelo idolátrico culto ao imperador, e é a mãe duma família de prostitutas. Seu prazer é beber o sangue dos mártires, e está embriagada desse sangue.
Muitos dos adeptos da escola futurista acham que isto se refere à cidade de Babilônia, que será restaurada nos últimos dias. Já a escola da continuidade histórica afirma tratar-se da apóstata Igreja Católica Romana. Talvez o caminho mais seguro seja ver bem a explicação que o anjo deu a João, quando disse: "Por que te admiras? Eu te direi o mistério da mulher e da besta que a traz." Ele explica que a besta "foi e já não é, e está para subir do abismo, e irá à perdição". Este é um reflexo do mito de Nero redivivo. Aqui se pinta o Império Romano como personificado em Domiciano — o Nero reencarnado. O Império está às portas da

destruição . O mundo pagão maravilha-se da história e do progresso de Roma. Os que são cristãos já não a admiram, pois sabem que ela está condenada.
A começar do versículo 9, o anjo explica que as sete cabeças da besta são sete montes; de fato, Roma estava edifiçada sobre sete colinas. Foram também sete os reis que estabeleceram as bases do grande império:[25] Augusto, Tibério, Calígula, Cláudio, Nero, Vespasiano e Tito. Há um oitavo que deverá ter sua parte nesta história, mas é um dos sete já mencionados — ele era, e é, a reencarnação da atividade maligna e perseguidora de Nero. Os dez chifres da besta representam o poderio do Império. Este poderio estava nas suas províncias; e, por isso, este símbolo que o anjo identifica com "os dez reis que ainda não receberam o reino, mas receberão poder como reis, juntamente com a besta, por uma hora" deve referir-se aos reis vassalos, governadores das províncias de Roma, que recebem autoridade de Roma e exercem autoridade como delegados por um tempo muito breve — "uma hora". Estes têm um pensamento único, que é obedecer ao Império Romano, personificado em Domiciano. Esta a razão de eles se mostrarem tão zelosos na perseguição aos cristãos. Guerreiam o Cordeiro, mas Este sai vitorioso, porque é "o Senhor dos senhores e o Rei dos reis". Virá logo a hora em que essas províncias terão a sua parte na destruição de Roma. E isto era justamente o que Roma temia mais. Por toda parte do Livro dos Atos encontramos indícios desse medo que Roma tinha, ao levantar-se aqui ou ali uma rebelião ou qualquer efervescência que pudesse resultar em revolução. O capítulo se encerra com a afirmativa de que a mulher — a prostituta que conheceu esta grande destruição — era a grande cidade que presidia sobre os reis da terra. O primeiro triunfo retratado para os cristãos é o da infalível destruição do Império Romano.

1. A Profecia da Queda: os Aliados de Roma (18:1-20)

Por toda esta seção, a idéia principal na mente do escritor é a queda de Roma. Ele a vê de diferentes pontos, e repete o fato para dar-lhe ênfase. Grande parte do capítulo 18 é vazada na linguagem que o Velho Testamento emprega ao se referir à antiga cidade de Babilônia. Nos dias de João, isto já se tinha cumprido. Usa-se aqui agora para descrever a destruição desta Babilônia do Novo Testamento — Roma.
O primeiro anjo da visão anuncia a queda de Babilônia por causa de sua prostituição espiritual. Isto inclui a descrição de como os negociantes do mundo tomaram parte na sua devassidão e prostituição, fazendo-se aliados seus na prática do mal. Um pa-
25) Para uma elucidação maior deste símbolo, veja-se a parto deste livro em que se discute esta série de reis; trata-se da data cm quo foi escrito o Livro do Apocalipse.

Hfrafo subseqüente nos mostrará a ruína deles, juntamente com I do Império.
Uma segunda voz alerta o povo de Deus para que não se associe com essa mulher devassa, para que não tenha parte alguma com os pecados dela, pois, do contrário, sofrerá algumas de suas pragas ou golpes. Afiança-se-lhes que os pecados dela já chegaram até os altos céus, e Deus já anotou tudo isso. Agora (versículo 6) ela vai receber punição exemplar e proporcional aos seus desvios. Ela se orgulhara, se enchera de vangloria e chegara mesmo a dizer: "Nunca verei o pranto." Agora ela vai receber castigo duplo por todo o mal que praticou. Dentro de "uma hora" — de modo assaz rápido — pragas, fome, lamentações e morte virão visitá-la, e ela será inteiramente esmagada. Esta é a descrição da destruição *dela*- Mas, c os aliados dela? São apresentados em dois grupos, que fazem lamentações e que choram sobre ela. Roma estava firmada sobre duas coisas: a conquista territorial e a expansão comercial. Agora os dois grupos pranteiam e choram sobre ela, porque, indo-se ela, eles também se vão. Primeiro, são os reis da terra que

lamentam a sua queda. Estes são os seus aliados que, sujeitos ao seu poderio, tomaram parte em sua prostituição espiritual e em suas iniqüidades. Ao redor dela, choram e pranteiam, porque num momento foi destruída a grande cidade. Em segundo lugar, são os mercadores da terra que choram a sua destruição, porque agora já não têm mais mercado onde colocar seus produtos. Mencionam-se aqui mais ou menos trinta artigos que eram objetos de grande comércio. Para conseguir esse comércio e intercâmbio, os negociantes tiveram que tomar parte nos males do Império. Agora, caem com ele. Nada que seja moralmente mau pode ser economicamente bom. E o mesmo destino terá toda e qualquer nação que cair neste pecado. E os mercadores e os marinheiros que transportavam tais artigos se puseram de longe e lançaram terra sobre as suas cabeças, e lamentaram a destruição da cidade. A destruição de Roma pelo fogo, no tempo de Nero, foi coisa insignificante, comparada à ira de Deus descarregada sobre todo o Império e seus aliados. A ruína aqui foi total. E desce o pano, a este segundo triunfo, e o ato termina. È um triste quadro de desolação. Mas, para os cristãos, é um quadro que os enche de alegria e regozijo, porque testemunham mais uma prova do poder de Deus e de sua iminente libertação.

2. A Pedra: a Destruição da Cidade de Roma (18:21-24)

O terceiro triunfo retrata graficamente a destruição da cidade de Roma. Primeiro, fora o Império; depois, seus aliados; e agora, dum só golpe, cai por terra a cidade de Roma. Usjv^Ê-^i_r£rjgtisão paca-ênf-ase.. e dar certeza plena. De fato os cristãos, leitores de João, precisavam disto. Um anjo forte ergueu no espaço uma pedra enorme e atirou-a. para dentro do mar, e afirmou que aquilo

ilustrava a maneira pela qual Roma cairia, e já não mais seria achado o seu lugar. Então descreveu a cessação das três maiores atividades da vida de Roma:

1) *As diversões* (v. 22). Estas cessariam. Já não se ouviria mais a voz da música — dos harpistas, dos trovadores, dos flautistas, dos trombeteiros.

2) *Os negócios* (v. 22) também cessariam. Nenhum artista de arte humana se acharia mais nela, e a voz do moinho também morreria.

3) *A vida ãoméstioa* (v. 23) se acabaria. A luz da candeia já não brilharia mais festivamente nos lares da cidade e nem se escutaria mais a alegre voz do esposo e da esposa.

Com a destruição desses três tipos de atividade, Roma, a grande cidade, estaria morta. E nada mais se acharia em suas ruas, a não ser o sangue dos mártires — a causa de sua destruição. Ela está destruída; o sangue dos mártires, no entanto, permanece para testificar eternamente contra ela e para testemunhar a fidelidade dos cristãos. Aqueles que se opõem a esta interpretação objetam que a cidade de Roma ainda hoje existe. É verdade, mas já não é mais aquela cidade perseguidora dos dias de João. A conjunção e várias forças trouxe o fim àquela Roma, e isso de há muito. 5 movimento cristão, que a Roma antiga tentou inutilmente sufocar, avançou vitorioso; e permanece vivo e ativo, a desafiar outras Romãs de todos os séculos, que certa e igualmente serão levadas ao pó, como aquela, se intentarem embargar-lhe a vitoriosa marcha.

V. O REGOZIJO DOS SANTOS (19:1-10)

A simbolização da completa ruína de Roma introduz a quarta vitória do drama final. Esta vitória retrata a exultação ou regozijo dos santos redimidos. A cena se abre com uma grande hoste celestial cantando aleluias. Ê um cântico que atribui a Deus a libertação, a glória e o poder, por causa dos seus retos juízos sobre a Roma iníqua e perseguidora. Não é propriamente um cântico de alegria pelo mal que sobreveio a Roma; é mais um cântico de regozijo pela vitória da retidão e da verdade. Por sobre as lamentações e o choro dos reis, mercadores e marinheiros derrocados e por sobre o fragor dos muros que caem e das ruas devoradas pelo incêndio, ouve-se o louvor dos santos, em grande regozijo, porque a retidão triunfou sobre o mal. A destruição aqui descrita, da queda de Roma, é coisa notável. Mas não tão notável quanto fora a destruição operada por nações, homens e mulheres ímpios, a quem se concedera agir livre e desbragadamente na cena da crueldade, da degeneração e da perseguição ao pobre povo de Deus. É agora a vitória da retidão que incentiva esse maravilhoso coro de aleluias.

O coro repete o aleluia, e João anota que a fumaça de Roma destruída, que se eleva para todo o sempre, serve de estímulo para uma segunda aleluia. Pinta-se a destruição de Roma não como uma cidade cujos prédios caem por terra, devorados pelo incêndio, e cujos escombros os

sobreviventes podem depois remover. Pinta-se sua destruição como eterna, como um incêndio eterno. Há sempre combustível para se atirar ao incêndio, de modo que o fumo se eleva sem cessar e para todo o sempre, não se podendo reconstruí-la. Com o seguindo aleluia, surgem no cenário vinte e quatro anciãos e quatro criaturas viventes (animais) que se juntam ao cântico de triunfo e dizem — "Assim seja! Aleluia!"

Uma voz se ouviu, vinda do altar, que ordenou a todos os servos de Deus que o louvassem. E, neste ponto, João ouviu os remidos cantando, em enorme multidão, como a voz de muitas águas: "Aleluia! porque o Senhor nosso Deus, o Todo-poderoso, reina!" Cantam este hino nesta ocasião gloriosa, porque acham que se aproximam as bodas do Cordeiro, pois já a sua esposa se aprontou. A esposa é a Igreja, e ela se vestiu de linho fino, puro e resplandecente, para essa ocasião. O esposo é o Cordeiro, que preparou um lugar para sua esposa. Agora é chegada a hora alegre de sua união. Mas parece que os remidos se adiantaram um bocado.. . O tempo para a completa união ainda não chegou. O Cordeiro tem ainda uma batalha a travar, antes que se remova toda a oposição à sua união. Um dos mensageiros ameniza esse desapontamento, dizendo a João que escreva: "Bem-aventurados aqueles que são chamados à ceia das bodas do Cordeiro." Todos os remidos lá estarão, mas ainda não chegou a hora.

O livro do Apocalipse não nos descreve a união do Cordeiro com a Igreja. Até chegarmos lá, talvez no capítulo 21, muda-se o cenário e novamente não se menciona essa união, ainda que haja a perfeita união de Cristo com os remidos. João faz assim muitas vezes. Ele não descreveu o soltar dos ventos da vingança retribuidora (7:1); mudou logo para a cena das trombetas. Preparou o caminho para os partos (persas) invadirem Roma (16: 12), mas não falou mais nisso; passou para outra cena, e deixou que o terremoto e uma gigantesca saraivada realizassem essa obra destruidora. Em ambos os exemplos alcançou-se a finalidade. Assim também se dá aqui com o símbolo das bodas do Cordeiro.

Por certo que a visão é simbólica. Alguns a tomam literalmente e buscam descobrir quando e onde se darão essas bodas, como e por que, e tudo mais que se refira a este acontecimento. Alguém ouviu dizer que se trata mesmo de um casamento, e que o apóstolo Paulo é quem oficiará, porque ele muito contribuiu para que saia esse casamento! Tudo isso é pura fantasia, e nada mais. A ocasião do casamento nas terras orientais proporcionava grandes alegrias e festas. Mas nos dias de João as cerimônias públicas de casamento se tinham tornado tão corrompidas que os cristãos já não podiam tomar parte nelas. Aqui está agora apre-

sentado um casamento a cujas cerimônias todos eles podiam assistir — pois eles (os cristãos) seriam a esposa, quando chegasse o dia de sua união feliz e final com o Cordeiro. As bodas são um lindo símbolo da união de Cristo e sua Igreja. Este era o motivo daquele cântico alegre e festivo dos redimidos em triunfo.

VI. O GUERREIRO VENCEDOR: CRISTO (19:11 a 20:10)

O triunfo seguinte, desta série, é o de Cristo. Até aqui foi ele apresentado como Leão, como Cordeiro, como Juiz, e agora é ele o Guerreiro Vitorioso. Parece haver pouca discussão sobre se é Cristo mesmo a pessoa aqui simbolizada. Os cristãos que assistem ao espetáculo vêem agora levantar-se o pano de boca e surge diante deles Um que está assentado sobre um cavalo branco — símbolo de vitória. O nome do cavaleiro é "Fiel e Verdadeiro", "A Palavra de Deus", e no seu vestido está escrito: "Rei dos reis, e Senhor dos senhores". Estes nomes identificam-No com o Cristo. No princípio do Livro do Apocalipse, ele fora chamado "a testemunha fiel e verdadeira" (1:5; 3:7; 3:14). Um dos termos favoritos de João para identificar Cristo é "a Palavra de Deus" — a expressão oral de Deus ao homem. Identifica-se o Cordeiro no cap. 17, v. 14, com o "Rei dos reis", "Senhor dos .senhores". Além destes nomes, há outros sinais que o identificam: *"Os* seus olhos eram como chama de fogo" (1:14). "Da sua boca saía uma aguda espada" (1:16). "Ele regerá (as nações) com vara de ferro" (12:5). "Ele executa a ameaça da ira de Deus" (14:20) "Ele traja um vestido salpicado de sangue" (Isaías 63:3).

O Guerreiro vencedor não está só. Vem seguido de um exército celestial, e todos os cavaleiros montam cavalos brancos e vestem linho branco e puro. Tudo isto simboliza vitória. Não se diz se estavam armados ou não. O Chefe deles marcha à frente, e sua arma é uma espada aguda que lhe sai da boca. Com esta arma ele atacará os inimigos, e os vencerá; e, daí, submetidos, ele os regerá

com vara de ferro. Identifica-se melhor a espada como "uma arma espiritual de poder irresistível". Alguns acham que esta arma é a Bíblia, visto que dela se fala como "a Espada do Espírito". Outros acham que é "o Juízo", achando que se trata de um símbolo semelhante ao da foice, usado no capítulo 14. Seja como for, é uma arma espiritual de poder irresistível. Com essa arma, ele ganha a batalha.

Anuncia-se a vitória, mesmo antes de iniciada a batalha. Um anjo que estava no sol — de onde procede a luz que ilumina o mundo em trevas — convidou as aves do céu para se ajunlarem numa grande ceia, que Deus lhes preparara. Era para. virem e<>--mer a carne dos reis, dos capitães militares, dos homens poderosem, de cavalos, de cavaleiros, de todos os homens, livre:: e encravou, pequenos e grandes. A carnificina dos inimigo:! de DIMIM nerln muito grande. E a cena termina com as ave:: de rapina ufluiiulo em multidão ao campo de batalha.

1. A Vitória sobre a Primeira e a Segunda Bestas (19:19-21)

A batalha durou pouco. A besta e seus aliados, os reis da terra e o falso profeta não eram forças que resistissem ao vitorioso Guerreiro e a sua aguda espada. Assim, a besta e o falso profeta foram lançados vivos no "ardente lago de fogo e de enxofre". E o resto foi morto pela espada que sai da boca do Cristo vitorioso. A destruição foi completa. Foi-se a batalha, e Cristo saiu vitorioso.

Como tem acontecido com várias outras partes do Apocalipse, tem havido muita discussão sobre a correta interpretação deste quadro. Os futuristas acham que c mesmo uma batalha no sentido literal, que precederá o Reino de Deus. Seiss [20] acha aqui quase tudo literal, até mesmo os cavaleiros e os cavalos. Igualmente Ottman, falando das aves de rapina convidadas para o grande banquete, entende que há aí referência a corvos que se deliciarão com os cadáveres dos soldados mortos.[27] Os adeptos desta escola acham que a besta é um Anticristo pessoal que surgirá nos últimos dias e que terá mesmo um exército de soldados, levado por ele até a Palestina para guerrear os judeus; e que por algum tempo tomará conta da terra, sendo afinal derrotado pelo Senhor e seu exército, daí, então, inaugurando-se o seu reinado de mil anos. Aqueles da escola da continuidade histórica, que entendem que a besta é a Igreja Católica Romana, por coerência devem sentir-se, neste passo bíblico, bem embaraçados para descobrir qual o poderio que esmagou aquela força. Visto como a Igreja Romana ainda está de pé, dizem eles que o Armagedom ainda virá. [M] A ^obje^ão de sempre, a este método de interpretação, é esta: Que__significação teriam estas idéias para os cristãQS-jdoa. dias_de João *TI*

Para interpretar o Apocalipse de modo certo, devemos sempre partir da época e das circunstâncias imediatas, que rodeavam não só o escritor, mas também os leitores — aqueles para cuja instrução, confirmação e conforto ele escreveu. Este é um livro aplicado e adaptado inteiramente à época em que foi escrito. Armagedom não é o nome de algum lugar; é, sim, uma palavra simbólica que indica uma batalha decisiva. Retrata-se Cristo descendo do céu; mas aqui não se trata de sua segunda vinda, assunto que vemos em tantas partes do Novo Testamento. A cena representa simbolicamente sua vinda para ajudar os cristãos perseguidos, dando-lhes assistência celestial em suas lutas espirituais. Se, como temos feito nesta obra, se identifica a besta com o imperador, visto personificar ele a Roma imperial, paga e perseguidora, não poderemos explicar doutra forma esta batalha. É uma repre-

26) J. A. Seiss, *The Apocalipse* (Filadélfia, School of the Bible, 1865), III, p. 250.

27) F. C. Ottman *The Vnfolding of the Ages* (N. York, PubUcation Office, "Our Hopc", 19Ó5), p. 421.

23) Ver Barnes, Carroll, Lord, *in loco.*

Mas, julga este exegeta, que talvez se tenha em vista última operação QU função âa Palavra. Com evidênc para ambas as interpretações, vemos que este ponto d< oferece uma boa solução.

Alguns entendidos fazem fortes objeções a esse mé terpretar simbolicamente esta batalha. E o fazem base fato de a linguagem aqui empregada ser assaz guerrei: ráter mui severo, para que se a interprete daquele modo pormenores são rijos e fortes: olhos como chama de fc aguda, vara de ferro, lagar do vinho do furor, vestidos de sangue. Tudo isto parece referir-se a uma guerra apenas a um juízo espiritual contra os homens. Mas n§ esquecer que esses mesmos termos de guerra os cris hoje ainda em seus cânticos e hinos, como, por exemplo

29) D. Smith, J. Smith Pieters, Dana, Richardson, Alie: Milligan, Kiddle e' Swete, *in \oco.*

30) Pieters, J. Smith, *in loco.*
31) Milligan, Kiddle e Beckwith, *in loco.*
32) Dana, D. SmiUi, *in loco.* 331 Swetè on. *cit..* Ü. 259.
185
*r\r*rr\ r\í^*
186 RAYSUMMERS
te, soldados de Cristo, marchemos para a guerra" — "Camaradas, a divisa mostra-se nos céus" — "Eis o estandarte tremulando à luz". São estas frases nada mais que representações da luta espiritual, do glorioso avanço do evangelho. São, na verdade, expressões vividas, fortes e realistas. Certo missionário cristão, duma feita, contou que a polícia japonesa, ouvindo alguns cristãos coreanos cantar em suas igrejas hinos com tais expressões, concluiu que eles estavam tramando uma revolução.[34]
Neste capitudo do Apocalipse, leva-se este simbolismo militar, mui comum, até o extremo, com o intuito de se produzir a viva impressão quanto à certeza da vitória para a causa da retidão sobre a besta, o falso profeta e seus aliados. Isto queria dizer para os cristãos livramento e cessação das perseguições. A religião paga e o governo ateísta de Roma estavam sentenciados à destruição. E, uma vez esmagados, a causa de Deus, o povo de Deus, bem como os seus propósitos marchariam vitoriosos, num crescendo assustador. Em pontos como este é que a escola de interpretação histórico-filosófica alcança algum pé a seu favor. O veredicto dela, então, seria este: "Aqui está simbolizada a completa vitória do Filho de Deus sobre todas as hostes da injustiça, não apenas nos dias de João, mas em todas as épocas da História Universal." Isto é verdade, mas a ênfase aqui se dá primeiramente à vitória sobre a religião falsa e paga pela cristandade da Ásia Menor de cerca do ano 95 de nossa era.
3. A **Vitória sobre** Satã (20:1-3)
Descreve-se esta vitória no aprisionamento de Satã durante mil anos. Do capítulo 12 até aqui, três inimigos se aliaram para fazer oposição a Cristo e ao seu povo. Os dois primeiros, desses três já foram desbaratados pelo Cristo vitorioso no cap. 19:19,20. Não há ainda vitória final e completa, visto que o terceiro ainda está solto. Agora, neste parágrafo, vemos o destino dele. João não está, portanto, entrando agora num assunto novo; está continuando a discussão anterior. Temos aqui uma outra amostra de como a moderna divisão de capítulos mais estorva do que ajuda.
Recapitulemos aqui a atuação desses três grandes inimigos dos cristãos — o diabo, a besta e o falso profeta. São os principais opositores do Cordeiro, e até aqui tudo fizeram para, duma forma ou doutra, reunir contra ele os reis da terra, seus exércitos e seus sequazes. Por certo tempo, pareceu que a vitória seria deles, pois os santos foram pilhados, perseguidos, exilados e alguns martiri-zados. Mas aquilo não podia continuar; deve-se revelar que o triunfo final pertence àqueles que sofreram por amor da justiça. Assim, pinta-se esse triunfo através de vários atos ou cenas: o colapso do Império Romano, a queda dos aliados de Roma, a destruição da cidade de Roma, o regozijo dos santos, a derrota de dois
34) Pieters, *op. dt.,* p. 288.
|B.
A MENSAGEM DO APOCALIPSE
187
desses grandes inimigos — a besta e o falso profeta. O desbarato completo do terceiro, o diabo, ainda está por ser narrado, e isto se dará no versículo 10 do capítulo 20. Os versículos que se seguem descrevem o julgamento daqueles que deram ouvidos ao dia-DO, a completa vitória dos cristãos e a união com Cristo. Estas considerações bastam por si para nos mostrar que o tema principal dos dez primeiros versículos deste capítulo é *a derrota de Satã* e não o reinado do milênio. Nesta cena vemos representada a vitória final dos cristãos perseguidos da Ásia Menor. É preciso encarar o capítulo com espírito humilde, reconhecendo as dificuldades que ele nos apresenta, evitando afirmativas dogmáticas e respeitando a sincera interpretação de outros estudiosos do Apocalipse. Por séculos, este capítulo tem sido objeto de fortes e azedas discussões entre cristãos. Richardson [as] acha que a interpretação que dermos_ deste capítulo vai determinar se somos /j5ré-mlle_n]stas] {pós-milenista? ou|3^B^S^^ João, em suas visões na ilha de PaíinõsT^unci: soriôII^oFcerto que seus leitores iriam entrar em fortes controvérsias e se dividir quanto ao conteúdo deste capítulo. Não obstante, isto é a pura verdade. João registrou estas cenas não para

nos dar uma serie de acontecimentos relacionados que visassem a satisfazer nossa curiosidade acerca do futuro. Escreveu-as para anunciar a promessa do triunfo certo e final da Causa de Cristo e daqueles cristãos da Ásia Menor que sentiam em sua carne as angústias duma diabólica perseguição.

As limitações desta obra nos impedem de dar aqui um tratamento pormenorizado das interpretações rivais desta passagem bíblica. Todas as interpretações rivais giram em torno do "milênio". A palavra aqui usada, que significa "mil", não aparece em o Novo Testamento; é derivado do termo "mil anos", que é usado nesta passagem. Se omitíssemos os versículos 4, 5 e 6 do capítulo 20 do Apocalipse, ninguém jamais sonharia com mil anos literais dum reinado de Cristo na terra — em erigir ele um trono temporal em Jerusalém e inaugurar um reino milenal como um monarca terreno. Não obstante, sobre esta precária base de versículos essencialmente simbólicos os homens construíram verdadeiros e completos sistemas de escatologia, de-teologia e de filosofia da história.

Abreviadamente, eis aqui toda a ação deste parágrafo: um anjo desce do céu com a chave do abismo e uma forte cadeia na mão. Acorrentou o diabo e o lançou no abismo sem fundo por mil anos, para que não enganasse as nações por mil anos; depois disso, seria solto por um pouco de tempo. Já outra cena nos mostra o destino daqueles que perderam a vida por terem dado testemunho de Jesus e de terem recusado a adorar a besta ou a nua imagem. São vistos, então, vivos e reinando com Cristo por mil anos. Esta é chamada a primeira ressurreição, c se pronunciam

35) Richardson, *op. cit..* p. 156 cm diante.

bênçãos sobre esses que dela participam. Vencidos os mil anos da prisão do diabo, ele é solto e torna as suas velhas táticas; enganar as nações e reuni-las para um ataque a cidade de Deus. Então desce fogo do céu e os desbarata a todos. O diabo <■ lançado no lago de fogo, onde já se achavam a bruta <• <> falai) profeta. Segue-se o julgamento do alto do |;nm<le trono branco.

Esquecendo-noa do pré-mUrinanin r do pós-milenismo e de todas as mais infrrprrlarors prrronrHndas, perguntemos: Que significaria prnvnvrlintailr i-ila cenii para João e para os cristãos peniiy.nuWm di> mio U!> tlr nossa <-ra? Devemos lembrar as condições <Iı-U-M, lembrar c11ir- doiii de seus inimigos tinham já sido der-roliiduii, *v* ria apua o ato que revela o destino da força que agia l.....i>• 11 ii11 dou doía ıı dragão, que 6 o diabo. Pobre e fraco

n In puni mpirlra nisimia o conforto, se ficassem certos de que ni'i ilith ıı "ii aia arruina ou milênios se daria a restauração da teo-

.....ni linliileii, de que surgiria o Anticristo em pessoa, de que

httvaril ""i Ai ai.-i;;edom mais que sangrento e a vitória final da ■ .111 i .1" Cordeiro e de sua gente (o pré-milenismo). Também

i i i 1111.• na confortaria pensar que após uns poucos de milênios ilr prr);ni;ÍLo do evangelho as condições e os negócios humanos ma um tão bons e o governo da humanidade tão perfeito que o diabo já nada mais conseguiria com seus desesperados esforços dr rinhuste e destruição (pós-milenismo) ? E certo que tais pensamentos não os ajudariam quase em nada. E, no entanto, o livro do Apocalipse foi primeiro dirigido a eles. Que conforto, que animação e encorajamento encontrariam eles nessa mensagem? Esta seria, assim, a interpretação mais segura destas cenas. A verdade é que os cristãos daquela época estavam enfrentando um adversário duro e inclemente — o diabo — e agora, nesta visão, o vêem finalmente acorrentado, já não podendo mais seduzir as nações, para encaminhá-las ao culto do imperador. Essa obra sedutora vinha o diabo realizando desde o capítulo 13. Agora está preso e lançado no abismo sem fundo, para que não seduza ninguém pelo espaço de mil anos. Lembremos que esta expressão "enganar as nações" não se aplica a toda a obra de Satã. Aqui se usa tal expressão visando particularmente a sua obra de enganar as nações, fazendo-as crer na divindade do imperador, e que, por isso, todos devem adorá-lo. As correntes aqui não devem ser tomadas literalmente, pois não se admite que cadeias materiais prendam um ser espiritual. E os mil anos também não são mais literais que essas cadeias. No Apocalipse os números são simbólicos. Assim, o número 10 é um número completo, e mil é um alto múltiplo de 10. Deve-se entender aqui o número mil como trazendo a idéia de completação mui certa. Não representa um período de tempo que venha antes ou depois da segunda vinda de Cristo. Isto quer dizer que se estava afirmando aos leitores de João que o diabo

ia ser completamente cerceado na sua obra de enganar as nações e levá-las à adoração do impe-

rador. Na verdade, quando ele surge inteiramente livre, logo reinicia esta obra de sedução (20:3, 7-10), mas afinal seu poder é completamente esmagado.

4. **A** Vitória **com os Mártires** (20:4-6)

Que é que tem que ver com os santos remando com Cristo por mil anos esta cena que agora João e os cristãos estão contemplando ? Eles vêem em triunfo os mártires que morreram por causa da perseguição do diabo, da primeira besta e da segunda. Logo que **o** diabo é completamente acorrentado, os mártires estão inteiramente vitoriosos. Não devemos tomar literalmente esse período de mil anos. Os mártires não estão sobre o trono, clamando por vingança, como vimos no capítulo 6. Estão nos tronos, reinando com Cristo. Já se enchera o cálice da vingadora ira de Deus; fora derramado até a última gota sobre os opressores do seu povo; tais inimigos foram desbaratados, e os oprimidos agora estão glorificados; reinam com Cristo por mil anos — um quadro de bem-aventurança perfeita e completa. Não há dúvida de que se trata aqui dos cristãos que foram martirizados durante a perseguição de Domiciano, daqueles que não adoraram a besta e sua estátua, dos que não receberam em suas testas a marca da besta, dos que foram decapitados por causa do testemunho de Cristo. Só torcendo as Escrituras, se poderá fazer com que o símbolo aqui apresentado se adapte a outra interpretação. Os mártires, que tanto sofreram por Cristo, estão agora completamente vitoriosos com Cristo. Esta era a mensagem que certamente encheria de consolo aos atribulados santos da Ásia Menor — uma mensagem que levaria à certeza do destino feliz daqueles queridos seus que haviam sucumbido à espada dos perseguidores.

Este triunfo dos mártires é chamado "a primeira ressurreição". "A segunda ressurreição", que não é mencionada, mas está implícita, deve ser a ressurreição geral tantas vezes discutida em o Novo Testamento. "A primeira morte", que também não é mencionada, mas está implícita, deve ser a morte física. "A segunda morte" de que aqui se fala é um símbolo da separação eterna, da punição eterna no lago de fogo. Os mártires, aqui apresentados em triunfo, são bem-aventurados porque passaram pela primeira morte (a morte física), e porque .a segunda morte (a eterna alienação de Deus) não os alcança. A causa deles triunfou juntamen te com eles. São vitoriosos com Cristo, por quem eles deram n vida.

Não há base alguma aqui no simbolismo para :H- nfinnur n existência de um reinado literal dos santos com Crinto por ml] nnnn na terra, seja antes, seja depois da sua segunda vinda. Tnmbmii não há base para múltiplas ressurreições e julgiiitmiilciii. ()M nliih mas teológicos que se têm apegado à interpreta <;ítn llleml HIMIIHI versículos e hão interpretado os claro;; r.nfüiiiuricnl.nii do Nuvo TIVI tamento à luz de obscuras teoria;; eiio.nnlram aqui lunar para viu In

«üurreições e vários julgamentos. Assim, acham aqui a ressurreição dos crentes, a que dão o nome de "rapto", quando Cristo vier chamar seu povo e tirá-lo do mundo antes da grande tribula-ção, que é também interpretada como coisa do futuro. Sete anos depois, por ocasião da "revelação" (a segunda parte do programa da segunda vinda de Cristo), encontram eles uma outra ressurreição para aqueles que se converteram e morreram durante o período que vai do "rapto" à "revelação". Segundo a sua teoria, há pessoas que se convertem e morrem durante o milênio iniciado com a "revelação". Assim, deverá dar-se uma ressurreição deste grupo no fim do milênio terrenal, quando se inaugurar a ordem celestial. Se os ímpios mortos são ressuscitados para um julgamento separado, essa teoria admite pelo menos quatro ressurreições (e talvez mais). De modo semelhante, admitem vários julgamentos, que vão de dois (um antes, e outro depois do milênio) até sete, de acordo com os desejos de cada intérprete.

Vemos que isto é pura imaginação e fantasia baseada na interpretação literal destes versículos essencialmente simbólicos. Por este sistema de prova e de tratamento, qualquer pessoa pode praticamente provar qualquer afirmação, uma vez que torça o sentido de certos versículos da Bíblia. Quando, porém, estudamos o Novo Testamento como um todo harmônico e coerente, vemos que ele nos ensina haver *uma única* ressurreição geral (de bons e maus) e *um único* julgamento geral (de bons e maus), ambos diretamente relacionados com a segunda vinda de Cristo, que dará fim à presente ordem mundial ou terrenal e inaugurará a eterna ordem celestial. Um estudo completo deste assunto e dos que com ele se relacionam no terreno da escatologia está

sendo projetado, mas não podemos dá-lo por extenso neste livro.

5. A Vitória Completa: a Derrocada de Satã (20:7-10)

Do versículo primeiro ao terceiro, deste capítulo, vimos um retrato do aprisionamento do diabo, de modo que ficou ele inibido de enganar as nações, fazendo-as crer na divindade do imperador e levando-as a adorá-lo. Mas os cristãos não deviam esperar que ele se entregasse assim facilmente, sem batalhar e guerrear. Justamente quando parece que ele está preso para sempre, eis que surge novamente em cena, com novos e redobrados esforços no sentido de enganar as nações e levá-las a se aliarem não a Cristo, mas ao imperador. As nações aqui agora nos são apresentadas com o nome de Gogue e Magogue. Tais nomes nos lembram antigos inimigos do povo de Deus. São muito discutidos nos escritos apocalípticos, e o Talmude nos fala deles como inimigos do Messias. Em Ezequiel 38, Gogue é nome que se dá a Antíoco Epifânio, e Magogue é o nome da nação por ele governada. Foi ele o odiento inimigo do povo de Deus no período interbíblico. Ele profanou o templo dos judeus, fazendo sacrificar sobre seus altares carne de porco. Afinal, suas más ações tiveram fim numa revolta que deu

a Israel o prazer de provar a libertação nacional desde o cativeiro babilônico até nossos dias. Assim, Gogue e Magogue servem muito bem como símbolos do povo bárbaro que se alia ao diabo para combater os santos. Os esforços do diabo são infrutíferos. Descem relâmpagos do céu para destruir a obra má desses inimigos. Vemos, assim, que não é o poder terreno, mas o celestial que afinal destrói as obras más desse arquiinimigo do povo de Deus. E lançado no ardente lago de fogo e enxofre, para ali se contorcer em dores juntamente com Domiciano e os chefes da religião do Estado. O destino deles é o tormento eterno, sem fim. Assim, acaba triunfando a causa da retidão e, com ela, os perseguidos cristãos da Ásia Menor. Chocaram-se as forças do *bem* com as do mal; é finda a batalha e as forças do bem venceram em toda a linha. Agora Deus, com seus dois aliados (o Cordeiro Redentor e o Juízo Eterno), triunfa sobre o diabo e sobre seus dois aliados (o imperador e a comissão de culto imperial). Estes três inimigos foram lançados no lago de fogo e enxofre.

Do estudo das Escrituras somente, sem a ajuda (?) de pre-conceituosos sistemas de escatologia, parece-nos que João nada sabia acerca do "milênio", pelo menos no sentido em que hoje se usa esta palavra nas esferas teológicas. Os Çré-mileístas}[6] dizem que Cristo virá parajnaugurar um período milenar de paz e de retidão utópicas. Os/pós-mleniltã§í afirmam que o evangelho inaugurará um período fnt|^ar_de paz e retidão, e ao fim deste período Cristo virá. Os/€mlÍeniitai| acham que o Novo Testamento não ensina coisa_ alguma sobre este negócio chamado "o milênio". Os^preteristás")dizem que o milênio já começou, quando a cristandade se viuTivre do perigo do paganismo, aí pelo ano 300 de nossa era (alguns acham que o milênio começou com a morte de Cristo) e que estamos vivendo hoje dentro do milênio. Por causa do conflito destas opiniões, muitos males sobrevieram à Causa de Cristo. Assim, o zelo fanático surgiu, dividindo não poucas co-munidades e igrejas, e destruindo a comunhão e a unidade da Igreja de Cristo. A causa do Reino de Deus tem sofrido retardamentos por muitos se terem apegado à letra de certas passagens eminentemente simbólicas. Na verdade, tem sido uma experiência mui desagradável isso. Parece que o melhor caminho a seguir é estudar a passagem juntamente com o seu contexto e à luz do seu fundo histórico, e assim determinar o que tudo isso significava para João e para aqueles cristãos aos quais João endereçou o Apocalipse — os perseguidos cristãos no primeiro século que viviam na Ásia Menor. Este foi o objetivo do presente estudo. E

36) Muita gente erradamente tem tomado o ensino do Novo Testamento sobre a eminência da segunda vinda como "pré-milenismo". O que o Novo Testamento ensina é que de expectação foi acalentada por Paulo, .Toáo, Tiago e outros. E podemos admiti-la sem aceitar as teorias prc-milcnistas que afirmam o estabelecimento dum reinado terrestre e outras coisas mais. Muitos se julgam pré-milenistas, quando apenas na realidade erfiem na iminência da segunda vinda. Estas duas coisas *não são* sinônimas.

II A V I. UMMERS

mui possível que UM noluçocu aqui apresentadas não expliquem todos os pormenores. Nesta questão dos detalhes, nunca se chegou a uma opinião unânime; e, nunca, creio, se chegará. Apesar disto, creio que a interpretação aqui dada avizinha-se da verdade que Cristo queria que os cristãos massacrados, perseguidos e desencorajados compreendessem e assimilassem para seu

próprio conforto e revigoramento espiritual.
O Apocalipse é uma série de quadros apocalípticos, apresentados com a finalidade de assegurar ao povo de Deus que Cristo sempre sairá vitorioso sobre toda e qualquer oposição. Para os cristãos dos dias de João, deu-se esta certeza, revelando-se-lhes a vitória de Cristo sobre aquele sistema que inculcava o culto ao imperador, visto que era esse o maior inimigo de Cristo naqueles dias. Esta mesma certeza se dá aos cristãos de todas as épocas. Descubra-se o maior inimigo de Cristo (seja a religião corrompida, seja o governo ateísta, seja a anarquia ou corrução social, seja o que for), coloquemo-lo no lugar do culto ao imperador, e imaginemos sua ruidosa queda e esmagamento, à medida que o Cristo Vivo, o Cordeiro Redentor, marcha, sobranceiro e vitorioso, para o triunfo sobre_as_caóticas condições do mundo — e veremos que, na verdade —*?Dignõ~é~õ^õxúSroA*

CAPITULO IX

O CORDEIRO E O DESTINO ETERNO

(Apocalipse 20:11 a 22:5)

O último ato do espetáculo da redenção nos apresenta o juízo de Deus e o destino final do homem. Se está isto relacionado aqui com o quadro total do conceito de João não o sabemos, ou ao menos não se nos diz. Os escritores do Novo Testamento, obedientes à exortação do Senhor, que a todos ordenava 'que "vigiassem", esperavam a segunda vinda e o estabelecimento do reinado de Cristo em seus próprios dias. E é esta a atitude correta dos cristãos de todas as épocas. Talvez, tendo isto em seu pensamento e contemplando a vitória de Cristo sobre o culto ao imperador, João estivesse esperando que o julgamento final e o estabelecimento da ordem eterna se dessem por ocasião da vitória de Cristo sobre Domiciano e o seu universo. O fato de isto não ter sido exato em nada viola a integridade das Escrituras. O tempo do fim é assunto exclusivamente divino, só ao Pai pertence, e deve ser ocultado até daqueles que Deus inspira a escreverem sobre este assunto. Virá no tempo por Deus determinado e de conformidade com o seu santo propósito. Ele não nos disse quando será. Só nos revelou algo de sua natureza. E é justamente este o conteúdo do ato seguinte deste drama.
A estrutura desta visão harmoniza-se com a mensagem a ser entregue. Ao chegar o tempo do julgamento eterno, os homens estarão divididos em duas classes:/os remidos e os não remidos.! Nesta base é que é apresentada es£a visão. As duas classes são apresentadas como um todo, mas há uma grande linha divisória entre elas. O palco terrestre do espetáculo já se fechou; agora sobe o pano de boca do palco celestial, para revelar os destinos eternos dos bons e dos maus.

(34 II A Y !, U M M E R S

I. O DESTINO DOS NÃO REDIMIDOS (20:11-15; 21:8, 27; 22: 15)

João viu um grande trono branco e Um assentado sobre ele. O trono branco simboliza justjj^,j>an_ta_e__soberana e que ninguém pode discutir as sentenças""proferidas pelo juiz que se assenta neste trono. Ele possui todas as provas, sabe como dar um veredicto justo e exato, e também sabe como se deve executar uma sentença. Noutras palavras, ele é o júri, o juiz e a principal autoridade executiva; tudo ao mesmo tempo. João viu os mortos, grandes e pequenos, perante o trono e prontos para receber a sentença. Não se faz referência alguma à identidade dos pequenos e dos grandes, como se fossem algum grupo especial. Parece que simbolizam os mortos em geral. O julgamento é feito de acordo com o que se acha registrado em dois livros. Primeiro — abrem-se os livros; os livros que contêm as obras e os feitos dos que estão sendo julgados. Esta idéia de Deus ter um registro dos feitos dos homens nós a encontramos de contínuo nas páginas das Sagradas Escrituras. Sem dúvida, é um modo figurado de dizer que Deus guarda acurado registro das ações feitas na carne — de que nada escapa a seus olhos, mas ele não tem necessidade alguma de escrever isso tudo em livros para se lembrar desses feitos. Segundo — foi aberto "o Livro da Vida". Este é o livro que conta a *espécie de vida* vivida em contraste com aquele que registra a *espécie do feito* realizado. Os mortos são julgados de acordo com as coisas escritas nos livros. Se o nome de um homem não está escrito no livro da vida, os registros do livro dos feitos o condenam, e ele é lançado no lago de fogo. Aqui não se afirma, mas parece estar implícito, em conexão com os demais ensinos do Novo Testamento que, se o nome de um homem é achado no Livro da Vida, estará livre do juízo condenatorio e terá seu lugar no grande grupo dos remidos de que nos fala o capítulo seguinte.
Dentre as coisas mais difíceis do Novo Testamento, daquelas sobre que não é possível construir

um sistema harmônico, estão as passagens que se referem à morte, ao intervalo entre a morte e a ressurreição, à ressurreição e ao juízo. Jesus nos falou do julgamento de "bodes e ovelhas"; João aqui escreve acerca do julgamento dum "grande trono branco". Alguns exegetas do Novo Testamento acham que os dois julgamentos não são o mesmo [2] e que aquele que pensar doutro modo mostra ser um "herege" que nega "o claro ensinamento das Escrituras". Outros entendem que os dois são apenas modos diversos de apresentar o mesmo julgamento. Fazendo-se justiça ao ensino global das Escrituras,

1) A distinção muitas vezes feita é esta — que o julgamento de "bodes e ovelhas" é o das nações, o que se dá antes do milênio, para se decidir que nações continuarão a existir durante o milênio; a decisão aí é tomada à luz do tratamento que dispensaram a Cristo. Segundo esta teoria, o julgamento do "grande trono branco" terá lugar no fim do milênio e é um julgamento de indivíduos.

parece ser esta a melhor interpretação. Quando nos pomos a considerar toda a confusão que surge, quando se tenta construir a escatologia do Novo Testamento, nós nos inclinamos a crer que o Senhor Jesus teve muito boas razões para deixar as coisas naquele pé. O homem precisa saber que haverá ressurreição, julgamento e vida eterna após a morte. Para que progrida espiritualmente, não se faz necessário que ele conheça todos os pormenores dessas verdades. Se fosse necessário isso, certamente Deus o teria revelado de modo mui claro. Na economia da revelação divina, Deus_§ó revela.....ao homem aquilo queJBle a^a_que_£jiqmem tem necessidade de conhecer para o seu progresso espiritual. O resto f icajçia HenHã*^THa3^r7~Sa7^è" f ato, coisas que o homem não precisa sãBêrTTne^cüve -dar-se por satisfeito, deixando-as nas mãos de Deus. A visão que agora temos diante de nós foi concedida com o mesmo propósito de outros ensinamentos sobre o juízo. Foi concedida para alertar os homens acerca do fato e do terror do julgamento, mas também para assegurar ao homem que esse terror desaparecerá do coração daquele cujo nome for achado no Livro da Vida — do homem redimido pelo sangue de Cristo.

Este breve parágrafo não esgota o ensino do destino dos maus. Eles aparecem noutro lugar, em que um versículo descritivo surge para contrastar com o bem-aventurado destino dos remidos. Esse versículo (22:15) identifica aqueles que hão de ter sua parte no lago de fogo; o medroso, o descrente, o abominável, os assassinos, os impuros, os adivinhos, os idolatras, os mentirosos, os imundos, os cães e "todo aquele que ama e diz a mentira". Esta não é uma lista para aqueles que acham que o seu destino eterno é de separação e castigo eterno; é mais uma série que descreve a qualidade ou o caráter daqueles que estão eternamente condenados.

n. O DESTINO DOS REMIDOS (21:1 a 22:5)

Contrastando com os poucos versículos que descrevem o destino dos maus, João nos dá uma passagem bem longa, em que retrata o destino dos remidos. De fato, esta era a coisa principal que os cristãos daqueles dias, bem como os cristãos das épocas posteriores queriam saber. O destino dos remidos é pintado com três símbolos, para mostrar o estado de perfeição dos remidos. O céu nos é revelado de três ângulos diferentes. [2]

1. Comunhão **com** Deus (12:1-8)

O primeiro símbolo é o *tàbernáculo* — símbolo da comunhão perfeita. Como o lugar da habitação de Deus com **seu povo no** deserto fora o tàbernáculo, assim agora o novo céu e a nova terra será a sua habitação com eles por toda a eternidade. Deus

2) Esta idéia é apresentada com algumas variantes, por Rlcluirdson, Pieters D. Smitii, Dana, J. Smith, Beclcwlth c Swotc, iw *loco.*

terá perfeita comunhão com eles. Já não haverá mais separação entre Deus e os remidos, porque em o novo céu e a nova terra "o mar já não existe". Estando João na ilha de Patmos, o mar o separava daqueles a quem tanto amava — as igrejas da Ãsia. Na visão que João teve de Deus, no capítulo 4, um mar transcendente separava de Deus o povo; mas, agora que os destinos dos homens foi firmado duma vez para sempre, "já não existe o mar" e os remidos gozam de íntima comunhão com Deus.[3] João ouviu uma voz proclamando que " o tabernãculo de Deus está com os homens, e que ele morará com eles, e estes serão o seu povo". Essa voz foi ouvida logo depois que se viu a Cidade Santa — a Nova Jerusalém — descendo em sua aparição gloriosa e cheia de esplendor. Assim, a Nova Jerusalém é o tabernáculo no qual Deus habita com o seu povo. Ele lhes

enxuga as lágrimas e faz desaparecer para todo o sempre os ais e clamores, a dor e a morte. Eles tinham provado estas coisas quando na terra. Agora, tudo se faz novo. E, como garantia de que eles podiam confiar plenamente nestas glórias prometidas, Deus instruiu João para que escrevesse que estas coisas são certas e verdadeiras e que eles as terão todas, porque Ele — o Alfa e o Ômega — com seu poder, lhas preparou.

2. A Proteção de Deus (21:9-26)

A cidade, símbolojcte perfeita,-projegao, é o símbolo seguinte. O novo céu e a nova terra devem ter uma capital de acordo com o seu esplendor. A visão que João teve não deixa faltar nada. Viu a Nova Jerusalém, como a esposa gloriosa, tendo sobre si a luz da divina graça. A cidade tem um muro grande e alto. Os muros das cidades nos tempos antigos conslat5íãln~a-píoteção das mesmas. Este muro grande e alto simboliza perfeita proteção. A cidade tem doze_Dortas — símbolo de entrada opulenta ou abundante. As cidades antigas tinham uma entrada, que se fechava à noite ou quando se aproximava algum inimigo. Se alguém se atrasasse e ficasse de fora dos muros, isso significava destruição. A Nova Jerusalém não tem uma, e, sim, doze portas — o número perfeito. E mais, essas portas nunca se fecham — a entrada é, portanto, fácil a todos. Cada porta é feita duma enorme pérola — súnbqlizando que^ a entrada ao céu é pj3.rjnejo do sjjfrimento, — pois que iTperõlã é a~unicá' jõíáTpfõduzida pelo sofrimento e a dor no vencer as dificuldades.

A cidade tem doze fundamentos; assim, esse alicerce tão perfeito nunca será abalado. A cidade é perfeitamente quadrada, pois sua altura, comprimento e largura medem 12.000 estádios. Reduzir isto a um número literal destrói inteiramente o simbolis-mo. Doze mil estádios eqüivalem a 1.500 milhas em nossas medidas atuais, e isto não teria sentido. Os esforços despendidos por alguns, para determinar o número de gente que poderia viver

3) Swete, Pieters, Beckwith, D. Smith, Dana e Richardson., *in loco.*

numa cidade desse tamanho e quantos metros caberia para cada habitante, não passam de futilidade. O número 12.000 é múltiplo de dois números perfeitos — o 12 e o 1.000. Emprega-se aqui para dar idéia de perfeição e-completação. Quer dizer que haverá perfeita acomodação para todos os remidos. Poderá alguém determinar a população do céu e que porção de espaço terá cada um para sua perfeita acomodação, dividindo isso pelo cubo de 1.500 milhas reduzidas a metros cúbicos?!

Toda esta descrição aqui apresentada visa apenas a nos dar uma idéia duma cidade forte, espaçosa, perfeita e linda, na qual os remidos de Deus habitarão com ele em comunhão perfeita. Tomar isto como uma cidade literal é fazer violência ao quadro aqui exposto. Alguns têm feito isso e chegaram a conclusões absurdas. Acharam que a cidade teria 1.500 milhas quadradas; no entanto, a Palestina, onde eles acham que se localizaria a Nova Jerusalém, não tem mais que 150 milhas por 70. Portanto, julgam que a cidade ficará situada por sobre a Palestina, no ar, talvez estacionaria, girando a terra por debaixo dela! Aqui temos um quadro simbólico duma cidade com muros de jaspe, firmada sobre fundamentos de safira, calcedônia, esmeralda, sardônica, berilo, topázio, ametista,etc. Cada uma de suas doze portas é uma enorme pérola, e as ruas são de ouro puro. Não há ali luminária alguma, porque o Cordeiro é a luz da cidade. Também não há templo. Este era o lugar em que Deus se encontrava com o seu povo, onde se oferecia o sacrifício pelo pecado, onde se realizavam as inter-cessões. Já não há necessidade de templo em a Nova Jerusalém, porque não há pecado a ser expiado e porque os remidos já gozam da imediata e beatífica presença de Deus. A gloriosa cidade é habitada por representantes de todas as nações e propicia proteção segura para todos eles.

3. As Provisões de Deus (22:1-5)

O jardim, que simboliza perfeito_goz_o ejjujjnmgnto de todas asjLecessidaâgs, é a terceira lESíTd o quadro", que nos apresenta o destino dos remidos. Eis aqui um jardim com um lindo rio, cujas águas cristalinas são a água da vida, que sai do trono de Deus e do Cordeiro. De cada lado das margens, cresce a árvore da vida, que produz doze frutos, dando seu fruto de mês em mês, e cujas folhas são para a saúde das nações. Há aqui três coisas básicas, necessárias ao sustento da vida: água, alimento e saúde. Este quadro simboliza a provisão destas três necessidades. A água de vida e os frutos perpétuos da árvore da vida fornecem alimento e bebida; as folhas, que têm virtude curativa, garantem a saúde. Juntas, estas três coisas simbolizam a nutrição e os cuidados que Deus dispensa aos seus. Como poderá o homem viver para sempre? Aqui temos a resposta, e ela

nos vem lá "do trono de Deus e do Cordeiro": Deus tem tudo quanto é necessário à conservação da vida eterna do homem.

IBS

II A Y ft II M M I II !l

Nesse esplêndido jardim, tendo para a sua vida o sustento divino, o homem serve a Deus para todo o sempre. Ele houvera tentado isso na terra, mas seus esforços eram imperfeitos, pelo fato de haver inúmeros empecilhos e desvantagens. No céu, já não há nada disso, "os seus servos o servem". Outro belo pensamento encontramos na expressão "e verão o seu rosto". De contínuo aqui na terra os que servem a Cristo sentem c expressam este grande desejo. Expressam-no em poemas, em seus cânticos e hinos religiosos e, não poucas vezes, em ânsias profundas e incon-tidas do coração, que aspira o sonha ver Cristo face a face. Agora, passado e vencido o mundo, o cristão remido vê-se duma vez para sempre na eterna presença de Deus e — que maravilha e que bênção! — pode agora ver o rosto do seu Deus Redentor, o Cristo bem-amado, e servi-Lo para sempre. Poderá alguém desejar alegria e prazer maiores que estesí

Esta é a resposta de Deus ao homem que quer conhecer alguma coisa da vida Eutura. Simbolicamente Deus lhe diz: "O céu é um lugar de comunhão perfeita, de perfeita proteção, de perfeita provisão das necessidades, de serviço perfeito para Deus." Como ê grande e forte aqui o contraste entre o destino dos ímpios e a sorte dos remidos do Cordeiro!

CONCLUSÃO (Apocalipse 22:6-21)

O espetáculo se foi, e o pano de boca desceu. João viu e mostrou aos seus espectadores o quadro do cuidado que Deus dispensa aos seus em conflito, da certeza do seu triunfo sobre as hostis condições de seus dias e da glória além-túmulo que agora se lhes oferece. Só resta agora impressionar o espírito deles, mais uma vez frisando a importância desta mensagem a eles dirigida. Agora o Redentor surge diante do pano de boca,para lhes dizer a última palavra.

Nos versículos 6 e 7, ele assegura a seus ouvintes que esta é uma mensagem de autoridade divina. É uma mensagem que anuncia, com a autoridade divina, a rápida libertação do seu conturbado povo. São abençoados aqueles que, tendo-lhe obedecido, vivem agora essa vida de triunfo anunciada neste livro. Nos versículos 8 e 9, João acrescenta o seu testemunho pessoal à autoridade do livro. E o testemunho de João, na verdade, significa muita coisa para os cristãos da Ásia Menor.

Do versículo 10 ao 15, revela-se a importância do livro no que respeita às necessidades imediatas do povo. Diz-se a João que não íele o livro para uma época distante. Ele é dirigido primeiramente IOS cristãos dos dias de João (v. 10). O divino período de provarão para os inimigos da Causa de Deus já findou (v. 11). Agora :stá iminente o julgamento deles (v. 12). Já se fazem os prepa-•ativos para isso (v. *14-.}.*

O versículo 16 chama a atenção deles novamente para o fato de que esta mensagem não é do homem. Ela vem mesmo de Deus.

O versículo 17 estende o convite aos. homens para que aceitem o dom, o prêmio, a graça que Deus oferece. O Espírito convida; a esposa também convida;*i* os indivíduos que participam da graça também convidam. E o convite se estende a todos os que aceitam suas condições.

O versículo 18 é um aviso no sentido de se proteger o livro. Os livros apocalípticos eram nos dias de João tratados com excessiva liberdade. Assim, cortavam a parte que mais gostavam, e desprezavam o restante. Mas este livro não é um apocalíptico comum ou ordinário, não. Acrescentar-lhe, ou tirar-lhe, qualquer parte que seja, é incorrer no desagrado de Deus, com todas as suas conseqüências. Temos aqui uma linguagem bem forte, que visa a preservação do livro, no instante em que João o confia às mãos de seus leitores.

O versículo 20 proclama uma promessa final do Senhor, afirmando ser seu propósito vir logo para auxiliar e socorrer o seu povo perseguido. Em sinal de acatamento a essa promessa e numa atitude de paciência e confiança, João cm-va sua fronte, juntamente com os espectadores, para murmurar esta reverente súplica: "Amém! Ora}vem, Senhor Jesus."

Quem é capaz de ler este livro, que faz sentir a atmosfera da fé vitoriosa e duma corajosa confiança em Deus, e que transpira a inabalável certeza do cumprimento do seu plano, a vitória de Cristo na cruz e o túmulo vazio(sem exclamar em coro com os remidos de que ele nos fala —•

Digno é o Cordeiro, que foi morto

E nos comprou para Deus com o seu sangue,
De receber o poder, e riquezas, e sabedoria,
E força, e honra, e glória,
E ações de graças, e domínio,
Para todo o sempre.
Amém.

4) A esposa pode ser a Igreja, como em 19:7(ou pode ser **o céu^ como** em **21:9.** Qualquer destas duas interpretações serve.

****
u
Mm
€']
!..!'■ I
w
u *Q*

Bibliografia

LIVROS:

Addis, W. E., *Christianity and the Roman Empire,* Londres, The Sunday School Associatlon, 1893. Allen, Cady H., *The Message of the Book of Revelation,* Nashville, Cokesbury Press, 1939. Brown, Davíd, *The Apocalypse,* N. York, The Christian Literaíure Company, 1891-Caso, Shlrley Jackson, *The JMillcnnial Hope,* Chicago, Tho University of Chicago Press, 1918 Case, Shlrley Jackson, *The Revelation of John,* Chicago. The University of Chicago Press, 1919. Charles R. H., *A Criticai History of the Dactrine of a Future Life \n Israel, vi Judaism, and in Christianity,* 2* edição, Londres, Adam and Charles Black, 1913. Charles, R. H., *Religious Dcvolopmcnt Bctwcen the Old and the New Testaments,* N. York, Henry Holt and Company, sem data. Charles, R. H., *The Apocrypha and Pscudcpigrapha of the Old Testament,* Vol. II, Oxford, Clarendon Press, 1913. Dana, H. È., *New Testament Griticism,* Forth Worth, Tho World Book Company, Inc., 1924. Dana, H. E. *Searching the Scriptures,* New Orleans, Blble Instltutr Memorial Press, 1936. Dana, H. E., *The Ephesian Tradition,* Kansas City, Thn Kansas City S<>inlnary Press, 1940. Dana, H. E., *The Bpistles and Apocalypse of John,* Dallna, Baptlst Rnolt Store, 1937. Eckman, George P., *When Christ Comes Again,* 2» ed., N. York, Th» A,btag> don Press, 1917. Eusebius, Pamphilus, *The Eclesiastical History,* trad. de C. F\ CrUM, Fila délíia, J. B. Lippincot and Company, 1869. Feinberg, Carlos.— *Premillennialism or A-millennialism!* Grmid Rnplds, Zondervan Publishing House, 1936. Gettys, J. M., *Eoxo to Study Revelation,* Richmond, John Knox F'.¯css, 1946. Gibbon, Eduardo, *The Decline and Fali of the Roman Kmpire, 5* vols., Chicago, Thompson and Thomas Publishcrs¡ sem data, Goodspeed, Calvin — *Messiah's Second Advcnt,* Toronto, Williãm Briggs, 1900. Gregory, Caspar R., *Canon and Text of the New Testament,* N. York, Charles Scribner's Sons, 1920. Hamilton, Floyd E., *The Basis of Millennial Faith,* Grand Rapíds, Wllllam B. Eerdman's Publishing Company, 1942. Hardy, E. G., *Christianity and the Roman Government,* N. York, The M:icmillan Company, 1925. Hendricksen, W., *More Than Conquerors,* Grand RapUis, Baker'.i Book Storc, 1940. *Jones,* Russell Bradley, *The Things Which Shall Be Hereajter,* Nashville, Broadman Press 1947. King, William Peter,' *Adventism,* N. York, Abingdon-Cokesbury Press, 1941. Kuyper, Abraham, *Chiliasm, or the* -Doctrine o/ *PremillenJiialism,* trad. de G. M. Van Pernis, Grand Rapids, Zondervan Publishing House, 1934. Lipsey, P. I., *Revelation; an Interpretation,* Jackson, Mississippi, Purser Brothers, Printers, 1946. Loclchart, Clinton, *Principies of Interpretation,* 2» ed., revista, Fort Worth, S. H. Tayior, Printer, 1915. Morgan, G. Campbell, *A First Century Message to Tvir.nücth Cenlury Chris-*

íians N. York, Fleming H. Revell Company, 1902.